

Primeira Escrita

n. 06

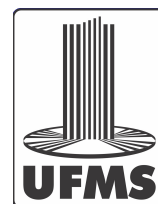
2019

ISSN 2359-0335

Dossiê
Dialetologia e Geolinguística –
princípios, abordagens e resultados



Revista do Curso de Letras
Câmpus de Aquidauana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



PRIMEIRA ESCRITA
Revista do Curso de Letras do Câmpus de Aquidauana
da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Coordenação

Editora-chefe: Daniela de Souza Silva Costa (UFMS)

Editor-adjunto: Mario Marcio Godoy Ribas (UFMS)

Periodicidade

Anual

Divulgação

Eletrônica em

<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres>

Contato Principal

Daniela de Souza Silva Costa

primeiraescritacpaq@ufms.br

Endereço para correspondência

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Revista Primeira Escrita

A/C Daniela de Souza Silva Costa

Rua Oscar Trindade de Barros, 740

Bairro da Serraria

Aquidauana – MS

CEP 79200-000

Conselho Editorial

Ada Magaly M. Brasileiro, Faculdade Pitágoras, Brasil

Alcione Maria Santos, UFMS, Brasil

Auri Claudionei Matos Frubel, UFMS, Brasil

Eliane Mourão, UFOP, Brasil

Esequiel Gomes da Silva, UFPA, Brasil

Maria Alzira Leite, UNINCOR, Brasil

Maria Angela P. Teixeira Lopes, PUC Minas, Brasil

Morgana Fabiola Cambrussi, UFFS, Brasil

Nara Hiroko Takaki, UFMS, Brasil

Paulo A. Pereira, Universidade de Aveiro, Portugal

Raimunda Madalena A. Maeda, UFMS, Brasil

Rauer Ribeiro Rodrigues, UFMS, Brasil

Reinaldo F. Silva, Universidade de Aveiro, Portugal

Rogério Vicente Ferreira, UFMS, Brasil

Rosana Cristina Zanelatto Santos, UFMS, Brasil

Simone de Paula dos Santos, UFVJM, Brasil

Projeto Gráfico

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

Revisão de Língua Espanhola

Edelberto Pauli Júnior, UFMS

Revisão de Língua Inglesa

Mario Marcio Godoy Ribas, UFMS

Os conteúdos e as opiniões emitidas nos textos da Revista Primeira Escrita são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.





SUMÁRIO

- 4** APRESENTAÇÃO
Por Aparecida Negri Isquerdo, Daniela de Souza Silva Costa e Vanderci de Andrade Aguilera

DOSSIÊ

DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA – PRINCÍPIOS, ABORDAGENS E RESULTADOS

- 6** CONSTITUIÇÃO DE *CORPUS* E ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DO SÉCULO XIX
por Cláudia Pavan
- 19** A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /E/ POSTÔNICA FINAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DIATÓPICO A PARTIR DOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL
Por Dayse de Souza Lourenço Simões e Fabiane Cristina Altino
- 33** O FALAR *CAIPIRA* NÃO É UM *PROBLEMA* – UM ESTUDO DO ROTACISMO E DO RETROFLEXO NO FALAR CASCAVELENSE
Por Tathiane Cristino e Sanimar Busse
- 47** O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO *CORPUS* DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: CEARÁ
Por Rosana Franchetto Pitta
- 57** A REALIZAÇÃO DO /S/ NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS SERGIPANOS DO INTERIOR: EFEITOS SOCIAIS E LINGUÍSTICOS
Por Cósma Karine Vieira Borges e Josilene de Jesus Mendonça
- 74** PALATALIZAÇÃO DE /d/ DIANTE DE /i/ E /e/ NO FALAR AMAPAENSE
Por Romário Duarte Sanches e Jamille Luiza de Souza Nascimento
- 83** CARMIM, RUGE E BLUSH: RESPOSTAS OBTIDAS NO MATO GROSSO DO SUL PARA AQUILO QUE AS MULHERES PASSAM NO ROSTO, NAS BOCHECHAS, PARA FICAREM MAIS ROSADAS
Por Beatriz Aparecida Alencar e Andreza Carubelli Sapata



- 97** DENOMINAÇÕES NO FALAR NORTISTA PARA A ESTRELA CADENTE: DADOS DO PROJETO ALiB
Por Ana Rita Carvalho de Souza, Marcela Moura Torres Paim e Silvana Soares Costa Ribeiro
- 111** DENOMINAÇÕES PARA SOVINA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS DE PERNAMBUCO E DA PARAÍBA: UMA ANÁLISE DIATÓPICA E METALEXICOGRÁFICA BASEADA EM DICIONÁRIOS PRODUZIDOS A PARTIR DO SÉCULO XVIII
Por Edmilson José de Sá
- 121** VARIAÇÕES DE SENTIDO EM GÍRIAS: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DOS TERMOS 'BOMBAR', 'GASTAR' E 'ROLÊ' NAS VARIEDADES FALADAS POR JOVENS NO RIO GRANDE DO SUL E EM SÃO PAULO
Por Leonardo Pereira dos Santos, Isabella Matos Rodrigues e Tábata Milene Dias Silva
- 134** OS PRONOMES PESSOAIS (EU E MIM) NAS CAPITALS BRASILEIRAS A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB
Por Mariana Spagnolo Martins
- 145** LÉXICO E CULTURA: DESENVOLVENDO A COMPETÊNCIA LEXICAL EM SALA DE AULA ATRAVÉS DO ESTUDO DE NOMES FANTASIAS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
Por Shirlene Aparecida da Rocha e Andreza Marcião dos Santos
- 157** CONCORDÂNCIA DA 1ª PESSOA DO PLURAL: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES?
Por Josenildo Barbosa Freire
- 169** DIALETOLOGIA E ENSINO: CONTRIBUIÇÕES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL
Por Marcela Moura Torres Paim e Laura Camila Bráz Almeida



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA – PRINCÍPIOS, ABORDAGENS E RESULTADOS

Aparecida Negri Isquerdo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Daniela de Souza Silva Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Vanderci de Andrade Aguilera

Universidade Estadual de Londrina

A Revista Primeira Escrita (RPE), edição número 6, inaugura uma nova fase com a publicação de dossiês, consolidando-se assim como um espaço para discussões teóricas e aplicadas sobre grandes temas na área das Letras, à medida que passa a reunir textos voltados para temáticas específicas da Linguística ou da Literatura.

Para esta edição, o tema selecionado foi *Dialetologia e Geolinguística – princípios, abordagens e resultados*. Tal escolha se deu de forma especial, inclusive para ser o primeiro dossiê da RPE, por tratar-se de áreas em franca expansão entre as pesquisas sobre o português do Brasil e também por serem ramos da Linguística cujos estudos realizados no Centro-Oeste, casa da Primeira Escrita, têm se mostrado bastante produtivos e relevantes, além do fato de o Mato Grosso do Sul abrigar uma das regionais do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto considerado um marco nos estudos dialetológicos e geolinguísticos contemporâneos.

Além disso, e de forma especial, o número 6 da Revista Primeira Escrita presta uma homenagem, *in memoriam*, a uma importante pesquisadora sobre variação linguística no Brasil, a Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e presidente do Comitê Nacional de Coordenação do ALiB, desde o seu lançamento em 1996 até abril de 2018. A Professora Suzana muito ensinou e inspirou novos pesquisadores,

inclusive autores que contribuíram para esta edição, cuja chamada foi aberta no mês em que se lembra sua prematura partida.

Trata-se de um número organizado com 14 textos que teve como objetivo acolher estudos dialetológicos e geolinguísticos que se ocupam do estudo da variação linguística sob diferentes perspectivas, o que se concretizou, tendo em vista o conjunto de trabalhos sobre fonética, morfologia, sintaxe e ensino reunidos nesta edição da revista.

O dossiê *Dialetologia e Geolinguística – princípios, abordagens e resultados* tem início com esta *Apresentação* e traz como primeiro texto uma reflexão sobre a *Constituição de corpus e análise de cartas pessoais do século XIX*, desenvolvida por Cláudia Pavan (UFRGS). O segundo trabalho, escrito por Dayse de Souza Lourenço Simões e Fabiane Cristina Altino (UEL), abre a seção de estudos fonéticos e fonológicos ao tratar da *Vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul: um estudo diatópico a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil*. Também estudando dados da Região Sul do país, em particular o estado do Paraná, o artigo de Tathiane Cristino e de Sanimar Busse (UNIOESTE) esclarece que *O falar caipira não é um problema – um estudo do rotacismo e do retroflexo no falar cascavelense*.

Do Sul para o Nordeste, ainda na mesma seção, o estudo desenvolvido por Rosana Franquetto Pitta (UFBA) analisa *O alçamento vocálico no corpus do projeto Atlas Linguístico*



do Brasil: Ceará, enquanto o de Cósma Karine Vieira Borges e de Josilene de Jesus Mendonça (UFS) focaliza *A realização do /s/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos*. Caminhando para o Norte do país, o trabalho de Romário Duarte Sanches (UFPA/UEAP) e de Jamille Luiza de Souza Nascimento (UEAP), desenvolvido no estado do Amapá, discute a questão da *Palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/ no falar amapaense*.

Iniciando a seção dos estudos do léxico, o artigo de Beatriz Aparecida Alencar e de Andreza Carubelli Sapata (IFMS) discorre sobre os nomes *Carmim, ruge e blush: respostas obtidas no Mato Grosso do Sul para aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas*. Do Centro-Oeste para o Nordeste, o texto de Ana Rita Carvalho de Souza, Marcela Moura Torres Paim e Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA) analisa as *Denominações no falar nortista para a estrela cadente: dados do projeto ALiB* e o trabalho de Edmilson José de Sá (UPE), sob uma perspectiva lexicográfica, discute *Denominações para sovina nos atlas linguísticos de Pernambuco e da Paraíba: uma análise diatópica e metalexicográfica baseada em dicionários produzidos a partir do século XVIII*.

Traçando um comparativo entre os falares do Sudeste e do Sul, o texto produzido por Leonardo Pereira dos Santos, Isabella Matos Rodrigues e Tábata Milene Dias Silva (FFLCH/USP) traz uma reflexão sobre as *Variações de sentido em gírias: um estudo de caso acerca dos termos 'bombar', 'gastar' e 'rolê' nas variedades faladas por jovens no Rio Grande do Sul e em São Paulo*.

Já no âmbito da morfossintaxe, o artigo de Mariana Spagnolo Martins (UEL) propõe discussões acerca dos *Pronomes pessoais (eu e mim) nas capitais brasileiras a partir dos dados do projeto ALiB*.

Pensando em pesquisas acerca da relação entre variação linguística e ensino, o texto de Shirlene Aparecida da Rocha (IFNMG/UFMG) e Andreza Marcião dos Santos (UFMG) discute a relação entre *Léxico e cultura: desenvolvendo a competência lexical em sala de aula através do estudo de nomes fantasias de estabelecimentos comerciais* e o de Josenildo Barbosa Freire (SEEC/RN) traz uma discussão de natureza gramatical sobre a *Concordância da 1ª pessoa do plural: o que dizem os textos escolares?* Também com um trabalho com foco no ensino, Marcela Moura Torres Paim (UFBA) e Laura Camila Bráz Almeida (UFS) discorrem sobre *Dialetologia e ensino: contribuições do Atlas Linguístico do Brasil*, texto esse que também finaliza o número 6 da Revista Primeira Escrita.

A equipe da Primeira Escrita agradece aos pesquisadores que participam desta publicação pelas contribuições compartilhadas por meio dos seus artigos, bem como os que submeteram textos que, por algum motivo, não puderam fazer parte deste dossiê que, em grande medida, disseminam resultados de pesquisas relacionadas à temática contemplada por esta edição.

Temos a expectativa de que os artigos aqui apresentados possam tanto trazer contribuições para o conhecimento de variedades linguísticas do português do Brasil, em seus aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos e suas interfaces com o ensino da língua materna, quanto estimular novas pesquisas sobre variação linguística ancoradas em princípios teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística em suas diversas vertentes.

Esperamos, enfim, que este número contribua para estudantes e pesquisadores da área de Linguística e Letras, bem como para o público em geral, interessado em conhecer a realidade linguística brasileira.

Boa leitura!



CONSTITUIÇÃO DE *CORPUS* ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DO SÉCULO XIX¹

Cláudia Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar as dificuldades encontradas para a constituição de um *corpus* adequado aos propósitos das pesquisas que se ocupam dos contatos linguísticos de épocas passadas e também mostrar alguns dos aspectos relevantes na análise de cartas pessoais do século XIX como documentos essenciais a esse tipo de pesquisa. Para exemplificar o processo, apresenta-se a análise de alguns dados relacionados ao contato linguístico entre o português e o alemão em cartas escritas por imigrantes alemães, em português, durante o século XIX, destacando ainda o contexto social e histórico no qual essas cartas foram produzidas. Como base para essa análise, serão utilizadas reflexões teóricas que conjugam contribuições interdisciplinares da Sociolinguística, da Dialectologia e da Geolinguística, uma vez que estas levam em conta os sujeitos em seu contexto histórico e social, bem como suas condições de produção - levando em conta que a correspondência pessoal caracteriza uma atividade linguística produtora de sentidos que evidencia a conduta e atuação do sujeito no tempo em que ele se insere.

Palavras-chave: Cartas pessoais do século XIX; Sociolinguística; Dialectologia; Geolinguística. Contato linguístico; Constituição de corpora.

ABSTRACT

The aim of this paper is to examine the difficulties encountered in the constitution of a corpus suitable for the purposes of research that deals with past linguistic contacts and also to show some of the relevant aspects in the analysis of personal letters of the nineteenth century as essential documents for this type of research. To exemplify the process, we present the analysis of some data related to the linguistic contact between Portuguese and German in letters written by German immigrants, in Portuguese, during the nineteenth century, highlighting also the social and historical context in which these letters were produced. As a basis for this analysis, theoretical reflections will be applied that combine interdisciplinary contributions of Sociolinguistics, Dialectology and Geolinguistics, since these take into account the subjects in their historical and social context as well as their conditions of production - taking into account that personal correspondence characterizes a linguistic activity producing meanings that highlights the conduct and performance of the subject in the time in which he is inserted.

Keywords: Personal letters of the 19th century. Sociolinguistics. Dialectology. Geolinguistics. Linguistic Contact. Corpora formation.

Cláudia Pavan é doutoranda do PPG-Letras da UFRGS.

E-mail: cp4v4n@gmail.com

¹ Este artigo surgiu a partir das pesquisas e discussões realizadas ao longo da disciplina intitulada “Tópicos de Linguística Histórica”, ministrada pela Profa. Dra. Valéria

Monaretto, a quem agradeço a inspiração que me acompanha ainda hoje nos meus estudos de doutorado.



INTRODUÇÃO

Através dos estudos interdisciplinares entre a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Geolinguística é possível acompanhar o percurso da língua sob a influência concreta do contexto social. Contudo, quando se pretende investigar aspectos linguísticos de séculos passados, como no recorte analisado neste artigo – a influência do alemão no português escrito por imigrantes e seus descendentes no século XIX – somente através da análise de documentos é possível fazê-lo. Paixão de Sousa (2006) afirma que:

Ao fazer a história das línguas, como ao fazer qualquer história, estamos abordando processos aos quais já não temos acesso direto. [...] Essa impossibilidade dos métodos de “observação imediata” deixa duas alternativas principais aos estudos históricos: o recurso à documentação, e o recurso à reconstrução (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 13).

Assim, a reconstrução linguística pode ser definida como um processo arqueológico no qual o pesquisador dedica-se a escavar sistematicamente vestígios de uma língua em busca de evidências que o auxiliem a reconstruir suas formas primordiais, estabelecendo macro-famílias ou troncos linguísticos, como no caso do indo-europeu, por exemplo. Tais processos de reconstrução oferecem importantes dados para a compreensão das línguas, especialmente de períodos históricos nos quais não há registros escritos. Contudo, como aponta Jolkesky (2010), é importante salientar que toda reconstrução visa à compreensão da estrutura e do funcionamento de estágios não atestados de sistemas linguísticos e deve ser considerada unicamente como hipótese.

Já a análise documental proporciona dados mais concretos para o estudo de variações linguísticas ocorridas em tempos passados, pois através da língua escrita é possível avaliar

essas variações, estudá-las e procurar compreender como, a partir de quando, em que contexto e por que ocorrem. Dessa forma, através da análise de documentos históricos, entre os quais as cartas pessoais, é possível, por exemplo, reconstruir dados sobre a língua, o que, de outro modo, não seria possível:

[...] O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

A riqueza e o valor informativo da correspondência pessoal trocada entre sujeitos comuns é, portanto, de extrema relevância para os estudos que envolvem os contatos linguísticos e as variações decorrentes deles. Além dos aspectos culturais e sociais que podem ser revelados nesse tipo de documento escrito, é possível levantar dados sobre o estado de uma língua em um dado período e rastrear diacronicamente as mudanças e variações que sofreu. Labov (1994) observa que o linguista recorre à análise de documentos históricos partindo do pressuposto de que esses textos escritos registram etapas de um processo de mudança ou de que dão testemunho de formas existentes em uma determinada época e que permaneceram ou não em épocas posteriores.

Embora a ênfase dos estudos interdisciplinares entre a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Geolinguística recaia sobre a língua falada, devido à estreita relação entre esta e o contexto sócio-histórico dos falantes, nem sempre é possível realizar esse tipo de estudo em condições naturais de comunicação, pois, ao terem consciência de que estão sendo



estudadas, as pessoas invariavelmente param de se comportar e, conseqüentemente, de falar com naturalidade. Nesse sentido, Thun (2017) destaca o “paradoxo do observador”:

Não podemos prescindir do entrevistador em nossos levantamentos de dados linguísticos. De sua presença incômoda, porém necessária, depreendemos, a partir de Labov, duas conclusões. Em primeiro lugar, que existe um tipo principal de variação, que ocorre entre duas classes de variedades, das quais uma delas nos é completamente ou quase inacessível, devido à presença do pesquisador. Portanto, existe o perigo de não realizarmos a pesquisa dessa variação principal, uma vez que nossas entrevistas condicionadas não nos permitem reconhecê-la. Em segundo lugar, que essa variação surge entre variedades que não se equivalem em valor. Somos obrigados a concluir, a partir do que expõe Labov, que a fala produzida pelos informantes na ausência do observador – que ele denomina “vernacular” e que busca registrar através de uma série de técnicas refinadas de obtenção de dados — é considerada por ele mais valiosa do que a fala produzida na presença de um observador (THUN, 2017, p. 85).

Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que a correspondência pessoal constitui um objeto de análise irreprovável, pois os autores das cartas, como as que serão exploradas adiante, não escreveram pensando que seriam analisados, escreveram simplesmente para se comunicar com pessoas próximas.

Altenhofen (2004, p. 141) ressalta que “nem sempre se tem dado o devido valor a

outras formas de dados que não os sonoros, obtidos através das entrevistas. Nossa experiência [...] tem mostrado a importância de estender o leque de possibilidades para outros tipos de dados”.

Outra questão que precisa ser considerada é a impossibilidade de realizar estudos a partir da reprodução da língua falada de sujeitos que viveram antes do século XX. Thomas Edison chegou a projetar, em 1877, um dispositivo para gravar e reproduzir sons, um fonógrafo.² Porém, além de se tratar de um dispositivo pouco funcional, devido às suas dimensões e ao seu manuseio, a qualidade do som também não era muito clara. Só em meados do século XX surgiram gravadores realmente funcionais³ e só a partir de então outras opções para registro e reprodução de sons tornaram-se, de fato, viáveis.

Assim, a correspondência pessoal constitui uma das formas mais adequadas de analisar, nos dias de hoje, o estado de uma língua utilizada em séculos passados e representa, portanto, na ausência da língua falada, a forma mais natural de representação linguística. Soma-se a isso o fato de que, ao escrever uma carta pessoal, o sujeito compartilha opiniões e emoções, relata suas frustrações e motivações, dá testemunho de detalhes próprios de sua sociedade e de sua época histórica sem inibições – o que talvez não fizesse em outra situação comunicativa – e isso amplia ainda mais a importância desse tipo de documento. A relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam é inequívoca na correspondência pessoal.

A importância do contexto social e histórico presente nas cartas pessoais reflete-se também

² Dispositivo composto por um cilindro com pequenos sulcos recoberto por estanho com uma abertura na qual a voz emitida fazia vibrar uma agulha, que gravava os padrões sonoros nos sulcos do cilindro e depois reproduzia o som gravado. Os dados referentes ao fonógrafo foram obtidos no seguinte link da Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fon%C3%B3grafo>.

³ O primeiro Magnetofone, que utilizava fitas cassete, foi desenvolvido pela AEG, na Alemanha, em 1935: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Magnetofone>. Contudo, as primeiras fitas cassete (K7) só foram lançadas no mercado em 1963 pela empresa holandesa Philips: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_cassete.



no fascínio que esses documentos exercem sobre as pessoas. Esse fato é facilmente comprovado pelo grande número de publicações constituídas de cartas pessoais. Como exemplo, podemos citar o volume *Cartas extraordinárias – A correspondência inesquecível de pessoas notáveis*, organizado por Shaun Usher e publicado no Brasil em 2014 pela editora Companhia das Letras. O livro inclui cartas de Albert Einstein, Dostoiévski, Virginia Woolf, entre outros. Ou ainda o volume *Cartas e relatos de imigrantes alemães*, organizado em 2011 pelo jornalista e escritor Felipe Kuhn Braun, que levou dez anos para compilar as cartas que aparecem nessa publicação.⁴

2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTO E FORMAS DE EDIÇÃO

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2008), documento é um “texto ou qualquer objeto que se colige como prova de autenticidade de um fato e que constitui elemento de informação”. E no *dicionário de metodologia científica* (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67) tem-se: “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros”.

É oportuno que a noção de documento tenha sido ampliada e não se refira mais apenas a textos manuscritos. Além disso, é fundamental, para a pesquisa empírica, que contenha a noção de autenticidade, pois só assim é possível estabelecer dados confiáveis na realização de pesquisas científicas em qualquer área.

Entre os métodos teóricos utilizados para avaliar e garantir a autenticidade de um texto tem-se a Paleografia e a Diplomática. De acordo com Acioli, a Paleografia é:

A ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento (ACIOLI apud ANDRADE, 2009, p. 150).

Já a *Diplomática* é definida da seguinte forma pelo dicionário eletrônico Houaiss (2008):

Substantivo feminino

- 1.ciência que tem por objeto os diplomas, cartas e outros documentos oficiais, para determinar sua autenticidade, sua integridade e época ou data em que foi feito;
 - 2.ciência e arte da leitura e decifração de diplomas e outros documentos antigos;
 - 3.estudo da história e das diversas formas dos documentos legais e administrativos.
- Etimologia: lat. medv. *diplomatica* “a arte relativa a documentos oficiais antigos”, por infl. do fr. *diplomatique* (1708) s. f. “ciência que tem por objeto o estudo crítico de documentos oficiais”, (1726) adj. “relativo aos diplomas que regem as relações internacionais”.

Nem sempre se tem acesso aos documentos originais e, muitas vezes, é preciso utilizar documentos transcritos. Em espaços como o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs)⁵, realizam-se transcrições a pedido de pesquisadores. No entanto, as diretrizes para a realização de uma transcrição puramente diplomática raramente são observadas. De fato, o trabalho de uma transcrição diplomática é

⁴ Não foi possível usar esse livro em nossa análise porque não há cartas escritas em português pelos imigrantes. As cartas que constituem esse volume foram escritas em alemão e traduzidas por Braun.

⁵ Atualmente o AHRs não realiza mais esse tipo de atividade.



árduo e longo e sua realização pode representar um grande desafio.

No que diz respeito à edição de documentos, Berwanger e Leal (2008, p. 103) ressaltam que “toda edição de documentos deverá ser precedida de um texto preliminar em que se especificará o objetivo da publicação, remetendo-a, quanto aos critérios e convenções, para as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos”.

A atenção a esse procedimento certamente torna o processo mais transparente, diminuindo o risco de levar o pesquisador a incorrer em falsas interpretações.

No AHRS, há coleções de livros que apresentam cartas de famílias ou compilações de documentos de um determinado período, como a coleção Varela, que traz documentos do período da Revolução Farroupilha (1835-1845). São livros historicamente muito interessantes, mas é possível listar pelo menos dois contratempos para a análise linguística necessária ao desenvolvimento da nossa pesquisa em particular: o primeiro é que não encontramos nesses livros cartas de imigrantes alemães, e o segundo é que a edição das cartas nessas coleções é interpretativa. De acordo com Emiliano (2002, p. 60),

A intervenção interpretativa apresenta um máximo de intervenções editoriais com o propósito de apresentar um texto facilmente legível a um leitor não especialista em questões filológicas ou linguísticas, ou a um linguista interessado em aspectos linguísticos para os quais a aparência gráfica original não é fundamental, como aspectos do léxico e da sintaxe.

A transcrição, realizada a partir de uma série de transliteração e formatação que modificam profundamente a “fisionomia” gráfica e grafêmica do texto, é feita de forma a permitir a apresentação do texto com uma aparência modernizada e regularizada, relativamente a certas convenções gráficas.

Dessa forma, não é possível analisar nesses documentos, por exemplo, desvios ortográficos que revelam interferências da pronúncia de falantes plurilíngues na escrita. Para isso, o ideal seria ter em mãos o original ou uma edição diplomática, pois, nesse tipo de edição, as características do documento original são preservadas ao máximo – a grafia é mantida sem que nenhuma correção seja feita, assim como a divisão de linhas e parágrafos, o alinhamento do texto e as abreviaturas. Contudo, o mais frequente, na pesquisa histórica, é a chamada edição semidiplomática, que permite, de maneira regulada, alguma interferência do transcritor e padroniza as formas de se referir a ocorrências no texto e em seu suporte.

3 CONSTITUIÇÃO DE CORPUS

Utiliza-se, neste artigo, a definição de *corpus* apresentada por Sinclair (apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 336): “[corpus é] um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística”. Segundo Tarallo (1985, p. 20), “a representatividade do corpus (isto é, do material selecionado para análise) será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão”. No caso da análise de cartas pessoais, o pesquisador não tem como controlar os tópicos da interlocução, direcionando-a para que aborde as variáveis linguísticas que deseja estudar. Por isso, torna-se ainda mais importante a constituição de um *corpus* representativo, a partir do qual seja possível selecionar as variáveis de interesse de uma dada pesquisa.

Para a composição de um corpus representativo, que sirva de fonte para análises linguísticas, o ideal é encontrar cartas assinadas e datadas, que não tenham sido objeto de correção nem de atualização. Também é importante conhecer o autor das cartas, sua



origem, o contexto social em que vive, sua profissão, seu grau de instrução, etc. A definição e o conhecimento dessas características, que representam, entre outras, as dimensões diafásicas, diatópicas e diastráticas, é fundamental para que o pesquisador possa proceder a uma avaliação precisa dos dados do *corpus*.

A representatividade é uma das questões mais discutidas no que diz respeito à formação de um *corpus*. Mas o que exatamente significa um *corpus* “suficientemente representativo”? Normalmente a representatividade está associada à extensão. Sinclair (apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 342) observa que, em termos simples, para ter representatividade, o *corpus* deve ser o maior possível. Berber Sardinha (2000) salienta ainda que a representatividade também está ligada à questão da probabilidade: “a linguagem tem caráter probabilístico e, sendo assim, há a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns e menos comuns em determinado contexto” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 343).

A representatividade do *corpus* é uma das grandes dificuldades na seleção de cartas pessoais. Ao visitar o AHRs, local que apresenta um dos maiores acervos de correspondências pessoais para pesquisa em Porto Alegre, foi possível encontrar algumas poucas cartas escritas por prováveis imigrantes (ou descendentes) datadas e assinadas, mas sem que fosse possível determinar quem eram esses autores – se já haviam nascido no Brasil, qual seu grau de instrução, classe social, sexo, idade, etc. Outra peculiaridade do arquivo se refere à forma como os acervos pessoais são armazenados: embora haja um catálogo listando os acervos, não é especificado o que se encontra em cada um deles. Assim, pode-se encontrar, por exemplo, o acervo de documentos da *família Müller*, mas, só ao abri-lo, pode-se verificar que documentos são esses. Em muitos casos, há fotos, certidões,

mas nenhuma carta pessoal e a busca por esse tipo de documento precisa, então, ser retomada.

4 PERFIL SOCIOCULTURAL DOS AUTORES

Outro fator relevante na análise de cartas pessoais é o perfil dos autores. Lopes et al. (2010) ressaltam que a elaboração de um perfil sociocultural proporciona ao linguista um melhor entendimento dos condicionamentos sociais de um fenômeno linguístico variável. Contudo, os mesmos autores questionam se a ênfase não deveria recair mais sobre o contexto de produção do que sobre o indivíduo, já que,

Se assumirmos que *indivíduo* e *sociedade* são dois conceitos que estão intimamente imbricados, não sendo, portanto, dissociáveis, até que ponto faz sentido investigar os redatores apenas em termos de seus *perfis*? Em outras palavras, até que ponto a caracterização individual de um informante não é simultaneamente a caracterização do grupo do qual faz parte? (LOPES ET AL, 2010, p. 241 – grifos dos autores).

Possivelmente, o ideal seria poder relacionar as informações específicas do indivíduo com aquelas da comunidade da qual ele faz parte. Contudo, no contexto atual desse tipo de pesquisa, especialmente no Brasil, muitas vezes o que se tem é o conhecimento histórico a respeito de uma comunidade e é a partir daí que os estudos precisam ser elaborados. Como já afirmava Labov (1994, p. 11), é preciso colocar em prática “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

Ainda a respeito do perfil sociocultural dos autores, Tarallo (1985, p. 46) afirma que:

Tudo aquilo que serve de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível sócio-econômico do falante, sua escolaridade, faixa



etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

Levando em consideração as questões abordadas acima, optou-se por analisar algumas cartas escritas por integrantes da família Dockhorn, descendentes diretos de Johann Friedrich Dockhorn e Anna Juliana Tatsch Dockhorn, imigrantes alemães. Embora a condição da representatividade não seja suficiente para possibilitar conclusões mais definitivas, outras condições relevantes são concretizadas, oportunizando algumas reflexões importantes, como se verifica adiante. Todas as informações publicadas neste artigo constam do livro *Genealogia e história do imigrante JOHANN FRIEDRICH DOCKHORN (João Frederico) E SEUS DESCENDENTES 1825 - 1988*, de Avelino Dockhorn (1988).

Johann Dockhorn nasceu em Hettstedt, no distrito de Mansfeld-Südharz, localizado no estado da Saxônia-Anhalt. Ele saiu de Hamburgo, na Alemanha, em 19 de novembro de 1824, a bordo do transatlântico à vela Caroline, que chegou ao Rio de Janeiro em 5 de abril de 1825, trazendo 100 colonos e 160 soldados. Em maio de 1825, Dockhorn aparece registrado em São Leopoldo e em 1828 seu nome consta entre os fundadores da colônia de São José do Hortêncio, onde se estabeleceu como curtidor depois de se casar com Anna Juliana Tatsch em São Leopoldo no dia 10 de fevereiro de 1828.

É possível, portanto, verificar que Johann Friedrich Dockhorn fazia parte de uma das primeiras levas de colonos alemães a se estabelecer no sul do Brasil. Müller (2004) observa que o ano de 1824 representou um momento de grandes mudanças sociais e políticas no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, pois antes desse período:

Temos a civilização portuguesa, por muitos chamada de açoriana, tendo o gado e toda gama de atividades decorrentes como centro de tudo. É o gaúcho, dono da campanha,

região de onde nunca saiu porque sua vida era o gado, e gado é criado no campo. “Depois” a civilização alemã marca presença e irá caracterizar boa parte do Rio Grande para sempre (MÜLLER, 2004, n. p.)

Além disso, também é importante levar em conta que a Alemanha, como país politicamente unificado, só viria a existir a partir de 1871 (NEUMANN, 2011). Até então, tratava-se de uma região de pequenos reinos, independentes um do outro. Por isso é grande, até hoje, a diversidade de dialetos falados naquele país e que, conseqüentemente, foram trazidos para o Brasil com os imigrantes. Altenhofen (2004, p. 139) relata que:

Dentre as diferentes variedades dialetais vindas com os imigrantes alemães a partir da primeira metade do século XIX, incluem-se as variedades de pomeranos (segundo maior grupo), menonitas, alemães-russos (Wolgadeutsche ou Deutschrussen) e, em menor número, vestfalianos, suábios, boêmios e bávaros. O hunrückisch aparece como a variedade dialetal de maior difusão, ao lado de uma série de outras variedades de fala de imigrantes europeus e asiáticos.

Essas características, juntamente com o contexto migratório, conforme será demonstrado adiante, constituem informações relevantes e que devem ser consideradas quando se traça o perfil sócio-cultural dos autores de cartas pessoais.

5 CONTEXTO MIGRATÓRIO E ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DE IMIGRANTES ALEMÃES ESCRITAS NO SÉCULO XIX

A partir do século XIX a imigração europeia foi adotada pelo governo brasileiro em substituição ao tráfico de escravos com a finalidade principal de povoar as regiões fronteiriças consideradas “vazios



demográficos”⁶. Os motivos da emigração alemã, assim como as demais emigrações europeias, caracterizavam-se pelas indefinições e incertezas políticas, econômicas e culturais marcantes na Europa já desde o final do século XVIII.

Com relação às áreas colonizadas no Brasil, Luersen (2010) destaca que a maior parte das áreas colonizadas era de mata subtropical, isolada tanto geográfica quanto socialmente dos centros urbanos. Desse isolamento a que as colônias alemãs foram submetidas resultou a preservação das línguas alóctones e a consequente manutenção de situações de multilinguismo.

Segundo Costa (2007), os imigrantes alemães que chegaram no Brasil no início do século XIX vinham, em sua maioria, do meio rural e, antes da emigração, haviam sofrido as consequências da industrialização na Alemanha: o êxodo rural e a consequente dificuldade de especialização em atividades industriais levaram as pessoas a condições de vida cada vez mais precárias e muitas, a pobreza absoluta. A partir de 1848, também a perseguição política configurou um dos fatores da emigração.

Nesse contexto, a emigração não significava um movimento provisório. Muito pelo contrário, tratava-se de uma escolha

permanente: o novo país transformava-se em novo lar e, embora os imigrantes formassem núcleos bastante fechados e procurassem conservar sua cultura, sua identidade e sua língua, aos poucos as gerações seguintes foram sendo confrontadas com a noção de que adotar um novo lar significava também dominar a língua majoritária do país, embora isso não significasse abandonar sua língua e sua cultura. Nas cartas que analisaremos adiante, é possível perceber esse esforço por parte dos descendentes de imigrantes alemães.

*Genealogia e história do imigrante JOHANN FRIEDRICH DOCKHORN (João Frederico) E SEUS DESCENDENTES 1825 - 1988*⁷ foi escrito por Avelino Dockhorn, bisneto do imigrante. Trata-se de um livro de 502 páginas que apresenta a genealogia da família, além de algumas histórias, fotos, certidões e cartas. Dessas cartas, apenas 6 foram escritas em português, ainda no século XIX. Os originais delas estão reproduzidos no livro e isso, para a análise documental, é muito valioso, mesmo que a escrita cursiva utilizada pelos autores tenha, por vezes, dificultando a leitura do material.

A seguir, apresentamos a transcrição de duas cartas escritas em português por descendentes de Johann F. Dockhorn:

Carta 1

Santa Maria, 18 de Abril de 1897

Meos estimados,

paes,

Saúde em companhia atodos de casa e nossos

pertencentes é o que deej desejo lhes, por inquando eu por

a qui vou muito bem. Eu tenho resilido a sua amavel cartinha

que o senhor me escreveu do 25 mes pasado, e tinha me encontrado bem,

e com saúde, e o senhor me creveu que a minha irma está oito semanas

datuente, que ainda não tinha melhorado. Eu estimo muito bem que

⁶ Segundo Moreira, no ensaio *Vazios demográficos ou territórios indígenas?*, a expressão "vazio demográfico" não representa a realidade do Brasil na época do Império, pois as regiões assim consideradas possuíam, na verdade, uma expressiva população indígena: "Como em um passe de mágica, as exuberantes florestas habitadas

pelos índios tornaram-se, com a chegada do colono europeu, florestas vazias de gente, graças ao poder imagético do conceito de "vazios demográficos".

⁷ Depois de muito procurar, um exemplar desse livro foi encontrado em um sebo de Porto Alegre.



estas poucas mal critas linhas vão lhe encontra-lhes de saúde e melhorada. Por aqui vamos todos ainda muito bem, esaúdas de todos; e mal que eu pergunte se o Jorge Völgel siestabele-seu se na terra delle o se elle mudos-se para outro lugar. Eu ovir diser que elle está estabesito em ringão São Petro.

O senhor Julio vae macatjar no tia 18 deste mez corrente, e estás com vondade de mudar-se para o Arenal, E com sertesa eu vou ficar com esta loja que elle tem ainda em Santa Maria. O eu vou para outro lugar, eu já {ilegível} deste mez de Janeiro na escolla e tenho de pagar por mez dez milreis.

O seu

querido

estimado filho,

Carlos Dockhorn.

O pai de Carlos, Johann Nicolau Dockhorn, nasceu em 31 de agosto de 1849, em São José do Hortêncio, município de São Leopoldo, e em sua certidão de óbito consta que era lavrador; além disso, conforme mencionado no livro, era veterano da Guerra do Paraguai. Carlos Dockhorn nasceu em 11 de agosto de 1879 (ainda não havia completado 18 anos na época em que escreveu a carta transcrita acima) em Venâncio Aires e, como menciona na carta, trabalhava no comércio.

O que primeiramente chama atenção nessa carta foi o fato de que o autor escreve em português para os pais. É possível que se trate de uma forma de o sujeito demonstrar que está aprendendo, pois a carta em questão é uma resposta a outra, enviada pelo pai de Carlos em 25 de março de 1897 (em alemão), na qual este expressava sua preocupação com os estudos do filho: leitura, escrita e matemática. Apesar de não especificar na carta que se tratava da leitura e escrita em português, pode-se inferir que esse fosse o caso, já que o filho trabalhava no comércio e precisava dominar também o português e, como já mencionado anteriormente, esse domínio era importante para fazer do Brasil seu novo lar.

Além disso, a preocupação com o aprendizado do português remete à visão de

língua como entidade homogênea e determinante da perspectiva nacionalista que sempre marcou a história do país, mesmo antes do projeto de nacionalização imposto pelo Estado Novo:⁸

O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império” (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536[2]). A política lingüística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de deslocamento lingüístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa[3]. A história lingüística do Brasil poderia ser contada pela seqüência de políticas lingüísticas homogeneizadoras e repressivas [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Dessa forma, pode-se assumir que a pressão exercida por esse “projeto de glotocídio” se fazia presente na vida dos imigrantes e de seus descendentes, influenciando a formação de uma nova identidade, pois, como aponta Gaelzer (2011, p.

⁸ Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, foi o regime ditatorial imposto por Getúlio Vargas, em 1937, que, entre outros, impunha o português como única

língua admitida no país. Para maiores informações, ver ALBINO (2004), OLIVEIRA (2004) e SEYFERTH (1981).



137), “a identidade não é estável, homogênea e acabada, está em constante movimento e é cheia de atravessamentos de discursos.” Mesmo que inicialmente os imigrantes tenham conseguido manter uma organização social que privilegiasse sua língua de origem, aos poucos foram confrontados com a necessidade de integração e sujeição ao projeto de língua homogênea e única defendido já no século XIX pelo governo e foram, assim, desenvolvendo uma nova identidade.

Enquanto em outros países o plurilinguismo é visto como uma forma de equilíbrio cultural, no Brasil ele sempre foi ignorado – desde o período da colonização. Isso ocorre não apenas na região sul, mas também nas outras regiões brasileiras, “sem falar em todas as variedades linguísticas indígenas que estão sendo aos poucos substituídas pela língua majoritária” (LUERSEN, 2010, p. 85). Portanto, o estudo das línguas minoritárias é importante não apenas do ponto de vista sociolinguístico e histórico, mas também do ponto de vista político, pois se faz necessário, ainda segundo Luersen (2010, p. 85), “desenvolver uma sociedade culturalmente sensível à variação e às variedades linguísticas”.

Um dos aspectos mais marcantes que se reflete na grafia da carta transcrita acima e que revela as interferências, no português, da variedade de alemão⁹ falada por Carlos, é o aspecto fonético. Nessa carta temos diversos exemplos que mostram como o autor troca as letras que correspondem aos respectivos fonemas surdos e sonoros:

[d] - [t]: inquando (enquanto), estabelesito (estabelecido), vondade (vontade), Petro (Pedro).

[g] - [k]: ringão (rincão).

Segundo Steffen (2013, p. 80),

Estas “trocas de letras”, no português, têm sua origem a) no sistema fonológico da variedade do hunsriqueano (onde a oposição entre surda e sonora não é fonológica) e b) em uma regra fonética (não categórica) que atinge o padrão silábico do hunsriqueano e o traço de sonoridade das várias consoantes (STEFFEN, 2013, p. 80).

Trata-se, segundo Altenhofen (1996), de uma regra de sonorização, segundo a qual, em posição pós-tônica e intervocálica, ocorre a sonorização de consoantes surdas. Já em posição inicial e final de palavra, bem como em posição inicial da sílaba tônica, ocorre geralmente a dessonorização da consoante. Contudo, o caráter facultativo, como aponta Altenhofen (1996), leva a uma grande variação entre alófonos surdos e sonoros em todas as posições silábicas.

Outro aspecto interessante nessa carta refere-se à vibrante final. Pauli (2001) observa que, no Hunsrückisch, o som [r], em final de sílaba, é normalmente apagado, confundindo-se com a vogal que o antecede, como em *Papier* – [pa'pia] – “papel”; *Schmier* – ['Jmia]. No exemplo aqui apresentado, contudo, acontece o contrário: ao escrever “Eu ovir diser que elle está estabelesito em ringão São Petro”, o autor coloca um *R* onde, na verdade, não deveria haver um. Talvez se trate de um caso de hipercorreção. Infelizmente não há, no *corpus* analisado, outras cartas que apresentem essa mesma particularidade para que possamos tirar conclusões mais definitivas.

Carta 2

Cruz Alta 11 de Abriº de 1899.

Estimado primo Carlos

Em primeiro lugar desejote saude e felicidades, juntos a todos que nos pertense, o quanto a minha é boa grasas a deus, aricibi a tua estimada

⁹ Segundo Steffen (2013), a variedade do alemão falada por esse grupo é o Hunsrückisch.



carta data 15 de Agosto, a qual deu-me grande satisfação em saber noticias tuas, e de meus parentes, eu aqui vou indo bem com a minha loja, serviso bastante, o Pedrinho não está mais trabalhando com migo, elle está em Santa Maria, trabalhando com o Snrº Luiz Dania, tu escreveste que ouviste dizer que o meu casamento não saiu, é facto, desisti em dezembro, porem com causa justa, assim é que de Santa Maria não sei[ilegível] te escrever nada, a quanto aqui os que nos pertence são todos bons, se eu poder este verão irei dar um passeio por lá, ahi podemos conversar melhor, assim termino estas poucas linhas com saudosas saudações a ao que nos pertence e a teus pais, e tu queras aseitar um abraço deste teu primo sobrescrito com estima e apresso
Altº Amigº o Obrº [?]
Fernando Martins Napp

O autor, Fernando Martins Napp, era filho dos imigrantes Maria Dorothea Dockhorn e Adam Napp e nasceu no Brasil em 1874. Tinha, portanto, em torno de 25 anos ao escrever a carta apresentada acima.

Nesse documento, é possível ressaltar outros aspectos que demonstram a influência do alemão no português como, por exemplo, a dificuldade na distinção entre os verbos ser e estar, mais especificamente a dificuldade de diferenciar entre “ser bom” e “estar bem”, já que no alemão um mesmo verbo – *sein* – desempenha a função tanto do verbo “ser” quanto do verbo “estar”:

[...] aqui os que nos
pertence são todos bons[...]

A expressão “os que nos pertence”, que também aparece no trecho acima, traz claramente a marca do alemão, pois o verbo equivalente a “pertencer”, na língua alemã, é *gehören* e pode-se afirmar que os membros de uma família são *die Angehörigen*. Portanto, nessa expressão – que se repete três vezes na carta – tem-se uma tradução quase literal daquela utilizada no alemão.

Outro dado muito interessante nessa carta diz respeito à utilização do grafema <s> em

“pertense”, “serviso”, “asim”, “paseio”, “aseitar”. Não se trata de desconhecimento do autor das grafias <ss>, <c> ou <ç>, pois todas elas também estão presentes no texto, embora nem sempre sejam utilizadas de maneira correta: “apresso”, “pertence”, “saudações”. É provável que a utilização inexata dos grafemas <s, ss, c, ç> esteja relacionada ao acesso insuficiente a textos escritos em português, dificultando a assimilação total dessas representações gráficas. No período da colonização, a instrução formal era organizada dentro das colônias pelos próprios imigrantes, que não recebiam qualquer apoio público (GAELZER, 2011). Isso, por um lado, permitia que conservassem a língua, os costumes e a cultura de sua terra natal; por outro, dificultava o contato com o português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas pessoais são testemunhos históricos intrinsecamente associados à vida cultural e social das pessoas e da comunidade a qual pertencem. As marcas de oralidade presentes nesse gênero discursivo são fundamentais e preciosas para o estudo sociolinguístico, tanto em seu aspecto histórico quanto variacionista. Na ausência da língua falada – como é o caso quando se pretende estudar variações na língua usada antes do século XX – a carta pessoal configura a forma mais natural de representação linguística. Além disso, na carta pessoal, o sujeito compartilha opiniões e emoções, relata suas frustrações e motivações, dá testemunho de detalhes próprios de sua sociedade e de sua época histórica, o que amplia ainda mais a importância desse tipo de documento, pois na correspondência pessoal é inequívoca a relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam.

O levantamento de cartas antigas para a constituição de um *corpus* de análise nem sempre é uma tarefa fácil, pois, para a pesquisa



interdisciplinar entre a Sociolinguística, a Dialetoleologia e a Geolinguística, é necessário que esses documentos mantenham seu aspecto original, ou seja, sem correções ou modificações no conteúdo para não prejudicar o resultado da análise. Assim, o ideal é que o *corpus* selecionado passe por uma transcrição diplomática, o que significa um trabalho árduo e longo e nem sempre há condições ou pessoal suficientemente capacitado para realizá-lo. O objetivo principal na análise das cartas exibidas neste artigo foi o de apresentar documentos ricos em variações linguísticas que poderiam ter sido perdidas se tivéssemos de contar com uma edição interpretativa, como é tantas vezes o caso.

Procurou-se expor também como a compreensão das dimensões diafásicas, diatópicas e diastráticas, entre outras, é fundamental na análise variacional. As informações específicas do indivíduo, aliadas àquelas da comunidade da qual ele faz parte, constituem elementos valiosos para a interpretação dos dados recolhidos no *corpus* de estudo e a representatividade do *corpus*, embora seja uma questão relativa, é um dos elementos-chave para que se chegue a conclusões mais sólidas acerca do tema pesquisado, como objetivou-se demonstrar através da análise das cartas apresentadas acima.

Assim, tem-se a intenção de provocar uma reflexão sobre a importância da correspondência pessoal como documento indispensável para os estudos que se ocupam dos contatos linguísticos e sobre as questões que precisam ser consideradas a fim de que os pesquisadores possam alcançar resultados confiáveis e bem fundamentados nos estudos realizados com esses documentos.

REFERÊNCIAS

ALBINO, J. F. **A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã. Um olhar em São**

Pedro de Alcântara (1937-1945). 2001. 128f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79453>. Acesso em 20 jun. 2019.

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen**. Franz Steiner Verlag, 1996.

ALTENHOFEN, C. A constituição do corpus para um "Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata". **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

ANDRADE, E. A. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa** (online), n. 10-11, p. 149-172, São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59820/62929>. Acesso em: 20 jun. 2019.

AHRS. **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. Rua Sete de Setembro, 1020 – 2º andar, Centro – Porto Alegre – RS CEP: 90010-191.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. 1. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA – Documentação de estudos em Linguística teórica aplicada**, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2019.

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. **Noções de Paleografia e Diplomática**. Santa Maria:



Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFSM, 1991.

BRAUN, F. K. **Cartas e relatos de imigrantes alemães**. Felipe Kuhn Braun, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

COSTA, C. G. Imigração alemã e fomicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro. In: **Spartacus – Revista eletrônica dos discentes de História**. Santa Cruz dos Sul: UNISC, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

DOCKHORN, A. **Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988**. Porto Alegre: Editora Palotti, 1988.

EMILIANO, A. **Critérios e normas para transcrição e transliteração de textos medievais**. Lisboa: CLUNL, 2001 (revisto em 29/12/2002). Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/philologia/Normas1.0.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GAELZER, V. A identidade do imigrante alemão: a língua, elemento simbólico de identificação. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, v. 15, n. 02, p. 137-158, jul/dez 2011. Disponível em: <file:///D:/Downloads/32420-136599-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2008.

JOLKESKY, M. P. V. **Reconstrução fonológica e lexical do proto-jê meridional**. 2010. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://etnolingustica.wdfiles.com/local-->

files/tese:jolkesky-2010/jolkesky_2010.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, v. 1, 1994.

LOPES, C. et al. Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora histórico. **Revista Gragoatá**, n. 29, p. 239-251. Niterói: 2010. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/174/158>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LUERSEN, R. W. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**, n. 7, 70-87, Visconde de Araújo: 2010. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo_4.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

MOREIRA, V. M. L. Vazios demográficos ou territórios indígenas? **Dimensões – Revista de História da UFES**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2332/1828>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MÜLLER, T. L. **A propósito dos 180 anos**. Atualizado em 20 de agosto de 2016. Disponível em: <http://psdbchapadars.blogspot.com.br/2011/11/vem-ai-maior-festa-tipica-da-regiao.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NEUMANN, G. R. A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro. **Revista Antares**, v. 03, n. 6, Caxias do Sul: jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

OLIVEIRA, J. B. Contribuição do método comparativo para a determinação da existência



do indo-europeu. **Revista Philologus**, v. 3, n. 09, Rio de Janeiro: 1997. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3\(9\)41-52.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3(9)41-52.html). Acesso em: 19 jul. 2019.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Linguística Histórica*. In: PFEIFFER, C. C.; HORTA NUNES, J. **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PAULI, V. S. **Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português**. 2001. 146f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112150/181715.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

STEFFEN, J. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. **Revista de Letras Norte@mentos**. Ed. 12 – Estudos Linguísticos 2013/02. Disponível em: http://projetos.unemat.net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos. Acesso em: 20 jul. 2019.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2856571/tarallo---a-pesquisa-sociolinguistica>. Acesso em: 17 jul. 2019.

THUN, H. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo V. Altenhofen e Filipe Neckel. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan/jun 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>. Acesso em: 16 jun. 2019.

USHER, S. **Cartas extraordinárias – A correspondência inesquecível de pessoas notáveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PAVAN, C. Constituição de corpus e análise de cartas pessoais do século XIX. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 6-19, 2019.



A VOGAL MÉDIA ANTERIOR /e/ POSTÔNICA FINAL NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DIATÓPICO A PARTIR DOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Dayse de Souza Lourenço Simões

Universidade Estadual de Londrina

Fabiane Cristina Altino

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Este trabalho consiste em descrever e analisar o comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes do Rio Grande do Sul. Posto isto, os objetivos específicos são: (i) examinar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final e (ii) verificar a existência de uma isófona por meio de carta linguística. Para tanto, o *corpus* constitui-se dos dados do questionário do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), incluindo as 17 localidades do Rio Grande do Sul e um total de 72 informantes. Em cada ponto, há quatro informantes, estratificados segundo as variáveis sociais: diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos), diassexual (feminino e masculino) e, nas capitais, acrescenta-se a variável escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior), totalizando oito informantes de mesmo perfil. O aporte teórico fundamenta-se na Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996). Os dados demonstram que se trata de uma regra variável, além de apresentar a possibilidade de traçar uma isófona no estado gaúcho. Dessa forma, este trabalho pretende preencher parte da lacuna existente na descrição desse fenômeno na modalidade oral da Região Sul do Brasil.

Palavras-chave: Atlas Linguístico do Brasil; Vogal média anterior /e/ postônica final; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This paper describes and analyzes the behavior of the anterior / final / postonic middle vowel in the oral production of speakers from Rio Grande do Sul. That said, the specific objectives are: (i) to analyze and observe the raising or maintenance process the anterior middle vowel /e/ final postonic and (ii) to verify the existence of an isophone by means of a linguistic chart. To this end, the corpus consists of data from the ALiB project questionnaire (ALIB NATIONAL COMMITTEE, 2001), including the 17 localities of Rio Grande do Sul and a total of 72 informants. At each point, there are four informants, stratified according to social variables: diagerational (age group I - 18 to 30 years and age group II - 50 to 65 years), diassexual (female and male) and, in the state capitals, it is added education variable (Elementary and Higher Education), totaling eight informants of the same profile. The theoretical basis is based on Pluridimensional Geolinguistics (RADTKE; THUN, 1996). The data demonstrate that this is a variable rule, besides presenting the possibility of tracing an isophone in the state of Rio Grande do Sul. Thus, this paper intends to fill part of the gap in the description of this phenomenon in the oral modality of Southern Brazil.

Keywords: Linguistic Atlas of Brazil; Anterior mean vowel /e/ final postonic; Rio Grande do Sul.



Dayse de Souza Lourenço Simões é doutora em Estudos da Linguagem pela UEL.

E-mail: dayse.lourenco1990@gmail.com

Fabiane Cristina Altino é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2007).

E-mail: fabiane_altino@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A produção oral da língua, instrumento de comunicação e interação entre os seres humanos, mantém-se em constante variação e mudança. Isso se deve, além das propriedades internas da língua, ao contexto social, às características individuais dos usuários, à situação comunicativa e outros. O português falado no Brasil manifesta-se fortemente multifacetado em toda sua extensão, não somente no eixo horizontal (espacial), mas também no eixo vertical (social).

Nesse contexto amplamente heterogêneo, as correntes migratórias tiveram papel fundamental na organização da estrutura populacional das comunidades. Logo, a variedade linguística motiva-se por diferenças sociais, econômicas, culturais e geográficas, bem como aspectos históricos e processos identitários.

As discussões acerca dos falares do Rio Grande do Sul têm manifestado um cenário curioso no que concerne à descrição de alguns fenômenos, como é o caso da realização da vogal média anterior /e/ postônica no final de palavra. As generalizações acerca da produção da vogal média anterior /e/ postônica final veiculadas na mídia (como blogs, textos jornalísticos, entrevistas, sites de busca, redes sociais e outros) referem-se ao estereotipado “leite quente” como traço característico da fala de algumas localidades da região sul brasileira, especialmente, do falar gaúcho.

Nesse sentido, objetivamos a descrição e a análise do comportamento da vogal média anterior /e/ postônica final na produção oral de falantes do Rio Grande do Sul a partir da cartografia linguística. Para tanto, nossos objetivos específicos são: (i) examinar o processo de alçamento ou de manutenção da vogal média anterior /e/ postônica final e (ii) verificar a existência de uma isófona.

A fim de realizar essa análise, utilizamos os dados do questionário do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001) e consideramos todas as localidades do Rio Grande do Sul a fim de realizar uma análise diatópica do território gaúcho. Em cada ponto, contamos com quatro informantes, estratificados segundo as variáveis sociais: diageracional (faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos), diasssexual (feminino e masculino) e, nas capitais, incluímos a variável diastrática (Ensino Fundamental e Ensino Superior).

Nesse cenário, a partir da fundamentação baseada na Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996), intentamos preencher parte da lacuna existente na descrição dos falares gaúchos.

1 OLHAR ACERCA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Coseriu (1987) explica que a Geolinguística poderia ser considerada um ramo da Geografia, porquanto se ocupa em mapear traços linguísticos em determinados espaços territoriais. A Dialetoлогия Tradicional, a partir do método da Geografia Linguística Monodimensional, tem como fundamento básico a arealidade, ou, como explicam Radtke e Thun (1996), a análise da variação segundo o espaço geográfico.

A Geolinguística Monodimensional ocupa-se, exclusivamente, de mapear as formas linguísticas privilegiando a dimensão diatópica, enquanto a Geolinguística Pluridimensional engloba outras dimensões, como, por exemplo,



a diastrática, a diassexual e a diageracional. Radtke e Thun (1996) apontam que há uma distinção entre os geolinguistas que se voltam à modernidade e aos que se voltam à tradição. Assim, há aqueles que preferem experimentar novos parâmetros, métodos e meios técnicos, enquanto outros ainda seguem na via única da variação diatópica. Essa divisão remonta à Geolinguística Monodimensional e à Geolinguística Pluridimensional.

A Geolinguística Pluridimensional considera os fatores sociais, assim como faz a Sociolinguística. Dessa forma, destacamos que a Sociolinguística se preocupa com o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2005, p. 31). Ressaltamos, portanto, que as comunidades linguísticas apresentam um caráter multifacetado (SILVA-CORVALÁN, 1989) e é justamente a heterogeneidade da língua o objeto de estudo da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; BRIGHT, 1974; SILVA-CORVALÁN, 1989; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; ALKMIM, 2005; CAMACHO, 2005; MOLLICA, 2008).

A variação linguística não é aleatória, mas sistemática e motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, ou seja, “a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais” (MOLLICA, 2004, p. 27). Neste estudo, focamos na variação diatópica.

A variação diatópica, ou geográfica, diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, atesta Alkmin (2005). Devido à sua extensão territorial, a formação humana, a influência de outros povos autóctones, portugueses, africanos e imigrantes, o Brasil apresenta uma imensa variação geográfica, resultando em incontáveis estudos dos diferentes níveis linguísticos, como o lexical, o fonológico e o morfossintático.

2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No sistema fonológico do português, segundo Câmara Junior (1982), há vogais tônicas, pretônicas, postônicas não finais e postônicas finais. Essas vogais estão dispostas em um sistema triangular, conforme a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior do trato oral.

Há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo na parte posterior da língua e sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, centrais e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória da vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas (CÂMARA JUNIOR, 1982, p. 41).

Para ilustrar a caracterização das vogais segundo os movimentos articulatórios da língua, o autor utiliza o modelo de Trubetzkoy (1939).

Figura 1 – Vogais em posição tônica

| | | | |
|--------|------------------------------------|-----|-----------|
| altas | /u/ | /i/ | |
| médias | /ô/ | /ê/ | (2º grau) |
| médias | /ò/ | /è/ | (1º grau) |
| baixa | /a/ | | |
| | posteriores / central / anteriores | | |

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 41)



Na posição postônica final, há a neutralização entre /e/ e /i/, isto é, uma oposição entre fonemas deixa de ser distintiva, prevalecendo, assim, as vogais altas. Dessa forma, o quadro das vogais fica com apenas três elementos.

Figura 2 – Vogais postônicas finais

| | | |
|-------|-----|-----|
| altas | /u/ | /i/ |
| baixa | /a/ | |

Fonte: Câmara Junior (1982, p. 44)

O Alfabeto Fonético Internacional (IPA) atribui quatro graus de altura vocálica nas línguas e o português brasileiro realiza distinções vocálicas nos quatro graus: 1) baixa /a/; 2) médias-baixas /ɛ/, /ɔ/; 3) médias-altas /e/, /o/ 4); altas /i/, /u/; na passagem de uma vogal média-alta /e/ para um /i/, há alteração/subida de um grau na altura da língua, por isso, o fenômeno de troca de um /e/ por um /i/ é chamado de alçamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo conta com os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil e, dessa forma, segue a sua metodologia. Nosso *corpus* é constituído de 17 localidades no estado do Rio Grande do Sul apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Rede de pontos do Rio Grande do Sul

| Ponto | Localidade |
|-------|-----------------------|
| 234 | Três Passos |
| 235 | Erechim |
| 236 | Passo Fundo |
| 237 | Vacaria |
| 238 | Ijuí |
| 239 | São Borja |
| 240 | Flores da Cunha |
| 241 | Santa Cruz do Sul |
| 242 | Santa Maria |
| 243 | Porto Alegre |
| 244 | Osório |
| 245 | Uruguaiana |
| 246 | Caçapava do Sul |
| 247 | Santana do Livramento |
| 248 | Bagé |
| 249 | São José do Norte |
| 250 | Chuí |

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (2014)

Em cada uma das 17 localidades investigadas, foram entrevistados quatro informantes, distribuídos equitativamente pelas variáveis sexo (dois homens e duas mulheres), faixa etária (faixa I, de 18 a 30 anos e faixa II, de 50 a 65 anos), e nível fundamental de escolaridade. Já na capital, Porto Alegre, além dos informantes de nível fundamental, incluímos mais quatro informantes do mesmo perfil, totalizando 72. O Quadro 2 apresenta o perfil dos informantes do ALiB.

Quadro 2 – Perfil dos informantes

| Informante | Escolaridade | Faixa Etária | Sexo |
|------------|--------------|-------------------|-----------|
| 01 | Fundamental | I (18 a 30 anos) | Masculino |
| 02 | Fundamental | I (18 a 30 anos) | Feminino |
| 03 | Fundamental | II (50 a 65 anos) | Masculino |
| 04 | Fundamental | II (50 a 65 anos) | Feminino |
| 05 | Superior | I (18 a 30 anos) | Masculino |
| 06 | Superior | I (18 a 30 anos) | Feminino |
| 07 | Superior | II (50 a 65 anos) | Masculino |
| 08 | Superior | II (50 a 65 anos) | Feminino |

Fonte: Atlas Linguístico do Brasil (2014)



Para a análise do fenômeno estudado, observamos a sua realização em respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001). O QFF conta com 159 questões sobre os fatos fônicos e 11 questões de prosódia e visa coletar os fatos fônicos e suas possíveis áreas

de distribuição, além de identificar as variações na pronúncia dos itens. Nosso estudo, que verifica a realização para a vogal média postônica final anterior /e/, voltou-se à análise de 12 questões, a saber:

Quadro 3 - Questões analisadas

| Número | Item | Questão |
|--------|------------------|---|
| 30 | Tomate | Aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho de macarrão? |
| 39 | Árvore | O que é que dá sombra nas ruas, no campo/ para o gado nos pastos? |
| 49 | Elefante | Um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)? |
| 50 | Peixe | O que é que se pesca nos rios, no mar? |
| 55 | Noite | Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a...? |
| 62 | Tarde | Qual é o contrário de cedo? |
| 65 | Catorze/quatorze | O que vem depois do treze? |
| 78 | Deve | Você/o (a) senhor (a) tomou/pediu emprestado 500 reais a alguém e não pagou. A pessoa vai a você/ ao senhor / à senhora e diz: Fulano, você me ___ 500 reais. |
| 104 | Inocente | Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê? |
| 116 | Dente | E isto? <i>Apontar.</i> |
| 144 | Perfume | O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso? |
| 157 | Hóspede | Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê? |

Fonte: Dados do Questionário do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001)

Para o tratamento dos dados, utilizamos o [SGVCLin], um software¹ capaz de gerar cartas linguísticas automatizadas e, ainda, oferecer relatórios numéricos. Trata-se de um projeto idealizado e concretizado pelo Dr. Valter

Romano, em parceria com o Dr. Rodrigo Duarte Seabra e Me. Nathan Oliveira. O banco de dados utilizado pela ferramenta foi modelado com base na metodologia do Projeto ALiB (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014).

¹ Para maiores informações sobre o projeto e o software, acessar o link: <http://sgvclin.altervista.org/>. Acesso em: 9 out. 2019.



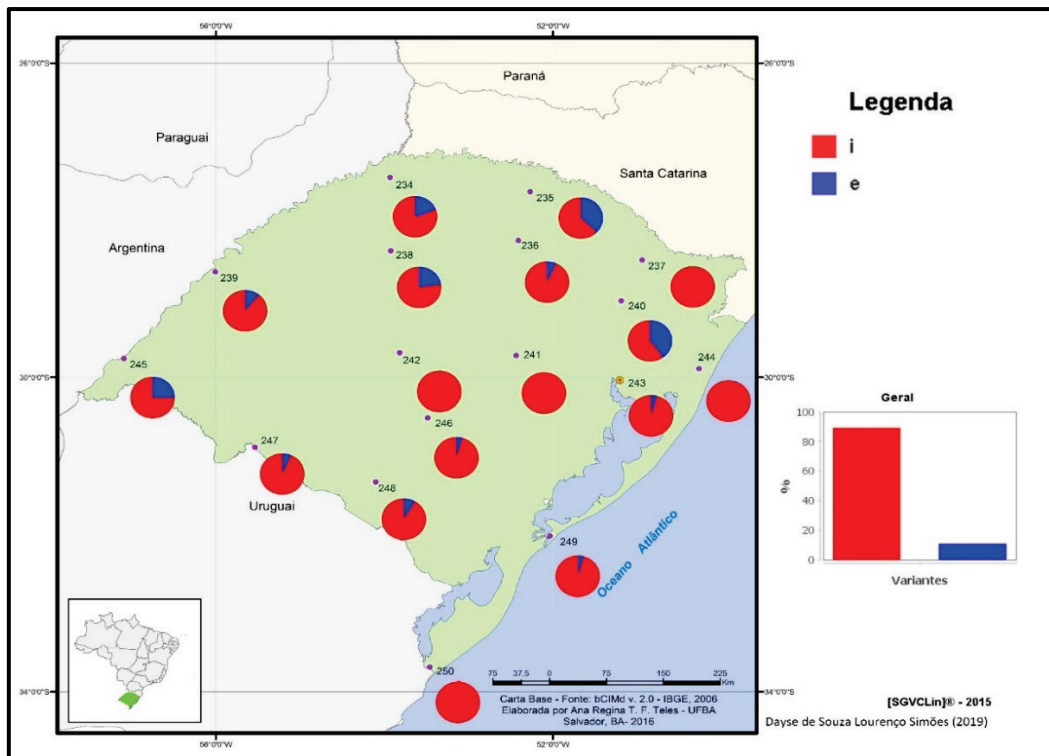
O [SGVCLin] gera cartas monodimensionais de arealidade e de arealidade gradual. As cartas monodimensionais têm como característica a apresentação pontual da dimensão diatópica, ou seja, as variantes por ponto linguístico ou localidade. Dessa forma, por meio dela é possível observar possíveis delimitações de isófonas. Além disso, há as cartas de arealidade, as quais trazem uma visão ampla dos dados. Contamos com dois formatos: (i) arealidade, que delimita onde há ocorrência de determinada variante e (ii) arealidade gradual, que representa a intensidade em que dada variante é produzida, por meio de uma escala gradual de cores que representa o percentual

de ocorrências. As cartas de arealidade permitem, quando possível, delimitar isófonas. Para tanto, o software SGVCLin (2014) utiliza aspectos do método dialetométrico, segundo Romano; Seabra; Oliveira (2014), ao estabelecer um interponto entre as localidades contíguas.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A partir do tratamento de dados realizado por meio do software [SGVCLin], apresentamos a Figura 3, que ilustra a distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final.

Figura 3 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Por meio da Figura 3, observamos a distribuição diatópica do fenômeno no território sul-rio-grandense e constatamos que o alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes de todos os pontos do

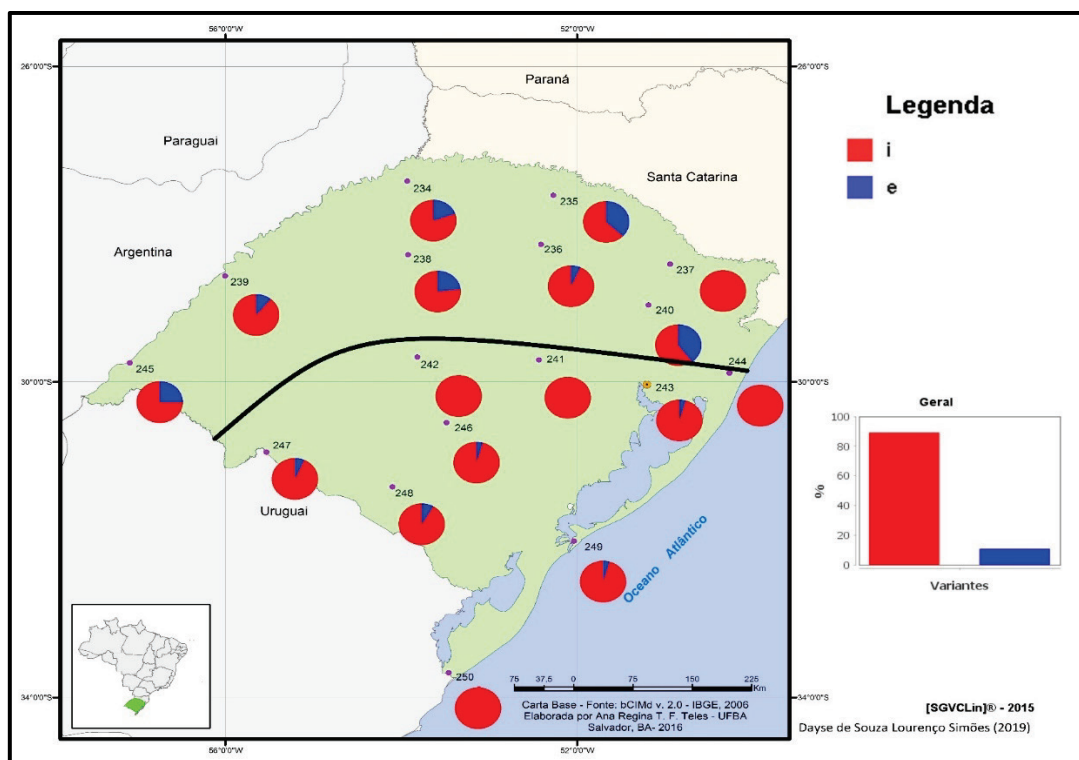
estado e, principalmente, nos pontos Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250), em que o fenômeno é categórico. Em contrapartida, apesar de o alçamento ser mais predominante



nos pontos Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiiana (245), verificamos a realização da manutenção de forma bastante

significativa, apresentando uma concorrência entre as duas formas. Assim, traçamos uma linha delimitadora, representada na Figura 4.

Figura 4 – Distribuição diatópica da produção oral da vogal média anterior /e/ postônica final com delimitação de área



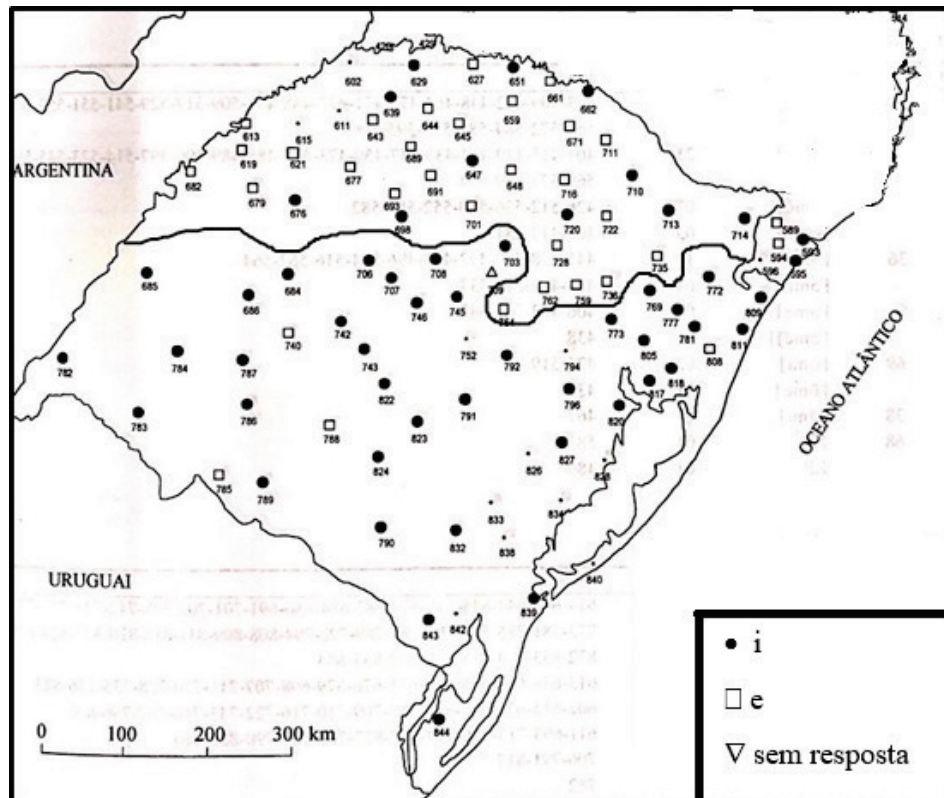
Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Verificamos uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado sul-riograndense, respectivamente, a partir das localidades onde a manutenção e o alçamento ocorrem em concorrência e onde a manutenção é pouco significativa. Destacamos, entretanto, o ponto 237 – Vacaria, o qual se encontra isolado na porção Nordeste do Rio Grande do Sul, sendo, nessa área, o único em que o alçamento é categórico.

De forma semelhante, a carta 8 do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) apresenta os dados sobre a manutenção da vogal média na pronúncia para o vocábulo *sete*, demonstrando que o Norte do estado do Rio Grande do Sul apresenta índices mais significativos de manutenção e o Sul, o alçamento, como vemos ilustrado na Figura 5.



Figura 5 – Alçamento e manutenção no ALERS



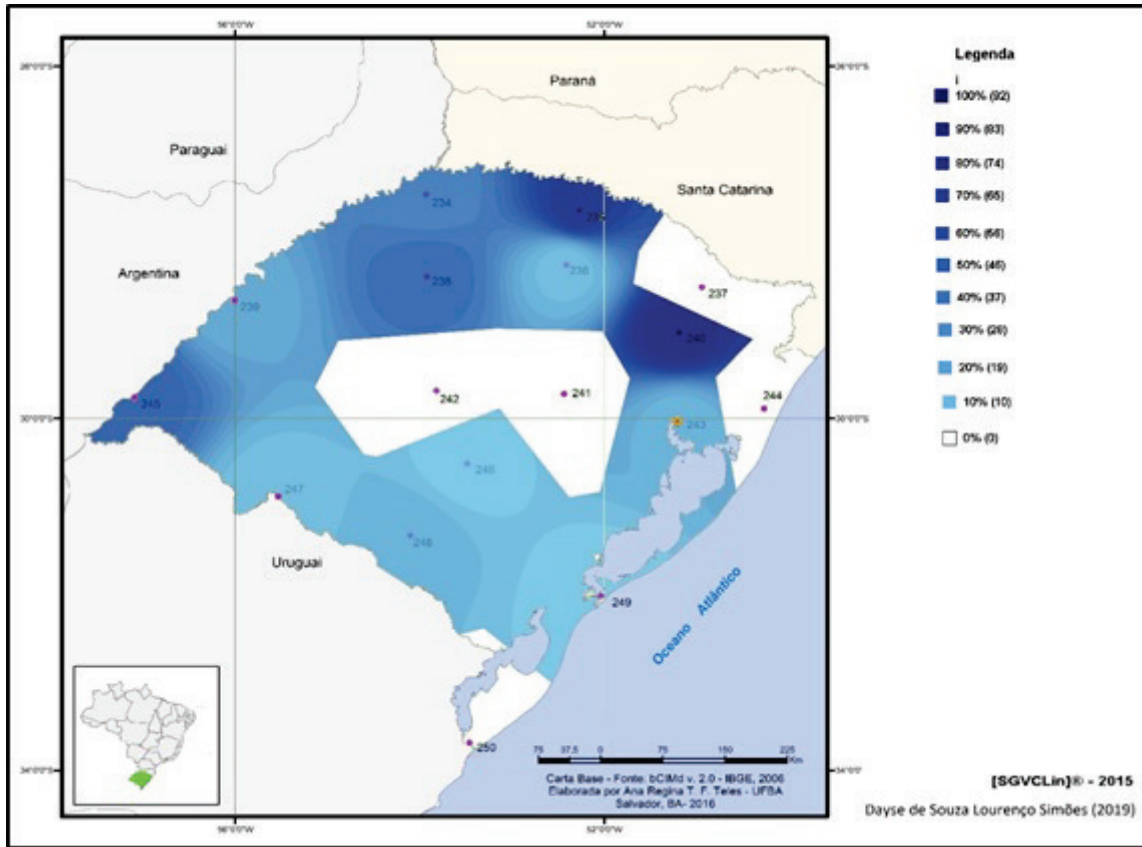
Fonte: Adaptado de ALERS (2011 [2002], p. 141)

Essa divisão estabelecida no ALERS ratifica, em parte, a divisão diatópica dos dados, a qual divide o Rio Grande do Sul em Norte/ Noroeste e Sul. Margotti (2004) explica que esse cenário apontado pelo ALERS (2011) e por nossos dados revela que a manutenção da vogal átona final /e/ não é uma característica dos falantes que habitam os pampas gaúchos, contrariando,

portanto, o estereótipo generalizado atribuído à fala do gaúcho de que a manutenção é predominante em todo o território. Nesse sentido, observamos onde ocorre a manutenção da vogal e em que proporção isso acontece na fala dos gaúchos, conforme a Figura 6.



Figura 6 – A realidade gradual da manutenção para a vogal média anterior /e/ postônica final



Fonte: Elaborado pela autora com base no banco de dados do ALiB

Na Figura 6, apresentamos a arealidade gradual da manutenção para a vogal média anterior /e/ postônica final. Nos pontos em que o azul é representado em tonalidade mais escura, há mais casos de manutenção da vogal e, conforme mais claro o azul, menor a ocorrência do fenômeno. Os pontos em que não ocorre manutenção estão sinalizados em branco. Ainda na Figura 4, ficam mais evidentes os pontos em que há uma tendência significativa de manutenção da vogal /e/, caracterizando uma faixa ao Norte/Noroeste do estado, à exceção do ponto 237-Vacaria.

Esse cenário linguístico comprova o que Margotti (2004) assinala sobre a postura dos ítalo-brasileiros que, ao falarem português, realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/, asseverando que essa é uma regra variável consequente da influência da língua italiana. Nesse sentido, Froisi

e Mioranza (1975) explicam que, em determinados dialetos italianos, em nomes masculinos e femininos no singular, a vogal temática que mais ocorre é e, já no plural, i é o morfema de número dos nomes masculinos, enquanto e é o morfema de número dos nomes femininos.

Equivalentemente, Vieira (1994) constatou que as influências da descendência são significativas para a realização do alçamento. Em estudo das vogais médias átonas finais na fala de 16 informantes de cada capital sulista, Vieira (1994) atestou que as regras de neutralização assinaladas por Câmara Junior se encontram em fase inicial nos estados sul-brasileiros. No entanto, em Porto Alegre, apresentam-se de forma mais avançada, corroborando os dados apresentados neste trabalho.



Nesse sentido, reportamo-nos às hipóteses assinaladas por Altenhofen (2005), nas quais consta a importância do contato paulista-gaúcho anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 1824, e italianos, em 1875, cenário que desencadeou muitas migrações internas no Rio Grande do Sul, resultando em rotas comerciais com intenso fluxo. O autor destaca ainda que as áreas de campo e as antigas rotas de contato paulista-gaúcho refletem o português dos lusos e de demais imigrantes estrangeiros, os quais foram, pouco a pouco, apropriando-se do falar daquele meio.

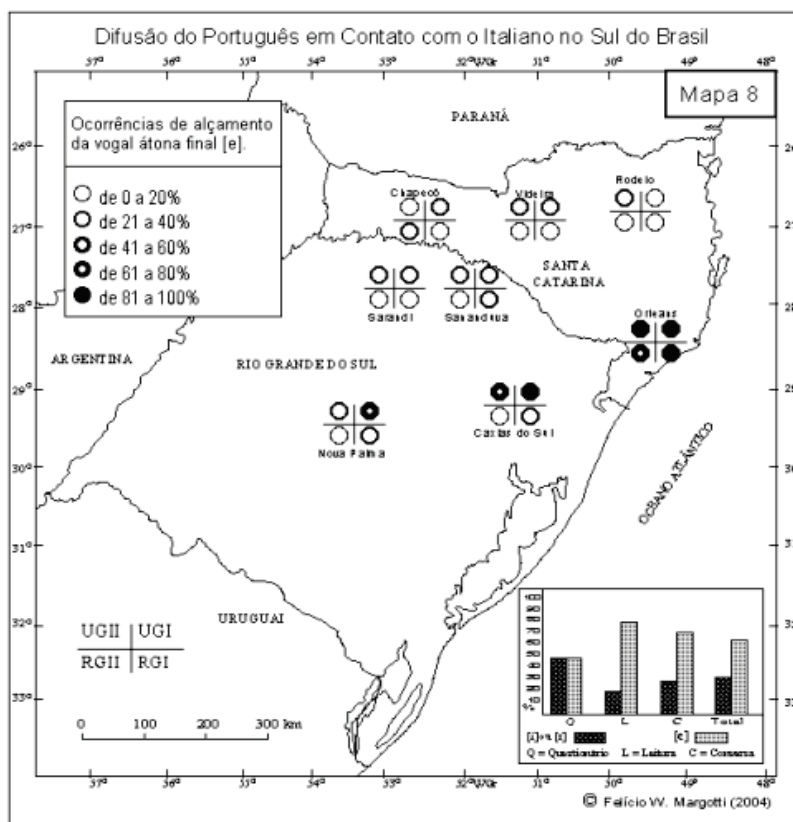
Altenhofen (2005) ainda assinala que a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai mantém traços de momentos históricos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com Portugal e, ainda, destaca o impacto que o bilinguismo daquela região causa nos falares, acarretando diferenças linguísticas significativas no território gaúcho, como territórios em que se realiza o alçamento de forma categórica, ao contrário de pontos em que a manutenção apresenta-se de forma significativa.

Ao analisar o comportamento da vogal média anterior em comunidades bilíngues, onde há o contato entre o português e o italiano no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, Roveda (1998) constata que há uma tendência à manutenção nas cidades fronteiriças e de colonização alemã e italiana, nas quais o alçamento encontra-se em estágio inicial. Mileski (2013) assinala que a comunidade de Vista Alegre do Prata - RS preserva as vogais médias átonas finais devido às “características étnicas do município, já que a população é de descendentes de imigrantes

poloneses e italianos. Entende-se, assim, que o português da comunidade sofre influências dos dialetos polônês e italiano, ainda falados na localidade” (MILESKI, 2013, p. 67). Destacamos que Vista Alegre do Prata não é um ponto do ALiB, no entanto, é muito próxima do ponto 240 - Flores da Cunha, o qual apresenta índices significativos de manutenção da vogal, confirmando os dados apresentados.

Logo, assinalamos que, no Rio Grande do Sul, a preservação do /e/ em posição final é uma característica do português falado em áreas de colonização europeia em contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente, o italiano. Semelhantemente, Margotti (2004) observou o impacto que a língua italiana implica no português falado em comunidades bilíngues, apresentado na Figura 7.

Figura 7 – Difusão do português em contato com o italiano



Fonte: Adaptado de Margotti (2004)



A partir da Figura 7, verificamos que o contato entre o português e o italiano condiciona o maior índice de manutenção da vogal média. Destacamos o posicionamento de Margotti (2004) quanto à postura dos italo-brasileiros que realizam as vogais /e/ e /o/ átonas finais em vez das vogais alçadas /i/ e /u/ na pronúncia do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a variação linguística é sempre uma atividade minuciosa, especialmente quando esta se refere aos aspectos fonéticos da língua, uma vez que exige extrema atenção e rigor. Para este trabalho, esse desafio foi propulsor da ânsia de observar e compreender o fenômeno analisado, o qual não só é discutido em contexto acadêmico, mas também em diálogos triviais por não estudiosos da língua.

Alicerçados na Geolinguística Pluridimensional, examinamos a realização da vogal média anterior /e/ postônica final na fala dos informantes gaúchos a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil.

A partir das respostas dadas para as 12 questões por 72 informantes, distribuídos em 17 localidades, afirmamos que, ao pensar no Rio Grande do Sul, o fenômeno em pauta caracteriza-se como uma regra variável, com tendência ao predomínio do alçamento da vogal média anterior /e/ postônica final. O alçamento da vogal está presente na fala de todos os informantes em todos os pontos do estado, sendo categórico em: Vacaria (237), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Osório (244) e Chuí (250). Em contrapartida, em Três Passos (234), Erechim (235), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240) e Uruguaiana (245), apesar de o alçamento ser mais predominante, verificamos a realização da manutenção de forma bastante significativa, apresentando uma coocorrência das duas formas.

Dessa forma, traçamos uma linha divisória entre Norte/Noroeste e Sul do estado sul-riograndense, considerando as localidades onde a manutenção e alçamento acontecem em coocorrência e onde a manutenção é pouco significativa, respectivamente. Esse cenário assemelha-se ao representado pela carta 8 do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (2011) que demonstra o Norte do estado do Rio Grande do Sul com índices mais significativos de manutenção e, no Sul, mais presente o alçamento.

Nesse sentido, com base nos resultados e na comparação com outros trabalhos trazidos à análise, destacamos que, no Rio Grande do Sul, a preservação do /e/ em posição final é uma característica do português falado em contato com línguas de imigrantes europeus, principalmente o italiano, nas áreas de colonização europeia.

Assim, este artigo pretende colaborar com os estudos descritivos da Língua Portuguesa falada no Brasil, no que se refere aos estudos a respeito da vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.21-47.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS:**



cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F (Orgs.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-24.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística parte II. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 49-76.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1982 [1970].

COMITÊ NACIONAL do projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. 314p.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. 152 p.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p.9-14.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica: um balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Eds.) **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Tradução Minka B.Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. (Heidelberg/Mains, 21.-24.10.1991). Kiel, Westensee-Verl, 1996.

ROMANO, Valter Pereira Romano; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014.

ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, vol. 43 (1), p. 575-587, jan/ abr. 2014.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano** (Dissertação). Porto alegre, 1998.



SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística:** teoría y análisis. Madri: Alhambra Universidad, 1989.

VIEIRA, M. José Blascowski. **Neutralização das vogais médias postônicas** (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994. 184 p.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SIMÕES, D. S. L.; ALTINO, F. C. A vogal média anterior /e/ postônica final no Rio Grande do Sul: um estudo diatópico com os dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 20-32, 2019.



O FALAR *CAIPIRA* NÃO É UM *PROBLEMA* – UM ESTUDO DO ROTACISMO E DO RETROFLEXO NO FALAR CASCAVELENSE

Tathiane Cristino

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Sanimar Busse

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a descrição do rotacismo e do retroflexo na fala dos cascavelenses, tendo como alicerce os princípios teórico-metodológicos da área da variação e diversidade linguística. O município de Cascavel, localizado na região oeste do Paraná, pode ser descrito pelos traços mais heterogêneos dos grupos que colonizaram a localidade. Esse pluralismo linguístico orientou a pergunta norteadora da pesquisa: que variáveis sociais e linguísticas favorecem ou inibem os fenômenos do rotacismo e do retroflexo na fala dos cascavelenses? Para responder à questão, parte-se de Labov (1972); Tarallo (2001), Aguilera (1994) e Cardoso (2010). O *corpus* deste estudo é composto pelas respostas aos inquéritos fonético-fonológicos do *Estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010). A partir das análises, perceberam-se traços de estigma e de prestígio linguístico perante as variantes. Constatou-se, ainda, que falantes mais velhos preservam em sua fala traços linguísticos dos grupos de origem, enquanto informantes mais novos tendem a monitorar mais sua fala nas entrevistas, indicando que as variantes são pauta de avaliação na comunidade de fala. Ademais, observou-se que o contato com a variedade padrão no ambiente escolar pode motivar a não realização do rotacismo na fala dos mais escolarizados, pois os dados mostraram um número menor de ocorrências da variante nesse estrato.

Palavras-chave: Variação; Fala; Dialectologia.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar la descripción del rotacismo y del retroflejo en el habla de los cascavelenses, con base en los fundamentos teórico-metodológicos de la variación y de la diversidad lingüística. El municipio de Cascavel, situado en la región oeste de Paraná, puede describirse según los rasgos ampliamente heterogéneos de los grupos que colonizaron el pueblo. Este pluralismo lingüístico orientó la pregunta que conduce la investigación: ¿qué variables sociales y lingüísticas favorecen o inhiben los fenómenos de rotacismo y de retroflejo en el habla de los cascavelenses? Para dar respuesta, se parte de Labov (1972); Tarallo (2001), Aguilera (1994) y Cardoso (2010). El *corpus* de este trabajo está compuesto por las respuestas a las encuestas fonético-fonológicas del *Estudio geossociolingüístico del habla del Oeste de Paraná* (BUSSE, 2010). A partir de los análisis, se percibieron marcas de estigma y de prestigio lingüístico con relación a las variantes. Se constató también que los hablantes más viejos preservan en su habla marcas lingüísticas de los grupos de origen, mientras que los más jóvenes tienden a cuidar más su habla durante las entrevistas, lo que indica que las variantes son una pauta de evaluación en la comunidad de habla. Además de eso, se observó que el contacto con la variedad estándar en el ambiente escolar puede motivar la no realización del rotacismo en el habla de los más escolarizados, pues los datos mostraron un número menor de eventos del fenómeno en esa categoría.

Palabras clave: Variación; Habla; Dialectología.



Tathiane Cristino é mestranda em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

E-mail: tathianecristino@gmail.com

Sanimar Busse é professora doutora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

E-mail: sani_mar@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Considerando que a língua sofre mudanças a todo o momento, torna-se necessário observar as relações entre a estrutura e as condições sociais e culturais de realização da língua falada. A heterogeneidade linguística é resultado da experiência social dos falantes, sendo a variação uma transmissão sociocultural, pois está intrinsecamente ligada à experiência cultural dos indivíduos. Tais compartilhamentos sucedem em atos de heterogeneidade linguística, e compreendê-los, sobre essa perspectiva, significa entender os meios pelos quais as variáveis são movidas e compartilhadas.

Neste texto apresentamos os resultados da análise dos fenômenos do rotacismo (substituição da consoante lateral alveolar [l] pela vibrante simples ou tepe [r] e do retroflexo [ɾ] em Cascavel/PR, a partir dos dados coletados para o *Estudo geosociolinguístico da fala do oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

As investigações que se debruçam sobre os fenômenos de variação e diversidade linguística partem dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional. Ambas as ciências auxiliam na descrição da língua e no conhecimento da identidade linguística-cultural

de comunidades de fala. Outrossim, as pesquisas no âmbito da diversidade linguística colaboram para o reconhecimento de áreas e de zonas de conservação e inovação que são marcadas pelo pluralismo linguístico, como o Oeste do Paraná.

Como descrito por Silva-Corvalán (1989), a Sociolinguística é uma disciplina independente, com sua própria metodologia, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e no Canadá a partir dos anos sessenta. Esse campo investiga a relação entre os fenômenos linguísticos e os contextos de uso da língua, além de trabalhar com a descrição de registros orais de indivíduos inseridos em uma comunidade de fala, os quais compartilham com os demais integrantes dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Desse modo, a área supracitada trabalha com a língua falada na sua manifestação mais espontânea.

A Dialetoлогия pesquisa a situação da língua, sobretudo sua variação, estudando-a “conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Portanto, o método da Dialetoлогия é a geografia linguística, que, conforme postula Coseriu (1950, p. 29),

[...] Designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestro siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónica, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o los hablares estudiados¹.

¹ “[...] Designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter desenvolvimento extraordinário em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas de um

número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais e gramaticais) comprovadas mediante entrevista direta e unitária em uma rede de pontos de um determinado território ou, pelo menos, leva em



A Dialetoлогия monodimensional contempla somente o espaço geográfico; contudo, o trabalho dialetológico associado à Sociolinguística possibilita o percurso da pesquisa monodimensional para o campo bidimensional da variação linguística, resultando na função da Dialetoлогия Pluridimensional, pois ela abrange, além da dimensão diatópica, a diastrática, a diassexual² e a diageracional³.

Além de compreender, em termos conceituais, o que é dialeto, para este trabalho é necessário conceituar a isoglossa. O termo dialeto é utilizado para referir-se à característica linguística própria de uma região ou território, a qual compõe-se de um feixe de isoglossas que são, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 12-13), “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”. Têm-se, como exemplo, a pronúncia de uma vogal ou o significado de um vocábulo, como em *bergamota*, *mexerica*, *tangerina* para nomear a mesma fruta cítrica, respectivamente no Rio Grande do Sul, Nordeste em geral e Rio de Janeiro (CRISTÓFARO-SILVA, 2003). Destarte, os dialetos caracterizam-se como uma gama de isoglossas que apresentam uma homogeneização relativa numa comunidade linguística em confronto a outras comunidades.

1 O OESTE DO PARANÁ E CASCAVEL: ALGUNS REGISTROS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Na história de habitação e colonização do Oeste paranaense encontram-se falantes de distintos dialetos, brasileiros e estrangeiros. A criação de suínos e o cultivo de cereais possibilitou, inicialmente, o desenvolvimento econômico da região para, mais tarde, atrair trabalhadores e imigrantes de distintas

consideração a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou os falares estudados” (COSERIU, 1950, p. 29, TRADUÇÃO NOSSA).

localidades do país. Segundo Busse (2010, p. 23),

Alguns trabalhos geolinguísticos realizados sobre a fala do Paraná e da região Sul do Brasil têm registrado, na região Oeste do Paraná, áreas em que se mantêm os traços da fala dos estados de origem dos primeiros moradores (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e zonas de transição linguística, em que se constata a adoção de formas inovadoras da fala de grupos de outras regiões do Paraná e do Brasil.

À procura de novas terras e com o intuito de ali transmitir sua cultura e modo de viver, grupos migraram e reemigraram Brasil afora plantando em cada canto traços muito particulares, principalmente na língua. E, como resultado, tem-se um ambiente linguístico marcado por aspectos de mudança, conservação e traços linguísticos.

O município de Cascavel/PR, com uma área total de 2.091,401 km², está localizado a 800 metros acima do nível do mar e a 491,00 quilômetros de Curitiba. Faz divisa com os municípios de Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvas, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida, Santa Lúcia e Lindoeste. Conforme dados do Censo IBGE-2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população de Cascavel é de 286.205 habitantes.

Segundo a historiografia local, a atuação no setor industrial da madeireira foi de extrema importância na transformação e no progresso da economia do município. Ademais, o setor colaborou para o início do povoamento da região, pois ocupava-se, em grande quantidade, de negócios em comparação aos outros âmbitos da indústria: “o ciclo da madeira, entre os anos 30 e 40, atraiu grande número de

² Termo da dialetologia utilizado para se referir à variável extralinguística sexo masculino e sexo feminino.

³ Termo da dialetologia utilizado para se referir às faixas etárias, ou também, às diferentes gerações dos falantes.



famílias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, em especial, colonos poloneses, alemães e italianos que, juntos, formaram a base populacional da cidade” (CASCAVEL, 2012, s.p). Considerando, portanto, a formação do Oeste Paranaense e da cidade de Cascavel, é possível verificar um polimorfismo linguístico, o qual se reflete em um encontro de diferentes culturas convivendo com fatores linguísticos e resultando na troca de elementos da língua, fatos que proporcionam pesquisas que enriquecem os estudos do Português falado no estado do Paraná.

2 ROTACISMO E RETROFLEXO

Esta pesquisa compreende a descrição da realização da vibrante alveolar simples ou tepe [r], da lateral alveolar [l] e da retroflexa alveolar [ɾ] em encontros consonantais e coda silábica na fala de Cascavel/PR. Os dados foram coletados durante a produção da tese intitulada *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

Na literatura linguística, denomina-se rotacismo a substituição da lateral líquida dental [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (CRISTÓFARO-SILVA, 2011) - como, por exemplo, ao dizer “blusa” em vez de “brusa” - e, na região Oeste do Paraná, além do tepe, também, pelo retroflexo [ɾ], em [ˈpɔɾtɐ]. A variante retroflexa [ɾ] ocorre com a curvatura da ponta da língua em direção aos alvéolos e, concomitantemente, o levantamento da parte posterior em direção ao palato mole (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Conhecido como “erre caipira”, o retroflexo pode ser descrito como variante regional que se alterna na fala local com o tepe.

No que concerne ao fonema [r], sabe-se que este é realizado de diferentes formas no português brasileiro, ou seja, ele possui mais de

um som existente. Essa diversidade se denomina *róticos*, grupo do qual o retroflexo é constituinte.

O retroflexo é produzido pelo levantamento e encurvamento da língua em direção ao palato duro. Segundo Lima (2013), retroflexão refere-se como “aquela em que a língua se curva para trás tocando o palato” (LIMA, 2013, p. 44). Dentre as teorias para o fenômeno do retroflexo, entre os falantes do português brasileiro, salientamos as observações de Amaral:

Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este ‘r caipira’ assemelha-se bastante ao ‘r’ inglês *post-vocálico*. É, muito provavelmente, o mesmo ‘r’ brando dos autóctones. Estes não possuíam o ‘rr’ forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema (AMARAL, 1976, p. 47, grifos do autor).

Sobre o posicionamento, a ocorrência do grupo de róticos é identificada nos seguintes contextos linguísticos: i) início de palavras (C⁴V⁵): rato, roupa, riacho; ii) em codas silábicas a) medial (CVC): carnaval, portão, marcenaria; b) final (CVC): mar, flor, amor; iii) em posição intervocálica (VCV): aranha, iriam, origem; iv) em grupos consonantais (CCV): globo, clara, flores. O erre retroflexo pode ocorrer em coda medial e final.

O rotacismo encontra-se no campo de fenômenos com mais registros no português brasileiro. Amaral (1976) retrata a troca da consoante lateral pela consoante vibrante alveolar como “um dos vícios de pronúncia mais radicados

⁴ C refere-se às consoantes.

⁵ V refere-se às vogais.



no falar dos paulistas, sendo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1976, p. 52).

Bagno (2005) define o rotacismo como marcas que se afastam das regras gramaticais da escola e dos dicionários. O pesquisador procura desmistificar a concepção de que “pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2005, p. 43). Desse modo, o que é, então, classificado como suposto erro revela, de fato, uma continuidade de uma tendência antiga na nossa língua, pois, de acordo com Teyssier (2004), a troca de [l] por [r] refere-se a uma tendência natural manifestada na evolução das línguas românicas, cuja raiz é o latim vulgar, em que, em diversos casos, o [l] converteu-se em [r] na língua portuguesa, como a alteração de “obligare” para “obrigar”. Até mesmo na literatura de Camões, em sua prestigiada obra *Os Lusíadas*, existem registros do fenômeno em seus versos: “fruta, frecha, pranta, pruma” (COX, 2008, p. 2).

O fenômeno do rotacismo realiza-se em três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar*, e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*. Conforme supracitado, a rotacização caracteriza-se pela alternância entre a consoante líquida lateral alveolar [l], a consoante vibrante simples ou tepe [r].

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

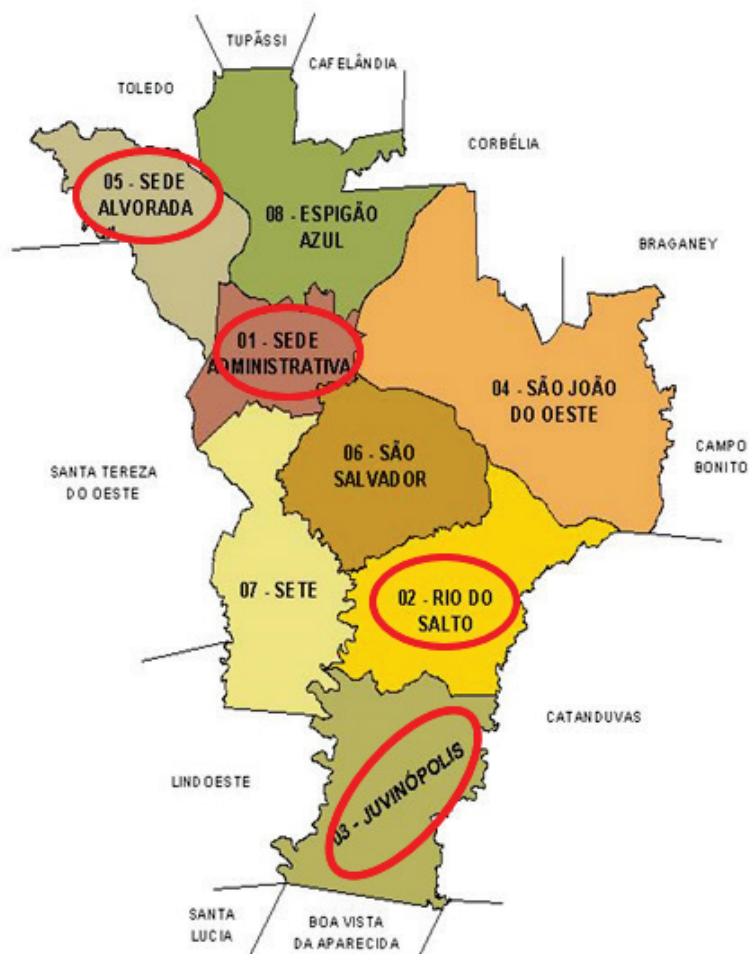
O estudo ocorreu em quatro pontos de Cascavel: a) Sede Alvorada, que abrigou os grupos oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (descendentes de alemães e italianos); b) Juvinoópolis, que recebeu paulistas e grupos das regiões centrais do Paraná, além de gaúchos; c) Rio do Salto, onde foram deixados traços, principalmente pelos gaúchos; e d) região central do município, com traços que podem separar sua realidade das localidades supracitadas, principalmente a partir das atividades econômicas.

Cascavel, apesar do movimento de passagem para Foz do Iguaçu, no final do século XIX, com a formação da Colônia Militar, foi fundada na década de 1960, na onda de colonização sulista. Porém, quando se tornou polo nas atividades econômicas produtivas e comerciais, com o desenvolvimento dos segmentos da educação, especialmente do Ensino Superior, observou-se uma mudança no perfil sociolinguístico da população, que migrou posteriormente para a cidade.

Diante do exposto, objetivamos observar o falar urbano e rural. Na próxima página, apresentamos a rede de pontos da pesquisa:



Figura 1 – Rede de pontos de Cascavel



Fonte: Mapa de Cascavel (2009, s.p.)

As variáveis sociais eleitas para a seleção dos informantes objetivaram identificar os processos de mudança em curso, considerando os grupos que colonizaram as localidades

(sulistas descendentes de alemães e italianos) e de falantes que migraram para a região a partir das décadas de 1970 e 1980, descendentes do norte do Paraná e da região sudeste do país.

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros diatópicos e socioculturais

| DIMENSÕES | | PARÂMETROS |
|---------------|---------------|--|
| SOCIOCULTURAL | Diastrática | EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto) |
| | | EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto) |
| | Diageracional | G I (18 a 35 anos) |
| | | G II (45 a 65 anos) |
| | Diassexual | Masculino |
| | | Feminino |

Fonte: Busse (2010, p. 118)



A variável diastrática, que diz respeito à escolaridade, é adicionada aos estudos linguísticos. Sua inclusão nas pesquisas justifica-se pela indispensabilidade de se compreender as significativas diversidades acerca dos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não escolarizada. Acredita-se que, quanto maior for o contato com a variante padrão, maiores serão as chances de a comunidade recusar formas inovadoras.

Ao estudar a variável diageracional, que se refere à faixa etária, faz-se importante delimitar o que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode indicar mudança em uma comunidade de fala no que se refere ao tempo ou mudança na fala do informante em relação ao seu tempo de vida. Em pesquisas que abrangem a dimensão diageracional, faz-se necessário atentar-se a outros fatores sociais, pois o estudo conjunto pode revelar algumas situações:

- a) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda;
- b) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável;
- c) A fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável;
- d) A fala do indivíduo muda e a comunidade também muda (COELHO et al, 2015, p. 81).

A associação da variável diageracional aos demais fatores linguísticos propicia dados indispensáveis ao entendimento das estabilidades e das mudanças em comunidades de fala.

No decorrer das pesquisas linguísticas, a dimensão diasssexual, referente à variável sexo, foi essencial para a compreensão dos fenômenos da linguagem. A partir dela é possível identificar os prováveis contrastes entre a fala dos homens e das mulheres. Além disso, como apontam os trabalhos sobre a dimensão diasssexual, as mulheres adequam

sua fala a ocorrências em que as inovações não sofrem preconceitos. Para Coulthard (1991), essas diferenças surgem em todos os níveis, como: entonação, gramática, sotaque e vocabulário. De acordo com Busse (2010, p. 112), “as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais”.

Os dados foram coletados de respostas ao questionário fonético-fonológico realizado por Busse (2010), constituído de 84 perguntas e aplicado a 08 informantes da cidade de Cascavel. Para a análise das variantes, selecionamos as questões em que os fenômenos do rotacismo e do retroflexo poderiam estar presentes.

4 ROTACISMO E RETROFLEXO: O QUE DIZEM OS DADOS

Apresentamos, aqui, a descrição e a análise dos dados no que se refere ao registro dos fenômenos na dimensão sociocultural.

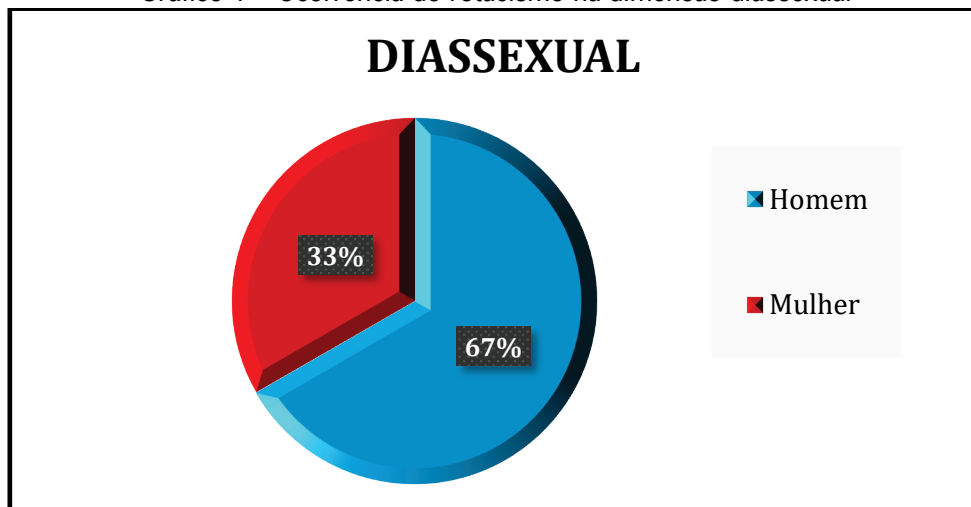
A análise revelou que o rotacismo é nulo em coda silábica final. Fato que é justificado pela transformação da consoante lateral [l] na semivogal [w], fenômeno classificado como vocalização. A variante estudada fez-se presente em 3 palavras: “pórvora”, “armoço” e “pranta”.

No decorrer da análise, verificamos que falantes de ambos os sexos, masculino e feminino, apresentaram em sua fala o rotacismo. No entanto, há diferenças significativas entre esses dois grupos.

Na sequência, no Gráfico 1, apresentamos o registro das ocorrências do fenômeno na dimensão diasssexual, entre os informantes que registraram o rotacismo.



Gráfico 1 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diassexual



Fonte: Elaborado pelas autoras

Para a Sociolinguística, a dimensão diassexual age no campo da variação e da mudança linguística, pois orienta acerca das formas de prestígio de uma determinada comunidade de fala. Labov (1972, p. 346) constatou que “mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”. Nesta pesquisa, a porcentagem menor de realização do rotacismo registrada pelas mulheres pode estar

relacionada ao prestígio e ao estigma linguísticos.

A variável faixa etária também se destaca para o estudo do rotacismo no falar cascavelense. Entre os informantes que realizaram o rótico, não foram identificadas ocorrências na fala da geração I, até 35 anos de idade. A variante [r] fez-se presente somente na fala da geração II, com até 65 anos de idade:

Gráfico 2 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diageracional



Fonte: Elaborado pelas autoras

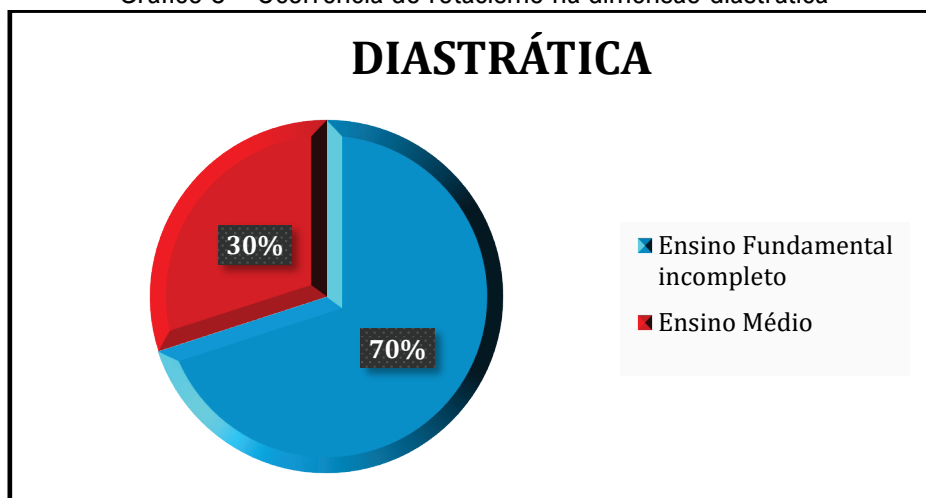


Podem-se inferir duas justificativas para este caso: falantes mais jovens tendem a se policiar mais nas entrevistas e, em se tratando de um fenômeno que sofre avaliações, é possível que acionem a consciência linguística e monitorem o fenômeno. Outra justificativa se dá pelo fato de que os informantes mais velhos, principalmente em comunidades rurais, acessam graus de avaliação e monitoramento

condicionados pelo prestígio linguístico dos moradores da comunidade, às vezes, mais homogênea.

A variável distrática registrou ocorrências distintas. A variante retroflexa [ɾ] foi encontrada, entre os informantes que registraram o rotacismo, em falantes com Ensino Fundamental incompleto:

Gráfico 3 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diastrática



Fonte: Elaborado pelas autoras

Busse (2012) destaca que, muito provavelmente, o acesso à escrita e a progressão em níveis de escolaridade possam influenciar no comportamento que os falantes apresentam com relação a um e outro fenômeno. Não há, por exemplo, pistas para que se tenha uma noção de certo e errado sobre o retroflexo, mas, sobre o rotacismo, a escrita da palavra com o grafema L pode balizar graus de consciência sobre a forma de prestígio (BUSSE, 2016). Vejamos, no quadro que segue, um exemplo com a palavra “claro”:

Quadro 4 – Representações e atitudes sobre o Rotacismo

| | | |
|---------|---|--|
| CLARO | → | Grafia da palavra. |
| ESCOLA | → | A escola ensina escrita ortográfica padrão. |
| FALANTE | → | Ao falar, ocorre a troca da consoante L pela consoante R = CRARO . Ocorre a estigmatização por parte do ouvinte, que acredita que o OUVINTE falante pronuncia a palavra de modo “errado” |
| OUVINTE | → | por falta de conhecimento e instrução, pois não é desse modo que a palavra é escrita. |

Fonte: Elaborado pelas autoras



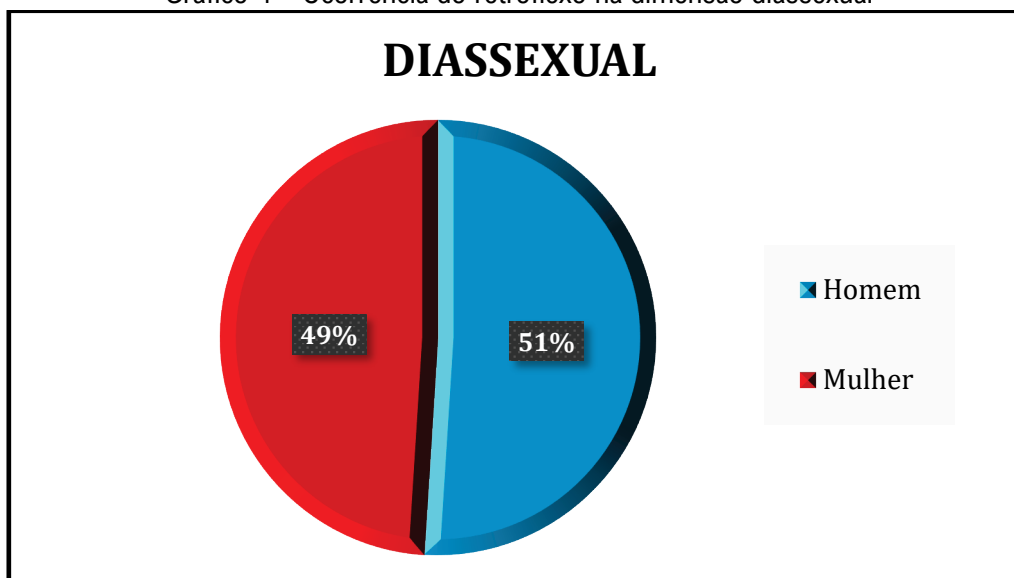
A escolaridade pode ser observada como variável favorável para a realização de uma ou outra variante. Ela se destaca, principalmente, em estudos que discorrem sobre o rotacismo, pois a escola manifesta o prestígio pelas formas consideradas padrão e, desse modo, é possível identificar a influência do ambiente escolar sobre a variante.

Na análise percebemos que, diferentemente do rotacismo, no qual constatou-se sua nulidade total em coda silábica final, a variante retroflexa esteve presente em palavras como: “colher”, “montar” e “mulher”.

As ocorrências da variante retroflexa, entre os informantes que registraram o fenômeno, ocorrem em 17 palavras, são elas: “torneira”, “pórvora/pórva”, “armoço”, “gordura”, “colher”, “liquidificador”, “fervendo”, “árvore”, “montar”, “borboleta”, “trabalhar”, “perdão”, “mulher”, “perfume”, “dormindo”, “perdida” e “pergunta”.

Os dados sobre o retroflexo apontam para a disseminação do fenômeno tanto na fala masculina como na feminina. A retroflexa mostrou-se, discretamente, mais produtiva na fala de informantes masculinos, como é possível observar no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diassexual



Fonte: Elaborado pelas autoras

Segundo López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998), informantes femininos apresentam maior grau de consciência linguística e, portanto, podem apresentar um comportamento linguístico que vai ao encontro das variáveis vistas como “melhores” dentro de uma determinada comunidade de fala. O fato de, nesta pesquisa, o sexo feminino ter apresentado um número de ocorrências do retroflexo quase equivalente ao do sexo masculino nos conduz a pensar que o

fenômeno não sofre avaliações negativas nas comunidades estudadas, ou seja, não é estigmatizada.

Na dimensão diageracional, o retroflexo fez-se presente na fala dos dois grupos. Os jovens tiveram, contudo, um percentual mais alto de ocorrências. Em seguida, no Gráfico 05, é possível verificar a porcentagem de cada grupo:



Gráfico 5 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diageracional



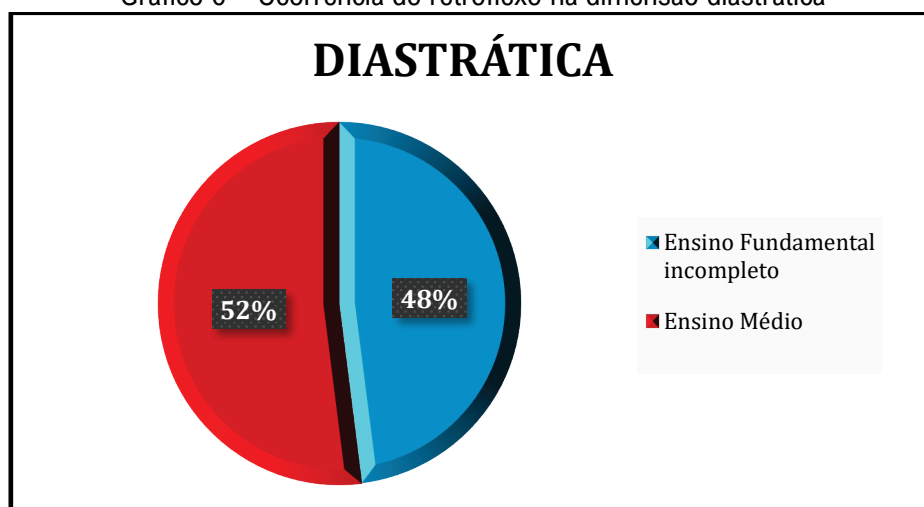
Fonte: Elaborado pelas autoras

Muito provavelmente, a diferença nos registros do retroflexo entre as faixas etárias represente seu *status* e origem. Ele está em contraposição ao tepe, variante presente entre os grupos sulistas que colonizaram Cascavel, aos quais pertence a maioria dos informantes da faixa etária mais velha. Destaca-se, contudo, que a sua realização não se mantém somente no interior da variável faixa etária, pois pode ser tomado como uma mudança em progresso, que não sofre estigmatização na comunidade, mas

se coloca como um indicador diatópico, em que se pode reconhecer a procedência geográfica do falante.

A dimensão diastrática revelou que o fenômeno ocorre nos dois grupos: indivíduos que cursaram até o Ensino Fundamental ou até o Ensino Médio. O maior número de ocorrências foi registrado em falantes com Ensino Médio:

Gráfico 6 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diastrática



Fonte: Elaborado pelas autoras



O nível de escolaridade também é associado a noções de estigma e prestígio. Imagina-se que falantes que têm maior grau de escolarização tendem a evitar mais as formas não prestigiadas. As ocorrências da variante retroflexa ocorreram, em grande escala, nos dois grupos, fato que nos mostra, mais uma vez, que a cidade de Cascavel não desprestigia o fenômeno em questão e que o retroflexo pode estar entre as variantes a serem adotadas nos processos de mudança linguística.

CONCLUSÃO

No presente trabalho foi possível analisar os fenômenos do rotacismo e do retroflexo na fala de informantes cascavelenses a partir dos conceitos da Dialetoлогия Pluridimensional e das variáveis sociais eleitas.

Os dados nos permitem reconhecer que as duas variantes fazem parte da realidade linguística do município, cada qual, porém, com números de ocorrências distintos devido ao grau de estigma e prestígio linguístico dos indivíduos para com as variantes estudadas.

A partir das dimensões diastrática, diageracional e diassexual conseguimos entender que contextos linguísticos podem estar atuando como condicionadores dos fenômenos e quais podem estar bloqueando, por extensão, o rotacismo.

Os dados analisados a partir da escolaridade dos informantes apontam para o condicionamento do ambiente escolar sobre a não rotacização, pois esta é uma variante estigmatizada em alguns contextos e por alguns grupos. Observamos, contudo, que este não é um fato que se aplica à variante retroflexa, devido ao equilíbrio dos registros das ocorrências apresentadas em grupo de falantes com Ensino Fundamental completo ou incompleto e com Ensino Médio completo ou incompleto.

A dimensão diageracional também foi importante para que conseguíssemos visualizar

o cenário linguístico da fala cascavelense. Constatamos que os falantes mais velhos tendem a manter os traços linguísticos de origem, no caso do tepe, em relação ao retroflexo, e da lateral velarizada, em relação ao rótico.

Ao analisarmos os dados, considerando a dimensão diassexual, observamos que há comportamentos linguísticos distintos entre os sexos, determinado, muito provavelmente, pela avaliação sobre os fenômenos na comunidade. As mulheres tendem a adaptar sua fala aos fenômenos que não sofrem estigma. Desse modo, percebemos o motivo de o rotacismo aparecer em menor índice na fala feminina e o retroflexo aparecer em um número quase que equivalente ao da fala dos homens.

Os dados apresentados neste estudo nos levaram a observar que as variantes são vistas de modo diferente pelos cascavelenses: o rotacismo, por exemplo, sofre alguma carga de estigma, principalmente quando estudamos as ocorrências observando as variáveis sexo e escolaridade. O retroflexo, por sua vez, mostra-se como um indicador diatópico da região dos informantes e tem, até mesmo, grau de prestígio encoberto.

Apesar das diferenças entre um fenômeno e outro, o cenário multicultural e dialetal na construção da fala de Cascavel possibilita que ambos os fenômenos convivam, atestando o fato de que a variação linguística faz parte da localidade. Sabe-se, contudo, que o quadro apresentado neste trabalho acerca do retroflexo e do rotacismo pode mudar, mesmo sendo registrado aqui um momento histórico, pois a língua é viva e, portanto, condiciona e é condicionada pela sociedade, fato que proporciona o surgimento de novas pesquisas que possam auxiliar para um retrato da fala.



REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. **Atlas linguístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BUSSE, S. Línguas e culturas em contato no Oeste paranaense: o que revelam as crenças e as atitudes dos falantes. In: SELLA, A. F.; ROMAN, E. C.; CORBARI, A. T. (org.). **X Celsul: congregando pesquisas**. 1. ed. v. 1. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 121-146.
- BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. 2010. 286 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BUSSE, S. Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. In: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. 1. ed. Londrina: Midiograf, 2012. p. 161-180.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASCAVEL. A Cidade. In: PORTAL do município de Cascavel. **Cascavel: Portal do Município de Cascavel**, 2012. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Montevideo: Universidad de la República, 1950.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- COX, M. I. P. Línguas misturadas: para além de bem e mal. **Revista Linguagem**, São Paulo, v. 1, n. 4, n.p., out./dez. 2008. Disponível em:
- CRISTÓFARO-SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, C; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1994.
- http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_020.php. Acesso em: 10 abr. 2017.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1972.
- LIMA, M. **As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MAPA de Cascavel. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cascavel_mapmuni.JPG. Acesso em: 8 jul. 2019.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.



TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.**
São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

CRISTINO, T.; BUSSE, S. O falar caipira não é um problema – um estudo do rotacismo e do retroflexo no falar cascavelense. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 33-46, 2019.



O ALÇAMENTO VOCÁLICO NO *CORPUS* DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: CEARÁ

Rosana Franquetto Pitta

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

A variação entre vogais médias abertas e fechadas é um dos fatos vistos como importantes para a delimitação de áreas dialetais no português do Brasil, desde a proposta de divisão dialetal apresentada por Nascentes (1953 [1922]). Além da realização aberta e fechada, há, ainda, uma terceira possibilidade: o alçamento vocálico. Este fenômeno, visto como supradialetal, consiste na emissão da vogal média pretônica [e, o] como alta, [i, u], em casos como *prísilha/presilha* e *durmindu/dormindu*, respectivamente. Dito isto, o presente trabalho visou fazer um levantamento e análise dos casos de alçamento vocálico no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A metodologia seguiu a do Projeto ALiB, baseada na Geolinguística Pluridimensional, selecionando informantes de sexos e faixas etárias diferentes, visando a uma análise diastrática e diassexual, além da análise diatópica. Foram selecionados dados de 40 inquéritos, quatro de cada uma das dez localidades pertencentes ao Estado do Ceará, e analisadas quatro variáveis: duas sociais (sexo e idade), uma diatópica (localidade) e uma variável linguística (natureza da vogal tônica). Os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb (2001) e os resultados mostrados em pesos relativos. A variável que se mostrou mais significativa para a ocorrência do fenômeno na presente amostra foi a natureza da vogal tônica, confirmando dados de pesquisas anteriores que revelam que uma vogal alta na sílaba tônica favorece o alçamento da vogal média pretônica por uma questão de assimilação, como em *míxirica/mexerica* e *musquito/mosquito*.

Palavras-chave: Alçamento vocálico; Vogais médias pretônicas; Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT

The variation between open and closed mean vowels is one of the facts seen as important for the delimitation of dialectal areas in Brazilian Portuguese, since Nascentes' proposal of dialectal division (1953 [1922]). In addition to open and closed realization, there is also a third possibility: Vowel Elevation. This phenomenon, seen as supradialetal, consists in the emission of the pretonic middle vowel [e, o] as high, [i, u], in cases such as *prísilha/presilha* and *durmindu/dormindu*, respectively. That said, the present work aimed to make a survey and analysis of the Vowel Elevation cases in the *corpus* of the Atlas Linguístico do Brasil Project (ALiB). The methodology followed the Project ALiB, based on Pluridimensional Geolinguistics, selecting informants of different sexes and age groups, aiming a diastratic and diassexual analysis, besides the diatopic analysis. Data from 40 surveys were selected, four from each of the 10 localities of the state of Ceará, and four variables were analyzed: two social (sex and age), one diatopic (locality) and one linguistic variable (nature of the tonic vowel). Data were submitted to the GoldVarb (2001) statistical analysis program and the results shown in relative weights. The most significant variable for the occurrence of the phenomenon in the present sample was the nature of the tonic vowel, confirming data from previous research revealing that a high vowel in the tonic syllable promotes the pretonic middle vowel elevation,



for the sake of assimilation, as in *míxirica/mexerica* and *musquito/mosquito*.

Keywords: Vowel Elevation; Pretonic Medium Vowels; Atlas Linguístico do Brasil Project.

Rosana Franquetto Pitta é mestranda em Língua e Cultura (UFBA).

E-mail: rosanafpitta@gmail.com

INTRODUÇÃO

O sistema vocálico brasileiro, entre eles o subsistema pretônico, é alvo de diversos estudos devido à grande quantidade de fenômenos variáveis aos quais nossas vogais estão expostas: alçamento, abaixamento/abertura, fechamento, harmonia vocálica etc. Segundo Magalhães (2019), enquanto o subsistema vocálico pretônico, por sua complexidade e variação, continua foco de investigações diversas, parece não haver maiores dúvidas quanto à consolidação de um conjunto bem definido de sete vogais na posição tônica. Nessa posição, muito raramente essas vogais apresentam variação, exceto em casos como [e]xtra e [ɛ]xtra ou casos de plural como [o]vo, [ɔ]vos. Já na posição pretônica, essas vogais passam de sete segmentos para apenas cinco, com a “perda” do traço de diferenciação entre as vogais médias abertas e fechadas. Embora em algumas regiões do país, como é o caso do Nordeste, seja característica a fala com vogal pretônica aberta, consideram-se como formas de base as vogais médias altas (fechadas), mais difundidas e prestigiadas.

A variação entre vogais médias abertas e fechadas é um dos fatos vistos como importantes para a delimitação de áreas dialetais no português do Brasil, desde a proposta de divisão dialetal apresentada por Nascentes (1953 [1922]), na qual ele dividiu o país em duas grandes áreas: os falares do Norte e os falares do Sul. Nos falares do Norte estão inseridos os subfalares nordestino e amazônico,

e nos falares do Sul, os subfalares fluminense, sulista, mineiro e baiano (intermediário entre os dois grupos).

Além do timbre aberto ou fechado, há, ainda, uma terceira possibilidade de realização das vogais médias: o alçamento vocálico. O processo de alçamento, no qual a vogal tônica é uma vogal alta (i, u), tornando alta a vogal média (e, o), é explicado por Silva (2008) por uma regra supradialetal, variável, a Regra Variável de Elevação (RVE), responsável por alternâncias no português do Brasil. Essa tendência de harmonização já foi constatada por outros pesquisadores, como Bisol (1981) no falar gaúcho, e não se apresenta como um traço diferenciador entre a pronúncia do Norte e a pronúncia do Sul, mas sim como um ponto de convergência nesse ambiente de variação dialetal (cf. HORA, 1998). O alçamento, em grande parte dos casos, é, então, favorecido pela presença de vogal alta na sílaba tônica, num processo de harmonização vocálica, como, por exemplo, em *prisilha/présilha* e *assubio/assóbio*.

Entendendo a importância de aprofundar o conhecimento acerca da diversidade linguística do país, o objetivo deste estudo é fazer um levantamento dos casos de alçamento das vogais médias pretônicas no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em casos como *pratileira/prateleira* e *durmindo/dormindo*, em dez localidades do estado do Ceará, na região Nordeste: Camocim, Sobral, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá e Iguatu.

1 METODOLOGIA

A metodologia do estudo seguiu a do Projeto ALiB, que se baseia na Geolinguística Pluridimensional contemporânea, selecionando assim informantes distribuídos pelos dois sexos, por duas faixas etárias e, nas capitais, por dois graus de escolaridade – fundamental e universitário, o que possibilita a análise das



variações diassexuais, diageracionais e diastráticas, ao lado da diatópica. As localidades do interior do Estado são representadas pela fala de quatro informantes: dois homens e duas mulheres, um representante de cada sexo para cada faixa etária e de nível de escolaridade fundamental. Para o presente estudo foram selecionados dados de dez localidades do Ceará – Camocim, Sobral, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá e Iguatu, estas que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. No total foram analisados 40 inquéritos.

Inicialmente foi realizada a audição dos inquéritos e a transcrição fonética e grafemática das respostas dadas aos questionários fonético-fonológico (QFF) – 159 questões - e semântico-lexical (QSL) – 202 questões - do Projeto ALiB (Cf. COMITÊ NACIONAL, 2001). Após essa primeira parte, foram selecionadas as palavras em que houve a ocorrência do alçamento das vogais médias pretônicas como, por exemplo, *tisoura/tesoura* e *buteco/boteco*, e analisadas as motivações para a ocorrência do alçamento, considerando as variáveis extralinguísticas sociais, como sexo e idade dos informantes, a variável diatópica (localidade) e a variável linguística natureza da vogal tônica. Para fins desse estudo não foram considerados os hiatos, ditongos, advérbios em *-mente* e diminutivos, assim como as sílabas formadas apenas por vogais e as vogais em posição inicial absoluta, como em *iscola/escola*.

O tratamento quantitativo dos dados foi feito através da submissão das ocorrências ao programa de análise estatística GoldVarb (2001) e os resultados demonstrados por meio da construção de gráficos, verificando os pesos relativos de ocorrência das variantes e relacionando-os à faixa etária, sexo, escolaridade e localidade dos informantes.

2 RESULTADOS

Ao todo foram analisadas 3.279 ocorrências de vogais pretônicas. Para tornar mais clara a exposição, a análise será iniciada com o levantamento geral da distribuição das variantes no estado do Ceará, primeiramente as anteriores e, depois, as posteriores.

2.1 VOGAIS ANTERIORES

Ao todo foram analisadas 1.938 ocorrências das vogais pretônicas anteriores [e, ε], ocorrendo o alçamento vocálico em 319 casos. A tabela abaixo demonstra a distribuição geral das vogais anteriores nas localidades analisadas.

Tabela 1 – Distribuição geral das vogais pretônicas anteriores

| Vogal | Nº de ocorrências | % |
|-------|-------------------|------|
| [e] | 642 | 33% |
| [ε] | 977 | 50% |
| [i] | 319 | 17% |
| Total | 1.938 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora

O maior número de ocorrências é de vogal média anterior aberta (50% dos casos), resultado esperado visto que se trata de um estado situado em uma área de predominância de vogais abertas, anteriores e posteriores. Por razões metodológicas, optou-se por reunir as vogais médias abertas e fechadas em uma única variante para rodar os dados no GoldVarb, confrontando-as com as vogais submetidas ao processo de alçamento. Após essa junção, a distribuição ficou da seguinte forma:



Tabela 2 – Distribuição das vogais pretônicas anteriores [e, i]

| Vogal | Nº de ocorrências | % |
|--------|-------------------|-------|
| [e, ε] | 1.619 | 83,5% |
| [i] | 319 | 16,5% |
| Total | 1.938 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora

Os dados foram rodados no programa de análise estatística e os resultados são apresentados também em pesos relativos, conforme será demonstrado posteriormente, segundo as variáveis que se mostraram significativas para a análise.

2.2 VOGAIS POSTERIORES

Ao todo foram analisadas 1.341 ocorrências de vogais pretônicas posteriores [o, ɔ] ocorrendo o alçamento vocálico em 287 casos. A tabela abaixo demonstra a distribuição geral das vogais posteriores nas localidades analisadas.

Tabela 3 – Distribuição geral das vogais pretônicas posteriores

| Vogal | Nº de ocorrências | % |
|-------|-------------------|------|
| [o] | 502 | 38% |
| [ɔ] | 552 | 41% |
| [u] | 287 | 21% |
| Total | 1341 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora

As vogais médias posteriores abertas foram as que ocorreram em maior número (41% dos casos), seguindo o mesmo padrão das vogais anteriores. Por razões

metodológicas, optou-se aqui também por reunir as vogais médias abertas e fechadas em uma única variante para rodar os dados no GoldVarb, confrontando-as com o processo de alçamento. Após essa junção, a distribuição ficou da seguinte forma:

Tabela 4 – Distribuição das vogais pretônicas posteriores [o, u]

| Vogal | Nº de ocorrências | % |
|--------|-------------------|------|
| [o, ɔ] | 1.054 | 79% |
| [u] | 287 | 21% |
| Total | 1.341 | 100% |

Fonte: elaborada pela autora

Os dados foram, então, rodados no programa de análise estatística e os resultados são apresentados também em pesos relativos, conforme será demonstrado posteriormente, segundo as variáveis que se mostraram mais significativas para a análise.

3 DISCUSSÃO

3.1 VARIÁVEIS SOCIAIS

3.1.1 VOGAIS ANTERIORES: SEXO E FAIXA ETÁRIA

No que diz respeito aos fatores sociais, o sexo do informante se mostrou pouco significativo na análise do alçamento, assim como a idade, conforme quadros que seguem:



Quadro 1 – Alçamento das vogais anteriores: sexo

| | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso Relativo (P.R.) |
|--------|---------------------|----------------|----------------------------|
| Homem | 135 | 42% | 0,46 |
| Mulher | 184 | 58% | 0,54 |
| Total | 319 | 100% | - |

Significância: 0,019/ Input: 0,062

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 2 – Alçamento das vogais anteriores: faixa etária

| | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso Relativo (P.R.) |
|-----------------|---------------------|----------------|----------------------------|
| Faixa Etária I | 138 | 43% | 0,43 |
| Faixa Etária II | 181 | 57% | 0,57 |
| Total | 319 | 100% | - |

Significância: 0,019/ Input: 0,062

Fonte: elaborado pela autora

Em praticamente todas as localidades estudadas, o registro de maior número de alçamentos ocorreu na faixa etária II (50 a 65 anos), 57% dos casos e P.R. de 0,57, com um total de 181 alçamentos, e foi mais frequente nas mulheres: dos 319 casos totais de alçamento de vogal [e, ε], 184 foram de mulheres (58%), com P.R. de 0,54. No que diz respeito à idade, isso pode ser visto como uma tentativa dos falantes mais jovens de se aproximarem da variante de prestígio, visto que em alguns casos o fenômeno do alçamento pode ser visto de forma pejorativa, sendo alvo de preconceito, como no caso de *cibola/cebola* e *svina/sovina*, formas típicas da fala de pessoas mais velhas.

3.1.2 VOGAIS POSTERIORES: SEXO E FAIXA ETÁRIA

Quadro 3 – Alçamento das vogais posteriores: sexo

| | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso Relativo (P.R.) |
|--------|---------------------|----------------|----------------------------|
| Homem | 132 | 46% | 0,48 |
| Mulher | 155 | 54% | 0,51 |
| Total | 287 | 100% | - |

Significância: 0,302/ Input: 0,195

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 4 – Alçamento das vogais posteriores: faixa etária

| | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso Relativo (P.R.) |
|-----------------|---------------------|----------------|----------------------------|
| Faixa Etária I | 106 | 37% | 0,41 |
| Faixa Etária II | 181 | 63% | 0,57 |
| Total | 287 | 100% | - |

Significância: 0,302/ Input: 0,195

Fonte: elaborado pela autora

No que diz respeito às vogais posteriores, os resultados foram muito semelhantes ao das vogais anteriores: o alçamento foi mais frequente nas mulheres, 54% dos casos, embora com P.R. de 0,51, e nos indivíduos da faixa etária II: 63% dos casos, com P.R. de 0,57. No caso da faixa etária, houve uma diferença um pouco mais significativa, em termos percentuais, entre faixa etária I e II, se comparado ao resultado das vogais anteriores. No entanto, ao analisarmos o P.R., percebemos que não há diferença entre vogais anteriores e posteriores no que diz respeito à faixa etária: os informantes mais velhos, embora com números muito próximos, apresentam mais ocorrências



de alçamento em sua fala que os informantes mais jovens.

Margotti e Brod (2013), em estudo sobre o alçamento na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, reuniram dados de falantes urbanos a partir das respostas ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALiB. Os resultados indicaram que o alçamento da vogal média alta anterior /e/ foi mais recorrente para o grupo de informantes femininos (19,6%) e também se mostrou mais presente para a faixa etária de 50 - 65 anos (21,7%), resultados próximos aos encontrados neste estudo. Mas, diferentemente do observado para o alçamento da vogal anterior /e/, o alçamento da vogal /o/ foi mais presente para o grupo de informantes masculinos (16,2%).

Isso pode indicar que as variáveis sociais sexo e faixa etária têm influência para a ocorrência do fenômeno do alçamento. É necessário, assim, que se amplie o estudo para outras localidades para investigar essa ligação entre variáveis sociais e alçamento.

3.2 DIATOPIA

No que diz respeito à variável diatópica, foram identificados 606 casos de alçamento, sendo a localidade de Canindé a que teve o maior número de ocorrências, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – Distribuição das ocorrências do alçamento vocálico no Ceará

| LOCALIDADE | Nº DE OCORRÊNCIAS | PERCENTUAL |
|-------------------|-------------------|------------|
| Canindé | 87 | 14% |
| Quixeramobim | 80 | 13% |
| Tauá | 74 | 12% |
| Crateús | 71 | 12% |
| Limoeiro do Norte | 62 | 10% |
| Iguatu | 62 | 10% |
| Russas | 52 | 9% |
| Sobral | 52 | 9% |
| Ipu | 43 | 7% |
| Camocim | 23 | 4% |
| TOTAL | 606 | 100% |

Fonte: elaborado pela autora

Destaca-se, no quadro, o caso de Ipu, que, embora tenha apresentado um número significativo de ocorrências, revela um fato curioso: das 43 ocorrências, nenhuma se deu nas falas dos informantes 1 e 2 (faixa etária I), três ocorrências foram emitidas pelo informante

3 (homem da faixa etária II) e 40 ocorrências foram da informante 4 (mulher da faixa etária II), confirmando que a faixa etária, assim como o sexo, tem uma influência para a realização do alçamento, ainda que os pesos relativos não tenham apresentado valores muito altos. De



todas as localidades estudadas, Camocim foi a que apresentou o menor número de ocorrências, com um percentual de 4%.

3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Com relação à variável linguística selecionada para o presente estudo, natureza da

vogal tônica, podemos confirmar os achados de pesquisas anteriores: tanto no caso das vogais anteriores quanto no caso das vogais posteriores, a vogal tônica alta ainda é o principal fator favorecedor para a ocorrência do alçamento, conforme quadros a seguir.

Quadro 6 – Alçamento das vogais anteriores: vogal tônica

| Natureza da vogal tônica | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso relativo (P.R.) |
|--------------------------|---------------------|-------------|-------------------------|
| Nasais [õ ẽ ē] | 7 | 2% | 0,09 |
| Nasal alta posterior [ũ] | 42 | 13% | 0,88 |
| Nasal alta anterior [ĩ] | 32 | 10% | 0,87 |
| Abertas [a ε ɔ] | 28 | 9% | 0,53 |
| Fechadas [e o] | 88 | 28% | 0,66 |
| [i] | 108 | 34% | 0,93 |
| [u] | 14 | 4% | 0,90 |
| Total | 319 | 100% | - |

Significância: 0,019/ Input: 0,062

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 7 – Alçamento das vogais posteriores: vogal tônica

| Natureza da vogal tônica | Aplicação/ Total | Valores (%) | Peso relativo (P.R.) |
|--------------------------|---------------------|----------------|-------------------------|
| Nasais [õ ẽ ē] | 34 | 12% | 0,41 |
| Nasal alta posterior [ũ] | 20 | 7% | 0,62 |
| Abertas [a ε ɔ] | 113 | 39% | 0,59 |
| Fechadas [e o] | 49 | 17% | 0,37 |
| [i] | 59 | 21% | 0,74 |
| [u] | 12 | 4% | 0,31 |
| Total | 287 | 100% | - |

Significância: 0,302/ Input: 0,195

Fonte: elaborado pela autora



Observando o quadro 6, no que diz respeito ao alçamento da vogal anterior, percebemos que a presença da vogal alta anterior [i] é o fator com maior percentual (34%) e P.R. (0,92) para a ocorrência do fenômeno em questão, em casos como pr[i]silha e tang[i]rina. As vogais altas nasais também apresentaram P.R. significativo para o alçamento: a nasal posterior [ũ] apresentou P.R. de 0,88, como em j[i]rimum, e a nasal anterior [ĩ] apresentou P.R. de 0,87, como em r[i]d[i]moinho. A vogal alta posterior oral [u] também apresentou peso relativo significativo (0,90), em casos como s[i]guro, ainda que com valor percentual baixo. Isto pode indicar problemas de caráter metodológico, como, por exemplo, limitações do questionário utilizado que causa o enviesamento de dados. Será preciso um levantamento mais detalhado das ocorrências para entender melhor os resultados encontrados para esta variável.

No que diz respeito ao alçamento da vogal posterior, os resultados foram semelhantes, conforme mostra o quadro 7: a vogal alta anterior [i] foi a que apresentou maior P.R. para o Alçamento, 0,74, em casos como m[u]chila. As vogais altas nasais [ĩ ũ] apresentaram P.R. de 0,62, em ocorrências como d[u]rmindo e c[u]rcunda, respectivamente. Vale ressaltar que, para a rodada das vogais posteriores, optou-se por rodar conjuntamente as vogais nasais altas, em função das ocorrências de palavra com tônica nasal alta posterior serem baixas.

Ou seja, a harmonia vocálica é o fator favorecedor mais importante para o alçamento vocálico, embora alguns segmentos consonantais, com pontos articulatórios próximos à vogal alta, também exerçam influência para a ocorrência do fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas palavras apresentam resultados categóricos para a ocorrência do alçamento na

presente amostra, como é o caso de *pratleira/prateleira*, que todos os informantes realizaram com o alçamento, e *bunito/bonito* e *dísvio/desvio*, ocorrendo em praticamente todos os informantes. Esses casos podem ser explicados por questões intralinguísticas: o caso de *dísvio* pode ser explicado pelo /S/ em coda, já que esse alteamento é quase categórico em nomes como *dísmaio/desmaio* (frequente nos inqueritos), *íscola/escola*, *ístômagô/estômagô* etc.

Araújo (2007), em seu estudo do falar popular de Fortaleza, observou que, além da harmonização vocálica, há outros fatores que exercem influência para o alçamento, como, por exemplo, no vocábulo *mustarda*, onde o contexto vocálico favorecedor por excelência, a vogal alta tônica, não está presente, mas mesmo assim o alçamento é aplicado em virtude da interferência benéfica da consoante labial precedente. Assim, a aplicação do alçamento é mais frequente quando cada uma das regras resulta da ação conjugada de fatores, como por exemplo, no caso de *bunito*, que pode, então, ser explicado por influência da consoante bilabial antecedente [b], provocando maior labialização da vogal, de [o] para [u], além da presença da vogal alta na sílaba tônica, que é o fator mais importante para o alçamento. O caso de *pratleira* está relacionado à consoante [t], uma oclusiva que, diante de /e/, tanto em sua realização palatalizada quanto dentalizada, favorece o alçamento da vogal média, como em *tísoura/tesoura*. Houve palavras também em que ocorreu o alçamento sem motivação aparente, como em *culher/colher*, sendo necessário um estudo mais aprofundado desses casos.

No entanto, é necessário que se esclareça que há diferentes situações que provocam essa elevação. Segundo Magalhães (2019), as vogais médias pretônicas sofrem alçamento em, basicamente, três situações:



1. Quando precedem vogais altas na sílaba adjacente, como em *menino*, *coruja*;
2. Quando o /e/ inicial precede a sibilante /s/, como em *espada*;
3. Quando não há as duas situações citadas acima, como em *pequeno*, *tomate*.

Entretanto, em cada um dos casos, a elevação ocorre por mecanismos formalmente diferentes na Fonologia (BISOL, 2010, apud MAGALHÃES, 2019). No caso 1, ocorre o que chamamos de Harmonia vocálica, ou seja, por uma questão de assimilação da presença da vogal alta na sílaba adjacente, a vogal média torna-se alta também. Esse é considerado o principal motivo que explica os casos de elevação vocálica, sendo a presença da vogal alta na sílaba tônica ou na sílaba seguinte o principal gatilho para o alteamento de /e/ e /o/.

No caso 2 o que ocorre é um caso de neutralização: há um desligamento de traços de abertura e de preenchimento de outros traços. O alçamento, então, ocorre devido a um espriamento de traços da sibilante em direção à vogal média anterior. A articulação do aparelho fonador para a produção do som da sibilante é muito mais próxima da articulação para a realização da vogal alta /i/ do que da vogal média /e/.

O caso 3 é o que se costuma chamar de alçamento sem motivo aparente, por não ser possível aplicar nenhuma das explicações anteriores.

As variáveis sociais, sexo e idade dos informantes, não apresentaram resultados significativos, com pesos relativos muito próximos. A variável diatópica mostrou algumas diferenças entre os municípios analisados: se compararmos Canindé, o município que apresentou maior número de casos (87), com Camocim, que apresentou a menor ocorrência de alçamento (23 casos), podemos perceber algumas diferenças dentro do estado do Ceará. No entanto, não é possível fazer afirmações conclusivas, sendo necessário um estudo mais

detalhado das áreas dialetais do Ceará, das regiões de fronteiras e, também, comparar os dados do Ceará com os de outros municípios e de outras regiões do Brasil.

É importante ressaltar aqui que este estudo é a primeira etapa de uma dissertação em andamento, que visa comparar dados de duas regiões diferentes, de áreas dialetais diferentes: após o levantamento e análise completa dos dados do Ceará, o próximo passo será o levantamento e análise dos dados provenientes do Rio Grande do Sul, pertencentes ao banco de dados do Projeto ALiB. Assim, será possível comparar o subfalar nordestino com o subfalar sulista e confirmar ou não a hipótese de que o alçamento vocálico é um fenômeno supradialetal.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras. Fortaleza: UFC, 2007.
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionário 2001. Londrina: EDUEL, 2001.
- HORA, Dermerval da; PEREIRA, Regina Celi M. Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das médias pretônicas. **Graphos**, vol. III, n. 1, João Pessoa, PPGLL/UFPB, p. 63-74, 1998. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9399/5054>. Acesso 2 jul. 2019.
- MAGALHÃES, José. Vogais pretônicas. In: TELLES, Célia M. [et al.]. **História do português brasileiro**: mudança fônica do português brasileiro. Coordenador geral:



Ataliba T. de Castilho; coordenadores:
Dermeval da Hora, Elisa Battisti, Valéria
Monaretto. São Paulo: Contexto, 2019, p. 71 e
72.

MARGOTTI, Felício Wessling; BROD, Lilian Elisa
Minikel. Estudo exploratório do alçamento das
vogais médias /e o/ no ALiB: dados de
Florianópolis. **Cadernos de Letras da UFF -
Dossiê**: Dossiê: Língua em uso no 47, p. 125-
144.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialetológica do
território brasileiro. **Revista Brasileira de
Geografia**. Rio de Janeiro: Simões, 1953
[1922]. p. 93-99.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE,
S. **GoldVarb 2001**: a multivariate analysis
application for Windows. User's manual. 2001.

SILVA, Myrian Barbosa. Pretônicas fechadas
na fala culta de Recife. In: VOTRE, S.;
RONCARATTI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e
a lingüística no Brasil**: uma homenagem
acadêmica. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras,
2008. p. 320-336.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PITTA, R. F. O alçamento vocálico no *corpus*
do projeto Atlas Linguístico do Brasil: Ceará.
Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 6, p.
47-56, 2019.



A REALIZAÇÃO DO /S/ NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS SERGIPANOS DO INTERIOR: EFEITOS SOCIAIS E LINGUÍSTICOS

Cósmia Karine Vieira Borges
Universidade Federal de Sergipe
Josilene de Jesus Mendonça
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

No português brasileiro, o /S/ em coda silábica pode ter realização alveolar [s, z], palatal [ʃ, ʒ] ou glotal [h, ħ], assim como pode ser apagado [∅] em posição final de palavra, e a diferença de realização configura-se como marca dialetal e social. Apresentamos os resultados de um estudo quanto à realização do /S/ em coda na fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe, câmpus professor Alberto Carvalho, Itabaiana/SE, a fim de identificar os condicionamentos linguísticos, sociais e dialetais. A amostra considera 54 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipanos, estratificadas quanto ao sexo/gênero dos informantes, aos deslocamentos geográficos dos estudantes em função da universidade e ao período do curso de graduação. A análise demonstra que o apagamento ocorre categoricamente em contextos em que a coda apresenta valor de morfema de número. A realização palatal na fala de estudantes do interior sergipano é condicionada por fatores internos: ocorre em contexto linguístico específico, diante de consoantes oclusivas alveodentais [t, d]. Além disso, a realização palatal é favorecida em contextos linguísticos com traço desvozeado; em posição de coda interna; em palavras em que o /S/ não apresenta valor de morfema de número; em palavras das classes gramaticais verbos e nomes; e em sílabas pretônicas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação do /S/ em coda; Estudantes universitários.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese, the /S/ in syllable coda may have alveolar [s, z], palatal [ʃ, ʒ], glotal [h, ħ] realizations or it may be deleted [∅] in word ending position, and the difference in realization is set as a dialectal and social mark. We present results of a study about the realization of /S/ in syllable coda in the speech of students from the Federal University of Sergipe, Professor Alberto Carvalho campus, in Itabaiana-SE, in order to identify the linguistic, social and dialectal constraints. The sample is composed by 54 sociolinguistic interviews from the Falares Sergipanos database. It was stratified according to informants' sex/gender, their geographical mobility due to the university and their undergraduate term. The analysis reveals that the deletion categorically occurs in contexts which the coda presents value of number morpheme. The palatal realization in the speech of students from the countryside of Sergipe is constrained by internal factors: specific linguistic context, before occlusive and dento-alveolar consonants [t, d]. Besides, the palatal realization is favored in voiceless contexts; in internal coda position; in words that the /S/ does not present morpheme value of number; in words grammatically classified as verbs and nouns; and pre-stressed syllables.

Keywords: Sociolinguistics; Variation of /S/ in syllable coda; University students.



Cósmia Karine Vieira Borges é graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe no câmpus Prof. Alberto Carvalho.

E-mail: karinevieiraborges@hotmail.com

Josilene de Jesus Mendonça é doutoranda em estudos linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: mendoncajosilene@gmail.com

INTRODUÇÃO

No Português brasileiro, o /S/ em coda pode ser realizado de forma alveolar [s, z], palatal [ʃ, ʒ] ou glotal [h, ħ]. Também pode ocorrer o apagamento [∅] do /S/ em coda silábica em posição final de palavra. Considerando o traço de vozeamento, o /S/ em coda soa como uma consoante desvozeada [s, ʃ, h], isto é, sem vibração das cordas vocais, diante de outra consoante desvozeada, e soa como uma consoante vozeada [z, ʒ, ħ] diante de outra consoante vozeada. Quanto às consoantes desvozeadas [s, ʃ], as possibilidades de realização são: *pasta* [paStɑ] ou [paʃtɑ]; e *costa* [koStɑ] ou [koʃtɑ]; e as consoantes vozeadas [z, ʒ] podem realizar-se como: *rasga* [razga] ou [razʒga]; *desde* [dezde] ou [dezʒde]. A realização glotal ocorre em posição medial da palavra, como em [deħde], ou em posição final seguida de palavra iniciada com consoante, quando não há pausa entre as palavras [doiħ mil]. O apagamento [∅] da coda ocorre basicamente em posição final da palavra (lápi[∅]) e é fortemente condicionado pelo processo morfossintático de concordância nominal (as casa[∅] amarela[∅]) e concordância verbal (nós fizemo[∅] viagem para Sergipe) (LUCCHESI, 2009). Dentre essas realizações do /S/, as variantes alveolares e palatais são as mais produtivas no português brasileiro (BRESCANCINI, 1996; MACEDO, 2004; HAUPT; BERRI, 2009; MONTEIRO, 2009; MORAIS; LIMA, 2009; LUCCHESI, 2009; BASSI,

2010; SMAICLOVÁ, 2010; MARTINS, 2011; LIMA, 2013; BARROS; RANGEL; MATTOS, 2014; MAIA, 2015; HENRIQUE; HORA, 2016).

A realização do /S/ em coda varia de acordo com a região, com o nível de escolaridade, com a faixa etária, entre outros fatores de ordem linguística e social.

Em consonância aos objetivos do banco de dados Falares Sergipanos, que visa estabelecer uma amostra sociolinguística do português falado em Sergipe (FREITAG, 2013), este trabalho apresenta os resultados de um estudo quanto à variação na realização do /S/ em coda na fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe, câmpus professor Alberto Carvalho, Itabaiana/SE, a fim de identificar os efeitos dos condicionamentos linguísticos, sociais e dialetais na realização deste fenômeno no interior de Sergipe, a partir do suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008).

1 PANORAMA DA REALIZAÇÃO DO /S/ EM CODA NO PB

Os estudos sociolinguísticos sobre a realização do /S/ em coda constataam a produtividade das realizações alveolar e palatal, havendo forte relação dialetal: a realização alveolar ocorre com mais frequência na região Nordeste (MORAIS; LIMA, 2009; HENRIQUE; HORA, 2016) e na região Norte (MARTINS, 2011; MAIA, 2015); e a realização palatal apresenta maior ocorrência na região Sul (BRESCANCINI, 1996; HAUPT; BERRI, 2009; BASSI, 2010; SMAICLOVÁ, 2010). Dados do Atlas linguístico do Brasil também apontam o caráter dialetal da realização do /S/ em coda, com percentuais de palatalização acima de 76% apenas nas capitais Rio de Janeiro, Belém e Florianópolis (CARDOSO, *et al.*, 2014, p. 111). O quadro 1 sistematiza os condicionadores sociais e linguísticos da realização palatal do /S/ em coda no PB em diferentes comunidades linguísticas.



Quadro 1: Fatores que favorecem a palatalização do /S/ em coda

| Estudo | Comunidade linguística | Fatores favoráveis à aplicação da regra |
|-------------------------------|---|--|
| Brescancini (1996) | Florianópolis/SC | Coda interna; traço desvozeado; em verbos e substantivos; sílabas tônicas e pretônicas; labiais e dorsais; feminino; e primário completo e incompleto (0-4 anos de estudo) |
| Macedo (2004) | Recife/PE | Coda interna; coronais, dorsais e labiais; traço desvozeado; e feminino. |
| Haupt; Berri (2009) | Florianópolis/SC | Coda interna; labiais e dorsais; masculino e até 8 anos de escolaridade. |
| Monteiro (2009) | Amapá (AP) | Coda interna; dorsais, coronais e pausa; tônicas e pretônicas; e masculino. |
| Morais; Lima (2009) | João Pessoa/PB | Coda interna; contexto seguinte /t/. |
| Lucchesi (2009) | Salvador/BA | Coda interna; tônicas e pretônicas; e masculino. |
| Bassi (2010) | Florianópolis/SC | Coda interna; coronais; e até 4 anos de escolaridade. |
| Smaiclová (2010) | Florianópolis/SC | Dorsais e coronais; traço desvozeado; e primário. |
| Martins (2011) | Manaus/AM | Coda interna; feminino; e falantes com nível superior. |
| Lima (2013) | Recife/PE | Labiais e dorsais. |
| Barros; Rangel; Mattos (2014) | RJ; Petrópolis; Três Rios; Juiz de Fora e BH. | Contexto seguinte /t, d/; traço desvozeado. |
| Maia (2015) | Amazonas (AM) | Contexto seguinte /t/. |
| Henrique; Hora (2016) | João Pessoa/PB | Contexto seguinte /t, d, n/. |

Fonte: elaborado pelas autoras

A palatalização do /S/ em coda é condicionada por contextos específicos: contexto seguinte de consoantes dorsais, labiais e/ou coronais, e a posição na palavra, mais especificamente em coda interna. As variáveis traço de vozeamento (desvozeado) e a tonicidade (nas sílabas tônicas e pretônicas) também favorecem a palatalização do /S/. Em Sergipe, não encontramos estudos que se dediquem a esta variável; no entanto, por sua proximidade a comunidades onde o fenômeno já foi estudado, esperamos encontrar os mesmos efeitos condicionadores na realização palatal.

2 METODOLOGIA

Para analisar a variação na realização do /S/ em coda, foram realizadas 54 entrevistas sociolinguísticas,¹ estratificadas quanto ao sexo/gênero dos informantes, aos deslocamentos geográficos dos estudantes em função da universidade e ao período do curso de graduação, que seguem as diretrizes para coleta do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2017).

A amostra é estratificada quanto ao sexo/gênero (feminino e masculino), ao período de curso (início, meio e fim) e ao deslocamento. A noção de deslocamento está pautada na

¹ A coleta foi realizada pelas autoras em parceria com a doutoranda Andréia Silva Araujo e com a bolsista PIBIC Damiana Karina Vieira Borges, que está executando o plano de trabalho *Percepção e produção linguística na*

comunidade de prática câmpus Itabaiana/UFS: efeitos do deslocamento, também vinculado ao projeto *Banco de dados Falares Sergipanos - Etapa 2: Percepção e atitudes linguísticas (fase 2)*.



influência que o ambiente universitário exerce na mobilidade do informante. Seguindo essa perspectiva, consideramos três grupos: i) deslocamento I, para designar os informantes que moram em Itabaiana; ii) deslocamento II, para se referir aos informantes que moram em outra cidade, mas que possuem o deslocamento diário para a UFS/Itabaiana; iii) deslocamento III, para representar os informantes que passaram a morar em Itabaiana por conta da universidade, aos moldes

do que foi utilizado por Corrêa (2019) para o estudo da palatalização de /t/ e /d/, e de Ribeiro (2019), para o estudo da variação entre *em* e *ni* em locativos na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão, região metropolitana de Aracaju. A estratificação da amostra prevê 18 células sociais, com 3 informantes por célula, totalizando uma amostra com 54 informantes, conforme tabela 1.

Tabela 1: Estratificação da amostra Comunidade UFS Itabaiana

| Período de curso | Início | | Meio | | Fim | |
|----------------------------|--------|---|------|---|-----|---|
| | F | M | F | M | F | M |
| Deslocamento / Sexo/Gênero | | | | | | |
| Deslocamento I | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |
| Deslocamento II | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |
| Deslocamento III | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 | 3 |
| Subtotal | 18 | | 18 | | 18 | |
| Total | 54 | | | | | |

Fonte: elaborada pelas autoras

Foram selecionadas 60 ocorrências de /S/ em coda de cada entrevista, o que correspondeu a 3.240 dados no total. A verificação das realizações do /S/ em coda foi realizada através da análise de oitiva, a partir da qual os dados foram codificados e, em seguida, submetidos às análises de distribuição e frequência quanto à posição da sílaba; vozeamento; contexto seguinte, considerando o modo e o ponto de articulação; classe gramatical da palavra, valor gramatical do /S/ em coda e tonicidade da sílaba, além dos fatores que estruturam a amostra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

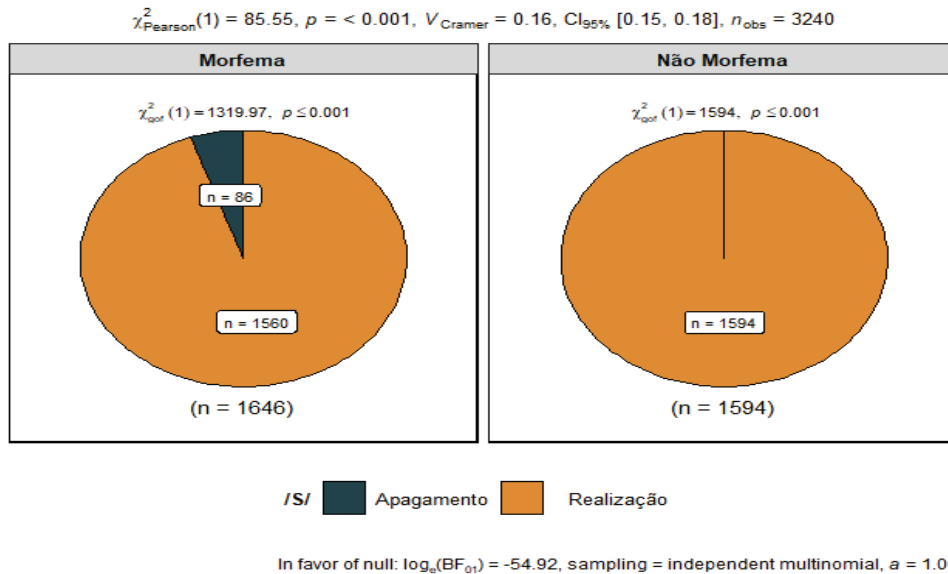
As 3.240 ocorrências foram inicialmente analisadas quanto ao apagamento da coda em

oposição à realização do /S/ (glotal, palatal e alveolar), considerando os fatores valor gramatical, sexo, período e deslocamento. No gráfico 1 (próxima página), são apresentados os resultados em função da variável linguística valor gramatical.

Embora pouco frequente na fala de universitários (5%), o apagamento do /S/ ocorre em contexto específico, isto é, quando tem valor morfossintático de marca de número, como em “poucos formado[Ø]” (Pau-f), “eles são muito exigente[Ø]” (Jos-f), “vamo[Ø]” lá” (Jos-m). O apagamento não ocorre quando o /S/ em coda não apresenta valor gramatical de morfema de número. O efeito do valor gramatical é estatisticamente significativo ($\chi^2 = 85,55$, $df = 1$, $p < 0,001$).



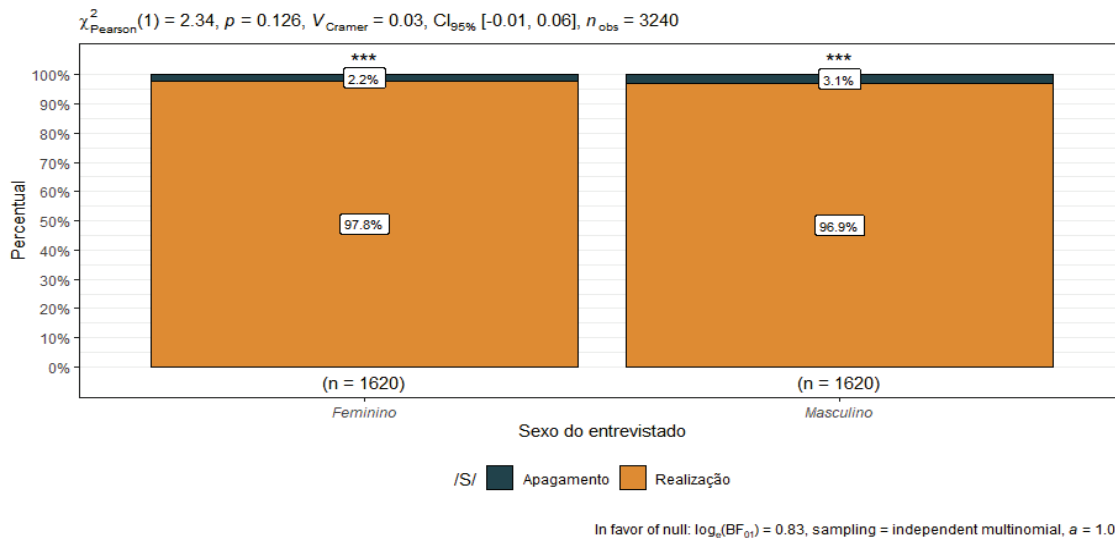
Gráfico 1: Apagamento x realização considerando o valor gramatical



O gráfico 2 apresenta os resultados em função da variável social sexo. O comportamento linguístico dos informantes do sexo feminino e masculino é semelhante quanto à realização ou apagamento do /S/ em coda.

Porém, embora com uma diferença percentual muito baixa, os homens apagaram mais o morfema de número durante a entrevista, com o percentual de 3,1%, contra 2,2%.

Gráfico 2: Apagamento x realização considerando o sexo do entrevistado

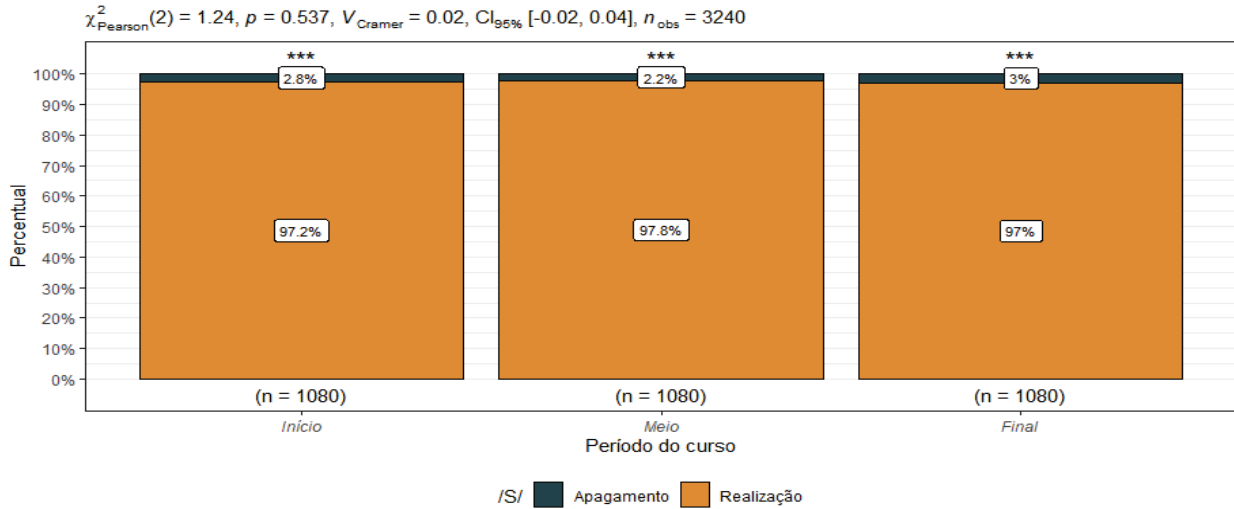


O gráfico 3 apresenta os resultados do apagamento versus a realização do /S/ considerando o período do curso do informante. O controle do efeito do período do curso é uma maneira indireta de verificar se a convivência na universidade afeta o padrão

linguístico do falante: se um fenômeno deixa de ocorrer na fala de informantes que estão mais tempo expostos à comunidade, podemos inferir um efeito de acomodação à comunidade, como evidenciou Corrêa (2019) para a palatalização, ou ao contexto estilístico (FREITAG, 2019).



Gráfico 3: Apagamento x realização considerando o período do curso

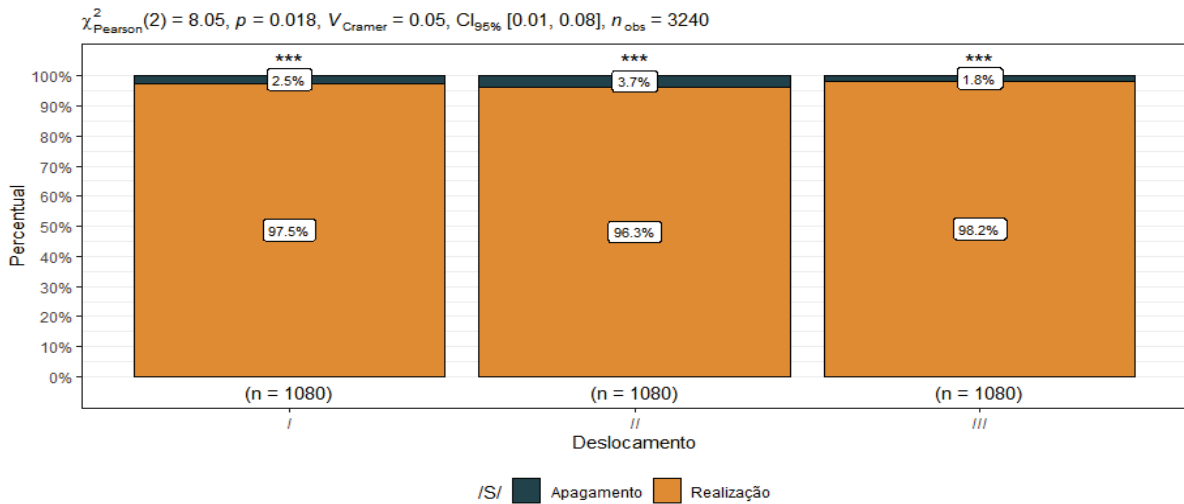


In favor of null: $\log_{10}(BF_{01}) = 2.95$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

Os resultados demonstram uma frequência de apagamento do /S/ estável entre os três níveis considerados na variável período do curso, com os percentuais de 2,8%, 2,2% e 3%, respectivamente, de apagamento. Ou seja, o

período do curso em que o entrevistado estava no momento da realização da entrevista não interferiu no apagamento do /S/. No entanto, os deslocamentos dos universitários são significativos, como apresentado no gráfico 4.

Gráfico 4: Apagamento x realização considerando o deslocamento do entrevistado



In favor of null: $\log_{10}(BF_{01}) = -0.36$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

A variável social deslocamento é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 8,05$, $df = 2$, $p < 0,01$): o apagamento do /S/ em coda ocorreu mais nos informantes que fazem parte do deslocamento II (residentes nas cidades

circunvizinhas de Itabaiana com movimento pendular diário), com o percentual de 3,7% das ocorrências, demonstrando que eles tenderam a realizar menos a marcação de número durante a entrevista. Os estudantes do deslocamento III

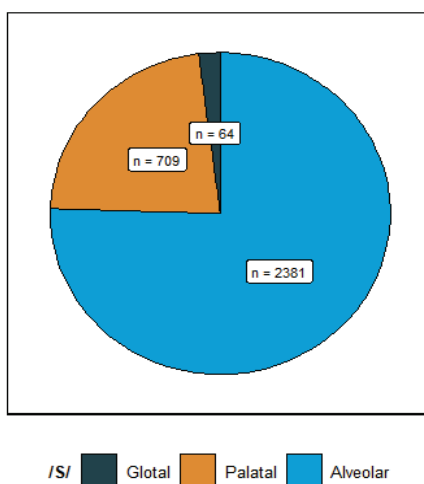


(residentes em Itabaiana através de programas de assistência da UFS) apresentaram a menor frequência de apagamento do /S/, com percentual de 1,8%. Esses resultados mostram que o deslocamento geográfico apresenta efeitos na realização ou apagamento do /S/ em coda, com favorecimento do apagamento pelos informantes do deslocamento II.

A análise do apagamento *versus* a realização do /S/ demonstrou que o apagamento ocorre categoricamente em contextos em que a coda apresenta valor de morfema de número e apenas o deslocamento geográfico dos entrevistados é significativo para a realização ou apagamento do /S/ em coda nesta comunidade. A seguir, apresentamos a análise apenas dos dados de realização do /S/: alveolar, palatal ou glotal.

Gráfico 5: Tipo de realização do /S/ em coda

$\chi^2_{\text{gor}}(2) = 2720.39, p = < 0.001, V_{\text{Cramer}} = 0.66, CI_{95\%} [0.63, 0.68], n_{\text{obs}} = 3154$



In favor of null: $\log_e(BF_{01}) = -\text{Inf}, a = 1.00$

A realização predominante é a alveolar, com 75,5%, seguida da realização palatal, com 22,5% e da glotal, com apenas 2%.

No gráfico 6 (próxima página), são apresentados os resultados referentes aos tipos de realização do /S/ em coda, considerando o ponto de articulação da consoante seguinte. Houve uma frequência muito baixa da realização glotal, ocorrendo apenas diante dos contextos alveopalatal (2%) e bilabial (9%). A realização palatal ocorreu diante do contexto alveopalatal (74%). Em contextos seguintes de consoante labiodental e velar, vogais e pausa, a realização

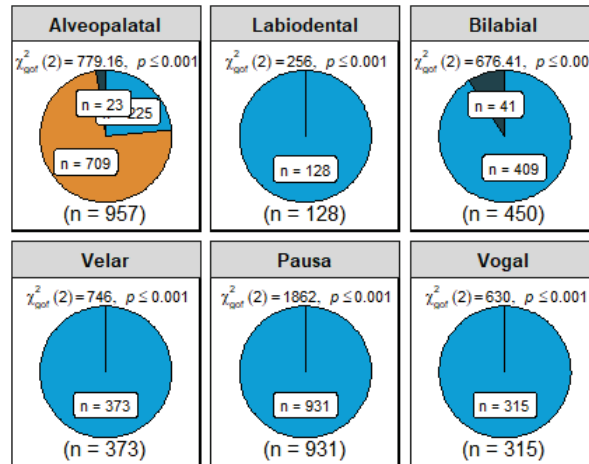
alveolar foi categórica. Este resultado se aproxima do que foi encontrado por Barros, Rangel e Mattos (2014).

No contexto de vogal ocorre o processo chamado de ressilabificação. Nesse contexto não mais há “um /S/ de coda silábica e sim um /Z/ ocupando a posição de *onset* da sílaba posterior” (MACEDO, 2004, p. 35). A ressilabificação ocorre quando o /S/ deixa de ocupar a posição de coda, ocupando a posição de ataque da sílaba seguinte, como nos exemplos “ele[z]acham” (Ray-f), “ma[Z]eles” (Mid-f) e “mai[Z]alunos” (Thi-m).



Gráfico 6: Realização do /S/ considerando o ponto de articulação da consoante seguinte

$\chi^2_{\text{Pearson}}(10) = 2270.66, p = < 0.001, V_{\text{Cramer}} = 0.60, \text{CI}_{99\%} [0.58, 0.62], n_{\text{obs}} = 3154$



/S/ ■ Glotal ■ Palatal ■ Alveolar

In favor of null: $\log_e(\text{BF}_{01}) = -\text{Inf}$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

No gráfico 7 (próxima página), apresentamos a realização do /S/ em coda quanto ao modo de articulação da consoante seguinte. No contexto com consoante aproximante, houve apenas 2 ocorrências da variante glotal, como nos exemplos “mai[h] longe” (Raf-m) e “na[h] lanchonete” (Raf-m). Além desse contexto, a realização glotal também ocorreu diante de nasal (19%), correspondente a ocorrências como “me[h]mo” (An-f), “nó[h] não” (Mar-m). Houve também 12 ocorrências de glotal diante de oclusivas como em “de[h]de” (Dei-f).

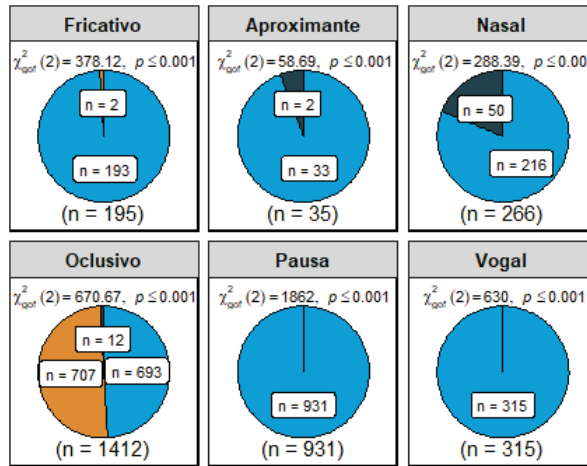
A variante palatal ocorreu diante das oclusivas [t, d] (50%). Este resultado corrobora estudo de percepção realizado na comunidade,

em que a palatalização do /S/ foi avaliada positivamente em palavras em que a coda é seguida da oclusiva [t] (MENDONÇA; BORGES, 2018). Também houve a realização palatal diante de contexto fricativo, com apenas duas ocorrências, correspondentes aos dados “mai[ç]chance” (Raf-m) e “ela[ʒ]juntas” (Nat-f), em que ocorre o processo de aglutinação. Assim como os resultados em relação ao ponto de articulação da consoante seguinte, a variante alveolar apresenta frequência alta com todos os modos de articulação do contexto linguístico, sendo categórica diante de pausa e diante de vogal. A variação ocorre com sistematicidade no contexto de modo oclusivo, com predomínio da variante palatal.



Gráfico 7: Realização do /S/ considerando o modo de articulação da consoante seguinte

$\chi^2_{Pearson}(10) = 1522.35, p = < 0.001, V_{Cramer} = 0.49, CI_{99\%} [0.46, 0.53], n_{obs} = 3154$

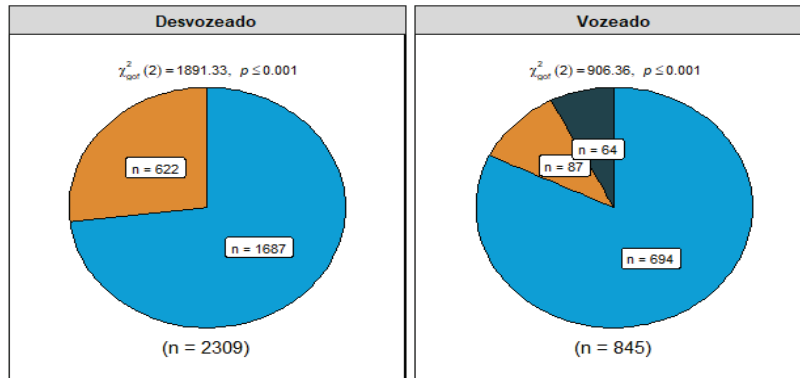


/S/ ■ Glotal ■ Palatal ■ Alveolar

In favor of null: $\log_e(BF_{01}) = -\text{Inf}$, sampling = independent multinomial, $a = 1.00$

Gráfico 8: Realização do /S/ considerando o vozeamento

$\chi^2_{Pearson}(2) = 257.84, p = < 0.001, V_{Cramer} = 0.29, CI_{99\%} [0.25, 0.32], n_{obs} = 3154$



/S/ ■ Glotal ■ Palatal ■ Alveolar

In favor of null: $\log_e(BF_{01}) = -124.73$, sampling = independent multinomial, $a = 1.00$

O gráfico 8 apresenta a realização do /S/ em coda em função do vozeamento.

A realização glotal ocorre na fala dos estudantes universitários do interior sergipano apenas com traço vozeado (8%). A variante palatal é sensível ao vozeamento, apresentando maior frequência com o traço desvozeado (27%) do que vozeado (10,3%). A variante

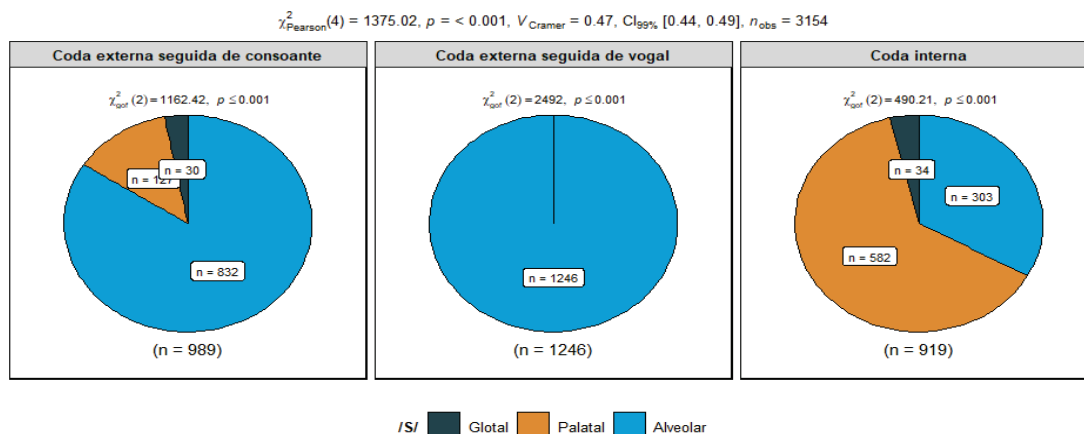
alveolar apresenta frequência alta tanto com o traço desvozeado (73%) como vozeado (82%). Estes resultados corroboram estudos anteriores que apontam que o vozeamento do som é significativo no condicionamento da realização do /S/, com o traço desvozeado favorecendo as variantes palatal e alveolar (BRESCANCINI, 1996; MACEDO, 2004;



SMAICLOVÁ, 2010; BARROS; RANGEL; MATTOS, 2014).

O gráfico 9 apresenta a realização do /S/ em coda de acordo com a variável posição na palavra.

Gráfico 9: Realização do /S/ considerando a posição na palavra



In favor of null: $\log_e(BF_{01}) = -\text{Inf}$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

A variante glotal ocorre tanto em coda interna (3%) quanto em coda externa seguida de palavra iniciada por consoante (3%), mais especificamente, quando a coda é seguida de consoantes vozeadas [m, n, d, l], como nos exemplos “de[h]de” (Dei-f), “me[h]mo” (An-f), “nó[h] não” (Mar-m). A realização palatal é mais frequente em contexto de coda interna (63%), como nos exemplos “apo[ʃ]tila” (Thi-m), “de[ʒ]de” (Ann-f). Esse resultado segue o padrão dos encontrados por Brescancini (1996) e por Lucchesi (2009), que constataram maior ocorrência da variante palatal em contexto de coda interna, no entanto, estes estudos identificaram percentuais mais elevados de ocorrência (85% e 80%, respectivamente). A realização palatal também ocorre na posição de coda externa seguida de consoante (13%), como nos dados “ma[ʃ] tipo” (Sue-f) e “vamo[ʒ] dizer” (Jeo-m). Este é um resultado muito mais baixo do que os encontrados por Brescancini (1996), Monteiro (2009) e Lucchesi (2009), em que a palatalização no contexto de coda externa seguido de consoante correspondeu a 61%, 79% e 49%, respectivamente. No contexto de coda externa seguida de vogal a realização

alveolar é categórica. A posição tem um efeito significativo na variação na realização do /S/ na fala dos universitários do interior de Sergipe: no contexto de coda externa seguida de consoante é predominante a realização alveolar (84%); por outro lado, no contexto de coda interna, predomina a realização palatal (63%). Estes resultados corroboram o estudo de percepção a respeito da palatalização do /S/, em que os universitários avaliaram negativamente a realização palatal em contexto de coda externa (MENDONÇA; BORGES, 2018).

No gráfico 10, são apresentados os resultados da realização do /S/ em coda, considerando o valor gramatical. Apesar da baixa frequência (3%), a variante glotal teve sua maior ocorrência no contexto em que o /S/ não apresenta valor morfêmico, ou seja, quando não representa marcação de plural. Foram computadas apenas 5 ocorrências da glotal no contexto de valor morfêmico, em que a coda representa marcação de plural, sendo as ocorrências “na[h] lanchonete” (Raf-m), “uma[h] dez” (Jos-f), “ele[h] num” (Car-m), a[h] matéria” (Ama-f) e “da[h] disciplinas” (Fel-m). A realização palatal (40%), assim como a glotal, é mais frequente em contexto em que o /S/ em coda



não é um morfema de número. A palatalização do /S/ ocorre com mais frequência em contexto não morfêmico, como em “de[ʒ]de” (Eve-m), “dese[ʃ]timular” (Sue-f), “e[ʃ]tudante” (Gis-f) e “que[ʃ]tão” (Dav-m). Em contexto morfêmico (5%), o /S/ em coda na posição final foi seguido das

consoantes oclusivas [t, d], propiciando a realização palatal nesse contexto, como nas ocorrências “ele[ʃ] também” (Lea-m), “vária[ʃ] tarefas” (Jeo-m), “o[ʒ] dois” (Tam-f) e “o[ʒ] deveres” (Fel-m). A variante alveolar é quase categórica em contextos em que a coda apresenta valor morfêmico (95%).

Gráfico 10: Realização do /S/ considerando o valor gramatical

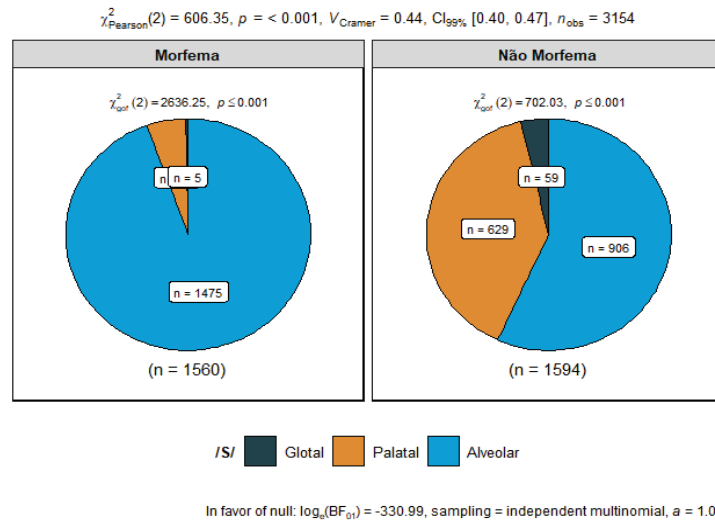
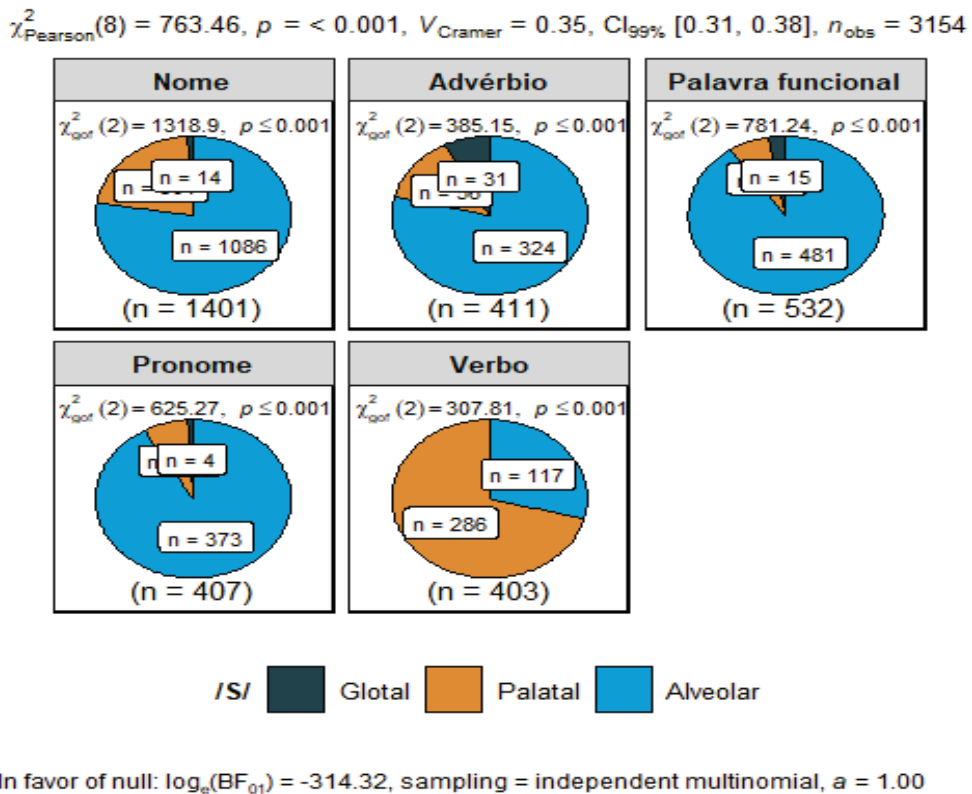


Gráfico 11: Realização do /S/ considerando a classe gramatical



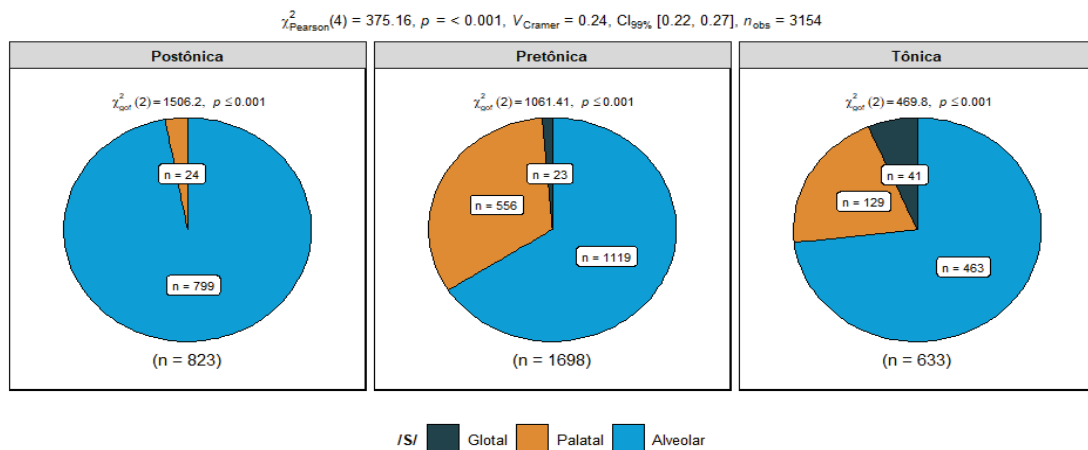


No gráfico 11 (página anterior), são apresentados os resultados da realização do /S/ em coda, considerando a classe gramatical da palavra.

A variante glotal, apesar do baixo valor global na amostra, apresenta maior frequência em advérbios (8%). A variante palatal é mais frequente na classe gramatical dos verbos (71%), em palavras como “admini[ʃ]trar” (Mar-

f), “ga[ʃ]tava” (Mar-f) e “vamo[ʒ] dizer” (Pau-f), e na classe dos nomes (22%), como nos exemplos “e[ʃ]tímulo” (Pau-f), “combu[ʃ]tível” (Eri-m), “li[ʃ]ta” (Ana-f). Resultado semelhante para os verbos foi encontrado no estudo de Brescancini (1996), com predomínio da variante palatal em verbos e substantivos, com o percentual de 85% e 84%, respectivamente. No gráfico 12 são apresentados os resultados a respeito da variável tonicidade.

Gráfico 12: Realização do /S/ em coda considerando a tonicidade



In favor of null: $\log_e(BF_{01}) = -208.31$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

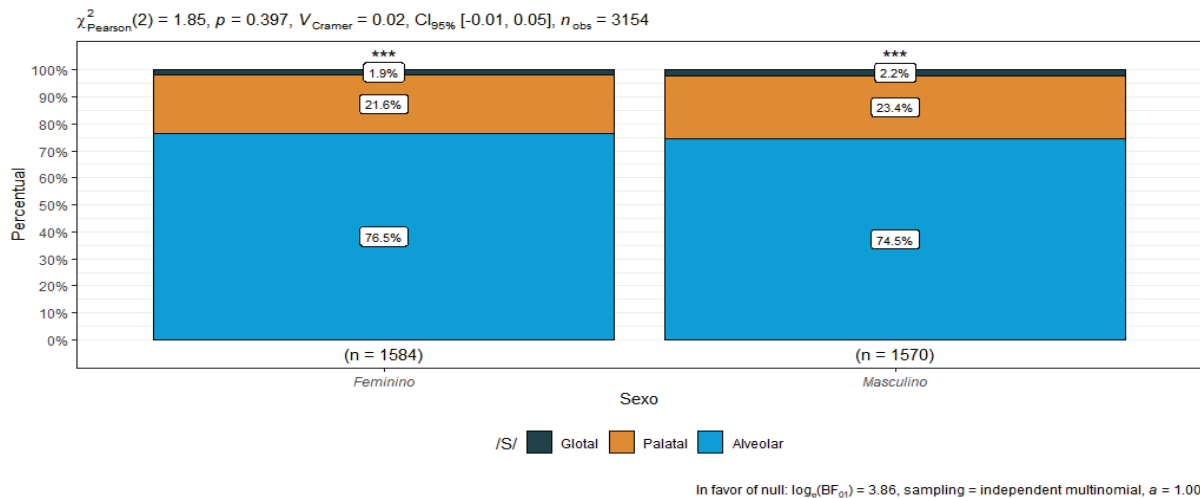
A variante glotal ocorre com mais frequência nas sílabas tônicas, nesse caso, no advérbio “mesmo”, que corresponde a 41 das 64 ocorrências de toda a amostra. A variante palatal foi mais recorrente nas sílabas pretônicas (33%), em palavras como “hi[ʃ]tória” (Mid-f), “su[ʃ]tento” (Éve-m), “si[ʃ]temas” (Ric-m). A palatalização também foi recorrente nas sílabas tônicas (20%), como nos exemplos “de[ʒ]de” (Gis-f), ga[ʃ]to (Den-m) e exi[ʃ]te (Sue-f). Resultados semelhantes foram

encontrados nos estudos de Brescancini (1996), Monteiro (2009) e Lucchesi (2009), em que as sílabas pretônicas e tônicas favoreceram a palatalização do /S/ em coda.

As variáveis sociais controladas foram o sexo (feminino e masculino), o deslocamento (I, II e III) e o período (início, meio e fim). No gráfico 13, os tipos de realizações do /S/ em coda são apresentados, considerando a variável social sexo.



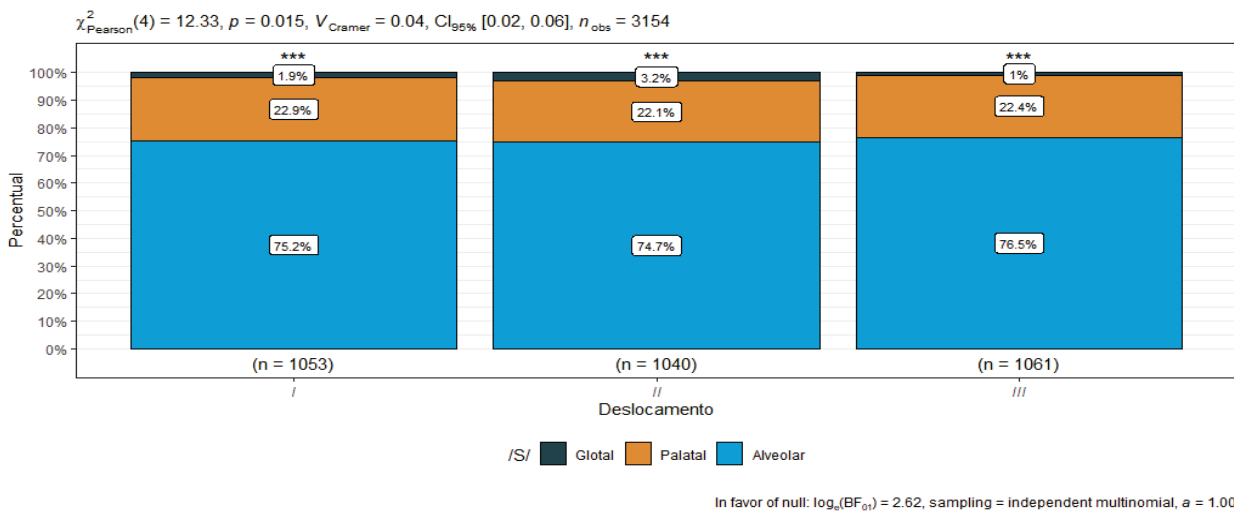
Gráfico 13: Realização do /S/ quanto ao sexo do entrevistado



O tipo de realização do /S/ em coda não é sensível ao sexo dos entrevistados, com distribuição de frequências semelhante para ambos os sexos quanto aos três tipos de realização, alveolar, palatal e glotal. O gráfico 14

apresenta a análise realizada quanto ao tipo de realização do /S/ em coda, considerando o deslocamento dos universitários da UFS, câmpus Itabaiana/SE.

Gráfico 14: Realização do /S/ quanto ao deslocamento do entrevistado



O deslocamento tem efeito significativo no condicionamento da realização do /S/ em coda ($\chi^2 = 12,33$, $df = 4$, $p = 0,01$). A variante glotal tem maior recorrência na fala dos informantes do deslocamento II, com 3,2% dos dados analisados. A distribuição da realização glotal, assim como o apagamento do /S/ em coda

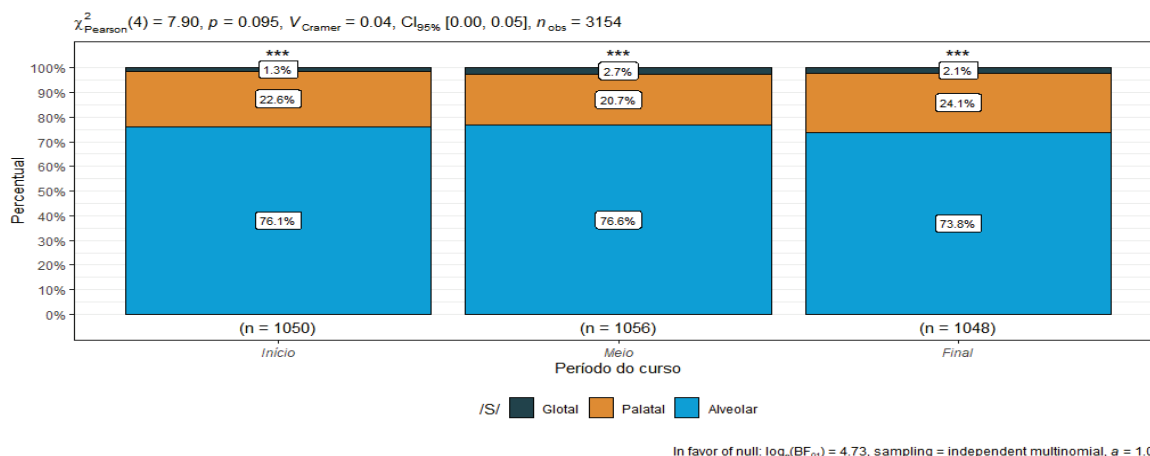
(apresentado no gráfico 4), é sensível ao deslocamento geográfico dos entrevistados, com comportamento semelhante para ambas as variantes, em que o deslocamento II concentra as maiores frequências da realização glotal e de apagamento. Já as realizações palatal e alveolar não sofrem interferência do deslocamento do



entrevistado. Podemos dizer que os estudantes do deslocamento II, moradores das cidades circunvizinhas de Itabaiana, em zona rural, no interior do estado de Sergipe, com movimento pendular diário para estudar, são socialmente

identificados pela realização do /S/ glotal e seu apagamento. O gráfico 15 apresenta os tipos de realização do /S/ em coda levando-se em conta o período do curso dos universitários.

Gráfico 15: Realização do /S/ considerando o período do curso do entrevistado



A realização glotal permaneceu de forma relativamente estável comparando os três níveis do período de curso. Em relação à variante palatal, os universitários que estão nos períodos finais de curso realizaram mais a palatalização do /S/ em coda, com o percentual de 24,1%. Os estudantes dos períodos iniciais também realizam a forma palatalizada, com o percentual de 22,6%, enquanto nos períodos do meio do curso, houve a diminuição da realização palatal para 20,7%. A variante alveolar tem distribuição homogênea nos períodos inicial e meio do curso, com 76,1% e 76,6%, respectivamente, enquanto no período final de curso a realização alveolar caiu para 73,8%. Tais resultados apontam que parece não haver efeito da exposição à comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação da realização do /S/ em coda na fala de universitários do câmpus Itabaiana/UFS, em Sergipe, apontou efeitos sociais e linguísticos para o condicionamento de cada

uma das possibilidades de realização. Na oposição apagamento *versus* realização do /S/, o apagamento ocorre categoricamente em contextos em que a coda apresenta valor de morfema de número e o apagamento ocorre em maior frequência na fala dos estudantes do deslocamento II, aqueles que são do interior e se deslocam diariamente para a universidade.

Quanto às realizações alveolar, glotal e palatal, os resultados apontam que o tipo de realização mais frequente entre os estudantes é a alveolar, seguida da palatal. A realização glotal é mais frequente diante de consoantes com pontos de articulação alveopalatal e bilabial e modo de articulação nasal. Na amostra analisada, a realização glotal ocorreu categoricamente com o traço vozeado, podendo ocorrer tanto em coda interna quanto em coda externa seguida de consoante vozeada. Além disso, a variante glotal ocorreu com mais frequência em palavras em que a coda não apresenta valor morfológico, essas palavras referem-se principalmente aos advérbios. Assim como no apagamento, houve maior



frequência da realização glotal na fala dos entrevistados do deslocamento II.

Os resultados dos condicionamentos internos da realização do /S/ na fala de estudantes do interior sergipano seguem as mesmas tendências apontadas por outros estudos, embora com percentuais diferentes. A palatalização do /S/ em coda ocorre em contexto linguístico específico, diante das consoantes oclusivas alveodentais [t, d]. Além disso, a realização palatal é favorecida em contextos linguísticos com traço desvozeado; em posição de coda interna; em palavras em que o /S/ não apresenta valor de morfema de número; em palavras das classes gramaticais verbo e nome; e em sílabas pretônicas. No que diz respeito às variáveis sociais, não houve diferença significativa da realização palatal para os sexos e a frequência da palatal nos tipos de deslocamento não sofre interferência do deslocamento, uma vez que a ocorrência da palatalização é condicionada pelo contexto linguístico. Em relação ao período, os estudantes dos períodos finais tenderam a palatalizar mais. Este resultado pode significar que a palatalização, diante das consoantes [t, d], é considerada de prestígio para a comunidade universitária. Estes resultados corroboram o estudo de percepção realizado na mesma comunidade linguística, em que a palatalização foi avaliada positivamente quando o contexto seguinte era [t] e avaliada negativamente no contexto de coda externa (MENDONÇA; BORGES, 2018). Os resultados evidenciam que tanto a realização quanto a percepção da palatalização do /S/ são condicionadas pelo contexto linguístico.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. S. C.; MATTOS, P.; RANGEL, R. R. O /S/ final do falar trirriense – um estudo sobre as variantes linguísticas no *continuum* linguístico RJ-BH. In: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), 2014, Natal. **Anais**. Natal, 2014. p. 1-10. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/390.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2019.
- BASSI, A. A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano: perspectiva fonológica-variacionista. In: Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI), 1º, 2010, Maringá. **Anais**. Maringá, 2010. p. 1-12.
- BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear**. 1996. 246f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014.
- CORRÊA, T. R. A. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11472> Acesso em: 08 ago. 2019.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>. Acesso em: 31 jul. 2019.
- FREITAG, R. M. K. **Documentação Sociolinguística, coleta de dados e ética em pesquisa**. São Cristóvão: EdUFS, 2017. Disponível em: <http://www.livraria.ufs.br/produto/documentacao-sociolinguistica-coleta-de-dados-e-etica-em-pesquisa/>. Acesso em: 31 jul. 2019.



FREITAG, R. M. K. NURC, um banco de dados sociolinguístico. In: OLIVEIRA Jr., M. (Org.). **NURC - 50 anos**. São Paulo: Parábola, 2019, p. 125-134.

HAUPT, C.; BERRI, A. O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 2-21, 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5498/4607>. Acesso em: 31 jul. 2019.

HENRIQUE, P. F. L.; HORA, D. Estudo sobre a percepção da fricativa coronal pós-vocálica em João Pessoa. Dossiê. **Todas as Letras**, São Paulo. v. 18, n. 2, p. 147-164, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p147-164>. Acesso em: 31 jul. 2019.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, I. S. **Acomodação dialetal**: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

LUCCHESI, D. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 85-109.

MACEDO, S. S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MAIA, E. G. A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre,

Lábrea e Tapauá. **Papéis**: Campo Grande, v. 19, n. 37, p. 118-138, 2015. Disponível em: www.seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3055 Acesso em: 31 jul. 2019.

MARTINS, F. S. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. Simpósio Nacional de Letras e Linguística (SILEL), 14, 2011, Uberlândia. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-12. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_221.pdf. Acesso em: 31 jul. 2019.

MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. Percepção da palatalização do /S/ em coda: atitudes linguísticas de universitários. **Tabuleiro de Letras**. v. 12 n. 3 – Salvador: UNEB, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5570> Acesso em: 01 ago. 2019.

MONTEIRO, R. C. N. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá**. 2009. 79f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MORAIS, P. E.; LIMA, I. S. Comportamento da fricativa coronal em posição de coda: um estudo variacionista da interface fala e leitura de aluno de duas escolas pessoenses. Congresso Internacional da Abralín, 4, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa, Ideia, 2009. p. 4175-4181. ABRALIN, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Priscila%20Evangalista%20Morais.pdf. Acesso em: 31 jul. 2019.

RIBEIRO, C. C. S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico**: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe. 2019. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São



Cristóvão, 2019. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/handle/riufs/11465> Acesso em:
08 ago. 2019.

SMAICLOVÁ, G. Palatalização do /S/ em coda silábica o português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, 2010. v. 11, p. 33-34. Disponível em:
<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2010v11nespp33>. Acesso em: 31 jul. 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

BORGES, C. K. V.; MENDONÇA; J. J. A realização do /S/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 57-73, 2019.



PALATALIZAÇÃO DE /d/ DIANTE DE /i/ E /e/ NO FALAR AMAPAENSE

Romário Duarte Sanches

Universidade Federal do Pará e Universidade do Estado do Amapá

Jamille Luiza de Souza Nascimento

Universidade do Estado do Amapá

RESUMO

O trabalho tem por objetivo mostrar a palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/, com base nos dados do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). A pesquisa ancora-se na abordagem da geolinguística pluridimensional ou geossociolinguística, em que estão inseridos os trabalhos de Razky (2010), Cardoso et al. (2014), Razky, Ribeiro e Sanches (2017) etc. A metodologia utilizada é a mesma encontrada no ALAP, com a seleção das seguintes localidades: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. Para cada localidade foram entrevistados 40 informantes divididos entre duas faixas etárias (18-30 anos e 50-75 anos). Estes, também, foram divididos em dois grupos por sexo: masculino e feminino. Para análise do processo de palatalização do fonema /d/ foi selecionada a carta fonética de número 12 do ALAP, que apresenta o mapeamento dos seguintes itens fonéticos: dia, tarde, desvio e perdida. Os resultados mostraram que 89% dos dados analisados apresentam o processo de palatalização e somente 11% indicaram a não realização.

Palavras-chave: Variação fonética; Palatalização; Geossociolinguística.

ABSTRACT

The work aims to show the palatalization of the alveolar consonant / d / in front of vowels / i / and / e /, based on data from the Amapá Language Atlas (ALAP). The research is anchored in the approach of multidimensional Geolinguistics or geossociolinguística, in which are included the studies of Razky (2010), Cardoso et al. (2014), Razky, Ribeiro and Sanches (2017) etc. The methodology used is the same one found in ALAP, with the selection of the following localities: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jarí, (05) Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene and (10) Oiapoque. For each locality, 40 informants were interviewed and they were divided between two age groups (18-30 years and 50-75 years). These were also divided into two groups by sex: male and female. For the analysis of the palatalization process of / d / was selected the phonetic map of number 12 of the ALAP, which presents the map of the according to the phonetic items: dia, tarde, desvio e perdida. The results showed that 89% of the analyzed data present the process of palatalization and only 11% indicated non realization.

Keywords: Phonetic variation. Palatalization. Geossociolinguística.



Romário Duarte Sanches é doutorando e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor da Universidade do Estado do Amapá.

E-mail: duarte.romrio@gmail.com

Jamille Luiza de Souza Nascimento é graduanda em Letras/Francês pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

E-mail: amb.jamille.lsn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os estudos de caráter geolinguístico no Estado do Amapá somam em média 20 trabalhos (monografias, artigos, dissertações e teses) produzidos entre 2008 e 2019. Nesse período foi possível identificar que boa parte deles objetivou registrar a variação lexical do português falado no Amapá. Ainda são poucos os publicados, embora essa pequena quantidade de pesquisas tenha contribuído de forma relevante para o campo da geolinguística na região. Um dos mais importantes, sem dúvida, é o *Atlas Linguístico do Amapá*, cujo objetivo central foi descrever e mapear o português brasileiro falado em 10 municípios do Estado do Amapá, destacando a variação linguística de cada localidade.

O Projeto ALAP teve início em 2010, mas somente após sete anos de trabalho coletivo foi lançado o primeiro volume do Atlas Linguístico do Amapá. O atlas foi publicado em 2017, na ocasião do V Workshop do ALAP, realizado na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. O livro é composto por sete partes: 1) Estado do Amapá; 2) Os municípios de pesquisa; 3) Metodologia; 4) Cartas introdutórias; 5) Cartas lexicais e 6) Cartas estratificadas. No total foram elaboradas 119 cartas linguísticas sobre a variação fonética e lexical no Amapá. As cartas fonéticas expõem a unidade e a diversidade dos fenômenos fonéticos e fonológicos que caracterizam os falares do Norte; as cartas lexicais exploram as denominações dadas para

objetos, animais, frutas, plantas, fenômenos da natureza, entre outros elementos peculiares ao Estado do Amapá.

Com a publicação do ALAP, houve a necessidade de analisar e de divulgar os resultados alcançados. Diante disso, este trabalho configura-se com um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado *Análise Geossociolinguística dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Amapá*, coordenado pelo professor Romário Sanches, na Universidade do Estado do Amapá – UEAP. O projeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP), com sede na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). O presente estudo tem por finalidade mostrar o processo de palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/ na fala de amapaenses.

O artigo está organizado da seguinte forma:

- i) Introdução,
- ii) Da geolinguística monodimensional à pluridimensional,
- iii) Palatalização de oclusivas alveolares no Português Brasileiro,
- iv) Procedimentos metodológicos,
- v) Apresentação dos resultados e vi) Considerações finais.

1 DA GEOLINGUÍSTICA MONODIMENSIONAL À PLURIDIMENSIONAL

De acordo com Cardoso (2016, p.13) a Dialetoлогия é um “ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”. Concernente a essa definição, insere-se a Geolinguística, considerada um método da Dialetoлогия.

Romano (2014) concebe a Geolinguística como um ramo dos estudos dialetais, subordinada à Dialetoлогия, portanto, uma subdisciplina. Conforme o autor, o fazer geolinguístico significa, necessariamente, fazer pesquisa dialetológica, uma vez que o objetivo



principal é evidenciar formas e expressões linguísticas usadas em determinado espaço geográfico. Entretanto, a Geolinguística não se resume à simples representação dos dados em cartas linguísticas, mas envolve um conjunto de processos metodológicos e técnicos que vão desde a elaboração de questionários até a elaboração e interpretação de cartas linguísticas com auxílio de *softwares* computacionais.

Este autor lista alguns desses processos pela qual a pesquisa geolinguística passa, como:

[...] Elaboração de questionários com base nos objetivos da pesquisa; seleção dos informantes considerando variáveis envolvidas a partir do objetivo da pesquisa; treinamento do pesquisador de campo em trabalhos desta natureza; aplicação padronizada dos instrumentos de coleta de dados; transcrição e revisão de dados geolinguísticos; elaboração de bancos de dados geolinguísticos para tratamento quantitativo e/ou cartográfico; elaboração de cartas linguísticas seja com softwares computacionais atrelados a banco de dados, seja com ferramentas de edição de imagem; interpretação minuciosa e tratamento dos dados cartografados; tratamento dialetométrico para verificar a difusão areal de formas e expressões linguísticas (ROMANO, 2014, p. 150).

Comumente, a aplicação do método geolinguístico, em estudos de caráter dialetológico, visa à elaboração de atlas linguísticos, isto é, um conjunto de mapas temáticos de uma determinada área que mostra a distribuição geográfica de fenômenos linguísticos¹.

No Brasil, já foram publicados alguns atlas linguísticos que tendem a ser classificados como atlas monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais². De acordo com Thun

(1997), essa classificação é dada a partir das novas contribuições advindas do campo da Dialectologia moderna, assim, os atlas monodimensionais ou de primeira geração estão focados na dimensão espacial, ou seja, permitem a identificação do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica, objetivando apenas a contemplação da variação diatópica. Neste caso, citamos o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, *et al.*, 1963); o *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI, *et al.*, 1977); do *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH, *et al.*, 2002; 2011).

Sobre os atlas bidimensionais ou de segunda geração, Thun (1997) afirma que estes estariam interessados em mostrar a variação linguística para além de seu aspecto diatópico, permitindo identificar os usos linguísticos por meio de mais de uma variável, podendo ser esta diastrática, diagenérica, diageracional etc. Neste sentido, destacamos o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA, *et al.*, 1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005) e o *Atlas Linguístico do Paraná II* (ALTINO, 2007).

Os atlas pluridimensionais ou de terceira geração são aqueles que, além da dimensão diatópica (geográfica), contemplam também mais de duas variáveis sociais e/ou dimensões. Para Thun (1997), umas das características marcantes desses atlas é o cruzamento de dados linguísticos com dados extralinguísticos. Como exemplo, temos os atlas regionais: *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013), o *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); e o maior projeto de atlas já

¹ Conforme Trudgill e Campoy (2007, p. 47).

² Essa classificação também é definida por Cardoso (2010) como atlas de primeira geração, segunda geração e terceira geração.



firmado no país, o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (CARDOSO, *et al.*, 2014).

Vale destacar que o ALiB foi fundamental para elaboração de atlas pluridimensionais no Brasil, pois, forneceu as bases teórico-metodológicas (como a seleção da rede de pontos, do perfil dos informantes e do processo cartográfico) dos atlas regionais supracitados.

Em consonância com a perspectiva dos atlas pluridimensionais, Razky (2010, p.72) defende uma metodologia de caráter geossociolinguístico. Para ele, essa abordagem é necessária para compensar os limites da Geolinguística tradicional e da Sociolinguística, pois a primeira tende a focar na dimensão social da variação linguística e a segunda está preocupada com o aspecto geográfico. Com isso, surge a ideia de unir o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística com a da Geolinguística, buscando evidenciar a variação linguística em sua dimensão macrolinguística e microlinguística.

2 PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS ALVEOLARES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para Silva (2011, p. 168), a palatalização é um fenômeno pelo qual uma consoante adquire uma articulação palatal ou próxima à região palatal. No português brasileiro, ocorre a palatalização de oclusivas alveolares antes da vogal alta [i] ou glide palatal [j]. De acordo com esse fenômeno, as oclusivas alveolares /t, d/ serão manifestadas respectivamente como as africadas [tʃ, dʒ] quando forem seguidas de [i, ɪ, ỹ, j].

Abaurre e Pagotto (2002, p. 557) apresentam a palatalização como um processo assimilatório no qual a parte frontal da língua se move em direção ao palato duro, podendo afetar tanto consoantes articuladas na região posterior da cavidade bucal, como /k/, /g/, quanto consoantes articuladas na região anterior da cavidade bucal, como /t/, /d/, /s/.

Em relação aos trabalhos sobre a palatalização no Brasil, de caráter sociolinguístico, temos, por exemplo, o estudo de Abaurre e Pagotto (2002), que diz respeito à realização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ nos contextos em que são seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior [i]. O *corpus* analisado faz parte do *Projeto Gramática do Português Falado*. Os autores detêm-se aos dados de fala das cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife e chegam à conclusão de que há uma polarização na fala entre informantes de Recife e do Rio de Janeiro, uma vez que esse fenômeno ocorre com 7% em Recife, 40% em Porto Alegre, 73% em São Paulo, 85% em Salvador e 100% no Rio de Janeiro.

Outro trabalho importante, de caráter geolinguístico, que deve ser mencionado aqui, é o ALiB. Nele, podemos apreciar a carta fonética F06C1 (CARDOSO, *et al.*, 2014, p. 123), que ilustra a ocorrência da palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal palatal alta, como em *mentira, dia, prateleira, noite, desvio, conjuntivite, perdida* e *hóspede*. Os dados foram coletados em 25 capitais brasileiras, sendo entrevistados oito informantes em cada localidade.

Diante dos dados do ALiB, Mota (2016, p. 54), aponta que, do ponto de vista diatópico, a palatalização das oclusivas alveolares acontece com índice alto de frequência em boa parte das capitais brasileiras, configurando-se como variante de maior prestígio no português brasileiro. E, de modo contrário, mantém-se a articulação dental das oclusivas /t/ e /d/ em capitais do Nordeste.

Assim, a palatalização das oclusivas alveolares ocorreu, de forma categórica ou com índices elevados de frequência (acima de 90%), em todas as capitais do Norte (Boa Vista Macapá, Manaus, Belém, Porto Velho e Rio Branco) e do Sudeste (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória), em quatro do



Nordeste (Teresina, São Luís, Fortaleza e Salvador), em duas do Centro-Oeste (Campo Grande e Goiânia) e em uma do Sul (Porto Alegre). Já os índices mais baixos de palatalização (entre 16% e 31%) encontram-se em cinco capitais do Nordeste (Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju).

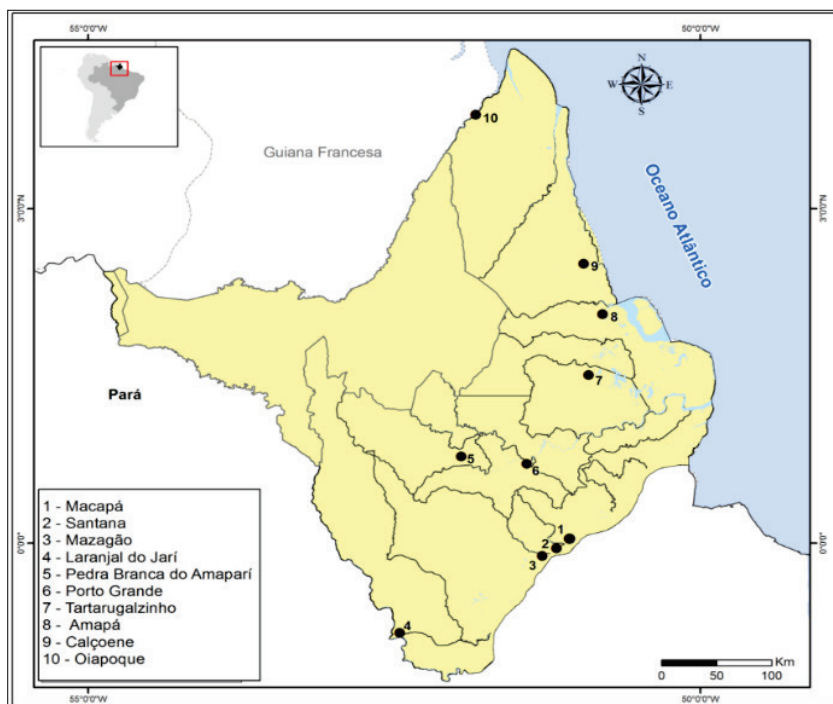
Com base nos estudos mencionados, é possível perceber que os *corpora* dos projetos citados se complementam, ratificando os resultados alcançados por Abaurre e Pagotto (2002) e Mota (2016). E, também, permitem-nos inferir uma mudança em curso na cidade de Porto Alegre, já que, na década de 1990 (período de realização da pesquisa para o *Projeto Gramática do Português falado*), a palatalização havia sido registrada com 40% de frequência e, conforme os dados apresentados por Mota (2016), essa realização encontra-se com alta frequência (acima de 90%), indicando que houve o enfraquecimento da oclusiva alveolar e o fortalecimento da africada alveopalatal.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste trabalho é a mesma empregada para o Projeto ALAP, tendo por base o método geolinguístico. Assim, foram selecionadas as seguintes localidades (Figura 1): (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, 04 (Laranjal do Jari), (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque.

Para cada localidade foram entrevistados 40 informantes divididos entre duas faixas

Figura 01 – Pontos de inquérito



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53) (adaptado pelos autores)

etárias (18-30 anos e 50-75 anos) e entre homens e mulheres.

Os dados analisados aqui compõem o *corpus* do ALAP, com a seleção da carta fonética F12 (Palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/), que mapeou os itens fonéticos *dia*, *tarde*, *desvio* e *perdida*. Vale ressaltar que no ALAP consta somente o mapeamento diatópico, mas para este estudo iremos analisar, também, a variação social (sexo e faixa etária).

Neste caso, a organização dos dados diastráticos (sexo e faixa etária) foi feita com o auxílio de *softwares*, como Excel e Word, para tabulação e contagem das ocorrências do fenômeno fonético, isto é, foram verificadas as transcrições fonéticas e os áudios correspondentes que assinalavam a ocorrência ou não da palatalização. Após essa etapa foram confeccionados os gráficos temáticos, possibilitando visualizar a ocorrência total em cada variável controlada.



4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

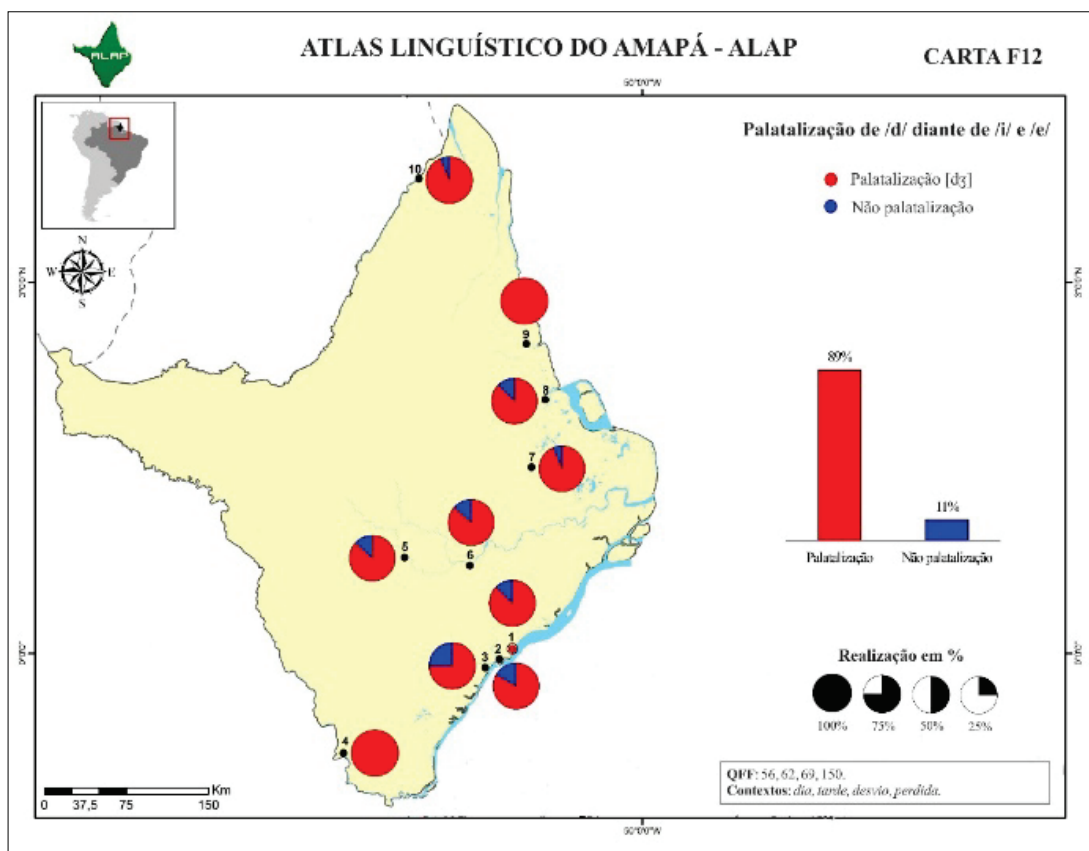
Como já mencionado, as cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017) apresentam a descrição e o mapeamento diatópico dos fenômenos fonético-fonológicos do Português falado no Estado. Entretanto, esses resultados necessitam de uma análise do aspecto social da variação, na intenção de verificar se há influência das variáveis sexo e faixa etária no processo de palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/. Diante disso, apresentaremos inicialmente uma análise da variação geográfica e posteriormente uma análise social do referido fenômeno.

No que diz respeito à variação geográfica do processo de palatalização de /d/ no Amapá, a Figura 02 ilustra a distribuição diatópica da realização e da não realização da palatalização.

A figura mostra que a palatalização de /d/ ocorreu em todas as localidades, com 100% de frequência nos pontos 04 (Laranjal do Jari) e 09 (Calçoene). A localidade 04 está localizada ao extremo sul do Estado e a localidade 09, mais ao norte. Os demais municípios aparecem com uma frequência baixa de não realização da palatalização, isto é, os informantes entrevistados, em sua maioria, falam: ['dʒiɛ], ['taɦdʒi], [dʒiʒ'viw] e [peɦ'dʒidɛ]. Já em menor frequência preferem não palatalizar o fonema /d/, como em: ['diɛ], ['taɦdi], [deʒ'viw] e [peɦ'didɛ].

Em termos de porcentagem, identificamos que em Laranjal do Jari (04) e Calçoene (09) a palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/ ocorreu com 100%; em Tartarugalzinho (07) e Oiapoque (10), com 94%; em Macapá (01),

Figura 02 – Variação geográfica do processo de palatalização de /d/ diante de /i/ e /e/



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 67).



Pedra Branca do Amapari (05), Porto Grande (06), Amapá (08), com 87%; em Santana (02), com 83%; e em Mazagão (03), com 75%. Abaixo segue o Quadro 01 com o número de ocorrência e porcentagem por localidade.

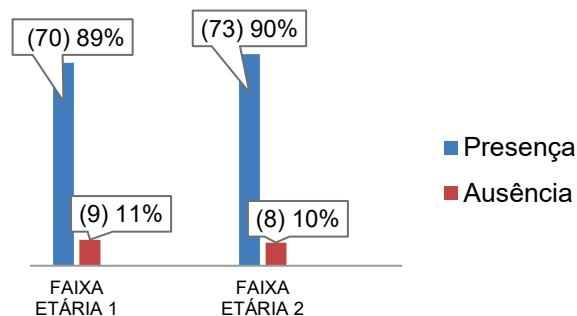
Quadro 01 – Números de ocorrências por localidade

| Localidades | Palatalização | | Não Palatalização | |
|-------------------------|------------------|------|-------------------|-----|
| | ocor. | % | ocor. | % |
| Macapá | 14 | 87% | 2 | 13% |
| Santana | 15 | 83% | 3 | 17% |
| Mazagão | 12 | 75% | 4 | 25% |
| Laranjal do Jari | 16 | 100% | 0 | 0% |
| Pedra Branca do Amapari | 13 | 87% | 2 | 13% |
| Porto Grande | 13 | 87% | 2 | 13% |
| Tartarugalzinho | 15 | 94% | 1 | 6% |
| Amapá | 14 | 87% | 2 | 13% |
| Calçoene | 16 | 100% | 0 | 0% |
| Oiapoque | 15 | 94% | 1 | 6% |
| Total | 143 ocor. | | 17 ocor. | |

Fonte: Elaboração dos autores.

No que tange ao aspecto social da variação, cita-se a variável faixa etária: identificamos que a realização da palatalização de /d/ ocorreu com 89% de frequência na fala dos informantes de 1ª faixa etária e 90% na fala de informantes de 2ª faixa etária. Já a ausência de palatalização foi registrada com 11% de frequência na fala dos informantes de 1ª faixa etária e 10% nos de 2ª faixa etária, conforme Gráfico 01.

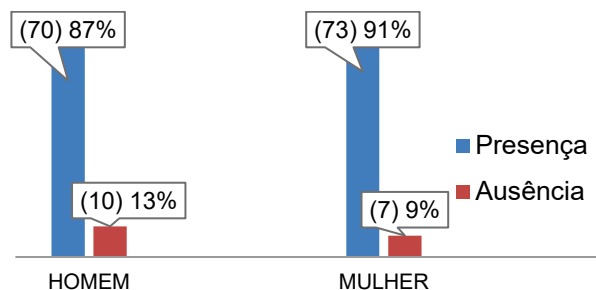
Gráfico 01 – Frequência de palatalização de /d/ por faixa etária



Fonte: Elaboração dos autores.

Sobre a variável sexo, observamos que a palatalização de /d/ ocorreu com 87% na fala de informantes do sexo masculino e com 91% na fala de informantes do sexo feminino. A não realização da palatalização ocorreu com menor frequência na fala de ambos os sexos, com 13% de ocorrência na fala de informantes do sexo masculino e 9% nos de sexo feminino, como mostra o Gráfico 02.

Gráfico 02 – Frequência de palatalização de /d/ por sexo



Fonte: Elaboração dos autores.

Com base nos resultados da variação social apresentados, fica evidente que a palatalização e não palatalização de /d/ diante das vogais /i/ e /e/ parece não obter influência das variáveis sexo e faixa etária. Tanto os homens quanto as mulheres fazem uso da africada [dʒ] ou da oclusiva [d] em vocábulos como *dia*, *tarde*, *desvio* e *perdida*.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou a ocorrência do processo de palatalização no fonema /d/ diante das vogais /e/ e /i/ no Estado do Amapá. Os dados apontam que a variante de maior prestígio é a africada /dʒ/, como mostra a carta F12 do ALAP, e indicam que, em todas as localidades pesquisadas no Amapá, a consoante oclusiva alveolar /d/, quando inserida diante de /i/ e /e/, assume a posição de uma alveopalatal [dʒ].

Do ponto de vista diatópico, os resultados mostram que nos pontos 04 (Laranjal do Jari) e 09 (Calçoene), a presença de palatalização ocorreu com 100% de frequência e nas demais localidades isso oscilou entre 90% a 75%. Do ponto de vista social, o fenômeno parece não ser influenciado nem pelo fator idade nem pelo fator sexo, mantendo-se estável.

Espera-se comparar em breve os resultados desta pesquisa com outros estudos já realizados no Brasil, como forma de identificar o perfil deste fenômeno fonético no Português Brasileiro falado em outras regiões.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**: volume VIII, novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 557-602.

AGUILERA, V. A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. 693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

CARDOSO, A. S. Dialetoлогия. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. **Sociolinguística, Sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

CARDOSO, S. *et. al* (Orgs.). **Atlas Linguístico do Brasil**: vol.1 e vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EUFBA, 2005.

CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

FERREIRA, C. *et al*. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (org.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 [2002].

MOTA, J. A. Por onde caminha a palatalização no português do Brasil. In: AGUILERA, V. A.; DOIRON, M. P. B. **Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus**: uma homenagem a Michel Contini. Cascavel, PR: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, p. 49-65.

RAZKY, A. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique.



Lenguaje (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis** (UFMS), v. 18, p. 135-153, 2014.

ROSSI, N. (*et al.*). **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1963.

SÁ, E. J. de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

THUN, H. **Dialetologia Pluridimensional no Rio Prata**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

TRUDGILL, P.; CAMPOY, J. M. H. **Diccionario de Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

ZÁGARI, M. *et al.* **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANCHES, R. D.; NASCIMENTO, J. L. S. Palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ e /e/ no falar amapaense. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 74-82, 2019.



CARMIM, RUGE E BLUSH: RESPOSTAS OBTIDAS NO MATO GROSSO DO SUL PARA AQUILO QUE AS MULHERES PASSAM NO ROSTO, NAS BOCHECHAS, PARA FICAREM MAIS ROSADAS

Beatriz Aparecida Alencar

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Andreza Carubelli Sapata

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das respostas obtidas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37) no estado de Mato Grosso do Sul considerando os registros das cartas QSL-L26 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et. al., 2014, p. 331) e na carta 389a do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). Entre os dados obtidos, destacam-se as respostas esperadas: *carmim*, *ruge*, *blush*. Além de identificar as localidades em que as respostas são produtivas, o estudo propõe-se a realizar a análise léxico-semântica dessas designações e pontuar algumas características histórico/sociais que contribuíram para o uso dessas nomeações. Para isso, ademais dos dados registrados no Atlas Linguístico do Brasil, também serão utilizados os dicionários antigos, versão digital Bluteau (1712-1728), Silva (1813) e Pinto (1832), bem como os dicionários gerais contemporâneos Borba (2004), Aulete (2006), Houaiss (2009), Borba e Ferreira (2010). Preliminarmente, apontamos que as unidades lexicais analisadas refletem um processo pelo qual a sociedade brasileira passou nas últimas décadas, em que os moldes franceses seguidos pela sociedade passaram a ser substituídos pelos moldes norte-americanos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoologia e Geolinguística; Atlas Linguístico; Mato Grosso do Sul; vestuário e acessórios.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the diatopic distribution of responses obtained for “what women pass on their faces, cheeks to become rosier” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37) in the state of Mato Grosso do Sul considering the data of linguistic maps QSL-L26 of the Linguistic Atlas of Brazil (CARDOSO et.al., 2014, p. 331) and linguistic maps 389a of the Linguistic Atlas of Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). Among the data obtained, the expected answers stand out: *carmine*, *ruge*, *blush*. In addition to identifying the regions in which responses are productive, the study proposes to perform the lexical-semantic analysis of these designations and to point out some historical/social characteristics that contributed to the use of these designations. For this, in addition to the data recorded in the Linguistic Atlas of Brazil, the old dictionaries, digital version of Bluteau (1712-1728), Silva (1813) and Silva Pinto (1832), as well as the contemporary general dictionaries Borba (2004), Aulete (2006), Houaiss (2009) and Ferreira (2010), will also be used. Preliminarily, we point out that the lexical units analyzed reflect a process by which Brazilian society has gone through the last decades, in which the French molds followed by society have been replaced by the North American ones.

KEYWORDS: Dialectology and Geolinguistics; Linguistic Atlas; Mato Grosso do Sul; Clothing and Accessories.



Beatriz Aparecida Alencar é professora do IFMS e doutoranda pelo programa de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS - Três Lagoas).

E-mail: bia83_12@hotmail.com

Andreza Carubelli Sapata é professora do IFMS.

E-mail: andreza.sapata@ifms.edu.br

INTRODUÇÃO

A Dialetoлогия foi inaugurada com o trabalho pioneiro de Jules Gilliéron, no Atlas Linguístico da França (ALF), publicado em 1902 (1º volume). O material documentou, através de inquéritos *in loco*, a fala de diferentes povoados franceses. Na época, a documentação da fala realizada pelos estudos dialetais era basicamente pautada na fala rural.

Com o decorrer do tempo, a Dialetoлогия foi modificando seus alicerces, porém, pode-se afirmar que dois pontos foram mantidos e caracterizam a disciplina ainda hoje: i) a percepção da heterogeneidade da língua, e ii) a importância da variação diatópica.

Entre os primeiros trabalhos realizados na área, observou-se o predomínio da monodimensionalidade, em que a preocupação se focava apenas em documentar a variação de diferentes localidades (diatopia) da língua. Porém, no decorrer dos anos, a Dialetoлогия não abandonou a sua preocupação areal, mas também acrescentou outras dimensões aos seus estudos, sobretudo no que tange às características sociais. Surgem, então, os trabalhos bidimensionais e pluridimensionais com os estudos mais recentes denominados por Thun de “nouvelle géolinguistique”:

A Nova Geolinguística se caracteriza pela ampliação de seu campo de observação e por

um trabalho de maior profundidade. Passa da análise da superfície, constituída pela dimensão diatópica, para a do espaço linguístico voltado para a consideração de outras dimensões como a diastrática e a diafásica. Ela não emprega mais toda a sua energia na busca do dialeto rural puro, mas entra igualmente nas cidades, analisa os dialetos regionais, focaliza situações de contato, questiona também os grupos demograficamente móveis (THUN, 2000, p. 408).

Além das características que ampliaram a dimensão da Dialetoлогия, devemos considerar o método da Geolinguística, que auxiliou sobremaneira nos trabalhos dialetais. Segundo Mouton, a Geolinguística:

No se considera una ciencia en sí, sino un método dialectológico que aparece a fines del XIX, en un entorno muy interesado ya de antiguo por las hablas vivas, para estudiar la lengua hablada desde este nuevo enfoque. Los trabajos que se hicieron después sobre esas ingentes colecciones de materiales han dado frutos espectaculares para toda la Linguística, no solo para la Dialectología (MOUTON, 1996, p. 63).¹

Entre os trabalhos em que a Dialetoлогия se beneficiou da metodologia da Geolinguística, devemos considerar os atlas linguísticos, que são estudos que podem documentar um momento da língua de uma determinada localidade. Além disso, é um material que pode se tornar uma grande fonte de estudos, a partir do momento de sua publicação:

Na realidade, a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos

¹ “Não se considera uma ciência em si, senão um método dialectológico que aparece no final do século XIX, em um ambiente muito interessado desde antigamente pelas falas vivas, para estudar a língua falada a partir deste novo

enfoque. Os trabalhos que se fizeram depois sobre essas enormes coleções de materiais têm dado frutos espetaculares para toda a Linguística, não somente para a Dialetoлогия” (MOUTON, 2009, p. 63) (TN).



seus vários níveis (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 20).

Considerando a importância dos atlas linguísticos e dos trabalhos que podem ser realizados a partir desses documentos dialetais, este estudo examina dados lexicais de natureza geolinguística cartografados no Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), analisando as variantes documentadas como respostas para a pergunta 191 do Questionário Semântico-Lexical - QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), que busca apurar as denominações para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?”, vinculada à área semântica *Vestuário e acessórios*, na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, e também nas localidades que integram a rede de pontos do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS). Consequentemente, discute os dados mapeados na carta linguística QSL L26 – ruge, do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et. al., 2014, p. 331) e da carta 389^a - ruge do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007, p. 204). O estudo tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das respostas obtidas, bem como observar as características sociais que podem ter interferido no uso dessas denominações

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado ao sul da região Centro-Oeste. Tem como limites os estados de Goiás a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso a norte, Paraná ao sul e São Paulo a sudeste, além da Bolívia a oeste e do Paraguai a oeste e ao sul. Sua população, de acordo com o censo 2010², é de 2.449.024 habitantes e possui uma área de 357.145,532

km². Sua capital e maior cidade, em termos populacionais e econômicos, é Campo Grande.

O estado constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979. Porém, a história e a colonização da região, onde hoje está a unidade federativa, é bastante antiga, remontando ao período colonial antes do Tratado de Madri, em 1750, quando passou a integrar a coroa portuguesa. Durante o século XVII, foram instaladas duas reduções jesuíticas, Santo Inácio de Caaguaçu e Santa Maria da Fé do Taré, entre os índios Guarani na região, então conhecida como Itatim.

Historicamente vinculado à região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul teve na pecuária, na extração vegetal/mineral e na agricultura as bases de um acelerado desenvolvimento iniciado no século XIX.

Um dos mais importantes fatos históricos que ocorreu nas terras do atual estado foi a Guerra do Paraguai, na qual os exércitos brasileiro, argentino e uruguaio combateram juntos as tropas paraguaias. Esse combate praticamente destruiu o Paraguai, potência econômica durante o período da guerra.

Quando encerrada a Guerra do Paraguai (01 de março de 1870), o morador da região se encontrava em situação precária. O processo de povoamento, que começava a se acelerar na primeira metade do século XIX, havia, em muitos locais, cessado. No centro, oeste e sul do que hoje consideramos Mato Grosso do Sul, encontravam-se propriedades e povoados abandonados ou destruídos, estando as populações dispersas e abatidas pela fome, miséria e doenças.

² Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php>.

Acesso em: 15 ago. 2015.



A única região em que a vida continuou a um passo regular foi a região leste e nordeste do Estado, onde a frente colonizadora da família Garcia Leal e seus agregados aos poucos se expandia ao sul da cidade de Paranaíba para, na década de 1880, colonizar o município de Três Lagoas.

Ao contrário do que aconteceu no restante das terras sul-mato-grossenses, as propriedades desta região nunca se encontraram devolutas ou improdutivas devido à guerra.

Uma vez terminada a Guerra do Paraguai, aqueles soldados que haviam estado em Mato Grosso do Sul passaram a relatar, ao retornarem a suas províncias de origem, as gigantescas terras devolutas de vacarias existentes no local. Iniciou-se, assim, um massivo processo de migração regional para a área, com povoadores sobretudo oriundos de províncias como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia.

Datam deste período a ocupação, por exemplo, de municípios como Campo Grande e Sidrolândia, assim como a reocupação da área de Dourados. Nessas localidades, estabeleceram-se extensas fazendas de pecuária que faziam uso do pasto nativo existente na região. Nessa área estabeleceu-se José Antônio Pereira com seu filho Antônio Luiz, os escravos João Ribeira e Manoel e o sertanista Luiz Pinto Guimarães. Vindos por Goiás, passaram pelo atual município de Costa Rica, próximo à frente colonizadora dos Garcia Leal, e adentraram o Mato Grosso do Sul até sua área central, na confluência dos córregos Segredo e Prosa.

Assim, em meio à falta de perspectiva que abatia a população, criavam-se oportunidades para guinadas nos rumos, especialmente devido à presença de terras férteis em grande quantidade, à abundância em recursos hídricos e às possibilidades de atividades extrativas. O crescente comércio internacional foi fator

predominante para a reocupação da fronteira oeste brasileira. Tal recuperação só foi possível pelos dois primeiros ciclos econômicos sul-mato-grossenses: o ciclo da erva-mate e o ciclo do gado.

Ademais das situações históricas recuperadas e da geografia do Estado de Mato Grosso do Sul, ressalta-se que diferentes frentes migratórias vieram a povoar a região Centro-Oeste, sobretudo tal Estado e, conseqüentemente, trouxeram seus costumes ou hábitos então vigentes no país. Essa característica influencia sobremaneira a cultura da região e, por conseguinte, a forma de nomear os objetos e o mundo.

3. AS UNIDADES LEXICAIS CARMIM, RUGE, BLUSH: PERSPECTIVA GEOLINGÜÍSTICA

3.1 DADOS MAPEADOS PELO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALIB)

Este estudo contemplou os dados cartografados no Atlas Linguístico do Brasil no que se refere às informações obtidas em Mato Grosso do Sul, no caso Campo Grande, documentadas na Carta nº L26 - capitais brasileiras (CARDOSO et al, 2014, p. 331). As respostas consideradas para o estudo foram fornecidas por oito informantes, distribuídos conforme as seguintes variáveis: a) escolaridade: quatro com curso superior e quatro com ensino fundamental incompleto; b) sexo: quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino; c) idade: quatro da faixa etária I (18 a 30 anos) e quatro da faixa etária II (50 a 65 anos); naturalidade: nascidos em Campo Grande.

O levantamento de dados para este trabalho resultou na documentação de três unidades lexicais para nomear “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37):



blush, *carmim* e *ruge* foram as respostas registradas na capital sul-mato-grossense.

Considerando apenas os dados obtidos em Mato Grosso do Sul, a carta L26 documenta uma alta produtividade para a variante *ruge*, com aproximadamente 75% das ocorrências e as variantes *carmim* e *blush*, com menor produtividade.

Quanto aos comentários apresentados como notas para a carta assinalada, cabe salientar que a resposta *carmim* foi identificada na fala da informante do sexo feminino, da faixa etária II. Além disso, a entrevistada acrescentou que a denominação não é utilizada na atualidade:

INQ.: Aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, pra ficarem mais rosadas?

INF.: É *ruge*... *ruge*... antigamente, falava *carmim*.

INQ.: *Carmim*?

INF.: *Carmim*... “vou passar *carmim* para ir na festa”, a minha vó falava. Eu lembro.

INQ.: Bem, bem *vermelhinho*.

INF.: É, bem, o *carmim* era bem *vermelho*.

INQ.: É.

INF.: Ficava aquela maçã de rosto bem *vermelhinha*, tava bonita

(Campo Grande, ponto 115, mulher, faixa etária II, escolaridade fundamental).

Ainda na carta do ALIB, acrescenta-se a nota que, para as informantes do sexo feminino, foi mais fácil obter respostas específicas para essa pergunta: “[...] pelo fato de ser uma

pergunta mais relacionada ao seu universo” (CARDOSO et al, 2014, p. 336). Além disso, esse comentário é complementado com a informação de que: “como mostram os informantes de Campo Grande (MS) e Recife (PE), para o homem, em geral, não existe distinção entre pó e *ruge*” (CARDOSO et al, 2014, p. 336).

No próximo tópico, analisam-se os dados documentados no atlas estadual.

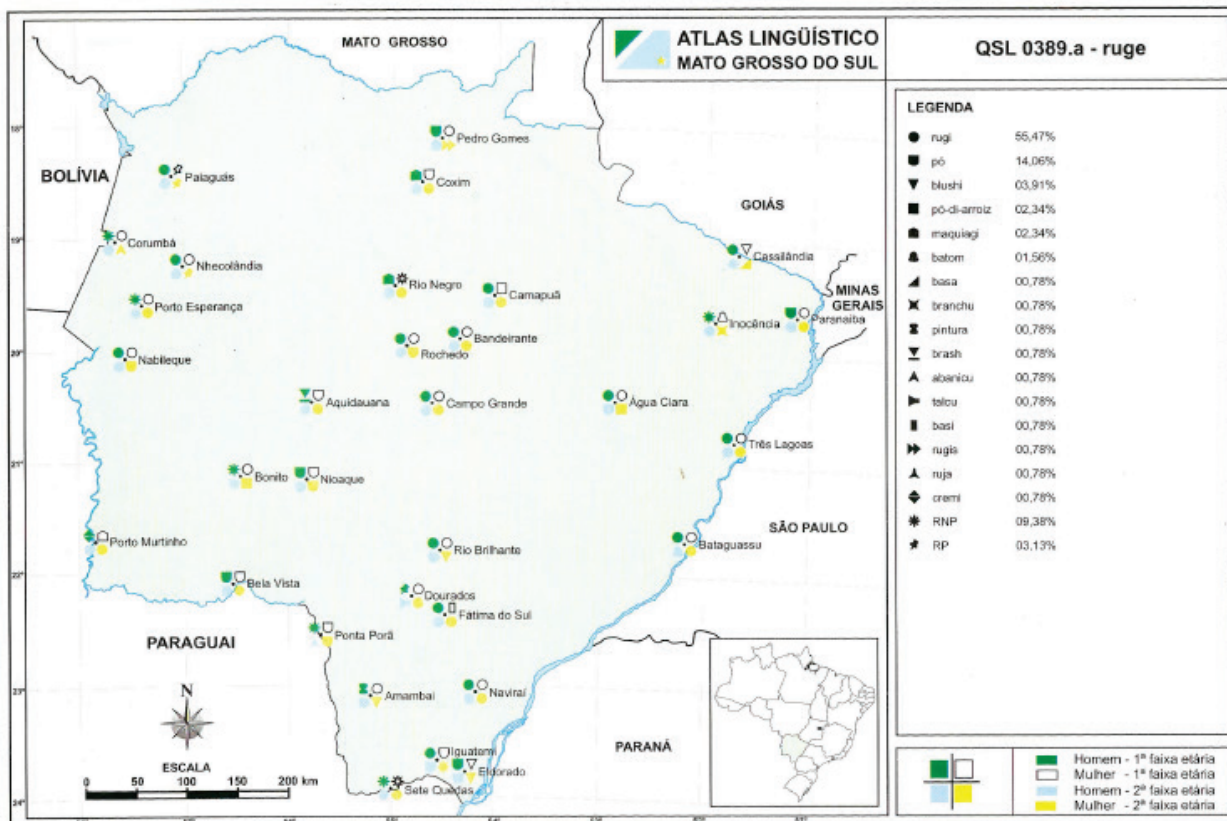
3.2 DADOS MAPEADOS PELO ATLAS LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL (ALMS)

Neste estudo contemplamos os dados apresentados no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul no que se refere aos 32 pontos dentro do estado, cartografados na Carta nº 0389.a. (OLIVEIRA, 2007, p. 204). As respostas consideradas para o estudo foram fornecidas por 128 informantes, distribuídos conforme as seguintes variáveis: a) escolaridade: ensino fundamental incompleto; b) sexo: dois do sexo feminino e dois do sexo masculino; c) idade: dois da faixa etária I (18 a 30 anos) e dois da faixa etária II (45 a 70 anos); naturalidade: nascidos na localidade inquirida.

Ao visualizar a carta obtida como resposta para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37), foram reunidas as seguintes respostas: *ruge*, *pó*, *blush*, *maquiagem*, *batom*, *base*, *pintura*, *abanico*, *talco*, *creme* além das respostas identificadas como RNP e RP. Observe a Figura 01:



Figura 01 – Denominações para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” no ALMS



Fonte: Oliveira (2007, p. 204)

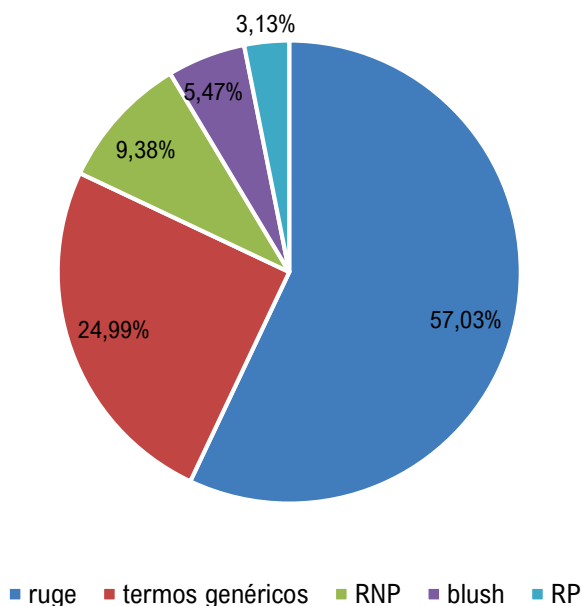
Tendo em vista a grande quantidade de respostas obtidas e a presença de denominações que não contemplam o referente solicitado, agruparemos alguns dados mapeados com a identificação *termos*

genéricos (maquiagem, batom, base, pintura, talco, creme, pó, pó de arroz), além de *ruge*, *blush*³. Após o agrupamento das denominações, é possível construir o gráfico considerando a produtividade das respostas:

³ Para fins de análise, são consideradas apenas as denominações coincidentes ao atlas nacional.



Gráfico 01 – Produtividade das respostas obtidas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?” no ALMS



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do ALMS

Considerando o Gráfico 1 e retomando a carta 389a (Figura 1), observa-se que as respostas *ruge* e *blush* se mostraram produtivas, respectivamente nas seguintes localidades:

Ruge atingiu 57,03% das respostas cartografadas e foi registrada em todos os pontos de inquérito, com exceção de Eldorado (ponto nº 07).

Blush atingiu 5,47% das ocorrências e figura como resposta apenas nas cidades de Amambai (ponto 02), Aquidauana (ponto 03), Eldorado (ponto 07), Cassilândia (ponto 11), Inocência (ponto 17) e Rio Brilhante (ponto 28).

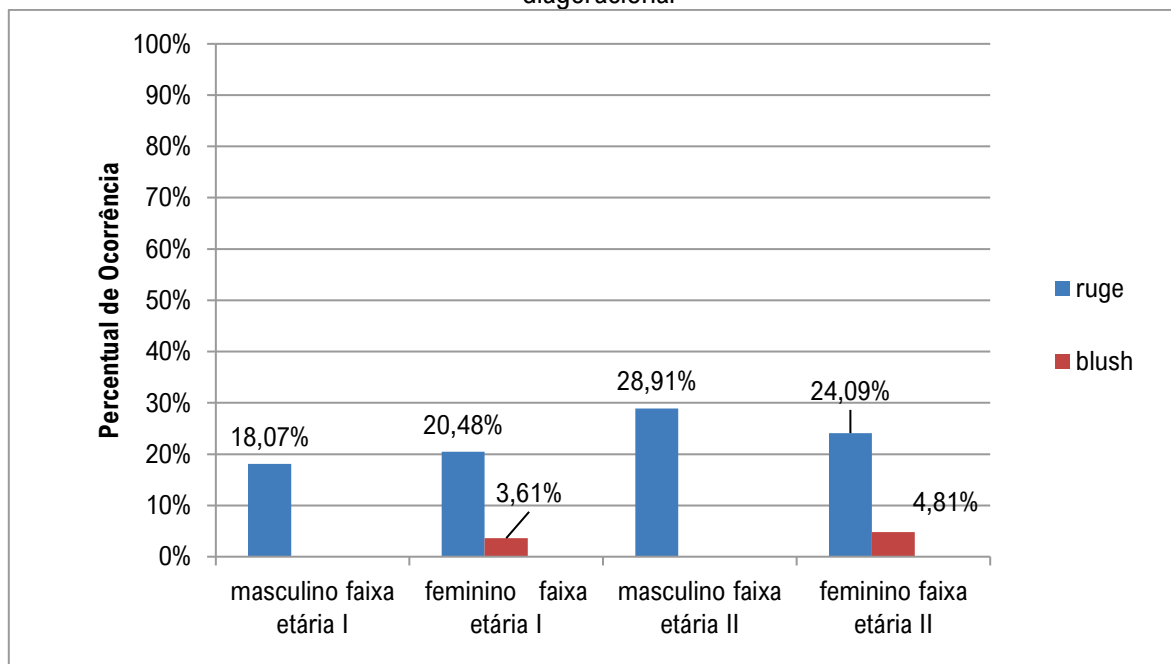
Informa-se que as ocorrências de *blush* figuram em três municípios limítrofes às fronteiras estaduais: Amambai e Eldorado (Paraná) e Cassilândia (Goiás). Possivelmente, essas cidades receberam algum tipo de influência da linguagem dos estados vizinhos.

Quanto às demais localidades, não possuem proximidade geográfica.

Em relação às respostas agrupadas como termo genérico, verifica-se que essas denominações ocorrem nas diferentes regiões do estado, não mostrando uniformidade no que tange aos pontos de inquéritos.

Conforme os aspectos abordados, constata-se que há em Mato Grosso do Sul uma maior produtividade para a designação *ruge*. Além disso, podemos observar que sua presença ocorre em ambas as faixas etárias e gêneros, o que nos permite informar que há uma possível característica de manutenção na denominação em questão.

De acordo com as ocorrências de *blush* e *ruge*, é possível construir o Gráfico 02, que destaca a supremacia da denominação *ruge* como “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” pelos diferentes entrevistados do ALMS.

Gráfico 02– Produtividade das denominações *blush* e *ruge* e no ALMS considerando a variação diasssexual e diageracional

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do ALMS

Nota-se também no Gráfico 02 que *ruge* é um pouco mais produtivo na fala dos informantes da faixa etária II (53%). Quanto à denominação *blush*, verifica-se que está presente apenas na fala de informantes do sexo feminino.

Após tecer algumas considerações de caráter geolinguístico, passaremos a discussão léxico-semântica das respostas esperadas.

4 AS UNIDADES LEXICAIS CARMIM, RUGE, BLUSH: PERSPECTIVA LÉXICO-SEMÂNTICA

Após a discussão da distribuição diatópica das respostas que nomeiam “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37), examinaremos a dimensão léxico-semântica dessas unidades lexicais.

Inicialmente, é importante informar que serão analisadas as unidades lexicais *ruge*, *blush* e *carmim*, que figuram no Atlas Linguístico do Brasil, no que se refere à cidade de Campo Grande. Vale ressaltar que tais unidades lexicais também foram encontradas e cartografadas no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, com exceção de *carmim*.

Do ponto de vista linguístico, destaca-se que as três unidades lexicais integram o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), da Academia Brasileira de Letras⁴. Entre os registros apresentados pelo VOLP, cabe informar que *blush* é apresentado como sendo de origem estrangeira (inglês). Por sua vez, em relação ao registro dessas unidades lexicais nos dicionários do século XVIII e XIX, verificamos que nessas obras, o único item lexical dicionarizado é *carmim*. Observe a acepção apresentada a seguir, no Quadro 01, em obras lexicográficas antigas:

⁴Consulta realizada no endereço eletrônico: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Quadro 01 – Registro de *carmim* em dicionários de Língua Portuguesa do século XVIII e XIX

| DICIONÁRIOS | ACEPÇÕES DE CARMIM |
|--------------------------------|---|
| BLUTEAU (1712-1728) | [...] Porém, Carmim, nem he vermelhao, nem Graã he huma tinta atificial, composta de pao Brafil, moida em Almofariz co paens de ouro, tudo lançado de molho em vinagre branco e depois de ferver, fe pocin, fe poem a efeuma a fecar, eita he o carmim. Tambem fe faz por outro modo co cochonilha, & pedra hume de Roma, tirante a vermelho. Tem o Carmim a côr muito viva. [...] Ainda que o ditto Author chame ao Carmim, preto de Frandes, não deixa o carmim de fer Tinta vermelha. |
| SILVA (1813) | s.m. Tinta artificial extraída do pao Brasil, moida com pães de oiro, ou da cochonilha com pedra hume de Roca; aliás preto de Flandes. Arte da Pint. Também se extrai da cochonilha. Líquido carmim: sangue, M.C. II 53. de líquido carmim sai fonte viva. |
| SILVA PINTO (1832) | s.m. Tinta artificial de cor de purpura ou de grãa. Fig. sangue. |

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Ao consultar o Dicionário Etimológico Nova Fronteira (CUNHA, 1986), nota-se que apenas a unidade léxica *carmim* foi registrada. Segundo essa obra lexicográfica, *carmim* é definido como: “sm. Matéria corante, de um vermelho muito vivo, extraída, originariamente, da cochonilha-do-carmim XVII. Do fr. carmin, deriv. do lat. med. Carminium, resultante do cruzamento de minium ‘vermelhão’, ‘zarcão’ com o ar. Qírmiz. Compare CARMESIM”.

Ao pesquisar a etimologia da unidade lexical *carmesim*, há a referência a cores/tonalidade: “[...] adj. 2g. Sm. ‘diz-se de, ou cor vermelha muito viva [XVI, creme – XVI,

crimjsym XVI etc. [Do ár. hisp. qarmazî, deriv. de qármaz (ár. quírmiz) vermelhão, encarnado e, este, do pers. Kirm” (CUNHA, 1986, p. 157).

Em relação aos dicionários gerais de língua portuguesa contemporâneos, encontram-se registradas as três unidades lexicais: *carmim*, *ruge* e *blush*. Quanto às definições que serão visualizadas na continuação, é relevante informar que as informações expressas contemplam o referente e que se tratam de um elemento relacionado à coloração. A seguir, no Quadro 2, registram-se a dicionarização dessas unidades léxicas, iniciando pela definição do item lexical *carmim*.

Quadro 02 – Registro de *carmim* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

| DICIONÁRIOS | ACEPÇÕES DE <i>CARMIM</i> |
|----------------------------|--|
| HOUAISS (2009) | s.m. (1615 FNun fo 55v) 1 QUÍM. substância corante, em vermelho vivo, extraída da cochonilha-do-carmim; magenta 2 p.met. a cor desse corante; carmesim, magenta 3 ENT m.q. COCHONILHA-DO-CARMIM (<i>Dactylopius coccus</i>) 4 ENT m.q. PULGÃO (<i>Erisoma lanigerum</i>) adj. 2g.2n 5 que tem a cor do carmim (acp.1); carmesim, magenta <mantos carmim> 6 diz-se dessa cor; carmesim, magenta ,o tom c. daquele chapéu é belíssimo> c. alizarim PINT QUÍM. substância (C ₁₄ H ₇ NAO ₇ S) us. como indicador ácido-base, como corante em alimentos, em fármacos, cosméticos etc. ETIM fr. carmim (c1165 sob a f. subst. charmim) 'id.', este de orig. duv.; talvez de um lat. medv. *carminium, resultante do cruzamento anterior de minium 'vermelho, zarcão' como o ár. qirmiz 'cochonilha' SIN/VAR ver sinonímia de vermelho |
| BORBA (2004) | (Fr) Sm. 1 pomada corante, de um vermelho muito vivo, usada para colorir a face; rouge. Adj. 2 de cor vermelha: chegou à festa portando um chapéu a carmim. |
| AULETE (2006) | sm. 1. Substância corante de cor vermelha, extraída, a princípio, da cochonilha-do-carmim. 2. A cor desse corante; CARMESIM 3. Ent. Ver <i>cochonilha-do-carmim</i> . 4. Espécie de pulgão (<i>Eriosoma lanigerum</i>). a2g2n. 5. Ref. a ou da cor do carmim (lençóis carmim); CARMINADO; CARMÍNEO; CARMESIM; MAGENTA [Pl.: -mins.] [F.: Do fr. <i>carmin</i> , posv. do lat. medieval <i>carminium</i> . Sin. ger.: <i>magenta</i> .] |
| FERREIRA (2010) | [Do fr. carmim] S.m. 1. Matéria corante, de um vermelho muito vivo, ligeiramente arroxeadado, extraída, originariamente, da cochonilha-do-carmim. 2. A cor do carmim (1); carmesim. 3. Zool. Cochonilha-do-carmim. Adj 2 g. 4. Da cor do carmim (1); carmesim. 5. Diz-se dessa cor; carmesim. [Sin. (nas acepç 1, 2, 4 e 5): magenta.] |

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Quanto ao item lexical *carmim*, observamos que sua datação é bastante antiga. Houaiss (2009) faz referência a duas datas: i) 1615, referindo-se a uma obra intitulada “Arte poética e de pintura e simetria, com alguns princípios de perspectiva”, com indicação da página, e ii) 1165, remetendo à etimologia da palavra.

Também com característica marcada pela antiguidade da unidade léxica, têm-se as acepções de *ruge*, considerando os dicionários gerais. Verifique as definições apresentadas no Quadro 03:

Quadro 03 – Registro de *ruge* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

| DICIONÁRIOS | ACEPÇÕES DE <i>RUGE</i> |
|------------------------|---|
| HOUAISS (2009) | <i>ruge</i> s.m. COSMT pó ou pasta, de tonalidade entre o rosa e o vermelho, que se espalha nas maçãs do rosto. GRAM voc. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>carmim</i> . ETIM fr. <i>rouge</i> adj (c1130) 'que tem a cor característica do sangue, de certas flores'; s.m. 'colorante vermelho', na expressão <i>rouge à joues</i> 'colorante vermelho para as faces', do lat. <i>rubeus</i> , a, um 'avermelhado' HOM <i>ruge</i> (fl. <i>rugir</i>) |
| BORBA (2004) | (Fr) Sm. Cosmético em pó ou em pasta, de coloração que varia entre o róseo e o vermelho, usado para colorir as maçãs do rosto. |
| AULETE (2006) | sm. 1. P.us. Cosmético em pó, avermelhado, que se aplica no rosto para deixá-lo corado. [F.: Do fr. <i>rouge</i> . Hom./Par.: <i>ruge</i> (sm.), <i>ruge</i> (fl. de <i>rugir</i>)] |
| FERREIRA (2010) | [Do fr. <i>rouge</i>] S.m. Cosmético em pó ou em pasta, de uma tonalidade que varia entre o rosa e o vermelho, usado para colorir as maçãs do rosto. |

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Assim como *carmim*, *ruge* é registrado em Houaiss (2009) com datação antiga no que se refere à etimologia, remetendo aos anos de 1130.

Por seu turno, informa-se que *blush* é a unidade léxica que possui a datação mais recente entre as demais denominações discutidas (Quadro 4):

Quadro 04 – Registro de *blush* em dicionários de Língua Portuguesa do século XX

| DICIONÁRIOS | ACEPÇÕES DE <i>BLUSH</i> ⁵ |
|-----------------------|--|
| HOUAISS (2009) | [ing., lit. 'afluxo de sangue ao rosto]. S.m. (1969) cosmético em pó ou creme, usada para corar a face, <i>rouge</i> . GRAM. pl: <i>blushes</i> (ing), ETIM. Ing. <i>Blush</i> (sXV) id.do ant. germ. <i>bluhhen</i> 'queimar fazendo chamas'. |
| BORBA (2004) | Sm (Ing) cosmético em pó, de coloração avermelhada, com que se colorem as maçãs do rosto. |
| AULETE (2006) | (Ing./blâsh/) sm. 1. Cosmético em pó ou creme, us. para dar cor mais viva às maçãs do rosto. |

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários referenciados

Nas acepções listadas no Quadro 4, verificamos que *blush* apresenta duas datações em Houaiss (2009). A primeira referindo-se aos anos de 1969 e a segunda, ao século XV. Em relação à primeira data, apenas é informada sua definição. Já na segunda data indica-se o século XV, que traz a informação etimológica, referindo-se ao antigo germânico *bluhhen*. Ainda em Houaiss (2009), consta o registro do inglês literal (ing., lit.).

Ao analisarmos diferentes acepções para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas”, enfatiza-se que as definições, no decorrer do tempo, foram se tornando mais específicas e, conseqüentemente, referindo-se apenas ao cosmético.

Além disso, verifica-se que a denominação com datação mais atual, *blush*, cabe como exemplo de uma unidade léxica que

⁵ Em Ferreira (2010) não consta registro para a unidade lexical *blush*.



acompanhou a transição que os indivíduos viveram nos últimos séculos em relação aos modelos seguidos pela sociedade, transportando-se dos valores culturais ditados pela França para os formulados pelos norte-americanos.

Faz-se necessário, portanto, para contribuir com a análise, traçar um pequeno histórico das influências culturais pelas quais o Brasil passou desde o século XIX, pois muitos vocábulos estrangeiros usados por falantes de língua portuguesa do Brasil são provenientes de países que influenciaram nossa cultura. Prova disso é termos *ruge* e *carmim* como representantes da língua francesa e *blush*, proveniente da língua inglesa.

É relevante salientar que foi após 1816, depois da assinatura dos tratados de amizade e comércio entre Brasil e França, que imigrantes dos mais diferentes pontos do território francês e de segmentos sociais variados começaram a chegar ao Brasil, principalmente ao Rio de Janeiro. Eram costureiras, floristas, fabricantes de chapéus, alfaiates, cabeleireiros, livreiros, professores, parteiras, artistas e muitos outros.

Conforme descreve Menezes (2007, s.p.)⁶:

Vestir-se, pentear-se, comportar-se e amar à francesa se transformaram em ações identificadas com a adoção de um viver civilizado que tinha Paris como modelo. Os cuidados com a aparência tiveram, desde muito cedo, um lugar de destaque nas mudanças ocorridas na cidade que se tornou capital. Sua importância cresceu à medida que o mundo da Corte, repleto de cerimoniais, festas e recepções, transformava o ato de vestir-se em símbolo poderoso de distinção e poder.

Além dos tratados de livre comércio entre França e Brasil, que intensificaram a presença dos costumes franceses⁷ no país, pontua-se

que a chegada da família real e da corte portuguesa em terras tupiniquins (1808) ditou hábitos, moda e a ascensão dos valores ligados à cultura europeia.

Assim, principalmente no Rio de Janeiro, sede da corte portuguesa no Brasil, no século XIX, as elites falavam correntemente o francês e a moda de Paris permitia que uma sofisticada forma de viver fosse reinventada nos trópicos. Tal interferência nos costumes também deixou suas marcas na língua portuguesa falada no país, perdurando até hoje em vocábulos – hoje aportuguesados – de origem francesa, como *abajur*, *sutiã*, *ruge*, *carmim*, entre outros, muitos deles do campo semântico de *vestuário* e *acessórios*.

Porém, após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o modelo cultural norte-americano foi tornando-se dominante no Brasil. Isso porque, com a vitória dos Aliados, os Estados Unidos se firmam como potência econômica mundial e promovem a reconstrução de vários países atingidos pela guerra, espalhando assim sua cultura pelo mundo.

Além disso, a hegemonia norte-americana passou a atingir o mundo inteiro devido aos produtos da indústria cultural (cinematográfica, fonográfica, publicitária etc.), do mercado de consumo, em que se sobressaem muitas marcas de refrigerantes, vestuário, cosméticos e redes de *fast food* norte-americanos.

Para este estudo, ainda cabe pontuar que, no final da década de 1960, de acordo com Sherrow (2001), a empresa norte-americana de cosméticos Revlon lançou um pó que vinha acompanhado de um pincel aplicador, que foi chamando de Blush-On, com textura leve que coloria as bochechas sem deixá-las muito marcadas, como o *ruge* e o *carmim*, que tinham consistência mais pastosa e demarcavam bem as maçãs do rosto.

⁶ Disponível em: <http://www.brasilfrance.com.br/2012/04/12/a-francesa-dos-pes-a-cabeca/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

⁷ Na época, os costumes de origem francesa eram sinônimos de nobreza e luxo.



Assim, pela primeira vez a palavra *blush* passa a ser usada para nomear um produto/cosmético que colore as bochechas, pois até então *blush*, em língua inglesa, fazia referência aos verbos *corar*, *envergonhar-se*, *ruborizar-se*, bem como os substantivos *rubor*, *vermelhidão*.

De acordo com as informações arroladas, pode-se perceber a transição da influência francesa para a norte-americana no mundo, neste particular, no Brasil. Assim fica evidente que o uso de *ruge* e *carmim* faz remissão aos moldes franceses e ao passado, como uma informante do ALiB em Campo Grande mencionou, lembrando uma época em que o modelo francês estava ainda em vigor; já *blush*, representando um estrangeirismo de origem inglesa, presente nas capitais brasileiras (exceto Cuiabá de acordo com o ALiB), ilustra a influência norte-americana pós-guerra no Brasil (seus ditames na indústria, na cultura e no consumo). Apesar de ainda bastante presente na fala dos informantes, *ruge* concorre com a denominação *blush* e *carmim* praticamente não se registra nas localidades investigadas neste estudo. Ademais, acredita-se que em coletas contemporâneas ou a serem realizadas no futuro, a utilização da unidade léxica *blush* poderá apresentar números mais significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma breve análise sobre as respostas produtivas para “aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37). No caso específico, verificou-se a produtividade das unidades léxicas *carmim*, *ruge* e *blush* em Mato Grosso do Sul, utilizando como base os dados cartografados no Atlas Linguístico do Brasil (carta referente aos dados das capitais do Centro-Oeste) e os dados registrados no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul.

Diante dos dados analisados, observa-se que as unidades lexicais *carmim*, *ruge* e *blush* marcam a mudança da língua tanto no que tange à denominação quanto às transformações da sociedade nas últimas décadas, demonstrando como determinadas populações e a sua linguagem seguem em direções coincidentes.

Esta afirmação se comprova ao considerarmos os hábitos culturais dos brasileiros, que se modificaram no decorrer dos anos ao abandonar ou minimizar os costumes e o uso de palavras (corriqueiras) de origem francesa pelas de origem inglesa ao tratarmos de estrangeirismos. Nota-se que essa trajetória se exemplifica na substituição e/ou quase apagamento da denominação *carmim*, no uso de *ruge*, ainda significativo, porém já ocorrendo juntamente com a denominação *blush*, provavelmente decorrente da modernidade que países de língua inglesa, principalmente os Estados Unidos, bem como seus hábitos, inspiram nos países do hemisfério Sul.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2006.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: áulico, anatômico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- BORBA, Francisco. **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Vol 2. Londrina: Editora Eduel, 2014.



CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MENEZES, Lená Medeiros de. **À Francesa: dos pés à cabeça**. Disponível em <http://www.brasilfrance.com.br/2012/04/12/a-francesa-dos-pes-a-cabeca/>. Acesso em: 13 ago. 2015.

MOUTON, Pilar García. Dialectologia e Geografia Linguística. In: ALVAR, Manuel. **Manual de Dialectologia Hispánica**. El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009, p. 63-77.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). **Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: Editora da UFMS; CNPq, 2007.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>. Acesso em 14 ago. 2015.

SHERROW, Victoria. **For appearance' sake: the historical encyclopedia of good looks, beauty, and grooming**. Westport, CT, USA: Orix Press, 2001.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. 2v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. Fac-símile da segunda edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

THUN, Harald. **Atlas linguistique et variabilité** – Introduction à la table ronde, em Actes Du XXiie. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes, 1998, Bruxelles, v.3. Vivacité et diversité de la variation linguistique, Tübingen, Niemeyer: 2000, p. 407-409.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

ALENCAR, B. A.; SAPATA, A. C. Carmin, ruge e blush: respostas obtidas no Mato Grosso do Sul para aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 83-96, 2019.



DENOMINAÇÕES NO FALAR NORTISTA PARA A ESTRELA CADENTE: DADOS DO PROJETO ALiB

Ana Rita Carvalho de Souza

Universidade Federal da Bahia/CAPES

Marcela Moura Torres Paim

Universidade Federal da Bahia

Silvana Soares Costa Ribeiro

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da investigação que se centraliza no estudo do léxico, na descrição da variação diatópica e na identificação de subáreas dialetais brasileiras, partindo da observância de dados do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para a risco de luz que corta o céu, comumente conhecido como estrela cadente. Os dados analisados foram coletados por meio de inquéritos linguísticos realizados com 48 informantes de seis capitais da Região Norte brasileira (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho), com o seguinte perfil: homens e mulheres, da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos), de nível fundamental e universitário, com o intuito de verificar o uso e documentar a diversidade lexical do português falado nessa região, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, cujo registro segue os parâmetros geográficos e sociais. Dessa forma, a análise do fenômeno linguístico em estudo considerou, ao lado da perspectiva diatópica, características sociais do falante, como o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Foi dado enfoque à questão 031 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, assim formulada: “de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Foram avaliadas respostas como ‘estrela cadente’, ‘meteoro’ e ‘cometa’, em que contexto ocorrem,

a frequência de uso e se sua distribuição no espaço indica a existência de subfalares na região.

Palavras-chave: Dialeto; Léxico; Variação espacial; Região Norte.

ABSTRACT

This paper presents the results of the research that focuses on the study of lexicon, the description of diatopic variation and the identification of Brazilian dialectal subareas, based on data from the corpus of the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB) for the risk of light that cut the sky, commonly known as a shooting star. The data analyzed were collected by means of linguistic surveys carried out with 48 informants from six Brazilian cities (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco and Porto Velho), with the following profile: men and women of the age group I (18-30 years old) and age group II (50-65 years), at the Middle School and Undergraduate level, in order to verify the use and document the lexical diversity of the Portuguese spoken in this region, following the principles of Multidimensional Geolinguistics in which the register follows the geographical and social parameters. Thus, the analysis of the linguistic phenomenon under study considered, along with the spatial perspective, social characteristics of the speaker, such as gender, age group and schooling. It was given a focus on question 031 of the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), formulated as follows: "At



night, one can often observe a star that moves in the sky thus (mime) and makes a risk of light. How do you call it?" (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Responses like 'shooting star', 'meteor' and 'comet', in what context they occur, the frequency of use and if their distribution in the space indicates the existence of dialects in the region.

Keywords: Dialectology; Lexicon; Spatial variation; North region.

Ana Rita Carvalho de Souza é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

E-mail: anaritacarvalhodesouza@hotmail.com

Marcela Moura Torres Paim é professora associada II de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: marcelamtpaim@yahoo.com.br

Silvana Soares Costa Ribeiro é professora associada III da Universidade Federal da Bahia e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC.

E-mail: silvanaribeiro25@gmail.com

INTRODUÇÃO

Descrever a variedade de usos do léxico de um povo é uma tarefa que se faz contínua e necessária devido à nossa condição humana de mudar e de nos adaptar às diversas situações e contextos de vida. As línguas acompanham essa condição de mudar e refletem, de fato, a realidade vivida por determinada comunidade. No Brasil, há inúmeros exemplos da diversidade cultural que constitui o nosso povo e que, somados à nossa extensão territorial, favorecem também uma variedade de usos linguísticos que nos identificam como pertencentes desta ou daquela cultura, deste ou

daquele grupo, desta ou daquela região. O léxico pode refletir essas características, pois elas são marcas da identidade cultural das comunidades e, também, pode ser assinalado como:

Uma entidade dinâmica que vai sendo enriquecida com palavras ou expressões a depender das necessidades da comunidade usuária da língua. Pode se valer de expressões ou palavras já existentes na língua e ressignificadas, de arcaísmos, de neologismos ou de empréstimos linguísticos para sua ampliação (RIBEIRO, 2012, p. 96).

Dessa forma, o Projeto ALiB carrega essa premissa básica que é descrever o Português do Brasil, doravante PB, além de registrar seus usos e fomentar o conhecimento no tocante à formação do povo brasileiro, sua cultura, seus ritos e suas crenças, visto que:

O léxico de uma língua é um instrumento de produção cultural e, ao mesmo tempo, seu reflexo, afinal ele constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano (PAIM, 2015, p. 246).

Situado no âmbito dos estudos lexicais, realizados com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), este trabalho busca evidenciar as escolhas lexicais feitas pelos falantes entrevistados nas capitais da Região Norte do país quando questionados sobre como se chama "o risco de luz que corta o céu". Cardoso (2010, p. 169) afirma que o Projeto ALiB tem como principal objetivo identificar as diferenças diatópicas do Português Brasileiro (PB), mas não somente isso, uma vez que ele está fundamentado nos princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, que considera em suas análises, além do espaço, os fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade, outrossim focando no estudo da língua em seus aspectos



sociais. E é graças a esse empreendimento de amplitude nacional com dois volumes, volume 1¹ – Introdução – e volume 2² – Cartas linguísticas, que é possível descrever fenômenos linguísticos do nosso português baseado em pesquisas feitas *in loco* por uma equipe de dialetólogos de várias universidades do país, que se dispuseram a desenvolvê-los diante de tantas adversidades.

Por se tratar de uma análise de cunho dialetal, este trabalho segue a divisão alvitrada por Nascentes (1953), que definiu os falares brasileiros, a partir de dados fonético-fonológicos, em dois grandes grupos de falares:

os Falares do Norte e os Falares do Sul, além de subdividir estes dois grandes grupos em subgrupos de falares: o Falar Amazônico, o Falar Nordestino, o Falar Baiano, o Falar Mineiro, o Falar Fluminense e o Falar Sulista. A Região Norte do Brasil recobre o que Nascentes (1953) chamou de Falar Amazônico, mas não totalmente. O estado de Rondônia, por exemplo, está localizado no Território Incaracterístico, que aqui chamaremos de Território Multivarietal (CUBA, 2015), assim como o Tocantins está numa zona de divisão entre o Falar Amazônico, Nordestino, Baiano e o Multivarietal. Todos os demais estados compõem a área do Falar Amazônico, como mostra a figura que segue:

Figura 1 – Divisão dialetal proposta por Nascentes



Fonte: BARBADINHO NETO, 2003, p. 700.

O legado deixado por Nascentes (1953) é de tamanha importância para os estudos dialetais, pois serve de base para confirmações de áreas dialetais, ou não, como fez Ribeiro (2012), que, a partir de dados lexicais do ALiB, revisitou o Falar Baiano e confirmou a existência de subfalares dentro da área do Falar Baiano, além de corroborar o comportamento

diferenciado deste falar em comparação com as outras áreas brasileiras. Os dados do Projeto ALiB, quando utilizados com o intuito de confirmar a vitalidade desta proposta de divisão, confirmam, por quem já o fez, que Nascentes (1953) foi bastante objetivo quanto a essa categorização. Isso pode ser observado no trabalho feito por Portilho (2013) com o Falar

¹ CARDOSO, Suzana A. M. da S. C.; et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.

² CARDOSO, Suzana A. M. da S. C.; et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.



Amazônico e por Santos (2018) com o Falar Nordeste, com dados do Projeto ALiB. Pode também ser visto no trabalho realizado por Cuba (2015) com o Território Incaracterístico. Dessa forma, é a partir dessa divisão que buscaremos nos dados observados verificar se o Falar Amazônico, presente na maior parte da extensão territorial da Região Norte brasileira, demonstra essa homogeneidade linguística ou se há indícios de subfalares dentro dessa área.

Este trabalho é uma parte mínima de todas as infinitas possibilidades de análise que o Atlas Linguístico do Brasil pode oferecer a pesquisadores que se interessam por esses estudos, bem como de conhecer mais profundamente o nosso povo e a nossa história. Esse trabalho também é uma homenagem à saudosa professora e eterna diretora-presidente do Projeto ALiB, Suzana Alice Marcelino Cardoso (em memória), pelo amor e pela afeição que foram dedicados a esse empreendimento que hoje é parte da vida e da formação de outros inúmeros dialetólogos em concepção.

Como parte de uma pesquisa desenvolvida a partir de dados do ALiB, este trabalho seguiu alguns critérios, entre eles a escolha da região analisada, que não foram aleatórios. O material aqui observado foi coletado por meio de pesquisa de iniciação científica (CNPq, 2016-2017), vinculado ao Projeto VALEXTRA³, convênio CAPES-COFECUB 838/15, sob a orientação da professora doutora Marcela Paim, com o objetivo de catalogar as unidades fraseológicas (UF's) presentes no *corpus* do ALiB nas capitais da Região Norte do Brasil. Nesse contexto, as UF's foram caracterizadas como unidades polilexicais, ou seja, formadas por duas ou mais palavras, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, constituindo a competência discursiva dos falantes e que são usadas em contextos

precisos com objetivos específicos. No entanto, parte dos dados não foi utilizada nos relatórios de pesquisa desenvolvidos, por não se encaixarem na descrição solicitada no plano de trabalho, como por exemplo: *cometa*, *meteoro* e *meteorito*. Dessa forma, aproveitamos para reanalisar o mesmo material coletado, observando-o por outro viés, que é o de ressaltar se há variedade de usos quanto ao léxico apresentado, se é possível traçar isoléxicas que mostrem se temos subfalares nessa região e, por fim, dialogar com outras áreas do conhecimento, tudo isso com o propósito maior de evidenciar as escolhas lexicais feitas pelos falantes para um referente específico, a *estrela cadente*, nas capitais da referida região.

Sendo assim, este estudo exibirá a descrição do trabalho realizado seguido da exposição dos resultados encontrados para, a partir deles, serem feitas algumas considerações e observações aplicáveis aos estudos de cunho dialetal, geolinguísticos e lexicais.

1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, que se fundamenta no tripé básico formado pela rede de pontos, os informantes e o questionário, que juntos estabelecem diferentes perspectivas para o material coletado, como afirma Cardoso (2010, p. 89). Considera também em suas análises, além do espaço (diatopia), os fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade. Apesar de o Projeto ALiB utilizar em sua metodologia a estratificação mencionada, neste trabalho, optamos por descrever e analisar somente a variação observada no espaço geográfico. O recorte feito para este estudo perfaz um total de seis pontos do Projeto ALiB,

³ Variação lexical: teorias, recursos e aplicações do condicionamento lexical às construções pragmáticas.



que conta com a contribuição de 48 informantes. Essas localidades são as capitais da Região Norte, excluindo-se desse levantamento a capital Palmas, pois o Projeto ALiB entende que ela não tem tempo de fundação suficiente para ter consolidação histórica e pais dos informantes de faixa 2 nascidos no local, dois dos requisitos para se realizar pesquisa no lugar.

Em cada localidade, foram entrevistados 8 informantes estratificados em:

- ✓ Seis cidades: Belém - PA, Boa Vista - RR, Macapá - AP, Manaus - AM, Porto Velho - RO e Rio Branco - AC, viabilizando a análise diatópica;

- ✓ Duas faixas etárias: a Faixa 1, de 18 a 30 anos e a Faixa 2, de 50 a 65 anos, possibilitando a análise diageracional;
- ✓ Sexo: masculino e feminino, permitindo a análise diasssexual;
- ✓ Dois níveis de escolaridade: fundamental e universitário, possibilitando a análise diastrática.

Os 48 informantes desse estudo estão estratificados conforme o perfil do ALiB, demonstrado no quadro e, baseado em sua leitura, podemos observar que esta seleção nos fornece dados de forma equitativa para estudos pluridimensionais.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

| Nº Informante | Nível de escolaridade | Faixa etária | Sexo |
|---------------|-----------------------|-----------------|-----------|
| 01 | Fundamental | I (18-30 anos) | Masculino |
| 02 | Fundamental | I (18-30 anos) | Feminino |
| 03 | Fundamental | II (50-65 anos) | Masculino |
| 04 | Fundamental | II (50-65 anos) | Feminino |
| 05 | Universitário | I (18-30 anos) | Masculino |
| 06 | Universitário | I (18-30 anos) | Feminino |
| 07 | Universitário | II (50-65 anos) | Masculino |
| 08 | Universitário | II (50-65 anos) | Feminino |

Fonte: Banco de dados do ALiB

É importante destacar que, no interior dos estados brasileiros, o Projeto ALiB inquiriu somente quatro informantes de nível fundamental, diferenciando-se das capitais apenas na escolaridade, o que não desprestigia o material coletado. Isso ocorreu, pois quando os pesquisadores foram a campo, o acesso à universidade ainda era um sonho para a maioria

das pessoas nas cidades do interior, tornando-se muito difícil e até impossível recolher amostras com informantes de nível universitário em algumas localidades do país.

O levantamento de dados (nível lexical) foi feito na sessão “Astros e Tempo” do Questionário Semântico-Lexical, com as questões de 22 a 38. Esse trabalho, entretanto,



está centrado apenas na questão 31, que está assim formulada: “de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Foi encontrado um total de 54 dados distribuídos entre 45 respostas válidas e 9 não respostas.

A partir das 45 respostas consideradas válidas, a metodologia utilizada para o tratamento dos dados foi a observância dessas respostas com relação ao sema procurado, a pesquisa delas em quatro obras lexicográficas e, por fim, sua disposição em planilha do Microsoft Excel para a visualização e contabilização dos dados no espaço para, a partir disso, criar isoléxicas, caso fosse possível e, finalmente, a carta resumo com estes dados.

2 ANÁLISE DOS DADOS

É válido dizer que, dos 48 informantes inquiridos, alguns não souberam ou não se lembraram da resposta para a questão, o que configuramos como não respostas, e aquelas que foram consideradas válidas estão distribuídas da seguinte forma:

Quadro 2 – Lexias encontradas por localidade

| LEXIAS | LOCALIDADES |
|------------------------|--|
| <i>Estrela Cadente</i> | Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho |
| <i>Cometa</i> | Boa Vista, Manaus, Belém e Rio Branco |
| <i>Meteoro</i> | Boa Vista, Manaus e Porto Velho |
| <i>Estrela d’Alva</i> | Manaus |
| <i>Estrela Guia</i> | Belém |
| <i>Meteorito</i> | Boa Vista |
| <i>Raio de Luz</i> | Boa Vista |

Fonte: Banco de dados do ALiB

É importante ressaltar que, em muitos casos, os informantes parecem atribuir à referida pergunta uma resposta que não seria uma das variantes pertinentes para o conteúdo e o referente em questão. Por isso, apresentamos exemplos de inquéritos para que se possa observar em que conjuntura algumas dessas respostas ocorrem. Nos exemplos apresentados, temos respostas que foram validadas considerando o uso e o contexto em que cada resposta foi dada:

Ex. 1:

INQ.- De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer...

INF.- A *estrela cadente*, né?

INQ.- De manhã cedo?

INF.- Parece que tem a estrela d’alva, que ela chama né.

INQ.- Isso. Como que é estrela cadente que você falou?

INF.- Não eu me confundi a estrela d’alva (rindo).

INQ.- É? Como que é a estrela cadente?

INF.- Sei, sei nem...se vi alguma *estrela cadente*...

INQ.- Al...Alguma vez você viu estrela cadente?

INF.- (...) *Estrela cadente* é aquela que faz chiiii (Imita o barulho da estrela caindo).

(*Macapá, mulher, faixa 1, nível fundamental*).

No exemplo 1, a resposta foi dada em outra questão e o inquiridor aproveita para confirmar se o que a informante compreende por *estrela cadente* é o mesmo que a questão 031 procura saber.



Ex. 2:

INQ.- (...) De noite, muitas vezes, a gente pode ver lá no céu uma estrela que se desloca assim... né, e faz até um risco de luz. Sabe o nome disso?

INF.- Bom, eu conheço como *meteorito*. Eles são... pequenos *meteoros* que caem na terra... e passa... eu conheço como *meteorito*, agora... outra coisa eu não conheço.

(Boa Vista, mulher, faixa 1, nível fundamental).

No exemplo 2, apesar de a informante ter nível de escolaridade fundamental, ela responde com a variante que está registrada nos dicionários e ainda faz considerações acerca do referente, levantando o questionamento sobre o papel da televisão e dos meios de comunicação como propagadores de conhecimentos e não somente a escola.

Ex. 3:

INQ.- E de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que faz assim no céu...

INF.- Ah, a aquilo é um *cometa*, um *meteoro*, aqui as pessoas chamam... É... Eles dão nome é... Como é? Eles dão um nome, é o... Como é rapaz?

(Manaus, homem, faixa 2, nível universitário).

No exemplo 3, o informante interrompe a fala do inquiridor para dizer sua resposta e, mesmo não sendo o sema procurado, *cometa* foi validado pelo contexto em que foi dito e por ter sido utilizado por este informante e mais outros cinco. Silva Jr. (2019) afirma que, dependendo de sua posição no espaço, os corpos celestes recebem nomes diferentes. Cientificamente falando, se estiverem vagando no espaço fora de nossa atmosfera, eles serão chamados de meteoroides, mas se entrarem na

atmosfera terrestre e se incendiarem por causa do contato com o ar atmosférico, eles serão denominados de meteoros. Contudo, popularmente falando e, considerando a sabedoria popular, sabe-se que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa” (LABOV, 2008, p. 221). Daí chamar meteoro de estrela cadente, cometa, meteorito, entre outros, por não conhecer a ‘ciência’ que há por trás do fenômeno.

Ex. 4:

INQ.- E aquela que de noite às vezes... uma que se desloca no céu assim...

INF.- Ah é, a *estrela-d’alva* né, que chama né? Num é uma que corre? E tem um rabão assim e sai correndo?

INQ.- Isso. Como que é o nome dessa?

INF.- Estrela-d’alva que chama.

(Manaus, homem, faixa 2, nível fundamental).

No destaque de fala apresentado em Ex. 4, temos um exemplo clássico disso, quando o informante dá a resposta para a pergunta feita e explica corroborando que, no seu entendimento, o *meteoro* é o que ele conhece por *estrela d’alva*. Existem muitos dilemas sobre validar ou não validar essas respostas quando se faz a análise dos dados. Nesse caso, a resposta do informante, por si, já é suficiente para entendermos que a *estrela d’alva* tem o mesmo valor de verdade para ele quanto *cometa* ou *meteoro* tem para outros quando nos referimos a um risco de luz que corta o céu.

Ex. 5:

INF.- Estrela... Eu sabia isso, mas... *Estrela guia*.

INQ – É aquela estrela que de repente a gente vê assim se mudando de lugar, né? A



noite muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim, faz um risco de luz no céu, como se chama essa estrela? As pessoas até fazem um pedido.

INF.- É... Atualmente eu me esqueci agora.

(Belém, homem, faixa 2, nível fundamental).

Finalmente, no exemplo 5, temos uma amostra que deixa evidente que o informante conhece outras maneiras de nomear o referente, mas que no contexto da entrevista não foi lembrado.

Foi feita uma pesquisa em obras lexicográficas objetivando verificar se algum lexicógrafo já teria publicado alguma delas e observar como tais formas encontradas na pesquisa estão presentes nos dicionários de

língua portuguesa. As obras escolhidas para esta etapa foram: Ferreira (1975), Mourão (1987), Michaelis (1998) e Houaiss e Villar (2009). O Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica é uma obra de domínio público, publicada pelo astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, com prefácio de Antônio Houaiss, e foi escolhido para traçar o diálogo entre as ciências do Léxico e da Astronomia. Os demais são dicionários de língua portuguesa. O Quadro 3 agrupa as sete denominações analisadas e as definições encontradas nas referidas obras lexicográficas para cada uma delas. Para a leitura do quadro temos:

N/D (não dicionarizado);

DOS (dicionarizado com outro sentido);

Quadro 3 – Dicionarização das lexias (continua na próxima página)

| DICIONÁRIOS | | | | | |
|-------------|------------------------|-----------------|---------------|---|----------------------------|
| Nº | LEXIA | FERREIRA (1975) | MOURÃO (1987) | MICHAELIS (1998) | HOUAISS E VILLAR (2009) |
| 1 | <i>estrela cadente</i> | Meteoro | Ver meteoro. | 13. (...) Meteorito que à noite deixa, por alguns instantes, um rastro luminoso, dando a impressão de um estrela que cai. | Meteoro (rastro luminoso). |



| | | DICIONÁRIOS | | | |
|----|-----------------------|--|--|---|--|
| Nº | LEXIA | FERREIRA (1975) | MOURÃO (1987) | MICHAELIS (1998) | HOUAISS E VILLAR (2009) |
| 3 | <i>estrela d'alva</i> | DOS | DOS | DOS | DOS |
| 4 | <i>estrela guia</i> | N/D | N/D | N/D | DOS |
| 5 | <i>meteoro</i> | 1. Fragmento de matéria do espaço interplanetário que ao penetrar na atmosfera se aquece, tornando-se luminoso. [Sin. De estrela cadente, estrela fugaz, estrela filante, meteorito, exalação, zelação]. | Fenômeno luminoso que ocorre na atmosfera terrestre, proveniente do atrito de um meteoróide (q.v.), com os gases da atmosfera terrestre; estrela cadente, estrela fugaz, estrela filante (gal.), meteorito (impróprio), exalação, zelação (NE Brasil). | 3. Estrela cadente; meteoro fusiforme (que tem forma de foguete). | 2. Rastro luminoso presente na atmosfera terrestre quando ocorre atrito entre um meteoróide e os fazes desta atmosfera; estrela cadente. |
| 6 | <i>meteorito</i> | 1. Meteoro após a queda na superfície da Terra. | Fragmento de um meteoróide que cai na superfície terrestre, depois de ter atravessado a atmosfera, produzindo o fenômeno luminoso denominado meteoro. | DOS | 3. Fenômeno luminoso causado pelo atrito de um meteoróide com a atmosfera terrestre; meteoro. |
| 7 | <i>raio de luz</i> | N/D | N/D | N/D | DOS |

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Como é possível perceber, *lexias* como *cometa* e *estrela d'alva* estão dicionarizadas com outro sentido na obra de Astronomia, por se tratar de uma obra técnica e específica, porém também se observa que *estrela d'alva* ainda não foi considerada como nomenclatura possível para a *estrela cadente* por nenhum dos lexicógrafos pesquisados. Isquierdo e Carvalho (2012, p. 251) pontuam que “para que as transformações sociais e linguísticas se efetivem é necessário que haja uma aceitação coletiva pautada pela norma que, por sua vez, evidencia o fenômeno da variação nos diferentes níveis da língua”. Sendo assim, pode-se conjecturar a ideia de que o uso desta denominação pode estar passando por um processo de coocorrência em alguns contextos de fala específicos nessa região.

O contrário acontece com *estrela guia*, que não está dicionarizada em três das quatro obras estudadas e na última está dicionarizada com outro sentido. De acordo com Houaiss (2009), a *estrela guia* é a “estrela ou qualquer astro do firmamento usado como referencial para direcionamento”. Por isso, dependendo do contexto de fala em que o falante esteja inserido e, baseado em suas crenças, “o risco de luz que corta o céu” pode ser utilizado com esta intenção, apesar de que nas respostas dadas pelos informantes analisados não se observou nenhum relato ou indício de que o risco de luz seja utilizado para este fim.

Michaelis (1998) define o *meteorito* como “fragmento de rocha, metal ou metal e rocha

caídos do espaço sideral” e, ainda completa, afirmando que pode ser um “pequeno corpo que se move fora da atmosfera, nos espaços intercósmicos, mas que pode ser atraído pela Terra”. É a única definição que não faz ligação ao *meteoro* ou ao rastro luminoso no céu.

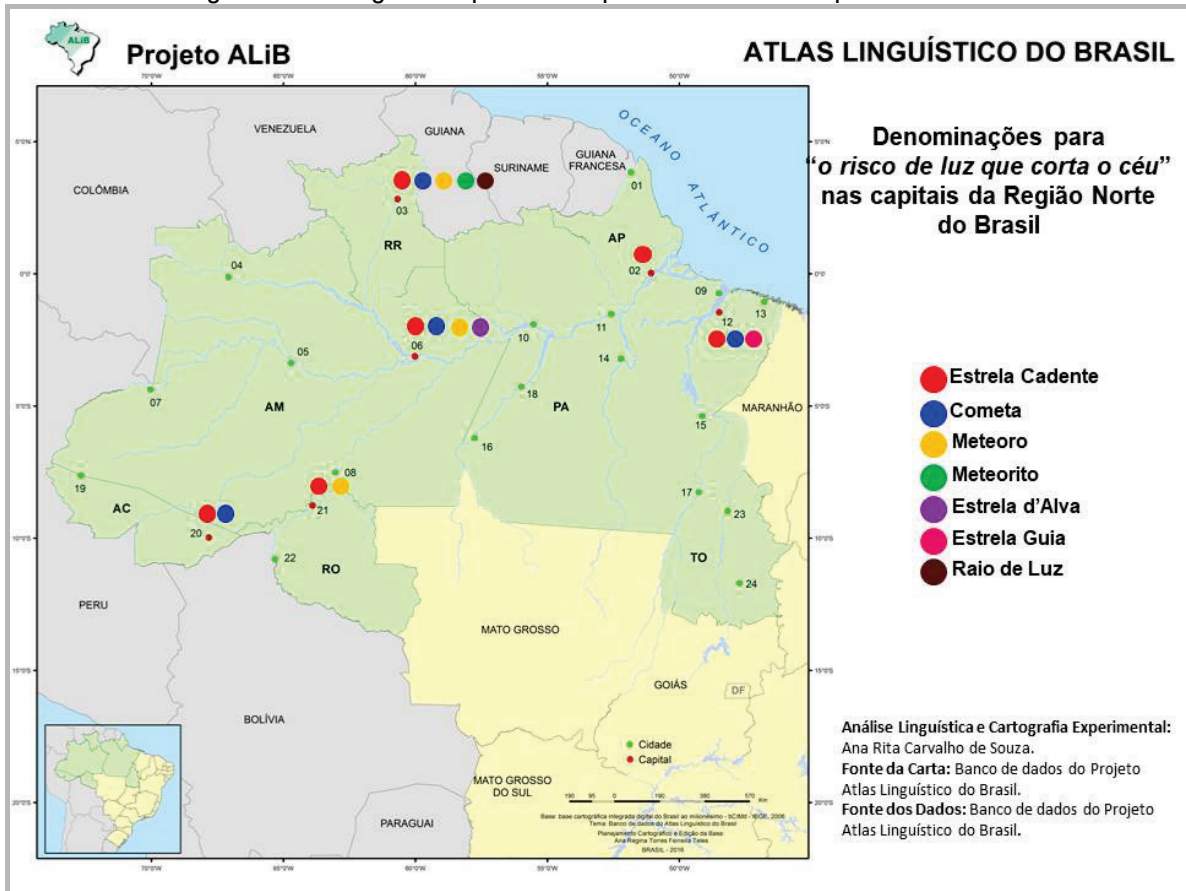
A Unidade Fraseológica *raio de luz* não está dicionarizada em três das quatro obras estudadas e em Houaiss (2009) ela está dicionarizada com outro sentido, “onda de radiação eletromagnética”, um conceito utilizado na ciência que estuda fenômenos associados à luz, a física óptica.

3 CARTOGRAFIA DOS DADOS

A partir dos exemplos dados, apresentamos a cartografia experimental feita para mostrar a distribuição espacial das palavras empregadas para expressar o mesmo conceito para a *estrela cadente*. Ribeiro (2012, p. 62) afirma que “a contribuição da Cartografia enquanto ciência se dá, basicamente, em propiciar a representação espacial dos objetos de estudo dos pesquisadores (no caso, os linguistas), aos quais compete analisar os problemas, elaborar as sínteses e construir as teorias”. Dessa forma, faz-se necessária a demonstração destes dados encontrados através do mapa linguístico, com vistas a divulgar os dados e a buscar possíveis explicações para as nomenclaturas atribuídas por esses informantes.



Figura 2 – Cartografia experimental para o risco de luz que corta o céu



Como podemos notar, a partir da leitura da carta apresentada, *estrela cadente* pode ser considerada a lexia mais produtiva tanto pela distribuição espacial, pois ocorreu em todas as capitais pesquisadas, quanto pelo número de ocorrências, pois teve 71,1% do total de respostas válidas. Essa Unidade Fraseológica é seguida pela lexia *cometa*, que na distribuição espacial aparece em quatro das seis capitais pesquisadas, apresenta um percentual de ocorrência de 13,3% das respostas válidas e, apesar de fazer alusão a outro referente, considerando a descrição da astronomia, ela foi validada. Pode-se concluir, assim, que aquilo que é visto no espaço a olho nu daqui da Terra pode ser facilmente confundido pelas pessoas, como um *raio de luz*, uma *estrela cadente* ou um *cometa*, por exemplo.

As Unidades Fraseológicas *estrela d'alva* e *estrela guia* apareceram na fala de três

informantes em dois locais distintos, o que nos leva a acreditar que mesmo não se tratando do sema procurado para a realidade linguística destes falantes, aquilo que faz um risco de luz no céu pode ser representado dessa maneira, pois é esse o conhecimento de mundo que esses informantes têm. Elas aparecem em apenas um ponto e têm 2,2% de percentual de ocorrências cada uma.

Meteorito foi considerada como resposta válida, porque baseado em dados da Astronomia, este elemento é uma parte do *meteoro*, definição confirmada pela fala da informante. Desse modo, entende-se que ela nomeou o todo pela parte. O percentual de ocorrência foi de 2,2% e foi dito apenas por uma informante com nível de escolaridade fundamental. Nesse caso, questiona-se o papel dos meios de comunicação, de forma geral e, ainda, da leitura. Onde essa informante



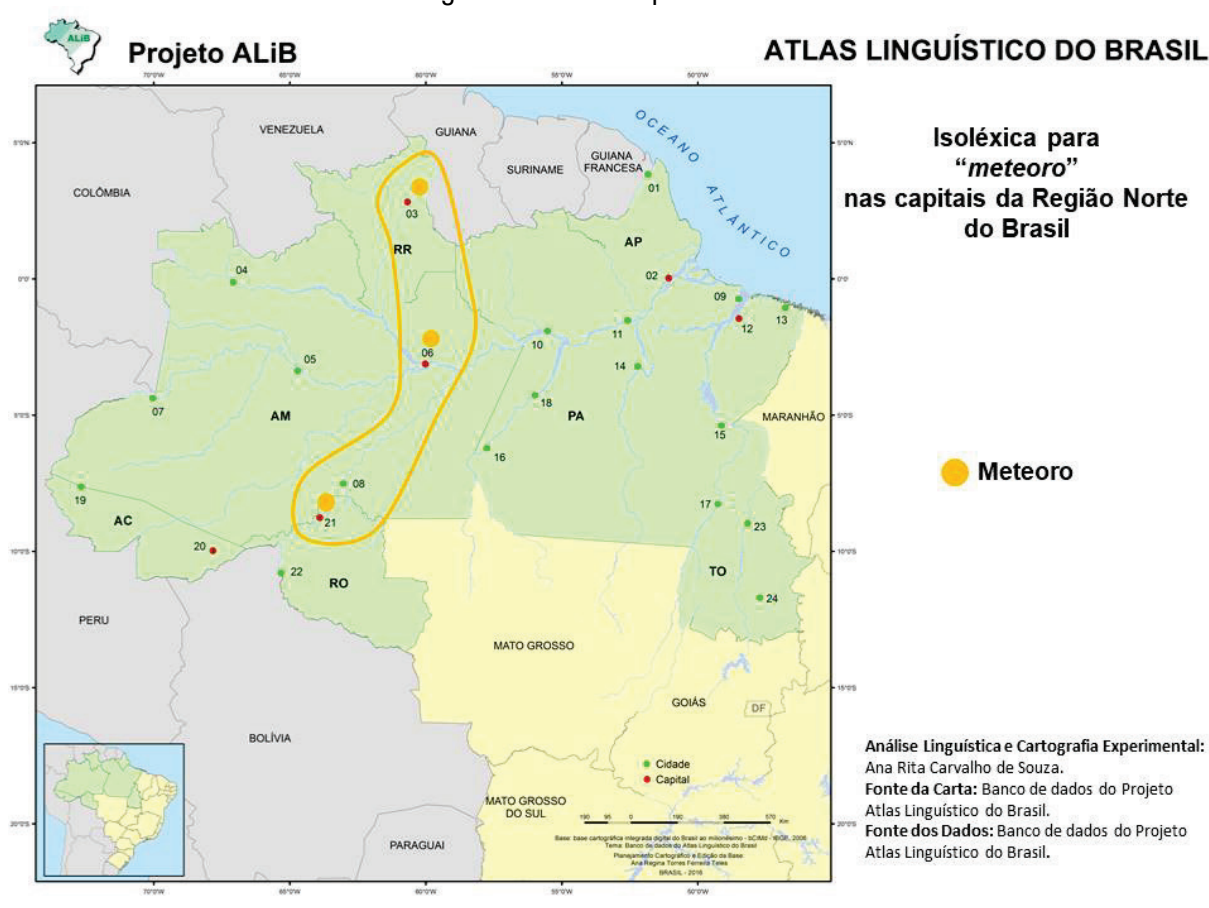
aprendeu essa informação a respeito dos meteoros? Se foi na escola, por que será que ela guardou essa informação e os outros informantes da mesma localidade não gravaram? Por que essa informante teve esse comportamento diferenciado? Estes são questionamentos que, provavelmente, uma análise de microssociolinguística talvez pudesse sanar.

Raio de luz também foi considerada como resposta válida porque, a partir do ponto de vista da Astronomia, que diz ser o *raio de luz* uma onda de radiação eletromagnética

(MOURÃO, 1987, p. 669), e para a pergunta feita e valorando o conhecimento de mundo do falante, ela é satisfatória.

O dado curioso que esta carta nos traz é que temos um indicativo de uma subárea dentro do Falar Amazônico, mas que só poderá ser confirmada quando as cidades do interior forem analisadas. Se observarmos a isoléxica traçada, percebemos que dados do interior podem confirmar a existência de uma subárea, confirmando a hipótese inicial.

Figura 3 – Isoléxica para *meteoro*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* demonstrou que, nas capitais da Região Norte, a denominação técnica *meteoro*, para o que conhecemos popularmente por *estrela cadente*, ocorre em alguns pontos

que indicam poder haver ali um subfalar, porém essa hipótese só poderá ser confirmada quando os dados das cidades do interior forem avaliados. Os dados apresentados neste trabalho também demonstram a contribuição dos estudos lexicais para a descrição e a



documentação da riqueza linguística presente nas regiões brasileiras, neste caso, a Região Norte.

Percebemos que há uma variedade de usos para o referente em questão, porém delimitar subfalares somente com dados de capitais não é suficiente, visto que o número de informantes foi reduzido e que somente analisando os dados das cidades do interior é que poderemos, de fato, ter uma posição mais concisa sobre a proposta da divisão dialetal de Nascentes (1953), bem como observar se nessa área há subáreas dialetais. Outros trabalhos, já publicados, mostraram que existem outras denominações, para a *estrela cadente*, em outras regiões brasileiras que não estão presentes no repertório linguístico do povo nortista.

É o que pontua Mota (1999), que encontrou respostas como *planeta* e *zelação* nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baiano - APFB e em dados do Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB. Mota (1999) também destaca *mãe-de-ouro* no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG e *estrela de rabo*, *satélite*, *diamante* e *estrela do oriente* no Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, confirmando o comportamento diferenciado para denominar este fenômeno na Região Norte com relação a outras regiões e estados brasileiros apresentados. Na Região Centro-Oeste, Carvalho (2012) registrou, com os dados do Projeto ALiB, as designações *estrela cadente*, *cometa*, *satélite*, *planeta*, *mãe-de-ouro* e *estrelinha da sorte*, sendo que as consideradas mais produtivas, devido ao percentual de ocorrência, foram as três primeiras, mostrando uma aproximação com os resultados encontrados nas capitais da Região Norte. Futuramente, com a análise das cidades do interior, poderão ser feitas novas e melhores considerações.

REFERÊNCIAS

- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras: 2003, v. 1.
- CARDOSO, Suzana A. M. da S. C. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARVALHO, Paola M. de O. **Relações entre léxico e ambiente**: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil. 2015. 224f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2012.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CUBA, Marigilda A. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. 497 f. 2v. 7 cartas introdutórias e 96 cartas linguísticas. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UEL, Londrina, 2015.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1. ed. 3. impressão. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ISQUERDO, Aparecida N.; CARVALHO, Paola M. de O. Léxico e ambiente rural: um estudo de designações para trabalhador de enxada em roça alheia no Centro-Oeste do Brasil. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M.; PAIM, M. T. (Orgs.). **Documentos 3**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, Vento Leste: 2012. p. 251-261.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline



Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOTA, Jacyra. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 25-31, 1999.

MOURÃO, Ronaldo R. de F. **Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAIM, Marcela M. T. A emergência de identidade social de faixa etária e variação: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: MOTA, Jacyra A.; et al. (Orgs.). **Documentos 5: Avaliação e perspectivas**. Salvador, Quarteto Editora: 2015. p. 245-253.

PORTILHO, Danyelle A. S. **O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB**. 2013. 146f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana S. C. **Brinquedos e brincadeira infantis na área do falar baiano**. 2012. 793f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Vol. 1, 2 e 3. Salvador, 2012.

SANTOS, Grazielle F. da S. **Os jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste**. 2018. 207p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA Jr., Joab S. da. **Estrelas cadentes**.

Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/o-que-sao-estrelas-cadentes.htm>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, A. R. C.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. Denominações no falar nortista para a estrela cadente: dados do projeto ALiB.

Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 6, p. 97-110, 2019.



DENOMINAÇÕES PARA SOVINA NOS ATLAS LINGUÍSTICOS DE PERNAMBUCO E DA PARAÍBA: UMA ANÁLISE DIATÓPICA E METALEXICOGRÁFICA BASEADA EM DICIONÁRIOS PRODUZIDOS A PARTIR DO SÉCULO XVIII

Edmilson José de Sá

Centro de Ensino Superior de Arcoverde

RESUMO

Este artigo almeja analisar as denominações para sovina em atlas linguísticos construídos em estados do Nordeste, amparando-se em obras lexicográficas de Bluteau (1728) a Ferreira (2010) e, apropriando-se do método geolinguístico, delimitar campos onde as variantes se apresentam mais acentuadamente. Desse modo, pretende-se cotejar os dados do Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984) e do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2016) com os itens dicionarizados, de modo a verificar como são tratados os regionalismos, diacrônica e diatopicamente e, dessa maneira, perceber convergências e divergências entre eles. A análise permitiu constatar que alguns itens lexicais registrados nos atlas divergem do que os dicionários anunciam. É necessário, então, considerar as acepções regionalistas na atualização lexicográfica.

Palavras-chave: Sovina; Geolinguística; Atlas Linguísticos; Metalexigrafia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the denominations for stingy in linguistic atlases built in states of Northeast, using lexicographical works from Bluteau (1728) to Ferreira (2010) and appropriating of the geolinguistic method, delimitate fields where the variants appear more accentuate. So, it is intended to collate the Paraíba's Linguistic Atlas (ARAGÃO; MENEZES, 1984) and the Pernambuco's Linguistic Atlas (AUTOR, 2016) data with the dictionaried items, in spite of verifying how the regionalisms are treated diachronically and diatopically and, this way, to realize convergences and divergences among them. The analyses permitted to confirm that some lexical items registered in the atlases diverge from what the dictionaries preconize. So, it is necessary to considerate the regionalist meanings at the lexicographic update.

Keywords: Stingy; Geolinguistics; Linguistic atlases; Metalexigraphy.

Edmilson José de Sá é professor de Língua e Literatura; colaborador no Profletras - UPE - câmpus Garanhuns.

E-mail: edjm70@gmail.com



INTRODUÇÃO

Para que se obtenha um perfil adequado e fiel do português brasileiro, seja falado ou escrito, é necessário que a descrição da língua abranja dimensões inerentes à fala espontânea, concretizada em variantes da pronúncia, do vocabulário e da organização sintagmática. Nesse sentido, os trabalhos dialetais construídos por equipes de pesquisadores ou como produtos de monografias, dissertações e teses já oferecem uma visão extensa do repertório linguístico que, muitas vezes, não se confirma em dicionários ou, caso ocorra, apresenta sentidos dessemelhantes.

Desse modo, concorda-se com Isquierdo (2007) e Fajardo (1996; 1997) quando veem a necessidade de os lexicógrafos se valerem dos resultados de pesquisas dialetais registrados sobretudo nos atlas linguísticos para atualizarem as variedades regionalistas nos dicionários.

Como inspiração para tais mudanças, este trabalho tem o intuito de verificar como o léxico registrado em quatro atlas linguísticos de falares nordestinos, priorizando os Estados da Paraíba e de Pernambuco, é tratado nos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015). Para tanto, será explorado o tratamento dado às variantes para *sovina*, pertencentes ao campo semântico comportamento e convívio social.

Assim, de posse das notas enciclopédicas, serão verificadas as similitudes ou disparidades entre os conceitos encontrados nos dicionários, as abordagens diatópicas dos regionalismos e o sentido encontrado nos *corpora* dos atlas linguísticos nordestinos.

O trabalho está organizado com a seguinte estrutura: de início, será traçado um panorama

sobre o léxico e suas relações com a lexicografia e a metalexicografia, com ênfase para os falares regionais; em seguida, será apresentado um retrospecto sobre Dialectologia e Geolinguística de modo a compreender a interface com as ciências do léxico tratadas neste artigo enquanto, na sequência, serão apresentados os atlas usados para captação dos dados e a descrição do campo semântico selecionado, adentrando na metodologia usada para analisar as denominações mais acentuadas nos atlas e sua distribuição nos dicionários supracitados. Após a análise e as discussões, serão tecidas considerações epilogais.

1 PANORAMA DAS CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA

A lexicografia e a lexicologia têm um objeto comum de estudo para a descrição do vocabulário de uma língua. A diferença essencial entre elas se encontra no grau de sistematização e completude. O primeiro aspecto destina-se à sistematização, revelando características de palavras. Já o segundo busca a descrição semântica formal e funcional de todas as palavras individuais. Em termos mais específicos, Casares (1992, p. 11) diferencia as duas ciências da seguinte maneira:

Da mesma forma que podemos distinguir uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas faculdades, que têm por objeto comum a origem, a forma e o significado das palavras: lexicologia, que estuda esses temas do ponto de vista geral e científico, e a lexicografia, cujo papel, principalmente utilitário, é justamente definido em nosso léxico como 'a arte de compor dicionários' (tradução nossa).¹

Numa perspectiva mais multidisciplinar, tem-se, ainda, a metalexicografia ou lexicografia

estudia estas materias desde un punto de vista general y científico, y la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitario, se define acertadamente en nuestro léxico como el 'arte de componer diccionarios'.

¹De igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades, que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que



teórica, em cujo espaço são inseridas abordagens advindas de outras linhas de investigação linguística a exemplo da semântica, da morfossintaxe, que se unem metodologicamente num arranjo específico, estruturado por Morkovikin (1992, p. 359)²:

A teoria lexicográfica tem vários componentes, entre eles: a) estudo da extensão, do conteúdo e da estrutura do conceito de Lexicografia; (b) a lexicologia dicionarista, ou seja, aquela que serve como base para criar os trabalhos lexicográficos; (c) estudo de gêneros e tipos de dicionários; (d) a teoria dos elementos e parâmetros de um dicionário; (e) estudo dos fundamentos da criação de obras lexicográficas e a informatização da obra lexicográfica; (f) a teoria das fichas e do desenvolvimento de materiais primários; (g) planejamento e organização da obra lexicográfica; (h) criação e delimitação das regras lexicográficas.

Desse modo, admite-se a visão encontrada em Borba (2003, p. 15) acerca dos aspectos abalizados pela lexicografia, na qual também se insere a metalexigrafia:

- a) Técnica de montagem de dicionários, ocupando-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definidores, estrutura de verbetes, critérios para remissões e registro de variantes;
- b) Numa visão mais teórica, consiste em estabelecer um conjunto de princípios que permitem descrever o léxico – total ou parcial – de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

Partindo da necessidade de amalgamar a Lexicografia com a Geolinguística, pela pertinência de se analisarem aspectos inerentes à verificação de regionalismos condizentes ou não com o espaço geográfico onde realmente se registram, é pertinente assimilar que os estudos do léxico podem ser facilmente ampliados não apenas pelos mecanismos de estruturação mórfica a que toda lexia está sujeita, mas por processos enriquecedores, destacados por Borba (2003, p. 119) como *neologismo* e *empréstimo*.

Para o autor, a criação neológica ocorre seguindo dois parâmetros, a recontextualização de palavras em circulação e consequente aparecimento de nova acepção, como também a incorporação de novos itens ao léxico geral. No primeiro caso, contudo, tal criação é ocasionada pela interferência social da língua, enquanto o segundo caso pode ser realizado pela simples aplicação da regra morfológica ou empréstimos de línguas com que mantém contato.

Não é possível tratar de léxico sem adentrar na questão semântica, já que a circulação de lexias de uma língua se caracteriza tanto pela *renominação*, multiplicando os itens léxicos, como pela *polissemia*, multiplicando as acepções. Além disso, vale a pena lembrar a dicotomia *sinonímia* / *paronímia*, que tem na primeira a equivalência de significado e na segunda, a semelhança fônica entre lexias.

Valendo-se da ideia de Biderman (2001, p. 13) de que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”, foi possível, neste tópico, visualizar um pouco do propósito da lexicografia e da visão teórica apreendida pela

² La teoría lexicográfica tiene varios componentes comprendidos entre ellos: a) el estudio de la extensión, el contenido y la estructura del concepto de lexicografía; b) la lexicología dicionarista, es decir, aquella que sirve de base para crear las obras lexicográficas; c) el estudio de los géneros y tipos de diccionarios; d) la teoría de los elementos y parámetros de un diccionario; e) el estudio

de los fundamentos de la conformación de obras lexicográficas y de la computarización del trabajo lexicográfico; f) la teoría del fichado y conformación de materiales primarios; g) la planificación y la organización del trabajo lexicográfico; h) la conformación y delimitación de las reglas lexicográficas.



metalexiconografia. Cabe, agora, verificar que ramos teórico-metodológicos podem ser utilizados para uma coleta de dados propícia de se registrar o repertório linguístico pertencente ao falante.

2 DIALETOLOGIA E GEOLINGÜÍSTICA: A CIÊNCIA E O MÉTODO

A Dialetoлогия se constitui de uma ciência responsável por trabalhar a língua sob a égide da variação espacial e à antropologia, de modo a explicar a língua e sua interface com a cultura do falante.

O método mais presente de se estudar a língua nessa perspectiva espacial é através da Geografia Linguística, que usufrui da cartografia para analisar a língua diatopicamente. Assim, a Dialetoлогия passou a ser considerada não apenas como disciplina ou modelo de estudo descritivo dos limites da língua, mas como ciência que estuda a fala característica, seja através da inserção das realizações mais proeminentes no mapa, seja pela simples catalogação dessas realizações em modelos distintos de análise.

Os mapas, chamados na Geolinguística de cartas, permitem a catalogação de variantes diatópicas e diastráticas a partir de atlas linguísticos. Porém, a leitura desses atlas nem sempre ocorre com facilidade, uma vez que eles:

[...] Exigem agilidade de manusear e precisam ser consultados de pé em longas mesas limpas. Mas isso não impede o seu uso, porque se eles são construídos, sem pouco esforço, com mais trabalho e contrariedades do que seu uso agora requer,

é para alguma coisa, eu digo. Eu acho que, talvez por causa das partes interessadas, nem os estudiosos acadêmicos, nem os estudantes de doutoramento inexperientes podem se dar ao luxo de ignorá-los, embora estes tenham mais facilidades de organizá-los do que aqueles (SALVADOR, 1980, p. 56, tradução nossa).³

Nesse pensamento, Alvar (1982, p. 60) acredita que o estudo de cartas de um atlas linguístico possibilita uma análise da linguagem real, suscitando uma gama de análises distintas, inclusive sob a perspectiva lexicográfica, ratificando a ideia de Soriano (1932, p. 7) de que “a lexicografia, a fonética, a etimologia e a gramática histórica têm, na dialetoлогия, uma veia inesgotável para explorar” (tradução nossa).⁴

Na realidade, ao se deparar com ocorrências desconhecidas nos atlas linguísticos, costuma-se dirimir dúvidas sobre a pronúncia, a ortografia e o uso da lexia pouco utilizada, incluindo abordagens etimológicas, que podem auxiliar na compreensão do significado dessa lexia.

É, pois, através da palavra (lexia) que o indivíduo participa dos feitos que caracterizam a vida: sua insegurança, sua evolução e sua complexidade, e produções lexicográficas, como o dicionário, oferecem o adorno às palavras, mantendo-as imobilizadas e se perpetuando de geração em geração.

2.1 A ESTRUTURA DOS ATLAS LINGÜÍSTICOS SELECIONADOS

Pode-se dizer que o Nordeste está tentando se consolidar na tradição de construção de atlas linguísticos, considerando a extensão da maior

³ [...] Requieren agilidad para su manejo y han de consultarse de pie, abiertos sobre largas mesas despejadas. Pero eso no exime de su utilización, porque si se han hecho, con no poco esfuerzo, con mayores ajetreos y sinsabores de los que su uso ahora requiere, es para algo, digo yo. Me parece —tal vez por ser parte interesada— que ni los doctos académicos ni los bisoños

doctorandos se pueden permitir el lujo de ignorarlos, aunque a los segundos les pueda resultar más fácil moverlos que a los primeros.

⁴ La lexicografía, la fonética, la etimología y la gramática histórica tienen en la dialetoлогия un inagotable filón que explotar.



região do país, a despeito de o primeiro trabalho ter sido projetado e ter sido construído num de seus Estados, mas se confirmam, até o momento, apenas oito atlas de falares nordestinos, sendo um deles complemento do já existente trabalho sobre o falar do Estado de Sergipe.

Além do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI et al, 1963), já existem: o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1983), o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I) (FERREIRA et al., 1987), o Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II) (CARDOSO, 2002), o Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE) (BESSA et al., 2010), o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) (SÁ, 2016) e o Atlas Linguístico do Estado de Alagoas (ALEAL) (BARBOSA-DOIRON, 2017). Os Estados do Maranhão, do Piauí e do Rio Grande do Norte possuem apenas estudos dialetais e, no caso do estado potiguar, há apenas um atlas de pequeno domínio, mas, nos três estados, os projetos de atlas estaduais ainda se encontram em fase de concretização.

Para a discussão em tela, serão aproveitados o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) e o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), cuja escolha se deve ao fato de serem estados limítrofes, o que oportuniza a verificação das congruências e divergências.

No estudo realizado na Paraíba, as autoras aplicaram inquéritos em 25 municípios para um total de 107 informantes entre 30 e 75 anos. *In totum*, foram aplicadas 877 questões, sendo 289 sobre aspectos gerais e 588 de cunho específico, relacionadas a atividades comuns ao Estado, como *mandioca, cana, agave, algodão e abacaxi*.

Dos três volumes propostos, apenas dois foram publicados, sendo o primeiro com as cartas fonéticas e léxicas. Das 209 cartas construídas, são 11 de identificação, 154 cartas fonéticas e léxicas e 44 cartas-resumo. Já o segundo volume apresenta aspectos

metodológicos que envolvem a caracterização dos informantes e os pontos de inquérito. Para melhor verificação, encontra-se no atlas a ficha usada para o inquérito e a análise dos aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais ressaltados e catalogados em glossário no fim do volume.

Em Pernambuco, o autor investigou os fenômenos em 20 municípios distribuídos entre os quatro cantos do Estado, usando, para isso, os pressupostos metodológicos utilizados para a construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (CARDOSO et al, 2014) com quatro informantes selecionados em cada ponto, com idade variada entre 18 e 30 anos e 50 a 65 anos, pouca escolaridade e pouca ausência do local de nascimento, sendo, ainda, inquirido na capital o mesmo número de informantes com curso universitário. Foram, então, aplicadas 460 perguntas, sendo 420 retiradas dos questionários do ALiB referindo-se a temas gerais e 40 de temas específicos relacionados a *frevo, maracatu, renascença e barro*. Os resultados permitiram a construção de 111 cartas, das quais seis são introdutórias e mais 105 cartas linguísticas, divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta de análise metalexigráfica parte de um *corpus* constituído das variantes registradas na Paraíba e em Pernambuco quando foi perguntado aos informantes “como é conhecida a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar”, mantida no rol de questões pertencentes ao campo semântico comportamento e convívio social do ALiB com a resposta motivadora ‘sovina’. Os resultados a essa pergunta foram escolhidos tendo em vista o número considerado de variantes marcadas, embora parte delas também seja conhecida em outras regiões, o que torna mais apropriada a



análise de assimilação dos sinais dialetais específicos dos dois estados evidenciados.

Considerando as palavras de Biderman (2001, p. 135) ao chamar “qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil” de ‘regionalismo’, distinguindo-se, portanto, da norma padrão, julga-se, então, conveniente agregar os registros lexicais encontrados nos atlas linguísticos à produção lexicográfica, na iminência de conseguir delinear marcas dialetais, retificar ou manter grafias e precisar a distribuição de sinônimos. Para isso, serão analisadas as denominações de *sovina* nos dicionários de Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015), de modo a verificar o que está lexicografado desde o século XVIII e se mantém como regionalismo nos tempos hodiernos.

A escolha das obras lexicográficas se deve ao número considerável de verbetes, o que pode auxiliar não apenas na delimitação das marcas regionais, mas conservar ou corrigir grafias, precisar a distribuição de sinônimos e entender as origens das variantes, a partir do que fora encontrado nos atlas linguísticos. Comunga-se, portanto, do que Zumbado e Dias (2002, p. 1219) afirmam:

Na lexicografia regional, o atlas tende a ser, por sua extensão e conteúdo, o repertório lexical mais amplo de que dispõe o dialetólogo e, portanto, fonte primária do vocabulário diferencial, que servirá como uma grande ajuda na criação de orações e suas variantes, as etimologias, significados e as marcas mais amplas.

Seguiram-se, pois, para a análise os procedimentos metodológicos, a saber:

1) Levantamento das denominações de *sovina* encontradas nos Atlas Linguísticos da Paraíba e de Pernambuco;

2) Organização das variantes nos dicionários selecionados, no intuito de verificar as visões enciclopédicas e diatópicas acerca de cada uma delas;

3) Confirmação das denominações encontradas nos dicionários e nos atlas linguísticos;

4) Exegese acerca das convergências e divergências verificadas na análise dos dados face ao registro nas obras lexicográficas.

4 ANÁLISE DIATÓPICA E METALEXICOGRÁFICA

As respostas para a pergunta sobre “a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar” podem ser conferidas no Quadro 1 (próxima página), a partir do registro de denominações nos dois atlas linguísticos consultados, além de assinalar em que dicionários elas estão registradas com o conceito para o item esperado (x), como itens com outros conceitos (OC) ou não se encontram dicionarizadas (ND).

No ALPB, estão registrados os itens lexicais *agarrado, amarrado, arrojado, chula, enforcado, fominha, fona, mesquinho, miserável, morto a fome, morto de fome, papagaio no arame, rezina, pica-fumo, somítico, sovina, tacanha, unha de fome* e *usurário*, enquanto no ALiPE, encontram-se catalogados apenas os itens *canguinha, mão fechada, mão-de-vaca, pão-duro* e *piranguero*.

Conforme o Quadro 1, apenas as denominações ‘econômico’ e ‘seguro’ são convergentes nos atlas da Paraíba e de Pernambuco. Os demais itens estão distribuídos separadamente.



Quadro 1 – Distribuição de variantes nos atlas da Paraíba e de Pernambuco e a sua dicionarização

| ITENS LEXICAIS | ALPB | ALIFE | Bluteau (1728) | Pinto (1832) | Figueiredo (1913) | Houaiss (2009) | Ferreira (2010) | Michaelis (2015) |
|----------------|------|-------|----------------|--------------|-------------------|----------------|-----------------|------------------|
| Agarrado | x | | OC | OC | x | x | OC | x |
| Canguinha | | x | ND | ND | x | x | ND | x |
| Fominha | x | | ND | ND | ND | x | ND | x |
| Fona | x | | ND | x | x | x | ND | x |
| Mão fechada | | x | ND | ND | ND | x | ND | x |
| Mão-de-vaca | | x | ND | ND | ND | x | ND | ND |
| Mesquinho | x | | OC | x | x | x | x | x |
| Miserável | x | | x | x | x | x | x | x |
| Pão-duro | | x | ND | ND | ND | x | x | x |
| Pica-fumo | x | | ND | ND | x | x | ND | x |
| Seguro | x | x | OC | OC | OC | x | x | x |
| Somítico | x | | ND | ND | x | x | x | x |
| Sovina | x | | x | x | x | x | x | x |
| Tacanha | x | | x | x | x | x | x | x |
| Unha de fome | x | | ND | ND | x | x | x | ND |
| Usurário | x | | OC | OC | x | x | x | x |

Fonte: organização do autor

Conforme o Quadro 1, apenas as denominações ‘econômico’ e ‘seguro’ são convergentes nos atlas da Paraíba e de Pernambuco. Os demais itens estão distribuídos separadamente.

Na Paraíba, as variantes que mais se distribuíram no Estado foram: *agarrado*, *amarrado*, *econômico*, *mesquinho*, *seguro* e *sovina*. As demais denominações foram menos difundidas, algumas das quais tiveram registros em um único ponto de inquérito, como *unha de fome* (ponto 1 – João Pessoa), *chula* (ponto 3 – Belém), *fominha* (ponto 5 – Itabaiana),

miserável (ponto 13 – Taperoá), *papagaio no arame* (ponto 16 – Monteiro) e *rezina* (ponto 20 – Pombal).

Já no caso de Pernambuco, enquanto *canguinha* se restringiu a três pontos do Sertão: 1 – Afrânio, 2 – Petrolina e 3 – Santa Maria da Boa Vista), *pirangueiro* foi registrada em sete pontos selecionados entre os limites do Agreste à Região Metropolitana do Recife. As demais respostas se distribuíram em toda a extensão do estado.

Após a consulta aos dicionários, percebeu-se que os itens *amarrado*, *arrochado*, *chula*,



econômico, *enforcado* e *pirangueiro* não se constituem variantes⁵ que remetam à acepção de ‘pessoa sovina’ em nenhuma das obras consultadas, motivo pelo qual esses itens foram excluídos do Quadro 1. Contudo, é possível

verificar os conceitos que as denominações detêm e confirmar a divergência a partir do Quadro 2:

Quadro 2 – Denominações com conceitos não relacionados à pessoa sovina

| Denominação ⁶ | Conceito | Dicionários |
|--------------------------|-----------------------|--|
| Amarrado | preso com amarra | Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Houaiss (2009) |
| | obstinado | Pinto (1832) |
| Arrochado | muito apertado | Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009) |
| Chula | que possui velhacaria | Bluteau (1728) |
| | grosseira | Pinto (1832); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009); Michaelis (2015) |
| Econômico | moderado nos gastos | Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010); Houaiss (2009); Michaelis (2015) |
| Enforcado | suspenso pelo pescoço | Bluteau (1728); Figueiredo (1913); Ferreira (2010) |
| | endividado | Houaiss (2009); Michaelis (2015) |
| Pirangueiro | desprezível | Figueiredo (1913); Houaiss (2009); Michaelis (2015) |

Fonte: organização do autor

Em se tratando de brasileirismos ou regionalismos, constam nos dicionários notas de pouquíssimas denominações. Itens como *mão-de-vaca*, *pão-duro* e *unha-de-fome* são considerados brasileirismos em Houaiss (2009).

Nada obstante, em Figueiredo (1913), a denominação *pica-fumo* está registrada como *pica-fumo* e apresenta nota que a considera um regionalismo do Nordeste. De modo mais específico, em Michaelis (2015), a denominação *rezina* é classificada como regionalismo do Ceará. Esse dicionário

classifica, ainda, itens *fominha*, *seguro* e *usurário* como verbetes coloquiais.

Verifica-se, então, ao final da análise das denominações para *sovina*, poucas divergências entre os dados dos atlas linguísticos da Paraíba e de Pernambuco e os dicionários publicados a partir do século XX, usados para o estudo lexicográfico em tela. Antes disso, percebeu-se que apenas os itens *tacanho* e *miserável* são registrados em Bluteau (1728), enquanto, em Pinto (1832), aumenta o número de itens com conceito semelhante, acrescentando-se *fona*, *mesquinho* e a primeira referência ao item motivador *sovina*. A partir de Figueiredo (1913), depreende-se grande parte

⁵ As denominações *morto a fome*, *morto de fome* e *papagaio no arame*, registradas em pontos de inquérito do ALPB, não se encontram dicionarizadas em Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009),

Ferreira (2010) e Michaelis (2015), por isso não constam no quadro 2.

⁶ Em alguns dicionários, não houve registros dessas denominações.



das denominações e as referências aos brasileirismos e regionalismos, mesmo limitadamente, já são evidentes. Isso ratifica a necessidade de atualização dos dicionários no tocante às variantes não lexicografadas e, sobretudo, na confirmação dos limites territoriais onde as marcas linguísticas são evidenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para este trabalho parte da necessidade de amalgamar a lexicografia e a metalexicografia aos estudos dialetais, cujos dados surgem de documentos de descrição linguística de cunho diatópico chamados de atlas linguísticos.

Para tanto, foram usados os atlas linguísticos da Paraíba e de Pernambuco, dos quais foram selecionadas as cartas léxicas com as variantes para *sovina*, conceituada como a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar.

Após catalogar as denominações dos dois trabalhos, foram usados os dicionários Bluteau (1728), Pinto (1832), Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Michaelis (2015) para verificar se os verbetes que registram são consensuais com os atlas linguísticos e se possuem acepções semelhantes.

Verificou-se que a maioria das denominações catalogadas se encontra dicionarizada em, pelo menos, uma das obras, e poucas possuem acepções divergentes ao conceito de *sovina*. No entanto, essas obras lexicográficas ainda carecem de uma atualização quanto às caracterizações diatópicas, haja vista o fato de as notas enciclopédicas fazerem maior referência à extensão de sentido ou à coloquialidade.

Confirma-se que a língua evolui através dos tempos; criam-se palavras e se arcaizam outras tantas, reforçando, então, que ela nunca foi e

nunca será homogênea. Cabe, portanto, aos dialetólogos e aos lexicógrafos a tarefa de manterem, juntos, essa língua consignada em atlas linguísticos e dicionários.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, Manuel. *Atlas lingüísticos y diccionarios*. LEA, IV. Madrid, 1982, p. 253-323.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa. *Atlas Lingüístico do Estado de Alagoas*. Tese de doutorado. Londrina: UEL, 2017.
- BESSA, José Rogério F. et al. *Atlas lingüístico do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria Lingüística*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico do Brasil (ALiB)*. Projeto. Salvador: UFBA, 1998.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Tese de doutorado - UFRJ. Rio de Janeiro: 2002.
- CARDOSO, Suzana A. M. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB)*. Vol. 1 e 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CASARES, J. *Introduccion a la lexicografia moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.



FAJARDO, A. *Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica em la lexicografía española*. Revista de Lexicografía. v.3, , 1996-1997. p. 31-57.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 5.^a ed., Curitiba: Melhoramentos, 2010.

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa [Portugal]: Livraria Clássica, 1913.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

MICHAELIS. *Dicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

MORKOVKIN, Valeriy V. Fundamentos teóricos de la lexicografía docente contemporánea. *Actas el IV Congreso Internacional*. EURALEX 90, 1992, p. 359 - 368.

PINTO, Luís Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas linguístico de Pernambuco*. São Paulo: Ixtlan, 2016.

SALVADOR, G. *Lexicografia y geografía lingüística*. REL, 10,1 1980, p. 138-144.

SORIANO, J. García. *Vocabulario del dialecto murciano*. Murcia: Editora Regional, 1980, edición facsímil de la primera, Madrid, 1932.

ZUMBADO, Cristóbal José Corrales; DÍAZ, Dolores CORBELLÁ, “El ALEICan en los diccionarios”, AFA, LIX-LX, 2002-2004, In: CASTAÑER, Rosa Maria; ENGUITA, José Maria (eds.) *Archivo de filología aragonesa*. In memoriam Manuel Alvar. p. 1203-1222.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SÁ, E. J. Denominações para sovina nos Atlas Linguísticos de Pernambuco e da Paraíba: uma análise diatópica e metalexicográfica baseada em dicionários produzidos a partir do século XVIII. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 111-120, 2019.



VARIAÇÕES DE SENTIDO EM GÍRIAS: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DOS TERMOS 'BOMBAR', 'GASTAR' E 'ROLÊ' NAS VARIEDADES FALADAS POR JOVENS NO RIO GRANDE DO SUL E EM SÃO PAULO

Leonardo Pereira dos Santos

Universidade de São Paulo

Isabella Matos Rodrigues

Universidade de São Paulo

Tábata Milene Dias Silva

Universidade de São Paulo

RESUMO

O presente artigo compreende uma investigação em variação linguística que buscou identificar variações de sentido das gírias 'bombar', 'gastar' e 'rolê', de acordo com a aceitação e polaridade consideradas pelos falantes de duas variedades do português brasileiro: jovens (15 a 25 anos) do Rio Grande do Sul (RS) e de São Paulo (SP). Levantou-se a hipótese de que os termos 'bombar', 'gastar' e 'rolê' (como em 'o trabalho bombou', 'gastei na prova' e 'ir no shopping é rolê') são utilizados e aceitos em ambas as variedades, mas apresentam sentidos distintos. A fim de validar essa hipótese, elaborou-se um teste de aceitação e avaliação da polaridade das gírias através de um questionário respondido por falantes das duas variedades. A análise de dados caracterizou uma pesquisa básica, descritiva, sincrônica e quantitativa, de acordo com o modelo laboviano. Os resultados obtidos mostram que 'bombar' é aceita em ambas as variedades, com variação da polaridade (parcial no RS e majoritariamente negativa em SP). 'Gastar', por sua vez, é aceita apenas pelos gaúchos; quanto à polaridade, é positiva em ambos, todavia, a avaliação paulista é mais heterogênea. Finalmente, 'rolê' é amplamente aceita em ambas, entretanto, a polaridade varia para os paulistas. Desse modo, conclui-se que a pesquisa atingiu seu objetivo ao identificar tais variações de sentido dessas gírias entre as variedades estudadas.

Palavras-chave: Variação linguística; Gírias; Português brasileiro.

ABSTRACT

This paper comprises an investigation on linguistic variation that aimed to identify meaning variations of the slangs 'bombar', 'gastar' e 'rolê' according to the acceptance and polarity evaluation by two varieties of Brazilian Portuguese speakers: young (15 to 25 years old) speakers from Rio Grande do Sul (RS) and São Paulo (SP). The raised hypothesis was that the slangs 'bombar', 'gastar' and 'rolê' (as in 'o trabalho bombou', 'gastei na prova' and 'ir no shopping é rolê') are used and accepted in both varieties, but have different meanings. In order to validate it, it was elaborated an acceptance and polarity evaluation test through a questionnaire answered by speakers of both varieties. The proposed data analysis characterized a basic, descriptive, synchronous and quantitative research, according to the Labovian model. The results obtained show that 'bombar' is accepted in both varieties with polarity variation (partial in RS and mostly negative in SP); 'gastar', on the other hand, is accept just by RS speakers; the polarity is positive at both, however, the SP speakers' appraisal is more heterogeneous. Finally, 'rolê' is widely accepted at both, however, the polarity varies for the SP speakers. This way, it is concluded that the research achieved its objective by identifying such meaning variations of these slangs among the varieties studied.

Keywords: Linguistic variation; Slangs; Brazilian Portuguese.



Leonardo Pereira dos Santos é graduando em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: leonardosantos@usp.br

Isabella Matos Rodrigues é graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: isabellamatosrodrigues@gmail.com

Tábata Milene Dias Silva é graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: tabatamilene@usp.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo compreende uma investigação em variação linguística alicerçada na Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003), também chamada de Teoria da Variação. Essa investigação teve como objetivo identificar variações de sentido das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, de acordo com a aceitação e polaridade consideradas pelos falantes de duas variedades. Especificamente, partiu-se do seguinte problema: há variações de sentido nas gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’ nas variedades faladas por jovens (de 15 a 25 anos) nos estados Rio Grande do Sul e São Paulo? Esta pesquisa, então, compreende um estudo em variação linguística diatópica, a partir de um recorte diastrático e está delimitada em um estudo semântico dos itens lexicais.

Considerando a questão elaborada, levantou-se a hipótese de que os termos ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’ (como em ‘o trabalho bombou’, ‘gastei na prova’ e ‘ir no shoppings é rolê’) são utilizados e aceitos em ambas as variedades, mas apresentam sentidos distintos. Acredita-se, portanto, que algumas gírias vêm

expandindo o seu uso pelas comunidades linguísticas no Brasil, porém não de forma homogênea.

A fim de contemplar o objetivo geral, elencou-se um conjunto de objetivos específicos. São eles: (i) revisar a literatura disponível acerca do tema; (ii) identificar possíveis sentidos atribuídos às gírias; (iii) identificar padrões morfossintáticos de uso das gírias; (iv) elaborar e aplicar um questionário para identificar os sentidos utilizados e, por fim, (v) avaliar a aceitação e polaridade das gírias nas duas variedades por meio de uma análise de dados quantitativa.

Este texto está estruturado da seguinte forma: na seção 1, explanam-se algumas considerações iniciais pertinentes à pesquisa em variação linguística; na seção 2, são detalhados os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados; nas seções 3, 4 e 5, são apresentados os resultados e discussões acerca das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, respectivamente; por fim, são apresentadas as considerações finais.

1 LÍNGUA E(M) VARIAÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua chama atenção, especialmente da comunidade científica, devido a sua complexidade. Hjelmslev (1975, p. 1-2) afirma que:

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana [...]. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência



vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas.

Para além, acredita-se (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) que a língua é um sistema organizado de regras que apresenta categorias invariáveis e variáveis. A Sociolinguística é um campo da ciência que se preocupa, dentre outras coisas, com o estudo da variação e mudança linguística, considerando a língua um sistema heterogêneo que se constitui de regras e unidades variáveis. Esse campo de estudo parte de uma consideração relevante no presente artigo: o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções (LABOV, 1972 [2008]). Labov discorda de quaisquer modelos que ignoram a heterogeneidade e que consideram a fala como caótica e desmotivada (FIGUEROA, 1996, p. 77-78).

A Sociolinguística Variacionista, que se ocupa da pesquisa em variação linguística, entende que, por trás da heterogeneidade, há um sistema organizado. Em outras palavras, para ela, há uma heterogeneidade estruturada. Na área, considera-se a língua, portanto, em seu contexto sociocultural, já que os condicionadores da variação linguística não são apenas internos à língua (fatores lexicais, morfológicos, sintáticos, semânticos, etc.), mas também extralinguísticos (fatores sociais, geográficos, etc.). A Sociolinguística Variacionista, destarte, pressupõe que “toda variação é motivada, isto é, controlada por

fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível” (MOLLICA, 2003, p. 10).

Ao discutir variação linguística, cabe explicar, ainda que brevemente, quatro conceitos essenciais: variação, variante, variável e variedade (TARALLO, 1986, p. 8). Variação corresponde ao fenômeno linguístico da heterogeneidade e é o objeto da Sociolinguística Variacionista. As variantes, por sua vez, “referem-se às diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, sendo assim, as formas em variação” (TARALLO, 1986, p. 8), como ocorre, por exemplo, com ‘aipim’ e ‘mandioca’. Essas formas estão concorrendo entre si na língua e o uso de uma ou de outra é determinado por condicionadores, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos. As variáveis são definidas como parâmetros que regulam e condicionam o emprego de formas variantes (como por exemplo o uso do rótico em coda silábica no português brasileiro, que apresenta muitas variantes, como produções vibrantes, aproximantes e fricativas). Por fim, variedade – muitas vezes, chamada de dialeto – é a fala característica de um determinado grupo ou comunidade linguística (por exemplo, as variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas).

Ao olhar para a dimensão externa da língua, é possível classificar os diferentes tipos de variação e seus respectivos condicionadores. Inicialmente, classifica-se variação como sincrônica (ao mesmo tempo) e diacrônica (através do tempo). Existem, ainda, quatro classificações para a variação sincrônica. São elas: diatópica, diafásica, diastrática e diamésica. Conforme Telles (2009, p. 198), a variação diatópica se refere ao fator geográfico e compreende, desse modo, os regionalismos. Ainda, a variação diastrática marca “as diferenças de grupos sociais (seja referente à classe social, a grupos identitários ou de profissionais)” e compreende, por exemplo, “a



diferença no uso de gírias, jargões, termos técnicos, e, inclusive, a diferença em relação à chamada norma culta e a dita popular” (TELLES, 2009, p. 198). A variação diamésica se refere à externalização da língua (escrita ou oral). Por fim, a variação diafásica é definida como “[...] aquela que tem como parâmetro a adequação de produção discursiva, tal como as exigências situacionais de formalidade e informalidade” (TELLES, 2009, p. 198).

Debruçando-se sobre a variação diastrática, opta-se, neste estudo, pelo estudo das gírias. Elas são uma importante variação que se situa, majoritariamente, dentro do léxico, esse que é um dos níveis linguísticos mais suscetíveis à variação e à mudança (BEZERRA; MAIOR; BARROS, 2013). Novos termos (simples e complexos) e expressões são criados a todo tempo, normalmente com a finalidade de designar uma ideia ou, então, pela necessidade de expressar algum significado por meio de criações figuradas, como é o caso das gírias. Essas criações carregam traços culturais e podem ser restritas a um pequeno grupo ou aceitas por uma comunidade linguística maior. Além disso, as gírias constituem, geralmente, a linguagem coloquial, utilizada informalmente. Na maioria das vezes, uma gíria está associada a um fator social ou geográfico.

Há estudos que descrevem as gírias (e outros conteúdos lexicais) em determinadas regiões e ocasiões, tais como: Ortêncio (2009), que elaborou o Dicionário do Brasil Central, que conta com mais de 14 mil verbetes e relaciona os usos e costumes, o folclore e a toponímia dos municípios goianos; Bessa (2013), que avaliou a possibilidade de usar a gíria nos processos de interação em sala de aula, e Preti (2008), que defendeu que a gíria é um “instrumento de agressividade no léxico” (PRETI, 2008, p. 4) normalmente ligado a grupos sociais menos favorecidos ou de oposição a um contexto social. Concernente a essa temática, Preti (2000a, p. 57) afirma que:

O tema da gíria começa a ganhar projeção no âmbito dos estudos do léxico da língua, porque é inegável a expansão desse vocabulário, em nossa época, notadamente no meio urbano. Há razões de ordem social que poderiam explicar o fenômeno, que não é exclusivamente brasileiro, mas que se expandiu muito em razão, também, do fortalecimento dos regimes democráticos na sociedade moderna, em todo o mundo, particularmente na América, o que veio a diminuir os preconceitos em relação à linguagem popular.

Para Bessa (2013, p. 30), “a variação geográfica ou diatópica está relacionada ao regionalismo e pode ser identificada dentro do campo giriático através das palavras diferentes que têm o mesmo significado”. Todavia, pouco se discute, na literatura, sobre gírias que são usadas em diversas regiões com a mesma forma, porém agregando sentidos distintos.

Convém, nesse sentido, apropriar-se dos conceitos propostos por Saussure ao tratar da composição dos signos. Um signo é constituído por dois elementos: significado e significante, sendo ambos psíquicos e unidos por um vínculo de associação. Dessa forma, o significado compreende o conceito, enquanto o significante corresponde à imagem acústica (impressão psíquica do som) do signo (SAUSSURE, 1916 [2006]). Portanto, quando se estuda gírias diferentes que possuem o mesmo sentido, nota-se que o elemento que se altera é o significante, enquanto o significado se mantém. A proposta deste trabalho é, justamente, observar a situação inversa: gírias que possuem o mesmo significante, mas significados diversos, dependendo da região geográfica.

A delimitação etária da variedade aqui estudada se justifica pela ideia de que, na maior parte dos casos, o emprego de gírias é prioritariamente executado por falantes jovens. Nesse sentido, Preti (2000b, p. 253) discute que:



[...] De um modo geral, podemos, historicamente, afirmar que a gíria nasceu do submundo social e essa sua gênese gerou um acentuado preconceito em relação ao seu uso por outras classes, o qual, embora atenuado, permanece até hoje. A gíria, pois, é o vocabulário de uma anti-sociedade, de um grupo marginal, em conflito com a comunidade. Por outro lado, ela também pode apenas representar a linguagem de um grupo restrito de costumes insólitos que, por possuir hábitos diferentes da sociedade em que vive, gera uma atitude preconceituosa em relação a seu vocabulário. Neste segundo caso, a convivência com esses grupos (jovens, esportistas, frequentadores da noite, estudantes, etc.) é menos conflituosa, mais frequente, do que decorre a maior interação entre esse vocabulário e o comum.

Portanto, considerando a heterogeneidade da língua, bem como suas características, este estudo se insere no quadro da Sociolinguística Variacionista e toma como foco o(s) sentido(s) que determinadas gírias compreendem. Logo, o presente artigo consiste em uma pesquisa sincrônica acerca da variação geográfica, tendo como recorte duas variedades regionais: gaúcha e paulista.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho compreende uma pesquisa de abordagem quantitativa, de acordo com o modelo laboviano (Labov, 1972 [2008]). Seu objeto são os sentidos atribuídos aos termos simples 'bombar', 'gastar' e 'rolê' nas variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas. Os procedimentos metodológicos aqui propostos abarcam as etapas: (i) estruturação e delimitação das variedades investigadas; (ii) elaboração de sentenças possíveis com emprego das gírias elencadas; (iii) elaboração de um questionário de avaliação das sentenças; (iv) aplicação dos questionários e (v) análise de dados.

2.1 ESTRUTURAÇÃO E DELIMITAÇÃO DAS VARIEDADES INVESTIGADAS

Considerando a viabilidade e o alcance possível aos pesquisadores, nesta investigação, optou-se por investigar as variedades faladas por jovens (na faixa etária entre 15 e 25 anos, a qual, comumente, abrange estudantes de Ensino Médio e universitários) localizados no Rio Grande do Sul e em São Paulo. O critério da faixa etária, por sua vez, foi estabelecido devido ao uso característico das gírias (PRETI, 2000b).

Figura 1 – Mapa brasileiro com os estados estudados grifados em cinza



Fonte: Elaborado pelos autores.

2.2 ELABORAÇÃO DE SENTENÇAS POSSÍVEIS COM EMPREGO DAS GÍRIAS ELENCADAS

A partir de discussões e buscas de uso dessas gírias, o presente estudo apresenta estruturas sintáticas possíveis para o emprego dessas gírias. São elas:

- (a) Sujeito + verbo de ligação *estar* + verbo (gíria) no gerúndio;
- (b) Sujeito + verbo (gíria) no pretérito perfeito;
- (c) Sujeito + verbo (gíria) no pretérito perfeito + adjunto;
- (d) Sujeito + verbo de ligação *estar* + verbo (gíria) no gerúndio + adjunto;
- (e) Verbo *ter* + substantivo (gíria) + adjunto;



(f) Sujeito + verbo de ligação *ser* + adjetivo (gíria).

Salienta-se que o sujeito pode ser desinencial nas estruturas *a*, *b*, *c* e *d*. Cabe ressaltar, ademais, que nem todas as estruturas se aplicam a todas as gírias. As estruturas sintáticas *a*, *b*, *c* e *d* são válidas para as gírias 'bombar' e 'gastar' (verbos). As estruturas sintáticas *e* e *f* são válidas para a gíria 'rolê' (substantivo ou adjetivo). O Quadro 1¹, abaixo, explica esse funcionamento.

Quadro 1 – Gírias e correspondentes estruturas sintáticas exploradas

| Estrutura | <i>bombar</i> | <i>gastar</i> | <i>rolê</i> |
|-----------|---------------|---------------|-------------|
| a | + | - | * |
| b | + | - | * |
| c | - | + | * |
| d | - | + | * |
| e | * | * | + |
| f | * | * | + |

Fonte: Elaborado pelos autores

2.3 ELABORAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS SENTENÇAS

Considerando as estruturas explanadas na subseção 2.2, construiu-se um questionário de uso e aceitação das sentenças com o emprego das gírias. Para tal, foi necessário, inicialmente, propor um padrão de questões para serem apresentadas aos falantes entrevistados. Em seguida, foram elaboradas situações para uso das sentenças. Ainda, foram estabelecidas

possíveis respostas para a criação de um questionário de múltipla escolha. Finalmente, foram construídos dois questionários através da ferramenta *Google Forms*.

A partir de observações de falantes (impressões dos autores, enquanto falantes das variedades estudadas), criou-se uma estrutura de questões. Para cada gíria, foram construídas três perguntas, de acordo com o *script* abaixo:

i. Aceitação: proposição de uma situação, na qual se acredita aceitável o emprego da gíria, seguida de uma sentença com emprego da gíria. A partir disso, pergunta-se se a sentença faz sentido. A esse questionamento, o falante entrevistado pode optar por uma dentre três alternativas de respostas: a sentença faz todo sentido (FS); a sentença faz sentido, mas é estranha (FSE); a sentença não faz sentido algum (NFS).

ii. Averiguação do sentido em uso: considerando que a sentença faça sentido e seja aceita, propõem-se interpretações para a gíria em contexto. O falante entrevistado deve optar por uma das interpretações apresentadas pelo questionário, as quais apresentam polaridades distintas (positiva ou negativa).

iii. Averiguação objetiva da polaridade: pergunta-se se a gíria, no contexto apresentado, é positiva, negativa ou neutra.

Esse *script* serviu como base para a formulação das perguntas. Para tal, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses:

¹ Legenda: + indica que a análise foi feita com essa estrutura; - indica que a análise não foi realizada com essa

estrutura, mas a sentença é gramatical; * indica que a sentença é agramatical.



Quadro 2 – Hipóteses criadas para cada gíria e sequências de questões

| Gíria | Hipótese | Bloco(s) de questões |
|--------|---|----------------------|
| bombar | Variedade gaúcha: Sempre positivo Variedade paulista: Ora positivo, ora negativo | 2 |
| gastar | Variedade gaúcha: sempre positivo Variedade paulista: sempre negativo | 1 |
| rolê | Variedade gaúcha: sempre positivo Variedade paulista: ora positivo, ora negativo | 2 |

Fonte: Elaborado pelos autores

O questionário, então, compreendeu cinco seções, sendo uma para cada bloco de questões.

2.4 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Os questionários *online* foram enviados, via *Google Forms*, para comunidades de falantes das variedades estudadas. É válido ressaltar que foram criados os formulários A e B, sendo A direcionado para São Paulo e B direcionado para o Rio Grande do Sul. Em ambas as variedades, os questionários foram aplicados a estudantes de ensino médio e graduação. O questionário aplicado obteve 212 respostas: 109 da variedade paulista e 103 da variedade gaúcha.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

O presente trabalho de pesquisa adotou uma abordagem quantitativa. Na etapa de análise, observaram-se as respostas dos questionários a fim de comprovar ou não as hipóteses levantadas e responder à questão-problema da pesquisa. Para isso, os procedimentos desenvolvidos foram: (i) organizar em tabelas as respostas recebidas e

(ii) observar e analisar manualmente os dados, a fim de investigar a existência de variações. Especificamente no passo (ii), referente à observação e à análise manual dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Cálculo da porcentagem de aceitação, isto é, avaliação, pelos falantes, se as sentenças fazem sentido (FS), fazem sentido, mas são estranhas (FSE) ou não fazem sentido (NFS). Dado o universo (número total de respostas válidas), calculou-se a porcentagem de cada uma das alternativas;
2. Descartando as respostas “não faz sentido”, tomou-se como universo a soma das respostas “faz sentido, mas é estranha” e “faz sentido” (FSE + FS). A partir daí, calculou-se a polaridade (positivo ou negativo)².

Esses procedimentos foram realizados com as respostas das questões cujas sentenças estavam nos formatos (a) e (b), para ‘bombar’; (c) e (d), para ‘gastar’ e, por fim, (e) e (f), para ‘rolê’.

² Não foi considerada a polaridade neutra devido ao formato da pergunta, na qual o falante não polarizou as questões explicitamente, mas de forma implícita.



3 GÍRIA ‘BOMBAR’

A Tabela 1 e o Gráfico 1 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria ‘bombar’. No Dicionário Informal³, ‘bombar’

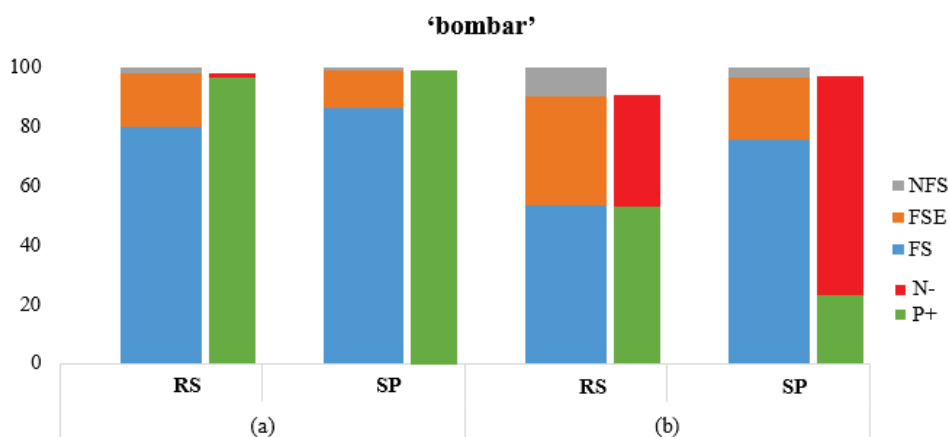
possui, entre as 7 descritas, as seguintes definições: “fazer sucesso, chamar atenção” e “repetir de ano em alguma instituição educacional”.

Tabela 1 – Aceitação e polaridade de ‘bombar’

| <i>BOMBAR</i> | RESPOSTA | VARIEDADE | (a) | (b) |
|---------------|-----------------------------------|-----------|-------|-------|
| Aceitação | Faz sentido (FS) | RS % | 79,61 | 53,4 |
| | | SP % | 86,25 | 75,23 |
| | Faz sentido, mas é estranha (FSE) | RS % | 18,45 | 36,89 |
| | | SP % | 12,84 | 21,1 |
| | Não faz sentido (NFS) | RS % | 1,94 | 9,71 |
| | | SP % | 0,91 | 3,67 |
| Polaridade | Positivo (P+) | RS % | 99,01 | 58,06 |
| | | SP % | 100 | 23,86 |
| | Negativo (N-) | RS % | 0,99 | 41,94 |
| | | SP % | 0 | 76,14 |

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 1 – Aceitação e polaridade de ‘bombar’



Fonte: Elaborado pelos autores

Observando a Tabela 1 e gráfico 1, nota-se que a gíria ‘bombar’, em ambas as estruturas sintáticas, é amplamente aceita pelos falantes

da variedade paulista: 86,25% afirmaram que a sentença (a) faz todo sentido; para 12,84% dos falantes, a sentença (a) é estranha, mas faz

³ Dicionário Informal é uma plataforma *online* que apresenta definições para termos utilizados no registro

coloquial. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.



sentido; apenas 0,91% apontaram que a sentença com 'bombar' não faz sentido. No Rio Grande do Sul, não há grandes divergências: 79,61% afirmam que faz todo sentido, e 18,45% apontaram que a sentença (a) faz sentido, mas é estranha. Considerando, em ambas as variedades, as respostas dos falantes que alegam fazer sentido (mesmo que com estranheza), observa-se que em ambas regiões 'bombar' é considerado positivo em (a),

enquanto em (b), a variedade paulista considera negativo e a variedade gaúcha aparece dividida.

4 GÍRIA 'GASTAR'

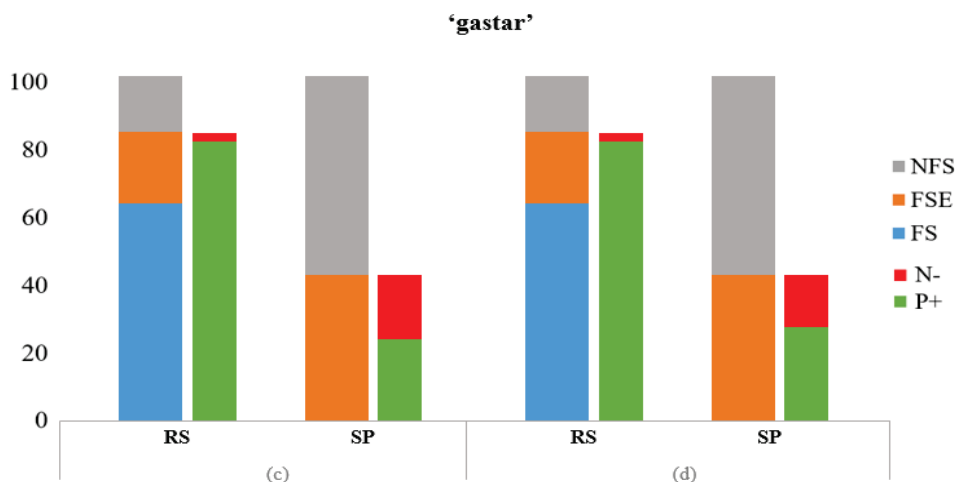
A Tabela 2 e o Gráfico 2 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria 'gastar'. No Dicionário Informal, 'gastar' é apresentado como sinônimo de "zoar, debochar", além de "arrasar, lacrar, desempenhar muito bem alguma tarefa".

Tabela 2 – Aceitação e polaridade de 'gastar'

| GASTAR | RESPOSTA | VARIEDADE | (c) | (d) |
|------------|-----------------------------------|-----------|-------|-------|
| Aceitação | Faz sentido (FS) | RS % | 63,11 | 63,11 |
| | | SP % | 0 | 0 |
| | Faz sentido, mas é estranha (FSE) | RS % | 20,39 | 20,39 |
| | | SP % | 42,8 | 42,2 |
| | Não faz sentido (NFS) | RS % | 16,5 | 16,5 |
| | | SP % | 57,8 | 57,8 |
| Polaridade | Positivo (P+) | RS % | 97,7 | 96,63 |
| | | SP % | 56,52 | 63,33 |
| | Negativo (N-) | RS % | 2,3 | 3,37 |
| | | SP % | 43,48 | 36,67 |

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2 – Aceitação e polaridade de 'gastar'



Fonte: Elaborado pelos autores



Observando o gráfico e os dados levantados, é possível notar que a gíria ‘gastar’, em ambas as estruturas sintáticas, é amplamente aceita pelos falantes da variedade gaúcha: 63,1% afirmaram que a sentença (c) faz todo sentido; para 20,4% dos falantes, a sentença (c) é estranha, mas faz sentido; 16,5% apontaram que a sentença com ‘gastar’ não faz sentido. Já em São Paulo, os falantes não reconhecem sentido claro na sentença: 42% afirmam que faz sentido, mas é estranha, e 58% apontaram que não faz sentido. Considerando, em ambas as variedades, as respostas dos falantes que alegam fazer sentido (mesmo que

com estranheza), observa-se que a maioria esmagadora de gaúchos considera ‘gastar’ positivo em (c) e (d), enquanto os paulistas não apresentam consenso: a avaliação como positivo é de 56,5% para (a) e 63,3% para (d).

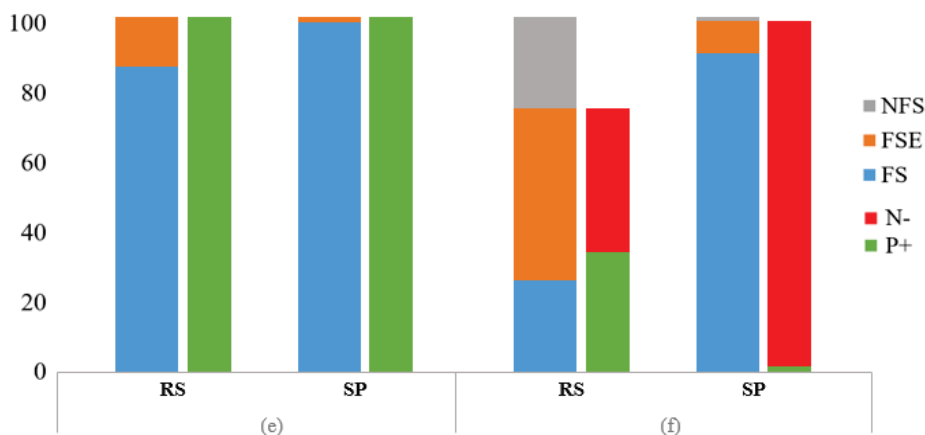
5 GÍRIA ‘ROLÊ’

A Tabela 3 e o Gráfico 3 apresentam os resultados quantitativos referentes à gíria ‘rolê’. No Dicionário Informal, a gíria ‘rolê’ apresenta 10 definições, tais como: “dá muito trabalho, complicado” e “passear, dar uma volta”.

Tabela 3 – Aceitação e polaridade de ‘rolê’

| <i>ROLÊ</i> | RESPOSTA | VARIEDADE | (e) | (f) |
|-------------|-----------------------------------|------------------|------------|------------|
| Aceitação | Faz sentido (FS) | RS % | 89,32 | 26,21 |
| | | SP % | 99,01 | 88,01 |
| | Faz sentido, mas é estranha (FSE) | RS % | 10,68 | 48,55 |
| | | SP % | 0,91 | 11,01 |
| | Não faz sentido (NFS) | RS % | 0 | 25,24 |
| | | SP % | 0 | 0,91 |
| Polaridade | Positivo (P+) | RS % | 100 | 44,74 |
| | | SP % | 100 | 1,85 |
| | Negativo (N-) | RS % | 0 | 55,26 |
| | | SP % | 0 | 98,15 |

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 3 – Aceitação e polaridade de ‘rolê’
‘rolê’

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados mostram que a gíria ‘rolê’, quando empregada na estrutura sintática (e), é aceita pelos falantes gaúchos e paulistas, ainda que exista variação quanto às considerações de estranheza da sentença (mais frequentes no Rio Grande do Sul). Ao olhar para a polaridade, as sentenças com estrutura (e), como por exemplo “*Hoje à tarde, tem rolê no parque*”, é positiva em ambas as variedades. Quanto à estrutura (f), que pode ser exemplificada pela sentença “*É rolê ir até o parque*”, todavia, há variação significativa: enquanto os paulistas, em maioria, aceitam esse emprego (salvo 0,9%), mesmo que com estranheza (11%), apenas 26% dos gaúchos identificam sentido na sentença com clareza, sendo que 48,5% afirmam que a sentença apresenta sentido, mas é estranha, e o restante (25%) alega não fazer sentido. A polaridade, na estrutura (f), também varia entre os paulistas e gaúchos. Enquanto aqueles, em sua maioria (98%) identificam polaridade negativa, esses não se aproximam de um consenso (45% classificam como positivo e 55% classificam como negativo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral identificar variação de sentido das gírias ‘bombar’, ‘gastar’ e ‘rolê’, considerando as variedades faladas por jovens gaúchos e paulistas. Levantou-se, como hipótese, que tais gírias eram aceitas por ambas as variedades, mas com sentidos distintos, de acordo com a sintaxe ou polaridade. Desse modo, essa investigação teve como objeto a análise semântica dessas gírias no contexto dessas variedades. Os procedimentos foram baseados na elaboração, na aplicação e na análise de respostas de um questionário *online* de múltipla escolha. Com isso, os resultados apresentados foram capazes de comprovar a hipótese elaborada.

A análise de dados aqui proposta revelou que a gíria ‘bombar’ apresenta sentido majoritariamente positivo em todos os contextos na variedade gaúcha, enquanto pode apresentar sentido majoritariamente negativo ou positivo na variedade paulista, dependendo do contexto. Com a gíria ‘rolê’, essas situações se repetiram. Somente na gíria ‘gastar’ a variedade paulista ficou dividida entre os dois sentidos.



A partir dos resultados, pode-se concluir que, em alguns contextos, há uma diferença de sentido e de uso significativa nas duas regiões, comprovando a hipótese levantada. Porém, notou-se também que, em outros contextos, a gíria é interpretada com o mesmo sentido em ambas as variedades, indicando que o seu uso foi expandido de maneira homogênea em determinadas situações.

Considerando a noção saussuriana de signo, a relação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) não é motivada e, por isso, um mesmo significante pode ter significados diferentes dentro de uma língua (SAUSSURE, 1916 [2006], p. 79-81). Para Saussure (1916 [2006], p. 82), “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção”. De certo modo, essa teoria pode ser aplicada às variedades de uma língua: quando uma gíria é criada a partir de uma palavra que já existe, ganhando um sentido figurado, há uma mudança de significado. Aquele significante passa, então, a ter mais de um significado, dependendo de seu uso e contexto. Esse é o caso, por exemplo, de 'bombar', que deriva da palavra “bomba”, substantivo ligado a “explosão”, que, por sua vez, é utilizada em dois sentidos no português brasileiro: o literal, que remete a algo ruim, e o figurado, que, geralmente, remete a algo bom.

Ao olhar para o fator extralinguístico geográfico, nota-se que há influências cabíveis de serem analisadas. Determinada região pode ou não adotar uma expressão como gíria e, conforme uma gíria vai se espalhando pelas comunidades linguísticas regionais, a mesma pode ganhar valores diferentes. Em cada região, o significado de determinado significante pode se manter ou se alterar.

Mostra-se relevante, então, observar do ponto de vista das diferenças de significado, o que não é comum na literatura disponível. A

maioria dos estudos acerca de gírias são voltados às diferenças de significante. Desse modo, o presente trabalho se encontra em uma perspectiva inovadora.

Além das tarefas desenvolvidas, cabe elencar alguns objetivos específicos que poderiam ser adicionados a esse trabalho. Dentre tantos possíveis, destaca-se: (i) a delimitação das variedades, as quais são muito amplas e poderiam – se viável – ser limitadas às cidades de Porto Alegre e São Paulo, por exemplo; (ii) incluir outras variedades de outras localidades seria interessante; (iii) coletar respostas de mais falantes e (iv) aperfeiçoar o teste, buscando alicerces teórico-metodológicos em campos, como a Psicolinguística ou a Linguística Cognitiva (cf. FERRARI, 1997; KRISTIANSEN; DIRVEN, 2008; PÜTZ, ROBINSON e REIF, 2014). Todavia, ainda que possibilidades de aprofundamento desta pesquisa sejam elencadas, considera-se que o presente artigo compreende um estudo relevante e exitoso.

REFERÊNCIAS

BESSA, Waldemberg Araújo. **Gíria: uma perspectiva em uso em sala de aula**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2013.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; MAIOR, Ana Christina Souto; BARROS, Antonio Claudio da Silva. A gíria: do registro coloquial ao registro formal. **Cadernos do IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia** [internet]. 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html. Acesso em: 02 dez. 2019.

FERRARI, Lilian Vieira. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 3, 1997.



FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2ª ed. [Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

KRISTIANSEN, Gitte; DIRVEN, René (Orgs.). **Cognitive sociolinguistics: Language variation, cultural models, social systems**. Berlim: Walter de Gruyter, 2008.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Sociolinguistic Working Papers**, v. 44, p.43-88, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. **Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia: linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos**. Goiânia: Kelps, 2009.

PRETI, Dino Fioravante. Dicionários de gíria. **Alfa (São Paulo)**, v.44, p.57-73, 2000a.

PRETI, Dino Fioravante. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito

social. **Fala e escrita em questão** [S.l.: s.n.], 2000b.

PRETI, Dino Fioravante. O léxico na linguagem popular: a gíria. **I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. São Paulo, 2008.

PÜTZ, Martin; ROBINSON, Justyna A.; REIF, Monika (Orgs.). **Cognitive sociolinguistics: Social and cultural variation in cognition and language use**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TELLES, Luís Fernando Prado. Alguns aspectos da variação linguística. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Valinhos, vol. 3, nº. 5, p. 195-210, abr., 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov (Orgs.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SANTOS, L. P.; RODRIGUES, I. M.; SILVA, T. M. D. Variações de sentido em gírias: Um estudo de caso acerca dos termos 'bombar', 'gastar' e 'rolê' nas variedades faladas por jovens no Rio Grande do Sul e em São Paulo. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 121-133, 2019.



OS PRONOMES PESSOAIS (EU E MIM) NAS CAPITAIS BRASILEIRAS A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB

Mariana Spagnolo Martins

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Este estudo busca identificar e analisar como os informantes das capitais brasileiras empregam os pronomes pessoais, *eu* e *mim*, obtidos como respostas dadas à questão 23. EU/MIM do Questionário Morfosintático (QMS) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, assim formulada: *Alguém pede para você/ o(a) senhor (a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, você/ o(a) senhor(a) diz: Esta tarefa, na verdade, é para ___ fazer* (Comitê Nacional, 2001). Nas gramáticas tradicionais (COUTINHO, 1958; ALMEIDA, 1962; ALI, 1980; CUNHA, 2008; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2014), o pronome pessoal do caso oblíquo *mim* não substitui o pronome pessoal do caso reto *eu*. No entanto, na língua falada às vezes nos deparamos com o uso do caso oblíquo *mim* funcionando como sujeito da oração. É nesse contexto de variação linguística, com enfoque no campo da morfosintaxe, que este estudo se insere. Objetivamos (i) analisar os dados de duzentos informantes, sendo oito entrevistados em cada uma das 25 capitais brasileiras e (ii) identificar quais fatores extralinguísticos favorecem o uso do oblíquo *mim* no lugar do pronome reto *eu*. Os dados revelaram a necessidade de mais estudos a respeito dos pronomes pessoais e suas funções na língua falada, já que os resultados tendem a indicar a aceitação do *mim* como sujeito do enunciado, fato que pode proporcionar uma mudança de função gramatical na fala popular.

Palavras-chave: Pronomes pessoais; Eu/Mim; Projeto ALiB.

ABSTRACT

This study aims to identify and analyze how informants from Brazilian capitals use the personal pronouns, *me* and *me*, obtained as answers to question 23. EU/ME of the Morphosyntactic Questionnaire (QMS) of the Brazil Linguistic Atlas Project, formulated as follows: *Someone asks you to do a task. But someone else thinks the task is for her. Then you say: This task is actually for ___ to do* (National Committee, 2001). In traditional grammars (COUTINHO, 1958; ALMEIDA, 1962; ALI, 1980; CUNHA, 2008; BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2014), the personal pronoun of the oblique case *I* does not replace the personal pronoun of the straight case *I*. However, in the spoken language we sometimes come across the use of the oblique case *me* functioning as the subject of prayer. It is in this context of linguistic variation, focusing on the field of morphosyntax, that this study is inserted. We aimed to (i) analyze the data of two hundred informants, eight interviewed in each of the 25 Brazilian state capitals and (ii) identify which extralinguistic factors favor the use of the oblique *me* over the straight pronoun *eu*. The data revealed the need for more studies about personal pronouns and their functions in the spoken language, since the results tend to indicate the acceptance of the self as the subject of the utterance, a fact that may provide a change of grammatical function in popular speech.

Keywords: Personal pronouns; I Me; ALiB Project.



Mariana Spagnolo Martins é Doutoranda em Estudos da linguagem (UEL).

E-mail: mariana.spagnolo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nas gramáticas tradicionais os pronomes de língua portuguesa dividem-se em seis categorias: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. Neste aspecto as gramáticas de Coutinho (1958); Almeida (1962); Said Ali (1980); Cunha & Cintra (2008); Bechara (2009) e Rocha Lima (2014) apresentam as seis categorias, divergindo, por vezes, quanto à nomenclatura.

Propomos um estudo direcionado aos pronomes pessoais que, *grosso modo*, são as palavras que substituem o substantivo, indicando diretamente as pessoas do discurso, ou seja, as três pessoas gramaticais: *quem fala* (1ª pessoa do singular 'eu' e 'nós' no plural), *com quem se fala* (2ª pessoa do singular 'tu' e 'vós' no plural) e *de quem se fala* (3ª pessoa do singular 'ele', 'ela' e 'eles', 'elas' no plural). Os pronomes pessoais podem funcionar como sujeito da oração, neste caso os gramáticos nomeiam como pronome do caso *reto* (sing. eu, tu, ele, ela; pl. nós, vós, eles, elas) ou podem ter função de objeto direto ou indireto, em que se dá o nome de pronome do caso *oblíquo*.

Para o caso oblíquo, acrescentam-se as formas *reflexivas* ou *não reflexivas* dos pronomes, que nas gramáticas tradicionais são conhecidas como átonas (me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes) e tônicas (mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas). Alguns estudiosos, como Said Ali (1980), preferem nomear as formas oblíquas como *não preposicionadas* (átonas) e as *preposicionadas* (tônicas).

Os gramáticos definem as regras que deveriam ser seguidas tanto na oralidade quanto na escrita, no entanto, percebemos uma realidade diferente no que se refere à língua falada. Deste modo, o estudo parte da reflexão sobre os dois itens gramaticais: o pronome pessoal do caso reto *eu* e o pronome pessoal do caso oblíquo *mim*. Iniciamos pela definição das gramáticas sobre os itens pesquisados e, na sequência, aplicamos à análise dos dados na perspectiva da Dialetoлогия.

No próximo tópico, apresentamos os conceitos normativos que os gramáticos (Coutinho, 1958; Almeida, 1962; Said Ali, 1964; Cunha e Cintra, 2008; Bechara, 2009 e Rocha Lima, 2014) trazem sobre os pronomes pessoais, mais especificamente sobre os de caso reto e oblíquo, e a visão do linguista Pasquale Cipro Neto¹ (2001; 2011), em sua gramática escolar, que apresenta uma ideia menos normativa e mais consciente das variações linguísticas. A partir das ideias de Pasquale, inserimos neste estudo a teoria da Dialetoлогия e Sociolinguística, com base nas pesquisas de Castilho (2010), Cardoso (2016) e Votre (2019).

1 OS PRONOMES PESSOAIS EM ALGUMAS GRAMÁTICAS

Coutinho, em *Pontos de Gramática Histórica* (1958), divide os pronomes em cinco categorias: *pessoais*, *demonstrativos*, *possessivos*, *interrogativos* e *indefinidos* e explica que, no Latim vulgar, empregavam-se mais os pronomes pessoais do que no Latim clássico e afirma que dentre todas as “classes de palavras são os pronomes pessoais que mais fielmente guardam os vestígios da declinação latina” (COUTINHO, 1958, p. 297). O gramático ressalta que os pronomes de 1ª e de 2ª pessoa mantêm-se como pronomes pessoais do latim (ego>eu. tu>tu) e o de 3ª pessoa veio

¹ Doravante Pasquale.



do demonstrativo *ille*. Segundo Grandgent, citado por Coutinho (1962), o pronome *ille* foi utilizado no latim vulgar com a mesma função que conhecemos hoje, isto é, a *de quem se fala* (pessoa ou coisa) no discurso.

Na gramática de Coutinho (1958), os pronomes pessoais quanto à tonicidade são subdivididos em *tônicos* (acentuados) e *átonos* (sem acento). No caso da 1ª pessoa do singular sobre os pronomes em destaque para este estudo, *eu* e *mim*, o autor traça o percurso que o item lexical sofreu para chegar à forma que usamos hoje, exemplificando o caminho de *ego>eo>eu* e de *mi>mihi>mim*:

eo (nom) por *ego>eu*. *Eo* aparece em textos latinos do século VI.

mi (dat.) por *mihi>mim*. A nasalação do *-i* foi provocada pela presença da nasal inicial. Apesar de ser *mim* do fim do século XV, em Camões ainda se encontra *mi*: “Ouve os danos de *mi* (Lusíadas). *Mi*, forma arcaica átona, deu a atual *me*, o que explica a função de objeto indireto que pode desempenhar esta variação pronominal (COUTINHO, 1958, p. 297).

Como podemos notar, os registros escritos atestam a mudança *ego>eo>eu*; no caso *mim* o pronome provém do dativo latino *mihi>mii>mi>mim*.

Na *Gramática secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SAID ALI, 1964), o pronome é a classe considerada apenas como pessoa do discurso, e diferentemente de Coutinho, Said Ali acrescenta os pronomes *relativos*² às categorias pronominais, e ainda, subdivide os pronomes pessoais em *reflexivos* e *recíprocos*, sendo os reflexivos as formas oblíquas:

(...) Da 1ª e 2ª pessoas servem tanto de pronome pessoal propriamente dito como de pronome reflexivo. A 3ª pessoa quer do

singular, quer do plural, tem como reflexivo um pronome especial com as formas *se*, *si*, *consigo* (antigo *sigo*), que se distinguem do mesmo modo que *me*, *mim*, *comigo* e *te*, *ti*, *contigo*. (ALI, 1964, p. 62).

Notamos que os autores abordam de formas diferentes, mas concretizam a mesma função para os pronomes pessoais, isto é, aqueles que denotam as pessoas do discurso. Coutinho de forma mais histórica e etimológica, enquanto Said Ali com enfoque padrão.

Na concepção normativista da linguagem, temos a abordagem de Almeida, na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1962) na qual o gramático defende a ideia de que “saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos” dos brasileiros.

Na visão de Almeida (1962), o pronome pessoal é aquele que, além de substituir o sujeito, o coloca em relação com a *pessoa gramatical*³ e assim define as pessoas do discurso como a 1ª pessoa *gramatical*, a 2ª pessoa *gramatical* e a 3ª pessoa *gramatical*. Este gramático diferencia os pronomes pessoais a partir dos *casos*, isto é, a partir das funções sintáticas que exercem na oração, havendo os pronomes de caso *reto* e os pronomes de caso *oblíquo*.

De acordo com Almeida (1962), os pronomes retos e os oblíquos são definidos das seguintes formas:

Pronomes retos: são os que têm por função representar o sujeito do verbo da oração.

Pronomes oblíquos: são os que na frase exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo.

(ALMEIDA, 1962, pág. 155).

Almeida (1962) ressalta as razões pelas quais considera “errado” utilizar o pronome

²São aqueles que se referem a um nome anterior e fazem parte da nova oração subordinada a esse antecedente: *que*, *quem*, *o qual*...

³ Segundo Almeida (1962), a pessoa gramatical é a relação entre a linguagem e os seres.



oblíquo no lugar do pronome *reto*, demonstrando a maneira “correta” de acordo com a estrutura da Língua Portuguesa:

Essa é a razão por que não se deve dizer: “Estas laranjas são para mim chupar” – porquanto o mim está aí exercendo função subjetiva (função subjetiva quer dizer “função de sujeito”). Correta, assim deve ficar a construção. “Estas laranjas são para eu chupar”. – Se dissermos simplesmente: “Estas laranjas são para mim”, a construção estará certa, mas se a essa expressão acrescentarmos um verbo qualquer no infinitivo, o mim deverá ser substituído por eu, porque exercerá a função de sujeito dêsse infinitivo; o infinitivo é que, em tal caso, é regido pela preposição, e não o pronome (Estas laranjas são para quê? Para chupar. – Quem vai chupar? Eu). (ALMEIDA, 1962, pág. 155).

Ademais, na nota de rodapé, o gramático reitera que

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se o comecinho êrro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso de sujeito) ouvindo-se a cada passo solecismos como êstes: “Só vejo êle de tarde” – “Pegue eu”- “Olhe êle ali” (ALMEIDA, 1962, pág.155).

O gramático segue a tendência de sua época, ou seja, apresenta a necessidade de padronizar a língua, julgando como erro todas as construções que não condizem com a norma culta. Dentre os gramáticos citados, Bechara em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009) é o que mais se assemelha às ideias normativistas de Almeida, no que tange à forma autoritária de analisar a língua.

Sobre os pronomes, Bechara os define como “classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se

refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (BECHARA, 2009, p. 162) e traz o conceito de pronome relativo na visão semântica que os compreende como *dêixis* (“o apontar para”)⁴. Bechara também classifica os pronomes como retos e oblíquos, átonos e tônicos, dos quais as formas tônicas vêm sempre ligadas à preposição, assim como Rocha Lima na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2014) e Cunha & Cyntra na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2008).

Os teóricos da língua mencionados neste estudo compartilham da ideia de padronização, alguns de forma mais autoritária como Almeida (1962), enquanto outros de maneira menos amedrontadora, mas ainda normativa.

1.1 GRAMÁTICA ESCOLAR

Compreender a estrutura da língua portuguesa é considerado um desafio, principalmente nas escolas, por mais que o falante já conheça a estrutura da sua língua; quando há a necessidade de reflexão sobre os elementos linguísticos surgem dúvidas frequentes quanto ao uso “correto” ou “errado”. Pensando em como trabalhar a gramática em sala de aula, de forma objetiva, vários linguistas simplificaram os conteúdos gramaticais com o intuito de atingir os alunos, em destaque, trazemos às ideias de Pasquale (2001) para a nossa discussão.

Pasquale traz a definição tradicional dos pronomes pessoais, ou seja, “são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido” (PASQUALI, 2001, p. 18). Quanto aos

⁴ Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam dêixis (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou

indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos (BECHARA, 2009, p. 162).



pronomes do caso reto⁵, na coleção *Professor Pasquale Explica* (2011), o linguista apresenta uma regra de fixação: “são comuns as ‘regras’ de que no meio da oração usa-se o *eu*, no fim, usa-se *mim*”, e continua: “independentemente da posição que ocupa na frase o pronome eu funciona como sujeito (2011, p. 15)”. Pasquale explica que há diferença na oralidade e na escrita, sendo pertinente à aplicação de regras cultas na produção escrita, mas ineficaz na realidade falada, assim afirma que “num país imenso como o Brasil, é bobagem imaginar que um dia todos falarão do mesmo jeito, respeitando as mesmas regras e estruturas (2001, p. 20)”. Percebemos a flexibilidade do linguista quanto à realidade do português brasileiro e suas variedades, uma visão mais compreensiva da língua, se comparada às ideias citadas anteriormente neste estudo.

Assim, Pasquale explica que há duas categorias do português, a oralidade e a escrita, e que as regras gramaticais são bem aplicadas na modalidade escrita, pois há estruturas que devem ser seguidas para que haja uma compreensão do texto, mas que em relação à oralidade a forma padrão é ineficaz.

Notamos que, em diferentes dizeres e formas de nomear, os gramáticos partilham das mesmas classificações e funções dos pronomes, em especial os pessoais, já que têm a intenção de normatizar e organizar a Língua de forma unitária. No entanto, a realidade linguística é bastante diferente das regras que a norma padrão prega, a Língua não é estanque, tem sua diversidade definida pelos vários fatores extralinguísticos, como defendem os Dialetólogos e Sociolinguistas que, cada vez mais, estão buscando quebrar paradigmas e preconceitos linguísticos, no propósito de compreender os percursos e as variações da Língua.

1.2 VISÃO DA DIALETOLOGIA E DA SOCIOLINGUÍSTICA

Cardoso (2016), define a Dialetologia como um ramo da Linguística que tem como objetivos identificar e descrever os diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados. Ao levar em consideração as variantes e suas características sociais, regionais e cronológicas, a Dialetologia descreve a realidade usual da língua falada, realidade que se contrapõe às regras estabelecidas nas mais diversas gramáticas, no que tange à variabilidade da língua.

Assim, os dialetólogos trabalham com o registro de materiais linguísticos (fonéticos, morfológicos, lexicais, etc) que pode vir a representar um período da língua portuguesa, assim como realizar estudos sincrônicos e até mesmo diacrônicos, estabelecendo comparações e indicações de mudanças linguísticas. Nas palavras da pesquisadora: “[...] a Dialetologia traz, portanto, entre os modos de identificação dos fenômenos linguísticos, a possibilidade de exibir a reunião de sincronias distanciadas (CARDOSO, 2016, p.15).

Gradativamente, os estudos dialetológicos e sociolinguísticos têm despertado, de forma consciente, a aceitação das mudanças e variações na língua, fato que pode ser comprovado com a crescente publicação de pesquisas acadêmicas que abordam aspectos linguísticos em relação ao uso popular da língua portuguesa.

Como vimos no tópico 1.3, percebemos a imposição dos gramáticos mais conservadores, a considerar como erro tudo aquilo que desvia da forma padrão, tais regras são cabíveis e eficientes na realidade escrita,

⁵ Em relação ao pronome oblíquo o linguista apresenta exemplos, mas não traz uma definição.



mas em determinadas situações podem ser ineficazes.

Castilho (2010), esclarece que a variação e mudança linguísticas são propriedades da língua que obedecem a uma sistematicidade e regularidade, portanto não impedem a intercompreensão. O linguista reitera que:

[...] São muito diferentes entre si as variedades popular e culta? Não ao ponto de dificultar a intercomunicação. Vamos deixar claro o seguinte: quando distinguimos PB popular e PB culto, estamos nos referindo a variações socioculturais não separáveis rigidamente. Ninguém é exclusivamente ‘falante popular’ nem ‘falante culto’. As linhas divisórias entre essas modalidades são muito tênues – afinal não se trata de duas línguas diferentes! (CASTILHO, 2010, p. 205).

A heterogeneidade da língua é estruturada, tanto é que os falantes em situação menos monitorada de fala conseguem perfeitamente estabelecer uma comunicação, utilizando a língua para informar e receber informações.

Em relação ao ensino de gramática nas escolas, Votre (2019), dá ênfase ao paradoxo daquilo que é aceito e foge às regras gramaticais e do que não é aceito e julgado como errado:

Por um lado, a escola controla, evita e pune, com veemência, o uso de formas com supressão e/ou troca de líquidas [sic], como *fragmengo* e *probrema*, e os fenômenos sintáticos com resquícios dos casos latinos nos pronomes, como *dá para mim sair*. Por outro lado, é conveniente com formas redundantes, do tipo *há anos atrás* (VOTRE, 2019, p. 53).

Algumas variedades consideradas “incultas” não recebem tanta atenção, como no exemplo citado do verbo *há* e do advérbio *atrás*, marcando a redundância e o vício da oralidade, em contrapartida, a substituição do pronome do

caso reto pelo pronome oblíquo gera críticas maiores, mesmo que o enunciado seja compreensível, de acordo com a gramática normativa é um erro grotesco.

A língua portuguesa passa por convenções, segundo Votre (2019, p. 51): “as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão”, ou seja, a língua padrão é apenas mais uma variedade do português, assim como a língua não padrão, cada uma com sua finalidade e seus valores. Ademais, as línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas (CASTILHO, 2010, p. 197).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste artigo refletimos sobre o uso do pronome oblíquo *mim* como sujeito da oração, ocupando o lugar do pronome reto *eu*. Para isto, buscamos suporte nos dados do Projeto ALiB obtidos mediante o Questionário Morfossintático (QMS), especialmente à questão 23 assim formulada: *Alguém pede para você/ o(a) senhor (a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa era para ela. Então, você/ o(a) senhor(a) diz: Esta tarefa, na verdade, é para___ fazer.* (Comitê Nacional, 2001). As respostas, segundo a norma culta, pressupõem o registro de *eu*, pronome reto, ou, como variante popular *mim*, pronome oblíquo.

Para compor o *corpus* da pesquisa, realizamos o levantamento das respostas transcritas e conferidas nos áudios das vinte e cinco capitais. No total foram entrevistados duzentos informantes, oito em cada capital, sendo quatro mulheres e quatro homens,



intercalando-os entre informantes de nível Fundamental e de nível Superior, distribuídos em duas faixas etárias distintas (18 a 30 anos e 50 a 65 anos).

2.1 ANÁLISE DOS DADOS

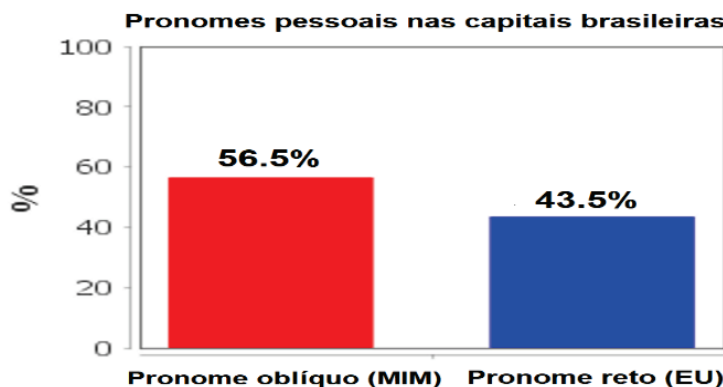
Para a constituição do *corpus* da pesquisa, foram consideradas apenas as respostas referentes ao pronome que acompanhava o verbo no infinitivo, por exemplo: “pra *mim* fazer” ou “pra *eu* fazer”. Não computamos os pronomes oblíquos (22 ocorrências) quando a fala terminava em “pra *mim*” ou em “pra *eu*”. Para dirimir essa dúvida, isto é, quando a resposta não era registrada na questão 23 do

QMS⁶, consultamos as respostas, com este contexto, obtidas nos demais questionários.

Essas respostas, além das obtidas na questão 23 do QMS, foram encontradas, principalmente, nas questões de *Temas para discursos semidirigidos*, momento da entrevista em que o informante está menos preocupado com a linguagem e mais com as narrativas e descrições que fará.

Dessa forma, chegamos ao resultado de 202 dados registrados pelos duzentos informantes das 25 capitais brasileiras, das quais 114 representam o uso de *para mim fazer*, ou seja, 56.5%, enquanto *para eu fazer* aparece em 88 dos casos, totalizando assim 43.5%, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de ocorrências de *Mim* e *Eu* na fala dos informantes das capitais brasileira.



Fonte: Elaborado pela autora com base no Banco de dados do ALiB - Capitais

Os resultados representam as trocas da posição sintática do *eu* por *mim*, e revelam que, entre os informantes inquiridos, o que predomina é a forma não padrão. Em poucos casos observamos que alguns informantes registraram simultaneamente as duas formas do pronome pessoal, e justificavam a autocorreção da frase, de acordo com os exemplos a seguir.

(1) INF.- Pra mim fazê... Olha, eu falei pra mim ((Risos)) Mas eu lhe confesso na maioria das vezes mesmo, é que eu não quis ser esnobe, na maioria das vezes eu uso pra eu fazer mesmo, tá. Ok. ((Risos))
(Rio de Janeiro, Inf. 7, homem, faixa II com Superior)

(2) INQ.- Quando alguém pede pro senhor fazer alguma tarefa é...e você vai fazer uma tarefa digamos, você vai fazer qualquer coisa

⁶ Questionário Morfossintático do Comitê Nacional, 2001.



aí a outra pessoa acha que é pra ela fazer, aí você fala..."não, não é pra você fazer é pra
INF.- *Mim fazer* ou *mim fazer* né, pode ser *eu fazer* mas tem na hora você fala *mim fazer* ou ...
(Curitiba, Inf. 7, homem, faixa II com Superior)

Os exemplos 1 e 2 mostram que os informantes se auto corrigem provavelmente por influência do que a escola ensina. Essa consciência linguística se manifestou, principalmente, entre os homens da segunda faixa etária (50 a 65 anos) com o Ensino Superior, mas também foi registrada na fala da informante da Faixa 1, com nível fundamental de escolaridade, conforme ilustra o exemplo 3:

(3) INF. – É pra *mim*, é mais comum falar: "Pra *mim* varrê", mas é: "Pra *eu* varrê."
(Manaus, Inf. 2, mulher, faixa I com Fundamental).

Já no exemplo 4, a informante com o mesmo perfil do exemplo 3 argumenta que o mais comum seria dizer "para *mim* varrê", mas que mais adequado é "para *eu* varrê":

(4) INF.- Pra *mim*, né... Pra *mim* varrê. Pra *eu* é errado, né, falá também.
(Florianópolis, Inf.2, mulher, faixa I com Fundamental).

Os dados revelam que nas capitais brasileiras o uso do pronome oblíquo em função de sujeito apresenta índice maior se comparado à forma gramaticalmente correta. Como mencionamos no tópico 1.3, as gramáticas realizam estudos normativos do uso dos pronomes pessoais, definindo classificações e regras que devem ser seguidas para que exista uma "comunicação correta" da língua portuguesa. No entanto, é sabido que a função da língua falada é passar informações que sejam compreendidas pelo ouvinte, desta

forma, quem dita as regras é o próprio falante, pois é ele quem usa de seus conhecimentos internalizados para se comunicar com os demais, e essa comunicação é realizada com sucesso.

Castilho (2010), afirma que nenhum falante de português usa a forma padrão categoricamente, do mesmo modo que nenhum falante de português só conhece a forma popular de sua língua.

Nas palavras do autor:

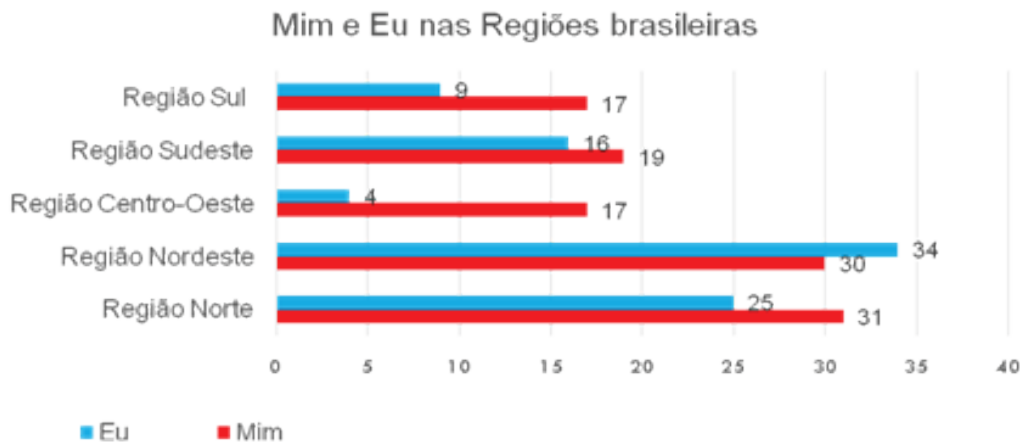
Quem pratica o português popular não 'fala errado' – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não 'fala certo', de novo apenas se serve da variedade inadequada ao meio em que o falante se encontra (CASTILHO, 2010, p. 205).

Ou seja, não há certo ou errado, mas sim o adequado e o inadequado, essa afirmação vem sendo defendida e comprovada por sociolinguistas e dialetólogos. As duas variedades têm complexidades particulares e da mesma forma cumprem com a finalidade principal da língua, isto é, executar a comunicação entre os falantes.

2.2 VARIAÇÃO DIATÓPICA

Relativamente à distribuição diatópica do uso dos pronomes oblíquos e retos, no que tange às regiões do país, os dados revelam a predominância de *mim* por *eu* na maioria delas, exceto no Nordeste onde o uso da função pronominal obedece às gramáticas normativas, e não às de uso coloquial, como observamos nas outras regiões.

Para melhor ilustração dos dados, trazemos o gráfico 2 com a distribuição diatópica nas regiões do Brasil.

Gráfico 2 – Número de ocorrências de *Mim* e *Eu* nas regiões do Brasil

Fonte: Elaborado pela autora com base no Banco de dados do ALiB – Capitais

Conforme o gráfico ilustra, o uso de *mim* como sujeito da oração é maior nas regiões Sul (65.4%), Sudeste (54.3%), Centro-Oeste (81%) e Norte (55.4%). Em contrapartida, o *eu* com a função sintática correspondente às gramáticas normativas, aparece com percentuais menores no Sul (34.6%), Sudeste (45.7%), Centro-Oeste (19%) e Norte (44.6%). Somente no Nordeste o *eu* assume a predominância de uso do pronome pessoal do caso reto, com 53.1% dos dados, enquanto o uso do pronome oblíquo é registrado com 46.9%.

Em Salvador, no Nordeste, tivemos o registro de 100% das respostas “*para eu fazer*”, constando na questão 23 do QMS e no restante das entrevistas (QSL, QFF, semidirigido). Na cidade de Belém, no norte do Brasil, a linguagem padrão também é predominante em 75% dos casos.

Já na região Centro-Oeste, na cidade de Cuiabá, o *mim* aparece em 87.5% dos registros, exercendo a função de sujeito da frase. Na mesma região, em Goiânia e Campo Grande

ocorre o mesmo fenômeno com percentual aproximado: GO (71.4%) e CG (83.3%).

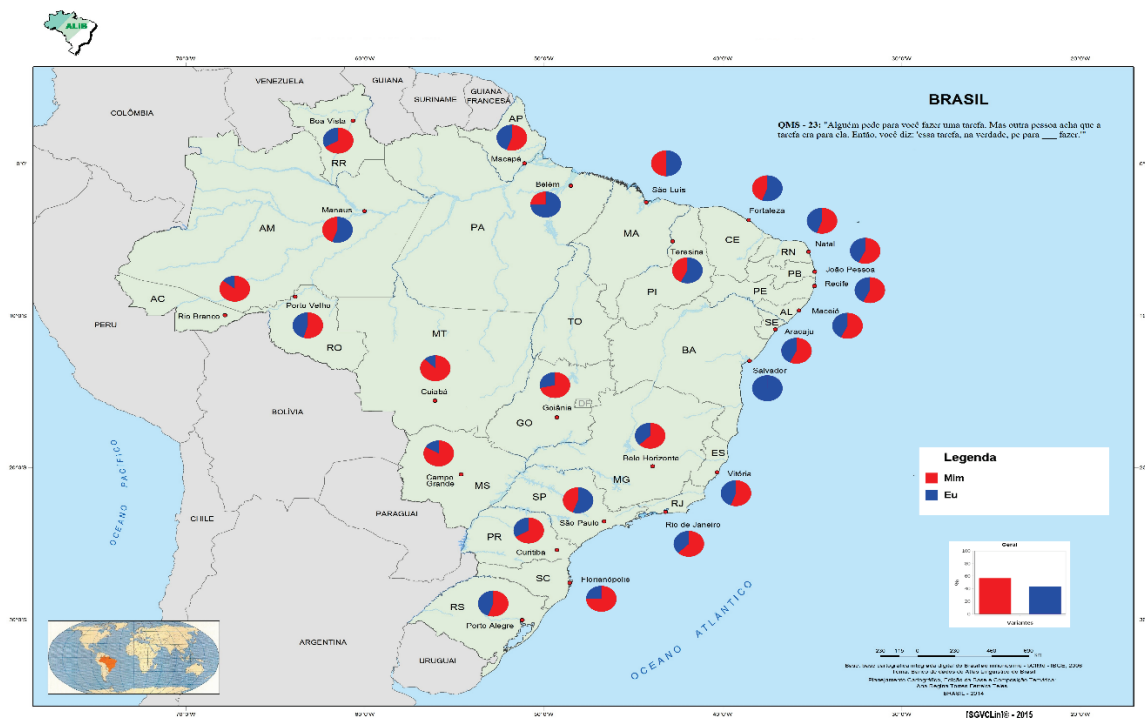
Nas três capitais do Sul (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre), o uso popular predomina no falar dos informantes dessas cidades, em 65.4% dos casos, enquanto a norma padrão foi registrada apenas em 34.6%, ou seja, em Florianópolis, obtivemos 75% do uso de *mim*, em Curitiba 66.6% e em Porto Alegre 55.5%.

Quanto à Região Sudeste, os dados estão balanceados: o *mim* aparece em 54.3% dos casos e o *eu* em 45.7% deles, demonstrando que o pronome oblíquo ainda é mais utilizado que o pronome reto. Em Belo Horizonte ocorrem 62.5% de *mim* e 37.5% de *eu*. Em São Paulo registramos 50% para cada um dos usos. Em Vitória, a frequência é bem próxima da que foi registrada em São Paulo, pois o uso de *mim* foi computado com 55.6% e *eu* com 44.4%.

A seguir, apresentamos a carta experimental feita com base nos dados das capitais, de forma a ilustrar a descrição realizada nesta análise.



Figura 1 – Distribuição diatópica de *Mim* e *Eu* nas capitais brasileiras



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Projeto ALiB

A figura 1 mostra os índices de frequências de *mim* e *eu* distribuídas pelas capitais brasileiras, indicando que o pronome *mim*, nas expressões “*pra mim fazer*”, “*pra mim escutá*”, “*pra mim ler*”, marca presença na fala dos informantes, bem como o pronome do caso reto. Algumas exceções, como Salvador (NE) e Belém (N), mostram o uso exclusivo da variante padrão naquela e predominante nesta.

A carta experimental mostra que nas capitais brasileiras o uso do pronome do caso reto e o do caso oblíquo executam a mesma função na fala, demonstrando, por hora, a indicação de que a expressão “*para mim fazer*” é aceita pelos falantes, assim o pronome oblíquo pode se tornar uma variante do pronome do caso reto. Percebemos que em todas as capitais, exceto em Salvador (NE), há o registro das duas formas empregadas com o mesmo valor gramatical, ou seja, como sujeito da oração.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo mostrou que, nas capitais brasileiras, os falantes investigados adotam o uso da forma coloquial, não padrão, em sua fala cotidiana como sujeito da oração, da mesma forma que demonstram conhecer a forma padrão, pois há a presença dos dois pronomes em praticamente todas as localidades. Averiguamos que, no caso do pronome pessoal na função de sujeito, em que seria recomendável o uso do pronome reto, há o registro das duas construções, ou seja, as expressões “*é para mim fazer?*” ou “*é para eu fazer?*” podem ser compreendidas como variantes de uma mesma função sintática. Este fato pode demonstrar a inovação da Língua em aspectos sintáticos e morfológicos já que, para os gramáticos normativos, não é recomendável o uso do *mim* no lugar de *eu* que é o sujeito da oração, já que o *mim* faz o papel de objeto direto. Contudo, os dados nos mostram o



constante uso do pronome oblíquo em função de sujeito nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte do Brasil. De acordo com Castilho (2010): “Cada variação sociolinguística é definível, portanto, em termos de um feixe de características, o que distingue uma da outra é a frequência de uso”. Compreendemos, pois, que a frequência de uso do pronome oblíquo *mim* (56.5%) como sujeito da oração pode indicar uma mudança gramatical, já que a função exercida pelo pronome está assumindo novas regras de acordo com a fala popular das capitais brasileiras. Para comprovar tal suposição é necessário que haja mais estudos direcionados ao uso do pronome oblíquo com função de pronome reto nas localidades interioranas do Brasil, afinal, os dados deste estudo demonstraram a necessidade de mais pesquisas em torno do objeto analisado, visto que há muito a se descobrir a respeito das funções dos pronomes pessoais exercidas na fala popular.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 27. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

CARDOSO, Suzana Alice. Dialetoлогия. In: Maria Cecília Molicca e Celso Ferrarezi Junior. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 13-22.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro** – 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COMITÊ NACIONAL do projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima Coutinho. **Pontos de Gramática Histórica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Neto, Pasquale Cipro. **Ao pé da letra**. São Paulo: EPA, 2001.

_____. **Coleção Professor Pasquale Explica**. Barueri, SP: Gold Editora, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

MARTINS, M. S. Os Pronomes pessoais (eu e mim) nas capitais brasileiras a partir dos dados do projeto ALiB. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 134-144, 2019.



LÉXICO E CULTURA: DESENVOLVENDO A COMPETÊNCIA LEXICAL EM SALA DE AULA ATRAVÉS DO ESTUDO DE NOMES FANTASIAS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Shirlene Aparecida da Rocha

Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

Andreza Marcião dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este trabalho analisa os processos de formação de palavras utilizados em alguns nomes de comércios na cidade de Araçuaí-MG, partindo do princípio de que, ao trabalhar a estrutura e os processos com palavras que fazem parte do cotidiano dos alunos, estamos evidenciando a eles que um conjunto de regrinhas gramaticais contribui para melhor nos expressarmos, aprimorando nossa habilidade de interpretar e, conseqüentemente, produzir. O objetivo é mostrar como especificidades lexicais em uso em uma cidade podem se tornar instrumentos didático-pedagógicos, proporcionando o desenvolvimento da competência lexical dos alunos a fim de produzirem novas unidades lexicais. Alusivo ao desenvolvimento teórico são considerados estudos de Biderman (1978), Sandmann (1988; 1993), Isquerdo e Oliveira (1998), Bechara (1999), Cunha e Cintra (2001), Ferraz (2006; 2008; 2016), Abbade (2012), Basílio (2018), além de consulta a dicionários on-line, como o Michaelis (2019) e Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (1999). Selecionaram-se 35 nomes provenientes de anúncios publicitários de empresas em redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, e panfletos distribuídos pela cidade, que posteriormente foram listados e analisados. O que se comprovou foi que todo falante conhece as regras lexicais da língua e que o léxico de uma língua espelha e ajuda a construir o contexto histórico, econômico e sociocultural de uma comunidade em diferentes épocas e espaços, ratificando o quão é produtivo trabalhar em sala de aula com o léxico que o

aluno conhece e vivencia, o que corrobora a indissociabilidade entre língua e cultura.

Palavras-chave: Léxico; Competência Lexical; Cultura.

ABSTRACT

This paper analyzes the processes of word formation used in some names of trades in the city of Araçuaí-MG, assuming that by working the structure and processes with words that are part of the daily lives of students, we are showing them that a set of grammar rules contributes to better express ourselves, improving our ability to interpret and consequently, produce. The objective is to show how lexical specificities of a city can become didactic-pedagogical instruments, providing the development of students' lexical competence in order to produce new lexical units. Allusive to theoretical development are studies by Biderman (1978), Sandmann (1988; 1993), Isquerdo e Oliveira (1998), Bechara (1999), Cunha e Cintra (2001), Ferraz (2006; 2008; 2016), Abbade (2012), Basílio (2018), in addition to consulting online dictionaries such as Michaelis (2019) and Portuguese Language Spelling Vocabulary (1999). Thirty-five names were selected from companies' advertisements on social networks, such as Facebook and Instagram, and pamphlets distributed throughout the city, which were subsequently listed and analyzed. What has been proven is that every speaker knows the lexical rules of the language and that the lexicon of a language reflects and helps to build the historical, economic and sociocultural context of a



community at different times and spaces, ratifying how productive it is to work in the classroom with the lexicon that the student knows and experiences, which corroborates the inseparability between language and culture.

KEYWORDS: Lexicon; Lexical Competence; Culture.

Shirlene Aparecida da Rocha é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) no câmpus Araçuaí.

E-mail: shirlenerocha37@gmail.com

Andreza Marcião dos Santos é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: andrezamarcao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Sendo a língua um aspecto indissociável da cultura, entendemos que por meio dela podemos compreender e ajudar a construir e/ou revelar o contexto histórico, econômico e sociocultural de uma comunidade em diferentes épocas e espaços. Além disso, durante as atividades acadêmicas da disciplina Desenvolvimento da Competência Lexical, cursada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN/UFMG), percebemos o quanto o estudo do léxico é tratado superficialmente nos livros didáticos, reduzido quase sempre a um capítulo sobre processo de formação de palavras ou o estudo de vocabulário através do dicionário.

A fim de mostrarmos que o professor pode ampliar o estudo do processo de formação de palavras através do léxico em uso pela comunidade onde o aluno está inserido, relacionando léxico e cultura, propomos no presente trabalho identificar os processos de formação utilizados na constituição dos nomes fantasia dos estabelecimentos comerciais de

Araçuaí. Os nomes fantasia, segundo Carvalho (2003), têm como função particularizar e mobilizar conotações afetivas por meio de associações, imagens suficientes para garantir a fidelidade dos clientes. Acrescentamos ainda que, além das associações e imagens, próprio nome pode funcionar como estratégia de atração e fidelização dos clientes.

Destarte, acreditamos que o estudo dos respectivos nomes proporcionará ao aluno, pela constatação de aspectos como renovação e criatividade, confirmar a dinamicidade da língua, que faz com que o léxico de uma língua esteja em constante expansão, seja através da criação de novas palavras, seja pelo reaproveitamento de palavras já existentes, resignificação, entre outros processos, que se dão principalmente pela incorporação de novas unidades devido à necessidade de comunicação ou, no caso dos nomes de estabelecimentos comerciais, de transmissão de uma ideia positiva sobre o comércio, captação de novos clientes e manutenção de sua fidelidade. Por isso, trabalhar o processo de formação de palavras com nomes de comércio da cidade onde os alunos residem pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da competência lexical, aqui entendida como a habilidade, que o falante possui, para compreender as palavras em suas estruturas sonora e morfossintática, além de suas relações de sentido com outras unidades lexicais constitutivas da língua (FERRAZ, 2008), uma vez que por se tratar de algo do cotidiano, possui mais chances de despertar o interesse dos discentes.

Por fim, o aluno, ao compreender que a criação de novas palavras a partir do reaproveitamento das já existentes se dá porque as palavras estão organizadas na mente do falante, em grupos, conjuntos de palavras que guardam algo em comum com outras (campo semântico), estará demonstrando competência lexical. Quando precisam usar essas palavras, os falantes as encontram pela



proximidade semântica entre elas, conforme a necessidade de uso. Além disso, durante o processo de pesquisa, reconhecimento e utilização das palavras, o aluno ampliará seu repertório lexical, contribuindo, conseqüentemente, para a criação de novos itens, que pode ser uma atividade proposta pelo professor.

1 LÉXICO E CULTURA

O estudo do léxico em sala de aula é fundamental, dentre outros fatores, para desenvolver a competência lexical do aluno, tornando-o capaz de chegar à produtividade lexical. Mas o que é o léxico? Qual a relação entre léxico e cultura? Para elucidar essas questões, tomamos as vozes de autoridades no assunto, como Biderman (1978), que assim define léxico:

O Léxico de uma língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos [que] abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da cultura, através das idades (BIDERMAN, 1978 p.139).

Sendo o léxico esse vasto universo, podemos afirmar que, embora a estrutura de uma língua falada em mais de um país seja a mesma (como o português no Brasil e em Portugal), existem diferenças de usos, exatamente pelo fato de o léxico ser baseado na experiência acumulada em uma comunidade na qual quem faz a língua é o falante, demonstrando que, conforme afirma Ferraz (2016, p. 10),

Da língua, o léxico é o componente que se relaciona mais estreitamente com o conhecimento do mundo. Ao longo de toda a vida, estamos sempre a incorporar, por meio do léxico, o conhecimento de que necessitamos para nos relacionarmos com o mundo extralinguístico. O léxico de uma língua é constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos

sociais, de interação com o universo sociocultural, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas.

Essa afirmação ratifica a importância de os professores levarem para a sala de aula materiais didáticos que tratem da realidade linguística vivenciada pelos alunos. Por isso, propomos trabalhar com nomes de estabelecimentos comerciais, pois são itens lexicais que foram criados a partir da necessidade dos donos de transmitir aos clientes valores como: inovação, qualidade e tradição, além de demonstrar crenças e hábitos da referida comunidade, existindo assim uma motivação lexical, sobre a qual assim se pronunciam Isquierdo e Oliveira (1998, p. 07),

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso ao texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, pois o léxico é o que mais deixa transparecer os valores, crenças, hábitos e costumes de uma comunidade.

Ainda sobre léxico e cultura, o desenvolvimento e produto lexical seguem caminhos próprios em função dos contextos específicos de caráter cultural, social, econômico e político, sendo vividos na situação autêntica de comunicação. Portanto, assim como Abbade (2012, p. 145), entendemos que:

Estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua. O acervo lexical de um povo é construído ao longo de sua história social, política, econômica, religiosa, etc. Em cada época as palavras se modificam, se ajustam, se acoplam, são esquecidas, são lembradas, são criadas, ajustando sua fonética de acordo com a fala de determinadas comunidades, diversificando o seu significado de acordo com a época vigente, sendo proibida e/ou permitida de acordo com a sociedade em que esteja



inserida. Todos esses caminhos, dão, aos estudos lexicológicos, possibilidade de poder estudar as palavras de uma língua nas mais diversas perspectivas.

O léxico se constitui como um patrimônio histórico, social e cultural, se levarmos em consideração a dimensão social e heterogênea da língua, já que deriva dos resultados e experiências vividas pelas sociedades. Como os falantes dessa sociedade vão se recriando, mudando ao longo do tempo, o léxico assimila essa variação constante que enriquece o vocabulário de uma língua. Nesse sentido, através do léxico, é possível carregar o patrimônio cultural de uma comunidade, que pode ser transmitido de geração a geração, refletindo percepções e experiências do ambiente físico e social dos falantes, pois todo falante possui uma consciência intuitiva da unidade léxica (COSTA, 2016).

Assim, ao adentrarmos no universo lexical, mais precisamente no de um grupo específico, é requerida uma análise de características sociais, históricas e culturais do sujeito, uma vez que tais características são encontradas na língua. Por isso o léxico de uma língua contribui para o entendimento da formação de um povo, tendo em vista que através dele são registradas as informações que permanecem ou levam à transformação da cultura (BIDERMAN, 1996), ou seja, significa verificar os mecanismos de produção do léxico através da relação do contexto externo, uma vez que ele pode influenciar na definição de um significado.

1.2 O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEXICAL E A RENOVAÇÃO LEXICAL

A competência lexical é definida por Ferraz (2008, p. 146) como “a capacidade de compreender as palavras, na sua estrutura morfosintática e nas suas relações de sentido com outros itens lexicais constituintes da língua”. Por ratificarmos essa definição, enxergamos no estudo dos nomes fantasia de

estabelecimentos comerciais uma maneira de desenvolver a competência lexical dos alunos, por proporcionar a compreensão da estrutura das palavras e sua relação de sentido com outros itens lexicais da língua.

O termo desenvolvimento é utilizado para legitimar a ideia de que competência lexical todos nós possuímos, porém precisamos desenvolvê-la por meio da ampliação do vocabulário e regras. Para isso, é importante que a escola assuma o papel de proporcionar ao aluno um maior contato com o estudo do léxico, por este se tratar do conjunto de palavras existentes que o falante tem à sua disposição para se expressar, seja oralmente ou por escrito, e que, muitas vezes, tem sido tratado nos livros didáticos de forma marginalizada, privilegiando-se apenas o ensino de regras gramaticais.

Nesse sentido, a competência lexical refere-se a conhecer e a saber usar as palavras disponíveis no léxico nos contextos de interação, enriquecendo e ampliando as competências linguísticas do aluno e é esta a concepção aqui defendida: de que a competência lexical não se resume apenas ao conhecimento de uma lista de palavras e de sistemas de regras, mas inclui também o conhecimento acerca das restrições de uso de regras, que decorrem da lista de itens lexicais e suas inter-relações (VILELA, 1995).

Abordar o desenvolvimento da competência lexical no contexto escolar permitirá que os alunos observem as formas de uso da língua, como saber escolher dentro do universo lexical as unidades para representar suas ideias, compreender que há fatores que contribuem para o resgate e para o surgimento de novas palavras, entendidas, lexicograficamente, como unidades lexicais.

O conjunto de unidades lexicais de qualquer língua viva reflete o processo evolutivo da comunidade que dela faz uso; por isso, são inseridos termos gerados pela necessidade



de nomear novas criações, novos conceitos, novas tendências. Os domínios da ciência e da tecnologia constituem, nos dias atuais, um campo profícuo para a criação de novas unidades lexicais, o que leva à ampliação do léxico não só no âmbito das línguas de especialidade, mas também na esfera de língua corrente (DUARTE CAMEIA, 2013, p. 16).

Assim, quando o falante quer denominar um novo ser, objeto ou ideia de forma natural (mesmo que não saiba explicar os processos de criação), ele utiliza recursos que já existem na língua, ou seja, reaproveita os radicais, atribui novo significado a palavras existentes ou ainda importa termos estrangeiros, o sugere que intuitivamente conhece as regras da sua língua, inclusive o processo de formação de palavras.

Nessa perspectiva, essas novas palavras criadas, que, neste caso, servem para nomear os comércios, enriquecem a língua, uma vez que o léxico é parte viva da língua e se encontra em constante renovação, seja por motivos históricos e econômicos, seja por sociais ou culturais, conforme postulado por Ferraz (2006, p. 206),

A renovação do léxico de uma língua é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística.

Segundo Bechara (1999), Cunha e Cintra (2001), Sandmann (1988; 1993) e outros autores, os tipos de procedimento de constituição vocabular do português se dividem em **basilares**: composição e derivação, que operam de maneira mais regular e sistemática na criação de novas palavras; e **fortuitos**: o truncamento, a reduplicação, importação estrangeira, acronímia, a palavra valise etc.

A composição se caracteriza como um ato de combinação “de elementos léxicos independentes, da qual resulta um novo conceito único e autônomo”, conforme visto por Houaiss e Villar (2001, p. 777), podendo ser por justaposição ou aglutinação, conforme algumas das matrizes combinatórias apresentadas: **justaposição**: substantivo + substantivo: *papel-moeda*; substantivo + adjetivo: *amor-perfeito*; adjetivo + substantivo: *belas-artes*; adjetivo + adjetivo: *surdo-mudo*; substantivo + SPrep.: *pé-de-moleque*; verbo + substantivo: *passatempo*; pronome possessivo + substantivo: *Nossa Senhora* etc., **aglutinação**: com alteração na sílaba final de um dos termos: *lobisomem* (*lobo + homem*); com redução do primeiro termo ao seu radical: *planalto* (*plano + alto*); com elemento radical alterado em sua forma originária: *vinagre* (vinho acre); com radical que não aparece como palavra isolada no português: *agricultura* (*agri + cultura*).

A derivação, diferentemente da composição, configura-se como um processo de filiação, no qual, através do acréscimo de afixos a uma unidade lexical matriz, são constituídos novos vocábulos com alteração na acepção originária. Conforme a posição que os afixos assumem, a derivação pode ser: **prefixal**: acréscimo de afixo antes do morfema lexical como em *indireto*; **sufixal**: acréscimo de afixo depois do morfema lexical como em *intensivão*; **prefixal e sufixal**: acréscimo tanto de prefixo quanto de sufixo ao morfema lexical como em *deslealdade*; **parassintética**, quando simultaneamente são acrescentados prefixo e sufixo ao morfema lexical como *envelhecer* e **regressiva**, quando há subtração de morfemas como em *recordo* (*de recordar*) e **imprópria**, o de mudança de classe, também chamado por Bechara (1999) de conversão ou recategorização.

Referente aos processos que chamamos de fortuitos, temos a **redução por truncamento**, em que uma das partes de um item ou



sequência vocabular (normalmente a final) é eliminada, como em *prof.* por professor; **por cruzamento vocabular**, **contaminação** ou **palavra-valise** (*portmanteau*), em que duas bases lexicais sofrem perdas fonéticas no processo de fusão, podendo ocorrer na parte final do primeiro formante, na parte inicial do segundo, ou nos dois tipos de contexto; **por hibridismo**, em que resulta um novo vocábulo da combinação de línguas distintas como em *sociologia* (latim socio + grego logia); **por acronímia**, em que a palavra é formada pela letra inicial (sigla) ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução, ou, então, por algumas de suas partes, como acontece em *PT* (Partido dos Trabalhadores), *Cemig* (Companhia Energética de Minas Gerais).

Além da redução, temos o processo de **aumento por reduplicação *ipsis litteris*** de um mesmo termo como *trança-trança*; **por reduplicação aproximada** de um mesmo termo

alterado foneticamente em uma de suas vogais ou consoantes, como acontece em *tique-taque*, ou **por reduplicação silábica de cunho hipocorístico**, como é o caso de *Lulu*.

Mais um tipo de processo, **por empréstimo**, conforme Alves (2004), é regido, de maneira geral, em sua adaptação à nossa língua pelos seguintes princípios: a classe dos substantivos é a grande contemplada por termos estrangeiros, sendo seguida pela dos adjetivos e verbos; a adaptação do termo importado para o português se dá de duas maneiras básicas: a) através de adaptação total ou parcial dos padrões da língua originária, predominando a tendência de o termo manter-se na mesma classe e categoria de gênero da palavra fonte.

Resumindo, os principais processos de formação vocabular no português brasileiro que usamos neste trabalho são:

Figura 01 – Principais procedimentos de formação de palavras do português brasileiro



Fonte: Elaborado pelas autoras

2 METODOLOGIA

Tendo em vista nosso objetivo de analisar os processos de formação de palavras utilizados em alguns nomes de comércios na

cidade de Araçuaí-MG e mostrar como especificidades lexicais em uso em uma cidade podem se tornar instrumentos didático-pedagógicos, proporcionando o



desenvolvimento da competência lexical dos alunos a fim de produzirem novas unidades lexicais, definimos nossa amostra. Optamos, inicialmente, por 20 nomes, porém, tendo em vista a diversidade dos ramos comerciais da cidade, decidimos trabalhar com 35 nomes fantasia de estabelecimentos comerciais de vários ramos (alimentício, beleza, vestuário, serviços, construção etc.) da cidade de Araçuaí – MG. Os nomes, assim como as imagens, foram retirados das redes sociais dos comércios, como *Facebook* e *Instagram*, e de panfletos publicitários espalhados pela cidade. Após a coleta dos dados, eles foram organizados em um quadro com o nome fantasia e o ramo do comércio, para posterior análise de algumas palavras do nome e de processos mais produtivos.

3 OS NOMES FANTASIAS DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DE ARACUAÍ-MG

Corroborando Basílio (2018, p. 9), “precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação”, o que constatamos através das mais prováveis e improváveis constituições dos nomes, não apenas novos, mas criados a partir do reaproveitamento de morfemas lexicais já existentes. Ressaltamos que analisamos o processo de formação apenas das palavras destacadas, tendo em vista que quase todos os nomes são compostos, conforme demonstramos no Quadro 01, abaixo:

Quadro 01 – Lista dos nomes fantasias de comércios de Araçuaí

| Nome | Ramo | Processo de Formação |
|--|---------------------|----------------------------------|
| 1. Academia Mega <i>Fitness</i> | 1. Atividade Física | Hibridismo |
| 2. Ana Bonita <i>Boutique</i> | 2. Vestuário | Hibridismo |
| 3. Bambuluar Restaurante e Churrascaria | 3. Lanchonete | Composição justaposição |
| 4. Bodão Rural | 4. Agroveterinária | Derivação sufixal |
| 5. BomBar | 5. Bar | Composição justaposição |
| 6. Camila Rodrigues <i>Nail Artist</i> | 6. Vestuário | Hibridismo |
| 7. Central Serviços e Papelaria | 7. Papelaria | Derivação sufixal |
| 8. Clarysse <i>Baby Teen</i> | 8. Vestuário | Hibridismo |
| 9. Compact Telecom | 9. Telefonia | Hibridismo |
| 10. Dogão Pizzaria e Lanchonete | 10. Lanchonete | Derivação sufixal |
| 11. Espaço <i>Fashion</i> | 11. Beleza | Hibridismo |
| 12. Fecriar Ltda | 12. Alimentos | Cruzamento vocabular |
| 13. Fercoe Mat. de Construção e Ferragens | 13. Construção | Cruzamento vocabular |
| 14. Forma <i>Fitness</i> | 14. Ativ. Física | Hibridismo |
| 15. GRP Joias e Presentes | 15. Joias | Acronímia |
| 16. <i>In</i> Excelência Contabilidade | 16. Contabilidade | Hibridismo |
| 17. Kibunita | 17. Vestuário | Composição justaposição |
| 18. Lanchonete <i>Point</i> do Momento | 18. Lanchonete | Hibridismo |
| 19. Lavajato Esponjão | 19. Serviços | Composição por aglutinação |
| 20. Loja Entre | 20. Vestuário | Derivação imprópria ¹ |
| 21. Madeir'arte Móveis Planejados | 21. Marcenaria | Composição aglutinação |
| 22. Marmoraria Araçuaí & Mat. de Construção | 22. Construção | Derivação sufixal |
| 23. Nilzete <i>Design</i> Sobrancelhas | 23. Beleza | Hibridismo |
| 24. Oficell Celulares | 24. Telefonia | Hibridismo |

¹ Analisando apenas a palavra “entre” teríamos derivação regressiva do verbo entrar, porém, ao migrar de verbo para substantivo, esta resultou em derivação imprópria.



| | | |
|--|-----------------|------------------------------------|
| 25. Pezão Express | 25. Serviços | Hibridismo |
| 26. Posto Shalon | 26. Combustível | Hibridismo |
| 27. PW Comercial | 27. Confecções | Acronímia |
| 28. Salão Ateliê Stilu's Fashion | 28. Beleza | Hibridismo |
| 29. Samavi Casa e Decoração | 29. Móveis | Cruzamento Vocabular |
| 30. Studio Fátima Coiffeur | 30. Beleza | Hibridismo |
| 31. Tititi Lanchonete e Restaurante | 31. Lanchonete | Reduplicação <i>ipsis litteris</i> |
| 32. UaiT | 32. Serviços | Composição justaposição |
| 33. Viça Lanches | 33. Lanchonete | Truncamento |
| 34. Vidroferro | 34. Construção | Composição justaposição |
| 35. Zip Cosméticos e Perfumaria | 35. Beleza | Acronímia |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Obtivemos, na ordem quantitativa, as seguintes constituições:

- Hibridismo (15), equivalente a 43% dos dados totais: Ana Bonita **Boutique** (port. + emprést. do francês); **Ateliê Stilus Fashion** (emprést. do francês + inglês + emprést. do inglês); Camila Rodrigues **Nail Artist** (port. + inglês + inglês); Clarysse **Baby Teen** (port. + emprést. inglês + inglês); **Compact** Telecom (emprést. do inglês + redução do vocábulo composto do grego telecomunicação); Espaço **Fashion** (port. + emprést. inglês); Fátima **Coiffeur** (port. + francês); Forma **Fitness** (port. + inglês); **In** Excelência Contabilidade (inglês + port. + port.); **Point** do Momento (inglês + port.); Mega **Fitness** (prefixo grego + inglês); Nilzete **Design** Sobrancelha (port. + emprést. inglês + port.); **Oficell** Celulares (inglês + port.); Pezão **Express** (port. + inglês) e Posto **Shalon** (port. + adaptação da palavra *shalom*, de origem hebraica, que significa paz).
- Composição por justaposição (05): **Bambuluar** (junção do subst. **bambu** + subst. **luar**, nome devido ao fato de quando criado ser cercado por bambus e sem cobertura); **BomBar**² (junção do adj. **bom** + subst. **bar**); **Kibunita** (junção de pron. **que** + adj. **bonita**, escrita da forma como se fala); **UaiT** (junção da interj. **uai** + letra **T** do nome da proprietária) e **Vidroferro** (subst. **vidro** + subst. **ferro**).

- Derivação sufixal (04): **Dogão** (palavra de origem inglesa *dog* + sufixo **ão**) **Bodão** (morfema **bod** + sufixo **ão**); **Central** (morfema **centr** + sufixo **al**); e **Marmoraria** (morfema **marmor** + sufixo **aria**).
- Acronímia (03): **PW** (iniciais do nome do proprietário **Pedro Wilson**); **GRP** (iniciais do nome do proprietário **Geraldo Rodrigues Pereira**) e **ZIP** (Iniciais de **Zenir e Pedro**, alterando o e por i para soar melhor).
- Cruzamento vocabular (03): **Fecriar** (as iniciais dos nomes dos primeiros proprietários **Fernando, Cristiano e Arthur**); **Fercoe** (iniciais dos sobrenomes **Ferreira e Coelho**) e **Samavi** (iniciais dos sobrenomes dos pais do proprietário **Santana, Martins e Vieira**).
- Composição por aglutinação (02): **Lavajato Esponjão** (verbo **lava** + prep. **a** + subst. **jato**); **Madeir'Arte** (subst. **madeira** + prep. **na** + subst. **arte**).
- Derivação imprópria (01): **Entre** (verbo entrar transformado em substantivo). Ex.: “A Entre está com com várias promoções”. Também pode ser usado como um convite para atrair o cliente (verbo). Ex.: “**Entre!** Temos muitas novidades e promoções!”.
- Truncamento (01): **Viça** (redução de **Vicente**, com troca da letra e para a).

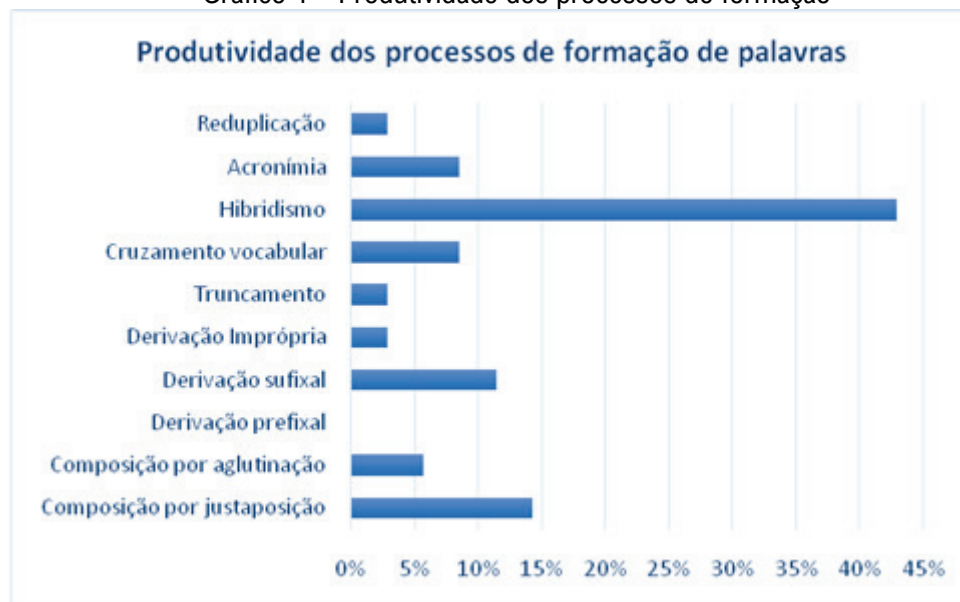
² Palavra já existente na língua portuguesa, como gíria. Ex: “Aquela festa vai *bombar*”.



- Reduplicação *ipsis litteris* (01): Tititi (repetição do termo Ti ti ti, também utilizado coloquialmente como fofoca).

Para uma melhor visualização da produtividades dos processos de formação dos nomes fantasias de estabelecimentos comerciais, tem-se o Gráfico 1, abaixo.

Gráfico 1 – Produtividade dos processos de formação



Fonte: Elaborado pelas autoras

Sobre a produtividade dos tipos de processos, constatamos que o mais frequente foi o hibridismo, com 43% de ocorrências, reforçando a dinamicidade da língua, que recria para se adaptar a transformações sociais. Segundo Neumeier (2009), os nomes formados por elementos de línguas clássicas, como o latim e o grego, evocam mais rapidamente a memória dos consumidores. Além disso, “muitos dos nomes mais poderosos são os que aparecem combinados com um bom visual, criando um ícone de fácil memorização, como a Apple Computer” (PRADO, 2015. p. 73).

Em segundo, tem-se a composição por justaposição, que também se mostra produtiva na formação das palavras do léxico geral do português. Em terceiro, aparece o uso de sufixo, que se mostrou mais produtivo na criação de itens lexicais com carga afetiva do que o prefixo, sem nenhuma ocorrência. Ressalta-se que, neste trabalho, somente

alguns processos de formação de nomes comerciais foram encontrados, destacando que a origem desses nomes pode ser diversa, por exemplo:

Os nomes das indústrias que produzem artigos ou de seus criadores, como Renner (tecidos) e Johnson (produtos variados); nomes que apresentam o caso genitivo do inglês, como Clark's (linhas para costura), ou locução nominais comuns, como em Pílulas da Vida do Doutor Ross e muitas outras variantes. Os nomes também podem ser compostos por uma sigla, como Fanador (de Fábrica Nacional de Borracha); ter em sua formação nomes de santos, como Xarope São João; constituir-se como nomes de seres mitológicos, como Vênus (lápiz), Capeta (formicida) e Anhangá (óleo para cabelo), ou como nomes de personagens célebres reais ou fictícios, como chocolate Diamante Negro (apelido do jogador de futebol Leônidas da Silva) e lâmpada Aladim



(personagem fictício), ou como nomes da fauna e da flora, como Flor de Maçã (perfume) e Elefante (extrato de tomate); nomes onomatopaicos, como Blim-Blim (fechadura); nomes formados por letras e números, como S/5510 e BA30 (revestimento para avião), dentre muitos outros casos (PRADO, 2015, p. 83).

A partir do recorte analisado, verificamos a força do léxico de uma comunidade e o quanto o professor pode utilizá-lo para desenvolver a competência lexical do aluno, uma vez que, quando se pensa em um nome para um estabelecimento comercial, busca-se um nome diferenciado, que promova uma visão positiva acerca do comércio e de seus produtos; além de envolver os aspectos linguísticos, sociais e históricos no processo de composição desses nomes.

A partir disso, é possível que o professor trabalhe a história e a origem dos nomes, pesquisando com os proprietários dos estabelecimentos a fim de descobrir a motivação, o uso dos mesmos morfemas em outras palavras, a criação de novas palavras com os morfemas, o estudo dos neologismos e empréstimos etc., conforme muito bem explicitado por Ferraz (2006, p. 219) ao afirmar que:

Uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. [...] À medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas.

Além de ser possível trabalhar as diferentes formas de uso da ortografia, pois “o falante demonstra não apenas criatividade, mas capacidade de reconhecer ou que é considerado comum ou diferente na sua língua

e usa esse conhecimento para dar nome ao seu produto ou estabelecimento” (PRADO, 2015, p. 78). Pode-se também fazer uma relação com as expressões idiomáticas e colocações, como, por exemplo, verificar as diversas possibilidades dos usos de “entre” (“entrar pelo cano”, “entrar num barco furado”, “entrar no jogo” e ainda “entre” como preposição, que é uma palavra gramatical e só carrega “significado” no mundo linguístico dependendo das relações linguísticas.

Ainda pode ser trabalhado o uso do ‘s da língua inglesa, que pode indicar relação de posse, presente nos nomes Marcelo’s Confecções e Thiago’s Lanches (não analisados neste trabalho) e o próprio nome pelo qual é conhecido Araçuaí, Kiau (truncamento de Calhau). Isso possivelmente contribuirá para a ampliação do vocabulário do aluno e para a consciência quanto às regras linguísticas, além de permitir-lhe conhecer a crença cultural de um povo, como a supervalorização da língua inglesa como forma de sofisticar um nome de comércio, a valorização das pessoas por meio da atribuição de seu nome a comércios e a necessidade comunicativa de chegar até o interlocutor através do léxico, através de um chamamento, por exemplo, em “*Entre*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a constituição dos nomes fantasia de alguns comércios de Araçuaí, percebemos que todo falante de uma língua tem conhecimento de suas regras lexicais (que são imanentes e não se encontram em nenhum manual, por estarem na mente do falante), como: formação de palavras, interpretação e reconhecimento de palavras. Além disso, o falante faz muito bem o uso do princípio economicidade mental, possibilitando-nos inferir que a expansão do léxico não se resume a aumento do número de símbolos, mas também congrega o reaproveitamento dos já existentes.



Por esse motivo, objetivamos mostrar que o professor pode explorar mais o léxico em sala de aula, principalmente o utilizado pela comunidade de fala na qual o aluno está inserido. Assim, cabe à escola incentivar os professores a elaborar atividades que desenvolvam a competência lexical para que a produtividade lexical desse aluno seja efetiva.

Portanto, ainda que a competência lexical seja única, entendemos que o léxico dicionarizado ou aquele próprio da comunidade na qual está inserido o aluno é de grande relevância para promover a habilidade discursiva e fazê-lo compreender a dinamicidade da língua, que precisa se adaptar a fim de acompanhar as mudanças sociais.

Essas mudanças manifestam-se também nos nomes dos estabelecimentos comerciais, pois, enquanto nos nomes mais recentes e ligados à beleza e lanchonetes prevalecem a inovação, a sofisticação e palavras estrangeiras, nos nomes de estabelecimentos mais antigos, ligados ao ramo alimentício ou de construção, prevalece a tradição, principalmente, nomeando-se os respectivos comércios com os nomes dos proprietários. Tudo isso nos mostra o quão rico é o léxico de uma comunidade e que, se por um lado, temos nomes que qualquer falante entenderia, por outro, alguns, como: *Samavi, Fecriar, GRP, Fercoe, Zip, PW etc.*, só fazem sentido para aquela comunidade, confirmando que a língua é indissociável da cultura.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. de (Orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: editora UFMS, 2012. v.VI. p.145.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.

Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical.** São Paulo: Ática, 2004.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** São Paulo: Editora contexto, 2018.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e vocabulário fundamental.** Alfa, São Paulo, 40, p. 27-46, 1996.

CARVALHO, N. **Publicidade.** A linguagem da sedução. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, R. P. **Rendas, redes e lendas: o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão.** 2016. Tese de doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. C. de (Org.). **O léxico em estudo.** Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006, p. 217-234.

FERRAZ, A. P. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. **Língua portuguesa, educação & mudança.** São Paulo: Europa, 2008, p. 146-162.

FERRAZ, A. P.; FILHO, S. C. S. O. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, A. P. (Org.). **O**



léxico do português em estudo na sala de aula. Araraquara: Letraria, 2016, p. 09-30.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. N. (Org.). **As ciências do léxico;** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998. V. I.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: DTS Software Brasil Ltda., versão eletrônica, 1998.

NEUMEIER, M. Z. **A estratégia número 1 das marcas de sucesso.** Porto Alegre: Bookman, 2009.

PRADO, N. C. Nomes comerciais. In: PRADO, N. C. (Org.). **O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal:** questões linguísticas e culturais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 71-97.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

SANDMANN, A. J. **Morfologia geral; novas palavras do português do Brasil, Nomenclatura Gramatical Brasileira, mecanismos de estruturação vocabular.** São Paulo: Contexto, 1993.

VILELA, M. **Léxico e gramática.** Coimbra: Almedina, 1995.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

ROCHA, S. A.; SANTOS, A. M. Léxico e cultura: desenvolvendo a competência lexical em sala de aula através do estudo de nome fantasias de estabelecimentos comerciais. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 145-156, 2019.



CONCORDÂNCIA DA 1ª PESSOA DO PLURAL: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES?

Josenildo Barbosa Freire

Secretaria de Educação e Cultura do RN/SEEC

RESUMO

Neste trabalho objetiva-se descrever como ocorre a variação da primeira pessoa do plural em textos produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Busca-se apoio nos pressupostos teórico-metodológicos da proposta formulada por Labov (1963; 1966; 2008 [1972]), Tagliamonte (2006), dentre outros. O *corpus* analisado é constituído por 103 textos narrativos, produzidos por alunos de duas escolas públicas. As ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de programa do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os resultados apontam que há um processo de variação linguística envolvendo o uso da concordância verbal na escrita. Assim, pôde-se verificar que existem fatores sociais e linguísticos condicionando o emprego dessa variável; os achados também indicam que a prática pedagógica precisa ser sensível à diversidade sociodialetoal e sugerem uma organização dessas variantes em pelo menos dois blocos de comportamento sociolinguístico: variantes de maior prestígio social x variantes de menor prestígio e aceitação social.

Palavras-chave: Variação; Concordância verbal; Nós; Escrita.

ABSTRACT

In this work we aim to describe how occurs the variation of the first person plural in texts produced by students of the final years of Elementary School. We search support in the theoretical-methodological assumptions of the proposal formulated by Labov (1963, 1966; 2008 [1972]), Tagliamonte (2006), among others. The *corpus* analyzed consists of 103 (one hundred and three) narrative texts, produced by students from two public schools. The occurrences of the variants were coded and submitted to the Goldvarb X program package (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The results indicate that there is a process of linguistic variation involving the use of verbal agreement in writing. Thus, we found that there are social and linguistic factors conditioning the use of this variable; the findings too indicate that pedagogical practice needs to be sensitive to the sociodialetoal diversity and suggest an organization of these variants in at least two blocks of sociolinguistic behavior: variants of greater social prestige x variants of lesser prestige and social acceptance.

Keywords: Variation; Verbal agreement; We; Writing.

Josenildo Barbosa Freire é professor de Língua Portuguesa da rede pública de Educação Básica na cidade de Pedro Velho.

E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Variar e mudar são propriedades inerentes às línguas naturais. Essa realidade pode ser verificada ao se analisarem os diferentes módulos das gramáticas. Assim, é necessário lidar com a variabilidade supraindividual.

Estudos liderados pela Sociolinguística, Dialetoлогия e Linguística Histórica já demonstraram que esses são campos de pesquisas que descrevem e analisam processos e fenômenos variáveis. Variedades sociais, espaciais/regionais e de tempo evidenciam que há um conjunto de normas sociais existente nas comunidades de fala.

Assim, em relação à concordância verbal não poderia ser diferente. Há diferentes normas sociolinguísticas que constituem esse subsistema flexional da língua. Seja ao se considerar a modalidade falada da língua, seja a modalidade escrita, sempre existiram normas. Contudo, cada norma é recoberta por um valor social, evidenciando que os usos linguísticos estão atrelados aos elementos socioeconômicos, culturais, interacionais etc. Parece que dizer “nós fomos” é mais prestigioso de que falar “a gente fomos”.

As diferentes pesquisas linguísticas já demonstraram que a língua falada é muito mais propensa ao uso de fenômenos variáveis. Contudo, pergunta-se: e a língua escrita? Geralmente, sendo um estilo de maior monitoramento e planejamento, não emergiriam formas variáveis que co-ocorram com aquelas que são tradicional e canonicamente apontadas como “corretas”?

Desse modo, neste trabalho, à luz da Teoria da Variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006 [1968]; LABOV, 1963; 1966; 2008 [1972]) e em pesquisas anteriormente realizadas sobre o português escrito e falado no Brasil (AGOSTINHO; COELHO, 2015, por exemplo), objetiva-se descrever e analisar como se dá o emprego da concordância verbal da primeira pessoa em textos produzidos por

alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma pertencente à rede municipal e outra à rede estadual.

Diversos estudos já demonstraram que a baixa frequência de marcas de concordância verbal constitui “traços descontínuos” (BORTONI-RICARDO, 2004), vinculados diretamente a falantes oriundos da zona rural, com baixa escolaridade e localizados em regiões de baixo desenvolvimento e industrialização.

Nas últimas décadas, muitos alunos pertencentes a famílias de baixo poder socioeconômico ingressaram nas escolas públicas, e com eles vem sua variedade linguística, que apresenta formas estigmatizadas, sujeita à sanção e ao desconforto social. Por exemplo, a não realização da concordância verbal nos moldes canônicos está inserida nesta discussão. Os nossos alunos fazem sim a concordância verbal, mas utilizando-se de outras formas linguísticas, que também têm plenitude formal (SAPIR, 1924) e potencial semiótico (FARACO; ZILLES, 2017).

Nesse sentido, considerando (i) que concordância verbal de 1ª pessoa, no português do Brasil, é nos termos labovianos uma regra variável, (ii) que os verbos correspondentes aos sujeitos expressos ou nulos referentes a essa regra podem contribuir para redução dos morfemas verbais presentes e (iii) que a escrita, geralmente, é um estilo, em relação à fala, mais monitorado e planejado, procuramos responder neste trabalho: qual o comportamento da concordância verbal de 1ª pessoa nas produções textuais de alunos de duas escolas públicas?

Para alcançar esse objetivo, organizamos o trabalho nas seguintes etapas: na primeira seção, apresentamos o objeto de estudo e pesquisas já realizadas; na segunda, delineamos a fundamentação teórica adotada;



na terceira, apresentamos o nosso percurso metodológico e aspectos afins; na quarta seção, descrevemos e analisamos os dados e, por fim, apresentamos as considerações finais.

1 OBJETO DE ESTUDO

A variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, é a forma pronominal “nós” ou até mesmo a sua co-ocorrente “Ø”. Está presente na fala culta do português do Brasil (doravante, PB) e constitui objeto de ensino. Portanto, nem seu uso nem seus usuários sofrem sanção ou desconforto social.

Todavia, variar e mudar são propriedades constitutivas das línguas. Segundo Lopes (1998) e Freitag et al (2016), há no português atual uma sistemática preferência pela expressão “a gente” – forma típica para uso de terceira pessoa do singular – para se referir à primeira pessoa do plural, ocorrendo, dessa forma, processos variáveis no PB.

Viana e Lopes (2015) já atestam que as investigações linguísticas envolvendo a variação entre “nós” e “a gente” caracterizam esse processo como mudança linguística que vem se verificando no falar brasileiro. Assim, nesse texto, as referidas autoras realizam um mapeamento sociolinguístico das diversas pesquisas já empreendidas nas regiões do Brasil e chegam à conclusão de que o fenômeno em discussão está em estágio bem avançado, mais do que o imaginado, havendo sinais claros de que também se trata de variação diatópica. Essa última afirmação é, também, corroborada pelos estudos de Freitag et al (2016) no falar do Rio Grande do Sul.

Os usos linguísticos e os falantes podem sofrer avaliação negativa. Ainda segundo Viana e Lopes (2015), a expressão “a gente” cada vez mais recebe menos avaliação negativa da comunidade e, dessa maneira, figura nos mais diversos gêneros textuais/discursivos que circulam em diferentes esferas comunicativas,

contornando desde textos mais informais aos mais monitorados.

A literatura específica (ZILLES, 2005; SANTOS, 2014; VIANNA, 2015, MENDONÇA, 2016) atesta que a expressão “a gente” é favorecida na fala de informantes do sexo feminino. Freitag et al (2016), por exemplo, verificaram em seus dados que o percentual de ocorrência dessa variante linguística em detrimento da forma pronominal canônica alcança índices de 83.4% em todo o *corpus* pesquisado e que há predominância de “a gente” em todos os contextos analisados (variável tipo de coleta), ou seja, em entrevistas e em situações de interação.

Mesmo com os achados das pesquisas sociolinguísticas em que se toma por base a produção acadêmica dos últimos 30 anos, as gramáticas tradicionais ainda não captam essa variação, tampouco reconhecem o estatuto pronominal da expressão “a gente”. Realidade não só verificada com esse processo variável, mas, também, com outros fenômenos sociolinguísticos.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica adotada neste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: TEORIA DA VARIAÇÃO

As pesquisas variacionistas de cunho laboviano ganharam maior repercussão a partir dos trabalhos pioneiros em duas comunidades de fala: na ilha de Martha’s Vineyard, ao estudar o processo de monotongação dos ditongos /ay/ e /aw/, demonstrando que a centralização destes ditongos tem uma motivação social, e em Nova York, ao pesquisar a estratificação social de /r/ nas lojas de departamentos dessa cidade (LABOV, 1966; 2008[1972]).

Assim, de modo geral, podemos verificar que a grande contribuição de Labov está em defender que o componente social constitui fator central para a explicação de fenômenos



sociolinguísticos em qualquer comunidade fala. Neste sentido, as categorias sociais como sexo, idade, nível de escolaridade, local de origem, atitude positiva ou negativa, dentre outros, são restrições que condicionam a forma de falar. Além disso, posteriormente, percebemos que os estudos sociolinguísticos lançam mão do uso de modelos quantitativos para explicar a probabilidade de aplicação ou não de uma regra variável X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Hernández Campoy e Almeida (2005), ao traçarem o contexto de origem da Sociolinguística, destacam que ela se insere no marco filosófico-cultural (paradigma funcional) pertencente ao modelo hegeliano em oposição ao modelo cartesiano, principalmente por articular forma e função e ao admitir a natureza predominantemente social da mente.

Ainda segundo Hernández Campoy e Almeida (2005, p. 01), “[...] a sociolinguística es una ciencia interdisciplinar que se ocupa de las relaciones existentes entre el lenguaje y la sociedad”. Nessa mesma linha de pensamento, quanto à definição de Sociolinguística, Berutto (1979, p. 14) afirma: “es una disciplina autónoma dentre de ciertos limites (desde luego, teniendo en cuenta que se trata, de todos os modos, de una disciplina que estudia fenómenos de carácter netamente diverso – la lengua y la sociedad”. Wardhaugh (2010, p. 12) confirma: “sociolinguistic is concerned with investigating the relationships between language and society with the goal being a better understanding of the structure and how languages function in communication”.

O surgimento da Sociolinguística está ligado a diversos acontecimentos e movimentos teóricos que se impuseram como respostas às necessidades de se compreender o aspecto e a dimensão social da língua. Nesse sentido, Hernández Campoy e Almeida (2005) enumeram algumas causas que possibilitaram

o aparecimento da Sociolinguística como área de estudo da língua em seu contexto social.

Para esses autores, por exemplo, contribuíram para a origem da Sociolinguística: a ruptura epistemológica das teses kuhnianas apoiada pela revolução científica e pela adoção de um novo paradigma; as crises de concepções historicistas e o surgimento do neopositivismo, após a Segunda Guerra, com a revolução quantitativa, que produziu efeito sobre os estudos das áreas humanas, sobretudo, ao incorporar o empírico, a experiência e rejeitando a intuição e o conhecimento introspectivo (reação a Saussure e Chomsky, no campo linguístico); e a redefinição da Dialectologia Tradicional, da qual se reconhece que Labov é tributário, mas com os efeitos do êxodo rural, possibilitando o surgimento de novas cidades, que se constituíram em centros urbanos industrializados.

Assim, ocorreu o aparecimento de novos estratos sociais que condicionaram o uso linguístico, como o fator classe social, diferentemente de se estudar a variação apenas na perspectiva diatópica como fazia a Dialectologia. Desse modo abre-se o espaço, especificamente na Linguística, para a pesquisa de campo, possibilitando o estudo da língua falada em diferentes comunidades de fala.

Por sua vez, Bortoni-Ricardo (1996) aponta que o desenvolvimento e a expansão dos estudos sociolinguísticos nas vertentes variacionista, etnográfica ou interacional apoiaram-se em pressupostos testados empiricamente em diferentes investigações alicerçadas em três premissas centrais que possibilitaram o surgimento da Sociolinguística como macroárea interdisciplinar no interior das teorizações da Linguística. São elas: a evolução do conceito de relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente e a forma e função linguística em relação dialética.



Reconhecemos que longo foi o percurso realizado pelos estudos linguísticos que possibilitou o florescimento e a consolidação da concepção de língua como realidade eminentemente social. Na primeira metade do século XIX, predominaram os estudos realizados sob a égide da Linguística Histórica; já na década de 1970, resplandeceu a abordagem neogramática de análise linguística; por volta do início do século XX, a perspectiva estruturalista (SAUSSURE, 1916) repercutiu fortemente sobre as pesquisas nas áreas das Ciências Humanas; e ainda na década de 50 desse século, o ideário do modelo gerativista (CHOMSKY, 1965) ganhou espaço sem precedente na teoria linguística.

Porém, ainda faltava uma abordagem de língua de cunho social do uso linguístico tomado por condicionamento, simultaneamente, linguístico e social, que ainda não havia sido compreendido como elemento central. Claro que a luta por uma concepção social de língua já se havia iniciado anteriormente, como, por exemplo, nas numerosas insistências de Meillet (1866-1936), dentre outros que evidenciaram distintas temporalidades que existem sobre as ideias linguísticas e contribuíram para o estabelecimento da concepção de língua como realidade social.

Ocorre um salto de qualidade: a língua, que é reconhecida como uma forma de comportamento social entre os falantes de uma dada comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]), saiu de uma circunscrição de análise imanentista, ou uma competência internalizada, ou da visão neogramática e comparativista, para ser estudada em contextos reais de usos sociolinguísticos. Desse modo, Labov saiu da Linguística a-social e propõe a Linguística Social (Sociolinguística), uma vez que a nova concepção de língua implica necessariamente um tipo de Linguística. Assim, o ponto de vista cria o objeto (SAUSSURE, 1916).

Entendemos que esse salto reside no fato de os estudos sociolinguísticos e o próprio Labov apontarem que “a língua não se ‘localiza’ na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falante” (MENDES, 2013, p. 113). Labov consegue superar o longo caminho central da teoria linguística invariável ao propor um modelo capaz de explicar as diferenças dos elementos não universais e a variação linguística nas línguas naturais.

Bright (1974 apud ALKMIM, 2001), ao caracterizar a nova área de estudos linguísticos, afirma que a tarefa proposta para a Sociolinguística é exibir a covariação sistemática que ocorre nas variedades linguísticas e sociais. Entende-se que essa definição, no interior da Linguística, só pode ser vislumbrada ao se estudar a língua em seu contexto social: situações concretas de língua falada por sujeitos reais que interagem intencionalmente por meio de uma variedade linguística.

A seguir, apresentamos os aspectos do desenho metodológico deste trabalho.

3 CORPUS E METODOLOGIA

O *corpus* foi constituído de 115 textos narrativos, especificamente pertencentes ao gênero textual/discursivo relato, produzidos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma da esfera municipal e outro da esfera estadual. Os alunos cursavam do 6º ao 9º do Ensino Fundamental. Contudo, durante a coleta e codificação das ocorrências, doze textos foram retirados, pois não apresentaram nenhuma frase relacionada à concordância da primeira pessoa do plural.

A Escola 1 de número identificador pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) nº 24062200 e, a Escola 2, código INEP 24062405, são situadas na zona urbana de duas cidades do interior do Estado do Rio Grande do Norte, respectivamente, Montanhas e Pedro Velho.



Os textos foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa/Produção de Textos no ano letivo de 2017, sob a regência do autor deste trabalho, a partir do protocolo no qual os alunos participantes teriam que relatar/narrar uma viagem significativa e marcante de que já haviam participado. A escolha desse gênero textual/discursivo deve-se ao fato de os gêneros textuais/discursivos, sendo entidades sócio-discursivas ou práticas sócio-históricas, podem permitir a emergência de variantes linguísticas de baixo prestígio social.

Em relação ao envelope de variação, controlamos as seguintes variáveis dependentes:

- 1) Pronome de 1^o pessoa + verbo correspondente no plural;
- 2) Pronome de 1^o pessoa + apagamento de morfema modo-temporal –mos;
- 3) Pronome de 1^o pessoa + apagamento de morfema de plural –s;
- 4) Expressão pronominal “a gente” + verbo no singular;
- 5) Expressão pronominal “a gente” + verbo correspondente no plural;
- 6) Sintagma nominal + eu + verbo correspondente no plural; e
- 7) Sujeito não explícito.

Já no que diz respeito às variáveis independentes:

Sociais: sexo dos informantes (masculino x feminino); idade (dividida em dois fatores: 11 a 14 anos; e 15 a 18 anos); ano escolar (6^o, 7^o, 8^o e 9^o) e tipo de escola (estadual x municipal).

Linguísticas: estrutura verbal (simples x composto); posição do acento (paroxítono x proparoxítono), tempo verbal (pretérito, presente e futuro), conjugação verbal (1^a, 2^a e 3^a) e contexto seguinte (vogal, consoante e pausa).

As ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de programa do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual forneceu o peso relativo que foi tomado como parâmetro de aplicação ou não das regras variáveis analisadas. Esse programa toma como medida de aplicação o valor de peso relativo que se aproxima de 1,00; considera neutros os que se aproximam de 0,50 e desfavorecedores da aplicação da regra variável os que estiverem próximos de 0,00.

Na próxima seção, serão descritos e analisados os dados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a submissão dos dados ao Goldvarb X, obtivemos 682 ocorrências das variantes encontradas. Os percentuais e variantes linguísticas estão exibidas na tabela 1 (próxima página).



Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus* analisado

| VARIANTES | FREQUÊNCIA/PERCENTUAL | EXEMPLO |
|---|-----------------------|---------------------------|
| Sujeito não explícito | 414/682 = 60.7% | Viajamos! |
| Pronome de 1º pessoa + verbo correspondente no plural | 87/682 = 12.8% | Nós fomos! |
| Expressão pronominal “a gente” + verbo no singular | 76/682 = 11.1% | A gente jogou. |
| Sintagma nominal + eu + verbo correspondente no plural | 42/682 = 6.2% | Meus amigos e eu fomos... |
| Pronome de 1º pessoa + apagamento de morfema modo-temporal -mos | 40/682 = 5.9% | Nós estudaϕ |
| Expressão pronominal “a gente” + verbo correspondente no plural | 15/682 = 2.2% | A gente saímos! |
| Pronome de 1º pessoa + apagamento de morfema de plural -s | 8/682 = 1.2% | Nós pulamoϕ |

Fonte: própria do autor

Os resultados apresentados na Tabela 1 indicam que nos textos analisados há o uso de diferentes formas linguísticas para realizar a concordância verbal da 1ª pessoa. Primeiramente, verificamos que as maiores frequências são das variantes consideradas canônicas: sujeito não explícito e pronome nós + verbo correspondente no plural; contudo, também observamos que a expressão pronominal “a gente” + verbo no singular teve seu espaço garantido: a terceira posição. Assim como o uso do sintagma nominal + eu, que ocupa a 4ª posição; logo em seguida, vêm as variantes que podem ser consideradas de baixo prestígio social, ou seja, aquelas em que ocorre o apagamento de algum elemento mórfico ou que a concordância verbal não é a esperada tradicionalmente.

Em segundo lugar, esses achados apontam para a organização dessas variantes em pelo

menos dois blocos de comportamento sociolinguístico: variantes de maior prestígio social x variantes de menor prestígio e aceitação social.

Desse modo, nossos resultados confirmam o que as pesquisas anteriores (ZILLES, 2005; SANTOS, 2014; LOPES 2015; MENDONÇA, 2016; por exemplo) já demonstraram: que o uso da variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, co-ocorre com outras formas linguísticas, não só no âmbito da língua falada, mas também da língua escrita.

O Goldvarb X selecionou quatro variáveis como fontes de condicionamento sociolinguístico, duas sociais e duas linguísticas, do uso da concordância verbal nos textos analisados. Nesta análise, o valor de aplicação refere-se à variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural.



Nas tabelas seguintes, descrevemos e analisamos os resultados fornecidos pelo Goldvarb X.

Tabela 2 – Efeito da variável nível de escolaridade do falante sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA | PESO RELATIVO |
|---------|------------------------------|---------------|
| 7º Ano | 15/120 = 12.5% | 0.45 |
| 6º Ano | 23/210 = 11% | 0.46 |
| 9º Ano | 17/176 = 9.7%% | 0.42 |
| 8º Ano | 32/176 = 18.2 | 0.63 |
| Total | 87/682 = 12.8% | |

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do corpus

De acordo com a Tabela 2, a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural é favorecida nos textos produzidos por alunos do 8º ano escolar em detrimento dos outros anos de escolaridade, ou seja, aqueles que estão iniciando a etapa de sistematização/consolidação da educação fundamental, os anos finais, tendem a usar mais essa variante do que os dos outros anos escolares.

Contudo, esperávamos que esse favorecimento fosse maior no 9º ano escolar, já que é o de encerramento da etapa da educação fundamental. Os alunos dos 6º e 7º anos são, geralmente, aqueles que demonstram pouca consciência das diferenças dialetais, sobretudo, de traços linguísticos relacionados à concordância verbal.

Sendo assim, os alunos dos 8º anos, nesta pesquisa, demonstraram maior consciência linguística quanto ao uso da variante canônica para fazer referência à primeira pessoa do plural, em português, em detrimento de todos os demais pares.

Esses resultados ainda estão em consonância com aqueles encontrados por Agostinho e Coelho (2015) em relação ao uso do morfema –mos para concordância da 1ª pessoa do plural: também nesse estudo os alunos do 9º ano atingiram o peso relativo de (0.45), enquanto os do 8º atingiram (0.75), ou seja, o nível de escolaridade dos alunos dos 8º anos se mostrou um grupo significativo em detrimento dos alunos dos 9º anos.

Assim, interpretamos que o nível de escolaridade dos informantes se mostrou relevante para a aplicação da regra variável em estudo, constituindo uma forma de condicionamento de usos linguísticos.

Tabela 3 – Efeito da variável tipo de escola sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

| FATORES | APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA | PESO RELATIVO |
|-----------|------------------------------|---------------|
| Estadual | 42/409= 10.3% | 0.42 |
| Municipal | 45/273 = 16.5% | 0.60 |
| Total | 87/683 = 12.8% | |

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do corpus

O tipo de escola foi a segunda variável social selecionada como fonte de condicionamento sociolinguístico. Verificamos, na Tabela 3, que os alunos oriundos da escola municipal em análise tendem a realizar mais a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural do que os pertencentes à rede estadual, uma vez que o peso relativo de (0.60) constitui em índice de confirmação dessa proposição.

Entendemos que esse favorecimento decorra do fato de a concordância verbal ser um traço linguístico que distingue normas sociolinguísticas em diferentes comunidades de fala e, assim, os alunos da escola municipal investigada podem estar com maior consciência



desse fato do que seus pares da rede estadual de ensino.

Também podemos associar esse favorecimento à escola municipal ao fato de essa instituição realizar um cursinho de Português em turno diferente da aula regular e oferecer na grade curricular uma disciplina específica de Leitura e de Produção de textos, permitindo aos seus alunos maior contato com o texto escrito, diferentemente da escola da rede estadual.

Os resultados encontrados por Agostinho e Coelho (2015), no que diz respeito à variável tipo de escola, também se mostraram significativos: por exemplo, enquanto em Agostinho e Coelho (2015), a escola de maior privilégio, menos carente e localizada na área urbana, recebeu o peso relativo de (0.61), a escola de menor privilégio, mais carente e pertencente à área rurbana atingiu o percentual de peso relativo de (0.41), evidenciando que se trata de realidades sociolinguísticas diferentes, assim como nossas escolas analisadas nesta investigação.

A Tabela 4 exhibe os resultados referentes aos efeitos da variável posição do acento nos textos analisados.

Tabela 4 – Efeito da variável posição do acento sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

| FATORES | APLICAÇÃO/ TOTAL = FREQUÊNCIA | PESO RELATIVO |
|---------------|-------------------------------------|------------------|
| Paroxítono | 9/50 = 18.5% | 0.48 |
| Proparoxítono | 78/632 = 12.3% | 0.70 |
| Total | 87/682 = 12.8% | |

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do *corpus*.

A posição do acento foi a primeira variável linguística selecionada neste estudo. Assim, ao

observarmos a Tabela 4, verificamos que o fator proparoxítono favorece o uso do pronome nós acompanhado do verbo correspondente no plural em detrimento do fator paroxítono.

Nesse sentido, esse resultado aponta para uma possível harmonia existente entre o pronome pessoal nós e vocábulos como: íamos, tirássemos, estávamos, dentre outros, que fazem parte do *corpus* analisado. Assim, esses resultados evidenciam a força que a posição da sílaba tônica exerce sobre os usos linguísticos. Entendemos que o acento fonológico constitui um elemento que favorece a permanência dessa variante.

Diversos estudos (HORA, 2006; SÁ, 2007; FREIRE, 2016, dentre outros) assumem o favorecimento do fator sílaba tônica como possível influência que o acento fonológico exerce, principalmente, sobre a sílaba que o porta. Parece que é menos provável apagar segmentos e/ou processos pertencentes à sílaba tônica do que apagar segmentos da sílaba átona.

A Tabela 5 apresenta os resultados vinculados à variável tempo verbal.

Tabela 5 – Efeito da variável tempo verbal sobre a concordância da 1ª pessoa do plural em textos escolares

| FATORES | APLICAÇÃO/ TOTAL = FREQUÊNCIA | PESO RELATIVO |
|-----------|-------------------------------------|------------------|
| Pretérito | 55/498 = 11.0% | 0.47 |
| Futuro | 2/25 = 8.0% | 0.33 |
| Presente | 30/159 = 18.9% | 0.61 |
| Total | 87/682 = 12.8% | |

Input: – 248.627 / Significância: 0.171

Fonte: Elaboração do autor com os dados do *corpus*.

A última variável selecionada, neste estudo, foi o tempo verbal. De acordo com os resultados exibidos na Tabela 5, há maior favorecimento da ocorrência da concordância



verbal da 1ª pessoa plural ao se usar a variante pronome de 1ª pessoa (nós) + verbo correspondente no plural, quando se tem o emprego de uma forma verbal no tempo presente.

Desse modo, entendemos que o favorecimento do uso do tempo presente está relacionado à materialidade do próprio gênero textual/discursivo que foi produzido para este estudo, ou seja, relatos pessoais que evocam por natureza fatos que se realizam no ‘agora’, no momento em que a enunciação se realiza nos textos produzidos, mesmo que tenham sido fatos realizados anteriormente.

Esses achados distanciam-se daqueles encontrados por Omena (1986: 1996), nos quais há o favorecimento da forma inovadora “a gente” quando ocorre ação no tempo presente ou em tempo não marcados, respectivamente, (0.55) e (0.83) de peso relativo, já se as ações estiverem no tempo passado ou no tempo futuro, acontece o inverso.

Na seção seguinte, apontam-se as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho descrevemos e analisamos o comportamento sociolinguístico da concordância verbal da 1ª pessoa do plural em textos escritos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino e constatamos que há um processo de variação linguística envolvendo o seu uso. Assim, pudemos verificar que existem fatores sociais (escolaridade e tipo de escola) e linguísticos (posição do acento e tempo verbal) condicionando o emprego dessa variável.

Sendo assim, entendemos que a prática atual de ensino, para ser produtiva, deve ser sensível aos diferentes usos dialetais, já que a variação recobre não apenas a língua falada, mas também a escrita, fato resultante da própria heterogeneidade das comunidades de

fala. Essa realidade pode provocar uma nova postura pedagógica: forçará a conciliação entre saberes universais (como, por exemplo: regras de concordância verbal canônicas) e saberes locais (usos sociodialetais), uma vez que a heterogeneidade ordenada é constitutiva da língua.

De um lado, a variação na escrita pode ser entendida como evidência do efeito do ingresso das camadas populares à Educação Básica, fato que ocorreu nas últimas décadas; por outro lado, o uso linguístico constitui uma realidade eminentemente social: só se pode compreendê-lo adequadamente no e por meio de usos sociais. Contudo, admitimos que há outros efeitos da força de instrumentos linguísticos que atenuam a diversidade regional e social nas comunidades de fala.

Embora reconheçamos que incluir as variantes populares no contexto escolar ainda é um desafio, tanto para as instituições escolares que privilegiam o que se convencionou chamar-se de norma padrão, ou, nos termos de Faraco e Zilles (2017) “norma normativa”; como também para o professor que precisará reorganizar todo seu trabalho pedagógico. Porém, várias experiências, sobretudo testadas no âmbito da Sociolinguística Educacional (SIMÕES; SOARES, 2015), já testemunham que é possível.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento; COELHO, Izete Lehmkuhl. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 79-122.
- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e**



fronteiras. v.1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-48.

BERUTTO, Gaetano. **La Sociolinguística**. Ciudad de México: Editorial Nueva Imagen, 1979.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O debate sobre a aplicação da Sociolinguística à Educação. In: BRANDÃO, Sílvia; OLIVEIRA, Maria Tereza Indiani de. (Org). **Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da Sociolinguística**. Anais do Simpósio do GT de Sociolinguística da ANPOLL. p. 17-30. Rio de Janeiro: Timing Editora/UFRJ/CNPq, 1996.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: caso das laterais /l/ e /ll/ no falar paraibano**. (Tese de Doutorado em Linguística-UFPB). João Pessoa, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thais Regina Conceição de; SOUSA, Valéria Santos. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: Raquel Meister Ko. Freitag; Cristine Görski Severo; Edair Maria Görski. (Org.). **Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos**. São Paulo: Editora Blucher, 2016. p. 139-160.

HÉRNANDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la Investigación Sociolinguística**. Granada: Comares, 2005.

HORA, Dermeval da. Vocalização da lateral //l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, pp. 29-44, 1º Sem. 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. The social motivation of sound change. **Word**, n. 19, p. 273-307, 1963.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **D.E.L.T.A**, n. 14, v. 2, p. 405-422, 1998.

MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 111-136.

MENDONÇA J. J. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2016. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

OMENA, Nelize Pires. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA, G. M. de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.). **Padrões Sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável de primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony Julius et al. (Org.). **Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p. 286-311.

SÁ, Edmilson José de. **Variação do //l/ em coda silábica na fala de Arcoverde (PE)**.



(Dissertação de Mestrado em Linguística). UFPE, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X**. Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SANTOS, Kelly Carine dos. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SAPIR, Edir. O gramático e a língua. In: SAPIR, Edir. **Linguística como ciência**. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969 [1924]. p. 29-42.

SIMÕES, Luciene Juliano; SOARES, Simone Mendonça. Concordância nominal na fala infantil: implicações para a escola. In: ZILLES, Ana Maria Staahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 123-144.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: the Linguistic and Social Embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, n.17, v.1, p.19-53, 2005.

WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistic**. 6. ed. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

FREIRE, J. B. Concordância da 1ª pessoa do plural: o que dizem os textos escolares? **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 157-168, 2019.



DIALETOLOGIA E ENSINO: CONTRIBUIÇÕES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Marcela Moura Torres Paim

Universidade Federal da Bahia

Laura Camila Bráz Almeida

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

Formar cidadãos críticos e respeitadores das diversidades culturais e linguísticas em que estão inseridos deve ser o objetivo da escola. Nesse sentido, faz-se importante conhecer o dialeto e a cultura nos quais os indivíduos estão inseridos. Através da relação entre a DialetoLOGIA e o ensino, o estudante poderá entender que existem formas alternantes de se dizer o mesmo na língua, com o mesmo valor de verdade, em um determinado contexto comunicativo. Assim, surgiu a proposta de realizar uma oficina pedagógica no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe, com a finalidade de incentivar a elaboração de sequências didáticas que incentivassem o respeito à diversidade linguística. Dessa forma, este trabalho poderá trazer consequências positivas, pois o conhecimento de mundo dos estudantes inseridos na pesquisa se ampliará, através da aprendizagem por meio do jogo, a partir de cartas do Atlas Linguístico do Brasil, contribuindo com o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação; Ensino; Atlas linguístico.

ABSTRACT

Educating citizens who are critical and respectful of the cultural and linguistic diversity in which they are inserted should be the aim of the school. In this sense, it is important to know the dialect and culture in which individuals are inserted. Through the relationship between Dialectology and teaching, the student can understand that there are alternating ways of saying the same in the language, with the same truth value, in a given communicative context. Thus, the proposal of a pedagogical workshop in the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS) of the Federal University of Sergipe was presented with the purpose of encouraging the elaboration of didactic sequences that encourage respect for linguistic diversity. In this way, this work can have positive consequences, because the world knowledge of the students inserted in the research will be expanded, through learning through the game, from the letters of the Linguistic Atlas of Brazil, contributing with the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Variation; Teaching; Linguistic Atlas.

Marcela Moura Torres Paim é professora Associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas (UFBA).

E-mail: mmtpaim@ufba.br

Laura Camila Bráz Almeida é professora associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas (UFS).

E-mail: profa.laura.almeida.ufs@gmail.com



INTRODUÇÃO

Ao utilizar a língua, as pessoas buscam, constante e conscientemente, a realização de formulações para que haja o mútuo entendimento e para que se atinjam os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação mecanismos que deixam evidente a presença da variação linguística.

No âmbito da Linguística, a ciência que se ocupa prioritariamente da variação espacial denomina-se Dialetoлогия que, segundo Cardoso (2010), é definida como: “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

A Dialetoлогия, na atualidade, analisa não apenas as variações regionais dos dialetos e falares de uma localidade particular, num enfoque monodimensional, mas, também, as variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diassexuais, as variações culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e estilo de fala nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que, “se a dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical” (LOPE BLANCH, 1978, p. 42).

Os atlas linguísticos são conjuntos de mapas, no caso, cartas linguísticas, onde ficam registradas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas existentes em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem e

viabilizam a investigação da língua no enfoque dialetológico.

Instrumento rico e fruto de um trabalho extensivo dos seus autores, um atlas linguístico representa a variação linguística, seja ela espacial, eminentemente, seja ela social. Conforme Ferreira *et al.* (1996, p. 484):

Um atlas linguístico reúne um conjunto de mapas de um território, mais ou menos vasto, que representam e localizam as realizações dos paradigmas linguísticos em estudo (de natureza fonética, lexical, morfológica ou sintática), registrando as respectivas variações geográficas.

Crítérios de diferentes naturezas podem determinar o domínio geográfico-espacial de abrangência de um atlas linguístico, oferecendo uma melhor visualização da distribuição espacial de um dado fenômeno linguístico, além de delimitar sua extensão. Nesse sentido, um atlas pode ser de extrema importância para os estudos da língua e, além de salvaguardar a memória sociolinguística de um povo (documentação da história da língua), pode ser um poderoso instrumento para as políticas linguísticas (principalmente no que tange às políticas de ensino).

A Geografia Linguística, no Brasil, surge com um pensamento inicial: a produção de um atlas linguístico geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Isso é o que se apresenta no Decreto nº 30.643, de 20 de março, que assentava, no seu Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico brasileiro. No entanto, as circunstâncias de



caráter acadêmico e de âmbito sócio-histórico fizeram com que se abdicasse, naquele momento, da ideia de um atlas nacional e se passasse a pensar na execução de atlas regionais.

Entra em cena, então, um novo capítulo para Dialetoлогия do Brasil, com a publicação das Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil (1958 e 1961), por Antenor Nascentes, a criação de uma mentalidade dialetológica, por Serafim da Silva Neto, e a defesa da produção de atlas regionais, reconhecendo a impossibilidade, naquele momento, de realização de um atlas nacional, por Celso Cunha.

Diante dessa preocupação, este trabalho se propõe a mostrar como o atlas linguístico do Brasil pode contribuir para o ensino da língua portuguesa. O artigo é estruturado desta maneira: na seção 2, esboçamos algumas considerações sobre a história do atlas linguístico do Brasil, a fim de trazer informações que ajudarão a compreender mais essa obra; na seção 3, verificaremos contribuições do atlas para o ensino da língua portuguesa por meio de uma proposta de sequência didática; na seção seguinte, serão apresentadas considerações finais.

1 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional

Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Grenoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. Foram eles: os professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que presidiu o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento¹.

Em 2014, os Volumes 1 e 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* foram publicados como resultados do trabalho desenvolvido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro, tendo, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

Fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, também conhecida como pluridimensional, o Projeto ALiB prioriza a variação espacial ou diatópica e fica atento às implicações de natureza social

¹Atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros e assim estruturado: Diretora-Presidente – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (Universidade Federal da Bahia), Diretores científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa

Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Valter Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).



que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, objetiva descrever o português falado no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, excluem-se por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, beneficie-se amplo espectro das ciências na atualidade.

O Volume 1 – *Introdução* – apresenta parte significativa da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil, abordando a metodologia seguida, com destaque para a rede de pontos, os questionários e os informantes, a que se junta a informação sobre a cartografia dos dados.

O Volume 2 – *Cartas linguísticas 1* – traz resultados das 25 capitais brasileiras objeto da pesquisa, espelhados em mapas linguísticos com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais que mostram a realidade pesquisada.

A publicação do *Atlas Linguístico do Brasil* vem preencher uma lacuna nos estudos dialetais brasileiros, qual seja, a de fornecer, de modo comparativo, dados sobre o português brasileiro considerado na sua diversidade espacial, portanto diatópica, e observadas as variantes sociolinguísticas presentes na língua, de que resulta a diversidade de usos no plano

diageracional, diastrático, diassexual ou diafásico.

2 COMO O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL PODE CONTRIBUIR PARA O ENSINO DA LÍNGUA?

A contribuição do atlas linguístico do Brasil no ensino da língua é bastante significativa, pois ele traz a descrição da realidade linguística das capitais do Brasil, no que tange à língua portuguesa, oferecendo aos estudiosos da língua portuguesa e das demais áreas dos estudos linguísticos, aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, entre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e médio, professores), subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal brasileiro.

Dessa forma, o atlas fornece subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento da variação linguística do Brasil, contribuindo para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Por entender que sequências didáticas com as cartas dos atlas linguísticos podem mostrar direcionamentos para descobertas sobre a língua, pois oferecem elementos de substancial importância para a formulação de um ensino-aprendizagem da língua materna equacionado à realidade de cada região, permitindo, assim, o reconhecimento do caráter linguístico de cada área e a sua vinculação ao estabelecimento de princípios metodológicos do ensino do vernáculo, foi realizada uma oficina pedagógica, ministrada pelas professoras Laura Camila Braz Almeida (UFS) e Marcela Moura Torres Paim



(UFBA), em 2018, com a turma do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

No PROFLETRAS, a formação docente é um aspecto bastante discutido nas aulas. Para tanto, é preciso discutir questões como material didático, leitura, escrita e cultura para a aula de língua portuguesa. No material didático, a leitura, segundo Kleiman (2008, p.18), fica reduzida, geralmente, a atividades de leitura com exercícios de compreensão e interpretação de texto e à manipulação mecanicista de sentenças. Na Perspectiva Interacionista da Leitura, essa autora ressalta que o leitor passa a ser um sujeito cognitivo, que deixa de ser receptor de conhecimento apenas e passar a ser um (re)criador de significado.

Nesse contexto, o papel do professor não é só receptivo, ao fazer uma atividade de leitura, mas também é verificar o conhecimento prévio do aluno sobre o que vai ser lido, uma vez que essa ação estimula o estudante para descobrir o que ele vai ler. É relevante que o educador faça perguntas orientadoras para a leitura, formule hipóteses e contextualize o texto, para que a atenção do aprendiz fique direcionada para o texto. Conforme Dolz e Schneuwly (2010, p. 8), o texto na sala de aula, como um ensino processual em leitura e em escrita, provoca o deslocamento dos eixos do ensino-aprendizagem de língua materna. Deixa de enfatizar um ensino normativo, com base na análise da língua e da gramática, e passa a ser um ensino processual, com valorização do ensino da leitura e da escrita.

Serrani (2005, p. 17) comenta que o discurso num contexto educacional engloba a teoria e a prática do ensino de língua. Desse modo, há possibilidades de o educador planejar as suas aulas envolvendo o tema da interdisciplinaridade, a abordagem comunicativa e a intercultural. Com isso, pode-se verificar o quanto a interdisciplinaridade, as abordagens comunicativa e intercultural são

relevantes para o ensino de língua. Com esse embasamento, o professor não fica limitado ao ensino da gramática da língua.

Nesse sentido, no intuito de discutir a diversidade linguística no PROFLETRAS da UFS, foram trabalhadas discussões sobre como o professor poderia planejar sua aula, envolvendo as cartas publicadas no Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014). Durante a oficina pedagógica, as mestrandas foram incentivadas a fazer propostas de planejamento de aulas organizadas em sequências didáticas, defendidas por Schneuwly e Dolz (2010), desenvolvidas em etapas, de modo processual.

Uma das formas de desenvolver a sequência didática é realizar tarefas que envolvam a ludicidade. No intuito de ilustrar esse aspecto, apresenta-se, a seguir, um jogo que foi aplicado na oficina do Mestrado Profissional como um caso prático da relação entre a Dialetologia e o ensino que pode ser levado para as escolas.

JOGO: Que variação é essa?

Carta L18 – Bolinha de gude

Carta L20 – Brinquedo de empinar com varetas – denominações registradas nas capitais

Carta L24 – Bala

1ª Etapa: apresentação do jogo:

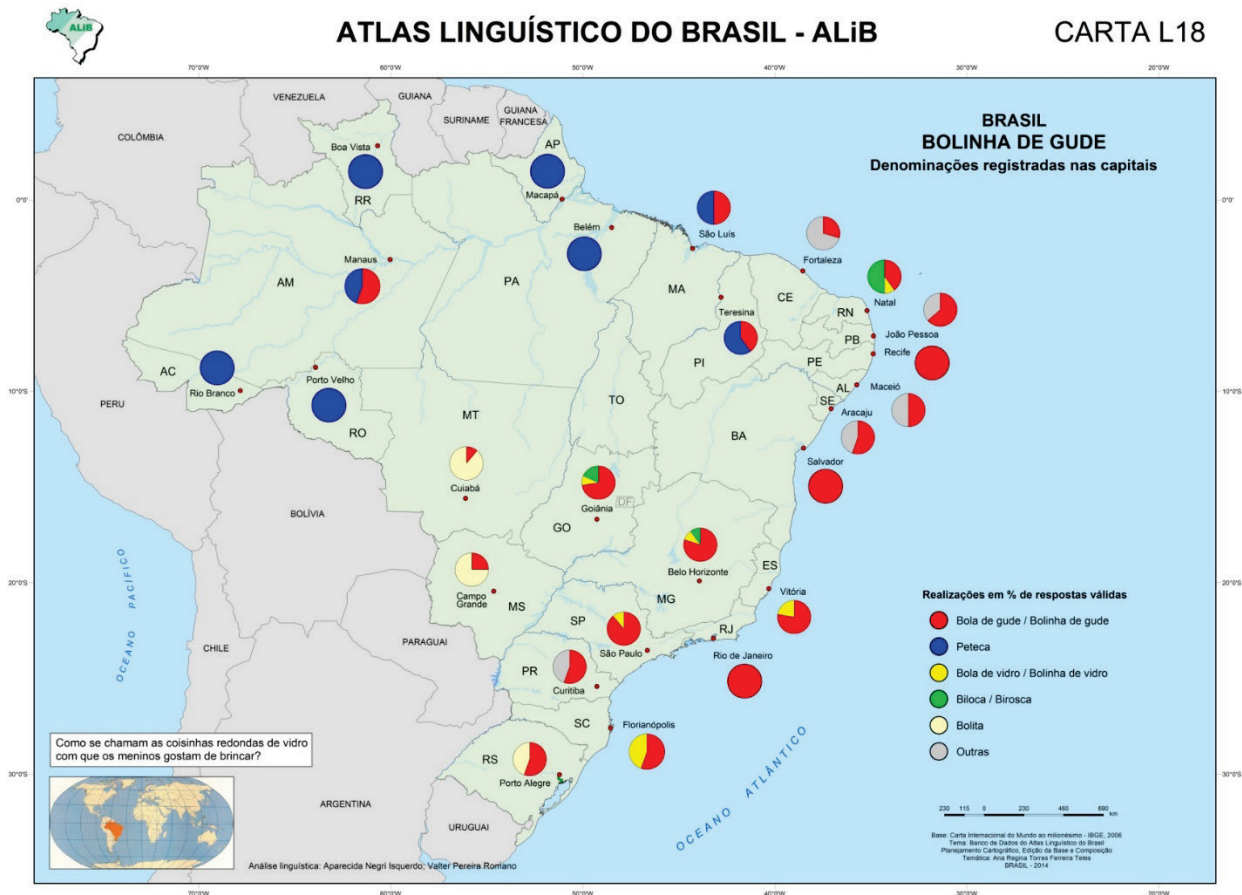
- a. JOGO – Que variação é essa?
- b. Objetivo: discutir a diversidade da língua portuguesa a partir de cartas publicadas no Atlas Linguístico do Brasil.
- c. Passo a passo: mostrar objetos que são tratados nas cartas (brinquedo de empinar com varetas, bolinha de gude e bala) no intuito de levantar as variantes lexicais utilizadas e conhecidas pelos estudantes.



d. Apresentar as cartas selecionadas para serem lidas com o objetivo de verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o que vai ser lido, uma vez que essa ação estimula a descoberta do que será lido por meio de perguntas orientadoras para a leitura, formulação de hipóteses, para que

a atenção dos participantes da atividade fique direcionada para as 3 cartas disponíveis nesta e na página que segue:

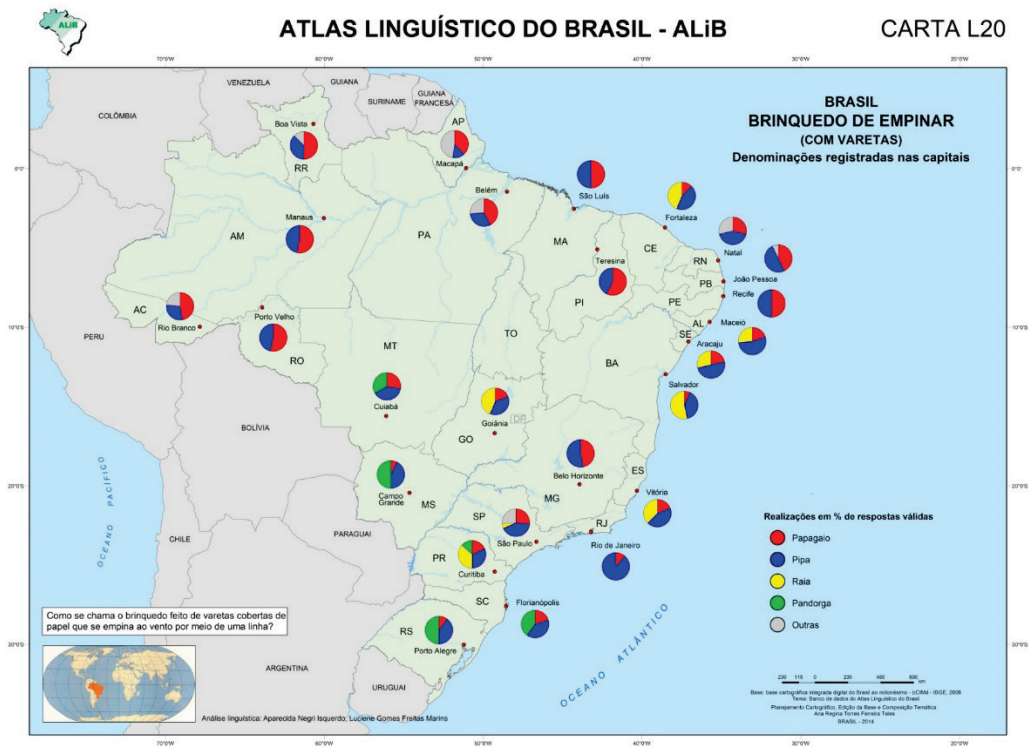
i. Carta L18 – Bolinha de gude



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 271)



ii. Carta L20 – Brinquedo de empinar com varetas



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 291)

iii. Carta L24 – Bala



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 327)



- e. Colocar as palavras das legendas das cartas num envelope. Em seguida, os alunos retiram uma palavra do envelope para responder as seguintes questões do jogo:
 - iv. Qual é o significado dessa palavra?
 - v. Mencione um lugar onde essa palavra é usada?
 - vi. Qual é o sinônimo dessa?
- f. O público destinado são os alunos do ensino fundamental.
- g. O número possível de jogadores equivale à quantidade de palavras presentes nas cartas selecionadas ou esse jogo pode ser feito em grupos.

2ª Etapa: organização do jogo:

- a. Os jogadores podem atuar individualmente ou em equipes. É o docente que vai decidir.
- b. As peças do jogo são palavras encontradas na carta, colocadas de forma solta e individualmente num envelope. A distribuição é feita para os jogadores com sorteio.

Bola de gude / bolinha de gude

Peteca

Bola de vidro / bolinha de vidro

Bolita

Papagaio

Pipa

Pandorga

Raia

Bala

Bombom

Caramelo

Confeito

Queimado

3ª Etapa: regras do jogo:

- a. O jogo é organizado da seguinte forma: os jogadores que conseguirem apresentar o conceito, o local e o sinônimo dos vocábulos apresentados ganham ponto.
- b. O vencedor é aquele que apresentar mais pontos no momento em que todas as palavras das cartas linguísticas já tiverem sido apresentadas.
- c. O jogo termina quando todas as palavras colocadas no envelope já tiverem sido sorteadas.
- d. Os resultados alcançados são registrados quando os jogadores apresentarem o conceito das palavras selecionadas e o local em que elas acontecem.

Com esse jogo, que proporciona a discussão acerca da variação da língua portuguesa, de forma lúdica, pode-se perceber como a Dialetoлогия é uma área que envolve a cultura, o local e outras disciplinas, como a Geografia também. Ao analisar as cartas, o aluno vai ampliar seu conhecimento sobre as capitais, os estados e as regiões do país e vai conhecer um pouco mais sobre a cultura ao observar a diversidade da língua apresentada nas cartas do Atlas Linguístico do Brasil.

Assim, a relação da Dialetoлогия com a sociedade usuária da língua descrita explicita-se por meio de maneiras específicas de contribuição, permitindo o conhecimento da realidade espacial do domínio do português, evidenciando as diferenças e as convergências que se registram no território brasileiro. Nesse sentido, discutir com os alunos em sala de aula acerca do entendimento da variação linguística, como fenômeno peculiar a toda e qualquer língua, auxilia a eliminar preconceitos relacionados aos juízos de valores que denotam noções equivocadas de “certo”, “errado”, “feio” e “bonito” e discriminações sociais fundadas na realidade da língua.

O trabalho com o atlas linguístico do Brasil, em sala de aula, possibilita uma amostragem sobre como convivem diferenças e



convergências, reconhecendo-se, porém, a validade da existência de um padrão culto necessário à comunicação oficial, à ministração do ensino, à efetivação do discurso formal e às opções de grupos de falantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas, que não tinham a intenção de ser exaustivas na exemplificação da sequência didática, tiveram como objetivo o despertar da consciência do multidialetalismo, salientando as distintas realidades do português brasileiro para a importância do seu reconhecimento como maneiras de expressão da língua e para a necessidade de observar a pluralidade de usos no momento do ensino formal.

No momento atual, a Dialectologia tem papel importante para reflexão da língua portuguesa, dando o salto da teoria à práxis para que alunos e professores encontrem as formas de aprofundar o ensino-aprendizagem da língua materna, tendo em vista a variação. Nesse sentido, a utilização do atlas linguístico do Brasil na sala de aula contribui para a compreensão de que a nossa língua deve ser sempre um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante no seu trato diuturno e jamais uma forma de discriminação, de estigmatização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. v. 1.

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. v. 2.

CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, J.; SCHNEWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução

e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FERREIRA, M. B.; CARRILHO, E.; LOBO, M.; SARAMAGO, J.; CRUZ, L. S. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1996. p. 479-502.

KLEIMAN, Â. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 2008.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. **En torno a la sociolingüística**. México, UNAM, 1978, p. 33-58.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958. v. 2, 1961.

SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua/ currículo – leitura – escrita**. Campinas: Pontes, 2005.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PAIM, M. M. T.; ALMEIDA, L. C. B. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de língua portuguesa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.